



UNICAMP

TEREZINHA DE JESUS CAMPOS DE LIMA

**“ROTINAS DE TEMPO LIVRE E LAZER DA
VELHICE RURAL EM CENÁRIOS
BRASILEIROS”**

**CAMPINAS
2013**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TEREZINHA DE JESUS CAMPOS DE LIMA

**“ROTINAS DE TEMPO LIVRE E LAZER DA VELHICE
RURAL EM CENÁRIOS BRASILEIROS”**

Orientador(a): Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação na área de concentração Ciências Sociais na Educação.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA TEREZINHA DE JESUS CAMPOS DE LIMA E ORIENTADA PELA PROF.ª DRA. NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO.

Assinatura do Orientador

**CAMPINAS
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

L628r Lima, Terezinha de Jesus Campos de, 1972-
Rotinas de tempo livre e lazer da velhice rural em cenários brasileiros /
Terezinha de Jesus Campos de Lima. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Neusa Maria Mendes de Gusmão.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Velhice no campo. 2. Tempo livre. 3. Lazer. I. Gusmão, Neusa Maria
Mendes. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Routines of free time and leisure of the rural elderly in brazilian sceneries

Palavras-chave em inglês:

Old age in the field

Free time

Leisure

Área de concentração: Ciências Sociais na Educação

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Neusa Maria Mendes de Gusmão [Orientador]

Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Aparecida Neri de Souza

Flávio Leonel Abreu da Silveira

Jaime Lisandro Pacheco

Data de defesa: 11-11-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

“ROTINAS DE TEMPO LIVRE E LAZER DA VELHICE RURAL EM
CENÁRIOS BRASILEIROS”

Autor : Terezinha de Jesus Campos de Lima

Orientador: Prof^a. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Terezinha de Jesus Campos de Lima e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 11/11/2013

Assinatura: *Neusa Maria Mendes de Gusmão*

Orientador(a)

COMISSÃO JULGADORA:

Olga R. de Moraes von Simson

Prof^a Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson - Unicamp

Aparecida Neri de Souza

Prof^a Dra. Aparecida Neri de Souza - Unicamp

Flávio Leonel Abreu da Silveira

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira - UFPA

Jaime Lisandro Pacheco

Prof. Dr. Jaime Lisandro Pacheco - UERJ

2013

Para Maria Campos, Shigeaki e Neusa.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho vivenciei experiências e situações de muitas alegrias e de muitas aflições também. “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo”, diz o Senhor e Ele foi conduzindo, levantando e trazendo para perto de mim, em diferentes momentos, contribuições e graus de afinidade e afetividade, pessoas que foram importantes em mais essa conquista. E é em nome desse Deus em quem deposito toda a minha fé e crença, que faço menção:

À Maria Campos, minha mãe tão querida, que meu Jesus, em sua misericórdia, permitiu a bênção do reestabelecimento da saúde, depois de tanto sofrimento; a ela, o meu amor, respeito e gratidão;

À Shigeaki Lima, esposo amado, amigo presente; somos um agora e sempre;

À minha família, sempre comigo: Regina, Geraldo e Carla, irmãos; Anna Carolina, Thayane, Raphael, Thaíssa e Pedro, sobrinhos; Erasto e Gessy, meus sogros: obrigada e obrigada;

À Prof^a. Dr^a. Neusa Maria Mendes de Gusmão, minha tão especial orientadora; anjo que me tirou da inércia, mostrando o que fazer e como fazer; obrigada por tudo o que significou ter você comigo; meu respeito e gratidão sempre;

Aos interlocutores das comunidades de Mamede e Mandacaru em Barreirinhas (MA) – cada um dos idosos entrevistados, agentes do PSF, Prof. Eucário – pela grande contribuição dada a esta pesquisa;

À Prof^a. Dr^a. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, mestra querida; objetiva, competente e sempre um apoio pra mim;

À Banca examinadora da fase da qualificação nas pessoas da Prof^a Dr^a Olga Von Simson e Prof^a Dr^a Nora Krawczyk, pelas contribuições tão importantes para os encaminhamentos do trabalho;

À Adriana Alcântara, amiga, irmã; compartilhamos muita coisa desde o mestrado; obrigada por um tempo tão abençoado; seguimos unidas;

À Tia Léo, nossa referência de família em Campinas; sua acolhida e bom coração demonstram como é abençoada por Deus. Este obrigada estende-se ainda ao Dr. Jaciro Nascimento;

À Adriana e Welbe Bragança, pela amizade e apoio no retorno à Campinas;

À Anabel e Robert Deubert, que facilitaram a instalação em Campinas, ajudando a mim e a Adriana a termos um espaço de moradia tão lindo e acolhedor;

Aos professores doutores Olga von Simson, Aparecida Neri, Jaime Lisandro Pacheco, Flávio Leonel Abreu da Silveira, Nora Krawczyk, Anita Neri e Linda Rodrigues, que aceitaram participar como membros da banca (titulares e suplentes);

Aos Colegas do doutorado, com os quais convivi durante as disciplinas cursadas;

Aos amigos queridos, Valéria Albuquerque, Linda Rodrigues, Fernanda Batalha, Janete Chaves, Gisela Silva, Ricardo Teixeira, Luciana Rabelo, com quem sempre posso contar;

Às companheiras Ana Regina Braga Arcanjo e Maristela Silva pela importantíssima colaboração com a pesquisa de campo e transcrições;

Aos colegas do IFMA, especialmente à Maria Patrícia Brito, Robson de Melo, Luiz Messias Batista, Carlos Alexandre Amaral, Marilsa Sousa, Rosália Muniz, Marcos Porto, Creudecy Costa, Fabrícia Brito, Milena Lima e Adriana Araújo pelas palavras de incentivo e ajuda;

Às colegas de trabalho Janete Chaves, Rosália Muniz, Mirella Nascimento e Aline Rodrigues pela colaboração em 2011.1;

À Prof^a. Mônica Araújo, a quem sou grata por todas as oportunidades profissionais, pela amizade e pelo apoio que sempre recebo;

Ao Prof. João Martins, educador e ex-Secretário de Turismo do Estado do Maranhão que, à frente da SETUR-MA, me apoiou quando precisei estar em Campinas;

Aos companheiros da Secretaria de Turismo do Estado do Maranhão/SETUR-MA pelo incentivo, especialmente à Catarina Pinheiro;

Aos professores do Programa de Pós-graduação da FE com os quais cursei disciplinas no doutorado pelos conhecimentos compartilhados;

Aos empresários Samantha Fonseca e Roberto Rodrigues da Lençóis Ecoturismo pela excelente logística e apoio nas viagens à Barreirinhas;

Ao Prof. Dr. José Ribamar Trovão pela amizade, sugestões e conhecimentos compartilhados;

Ao Prof. Messias Ribeiro pela confecção das cartas temáticas de Barreirinhas;

Aos professores estrangeiros Nora Keating, Jean-Claude Farcy e F. Palácios pelas contribuições e indicação de bibliografia;

À cidade de Campinas, que me acolheu e de onde guardo só boas recordações;

À Direção da Faculdade São Luís, na pessoa do Prof. Geraldo Demosthenes Siqueira pelo apoio financeiro nessa jornada;

Aos profissionais do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação/FE, especialmente a Nadir Camacho e a Luciana pela valiosa colaboração em momentos importantes pra mim;

À Unicamp, instituição que procurei sempre honrar pelas oportunidades que tive;

À FAPEMA pela ajuda financeira, via bolsa de pesquisa, com a qual viabilizei as idas ao campo e compra de materiais. Que os gestores maranhenses saibam o quão importante é esse programa para a pesquisa no Estado.

Obrigada a todos e a cada um!

RESUMO

Nesta pesquisa analisamos o tema da velhice rural sob a perspectiva das rotinas de tempo livre e lazer. Com base em abordagem qualitativa, investigamos como as formas de apropriação do tempo livre e as manifestações de lazer vivenciadas por sujeitos com idade de sessenta anos e mais, se configuram como conduto de expressão de seus modos de vida. O lazer é compreendido como um campo através do qual é possível refletir a respeito da sociedade e de seus grupos, sua sociabilidade e seus conflitos. As interrogações decorrentes deste estudo enfocam o contexto público-privado dos velhos, a partir da influência educativa do lazer tanto localizado nas redes de transferência de apoio intergeracional entre estes e suas famílias como nas relações de sociabilidade. O estudo aponta, ainda, o trabalho – no espaço doméstico, na lavoura ou na atividade pesqueira – como valor importante para a vida dos velhos rurais, portanto, este é o elemento que estabelece os contornos da rotina de tempo livre, do lazer e das formas de sociabilidade. Neste contexto, as manifestações de lazer se expressam de forma particular e sutil em momentos de tempos não demarcados, mas trazidos em meio à rotina da faina diária.

Palavras-chave: Velhice; Rural; Tempo livre; Lazer.

ABSTRACT

In this study, it is analyzed the theme of rural elderly from the perspective of the routines of free time and leisure. Based on a qualitative approach, it was investigated how the ways of appropriation of free time and leisure events, experienced by people aged sixty years and more, are configured as a mean of expression for their lives. Leisure is understood as a field through which it is possible to think about society and their groups, their sociability and their conflicts. The questions arising from this study provide elements to ponder over the elderly public-private context from the educational influence of leisure in the transfer networks of intergenerational support and their families and relations of sociability. The study also points to work - in the domestic space, in agriculture or fishing activity - as an important asset to the life of rural elderly people, so the element establishing the contours of the free time routine, leisure and forms of sociability . Within this context, the leisure manifestations are expressed in a particular and subtle way in non-defined time, but brought to the everyday chores.

Keywords: Old age; Rural; Free time; Leisure; Having fun; Everyday routine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Esquema ilustrativo – Espectro do Tempo Livre com base em Elias e Dunning (1995).	9
Figura 2	Evolução da população por local de residência – Brasil 1950 – 2010 (em %).	18
Figura 3	Distribuição e estimativa da população por faixa etária, segundo local de residência – Brasil 2009 (em %).	19
Figura 4	Distribuição da população residente na área rural por faixa etária – Brasil e Grandes Regiões 2009 (em %).	19
Figura 5	Proporção da população de 60 anos ou mais de idade, segundo as Unidades da Federação 2000/2010.	20
Figura 6	Proporção da população de 60 anos ou mais de idade, segundo os municípios das capitais - 2000/2010.	21
Figura 7	Esquema ilustrado da rede de pesquisa	50
Foto 1	Assinatura de Termo de Consentimento (Mamede)	52
Foto 2	Assinatura de Termo de Consentimento (Mandacaru)	52
Foto 3	Trajeto para o Mamede em carro de linha	53
Foto 4	Chegada à casa de moradora do Mamede (ao fundo)	53
Fotos 5 e 6	Entrega de fotografias no Mamede	53
Figura 8	Mapa do Estado do Maranhão, com município de Barreirinhas em destaque.	57
Figura 9	Imagem do município de Barreirinhas e comunidades de pesquisa em destaque.	57
Figuras 10 e 11	Região Administrativa dos Lençóis Maranhenses	59
Figuras 12 e 13	Parque Nacional (Parna) dos Lençóis Maranhenses	62
Figura 14	Paisagens do Parna dos Lençóis Maranhenses	63
Fotos 7 e 8	MA-402 (Translitorânea)	65
Foto 9	A balsa e o veículo 4x4 na travessia do Rio Preguiças	66

Foto 10	Trajeto para o Parna dos Lençóis Maranhenses	66
Foto 11	Paisagem do Parna dos Lençóis Maranhenses	66
Foto 12	Paisagem do Parna dos Lençóis Maranhenses	66
Foto 13	Travessia de lancha voadeira pelo Rio Preguiças	66
Foto 14	O Rio Preguiças e Barreirinhas (sede)	66
Foto 15	Povoado de Vassouras	67
Foto 16	Praia do Caburé	67
Foto 17	Lagoa “de toyotas”	68
Foto 18	Lagoa “de gente”	68
Figura 15	Mandacaru: mapa de localização	71
Foto 19	Unidade escolar	72
Foto 20	A aula, na hora da lição	72
Foto 21	Igrejas Católica e Evangélica	73
Foto 22	Praça da Juventude	73
Fotos 23 a 28	Cenários de Mandacaru	74
Foto 29	Farol Preguiças (Farol de Mandacaru)	75
Fotos 30 e 31	Chegada em Mandacaru, Barreirinhas (MA)	76
Foto 32	Caminho de turistas até o Farol Preguiças	76
Foto 33	Vista do Farol Preguiças	76
Fotos 34 e 35	Além do farol, Mandacaru	77
Figura 16	Mamede: mapa de localização	77
Fotos 36 e 37	Comunidade de Mamede	78
Fotos 38 a 41	Cenários de Mamede: o rio e seus usos; a fabricação coletiva da farinha	79
Figura 17	Tiquira, aguardente de mandioca	80

Quadros 1 a 13	Portraits – Mulheres	88
Quadros 14 a 30	Portraits – Homens	101
Fotos 42 a 47	Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mamede – Barreirinhas (MA)	121
Fotos 48 a 56	Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mandacaru – Barreirinhas (MA)	122
Quadro 31	Rotinas de tempo livre (mulheres de Mandacaru e Mamede)	123
Figura 18	Rotina diária (familiar e individual) – mulheres	126
Figura 19	Mapa de movimento das mulheres	127
Fotos 57 a 62	Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mamede – Barreirinhas (MA)	128
Fotos 63 a 68	Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mandacaru – Barreirinhas (MA)	129
Quadro 32	Rotinas de tempo livre (homens de Mandacaru e Mamede)	130
Figura 20	Rotina diária (individual e familiar) – homens	132
Figura 21	Mapa de movimentação dos homens	133
Quadro 33	Atividades intermediárias de tempo livre - mulheres	135
Quadro 34	Atividades intermediárias de tempo livre - homens	136
Quadro 35	Atividades intermediárias de tempo livre - homens	138
Quadro 36	Atividades intermediárias de tempo livre - mulheres	139

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Informações sociodemográficas dos sujeitos de pesquisa	54
Tabela 2	Caracterização Geográfica, Econômica e Social da Região Administrativa dos Lençóis Maranhenses	60
Tabela 3	Ficha técnica da Unidade de Conservação – PARNA dos Lençóis Maranhenses	63
Tabela 4	Barreirinhas, MA: perfil municipal	70
Tabela 5	Barreirinhas (MA) – Censo Demográfico 2010: característica da população – amostra	84
Tabela 6	Barreirinhas (MA) – dados demográficos da população de 60 anos e mais	84

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CEM	Centro de Estudos da Metrópole
Fapema	Funda�o de Amparo � Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão
FPA	Funda�o Perseu Abramo
Funasa	Funda�o Nacional de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conserva�o da Biodiversidade
IDH	�ndice de Desenvolvimento Humano
Imesc	Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos
InAgro	Instituto de Agronegócios do Maranhão
Incra	Instituto Nacional de Coloniza�o e Reforma Agrária
INRA	International Network on Rural Ageing
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MTur	Ministério do Turismo
ONG	Organiza�o Não Governamental
PARNA	Parque Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
Pnad	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNLM	Parque Nacional dos Len�ois Maranhenses
PSF	Programa Saúde da Família
SESC	Serviço Social de Aprendizagem Comercial
UC	Unidade de Conserva�o
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
- Temática e proposição de investigação.....	2
- Descritores e significados: tempo livre, lazer, velhice, rural.....	6
- Tempo livre, lazer e ruralidade.....	23
- Tempo livre, lazer e velhice.....	29
CAPÍTULO 1	
CENÁRIOS DO MUNDO RURAL.....	40
1.1 Contornos do tempo livre e do lazer na velhice.....	41
1.2 Aportes metodológicos.....	47
CAPÍTULO 2	
VELHOS E VELHICE NUM UNIVERSO RURAL EM TRANSFORMAÇÃO.....	56
2.1 Barreirinhas dos Lençóis Maranhenses: vidas em movimento de Mandacaru ao Mamede.....	57
2.2 O Tempo livre e o lazer da velhice no espaço rural: tecendo possibilidades.....	82
2.3 Portraits.....	88
CAPÍTULO 3	
VIVÊNCIAS DE TEMPO LIVRE E LAZER ENTRE ESPAÇOS E MOTIVAÇÕES.....	118
3.1 Sobre as rotinas de tempo livre de velhos da pesca e da roça.....	119
3.2 O lugar e as expressões do lazer no tempo livre da velhice rural.....	136
CAPÍTULO 4	
O LAZER DA VELHICE RURAL ENTRE REALIDADES VIVIDAS E NARRADAS.....	147
4.1 As digressões sobre os divertimentos.....	148
4.2 As digressões sobre sentidos e significados de envelhecer em contexto rural de lazer turístico.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS.....	177
APÊNDICES.....	191



INTRODUÇÃO

- *Temática e proposição de investigação*

Este estudo aborda o tema da velhice rural sob a perspectiva de análise das rotinas de tempo livre e lazer de sujeitos de sessenta anos e mais, nominados aqui de velhos e velhas¹; traz como cenário físico e sociocultural duas comunidades rurais do município de Barreirinhas, Estado do Maranhão – Mamede e Mandacaru.

Ao longo dos quatro anos de construção deste trabalho, empreendemos pesquisa minuciosa junto a produções nacionais e estrangeiras, buscando olhares e caminhos por conteúdos diversos, projetando a edificação dos fundamentos da pesquisa e sua base empírica. Não foi um caminho fácil. O lazer, recorte escolhido, é um “(...) tema que, aparentemente, não recebe muita atenção do universo acadêmico” (Marinho e Pimentel, 2010, p. 10); é uma categoria em constante construção e a presente proposta assume que o lazer pode contribuir para os estudos da velhice que, qualificada como heterogênea, favorece investigações junto aos sujeitos que a vivenciam em diferentes prismas e contextos.

Desde a pesquisa de Mestrado – desenvolvida no Programa de Gerontologia da Faculdade de Educação da Unicamp – nosso foco de análise foi a relação lazer e velhice, com a particularidade de dar destaque a um dos conteúdos do lazer: o turismo. A expectativa de pensar questões mais ampliadas para uma pesquisa de doutorado aliada ao entendimento de que o lazer e sua pluralidade favorecem os estudos da velhice e *vice-versa* formaram a base da motivação para a proposição de outros olhares.

Por outro lado, crenças de que os velhos em áreas rurais não necessitam de muitos serviços assistenciais; de que vivem felizes devido às poucas preocupações que esta situação implica; de que nestes contextos existem fortes laços familiares que os cercam de amor e cuidados apropriados; de que estão mais integrados e, portanto, têm suas necessidades mais

¹ Embora nas áreas de Lazer e Turismo seja recorrente o uso de expressões/termos tais como terceira idade, sênior, idoso, melhor idade, adulto maior, nesta pesquisa utilizo o termo velho/velha (exceto quando presentes em textos/referências de outrem). Debert (1999) analisa que com a transformação do envelhecimento humano em uma preocupação social, uma nova categoria é produzida – o idoso – e, com ela, emergem nomenclaturas representativas de uma nova imagem da velhice como forma de rever estereótipos associados a esta. A autora destaca que tais expressões são formas de negação da velhice e devem ser dissociadas da doença e da morte através de um conjunto de práticas, discursos, organizações e crenças que a autora chama de formas de gestão da velhice.

asseguradas, parecem ainda permear o imaginário da coletividade (Palácios, 2007; Fonseca; Paúl; Martín; Amado, 2005).

Crenças conectadas também com a não identificação da fronteira entre trabalho e recreação no contexto rural, observando o trabalho como “mera recreação”, um olhar que se desfaz quando se põe em evidência a árdua rotina campesina, cuja laboralidade “mata até a sociabilidade da conversa familiar”, como diz Farcy (2001). Assim, analisa o autor, a força que simboliza o trabalho não exclui a existência de tempo livre e lazeres na sociedade rural.

Desta forma, estruturamos a pesquisa inspirada nas reflexões de Norbert Elias e seu colaborador Eric Dunning que estabeleceram, em 1992, na obra *A Busca da Excitação*, uma formulação teórica para a compreensão das relações e das diferenças entre as variadas atividades de tempo livre, entre as quais se inserem as atividades de lazer. Chamaram-na de “*Espectro do Tempo Livre*”.

O sentido do termo “espectro”, adiantamos, sinaliza para a idéia da diversidade de tipos de atividades de tempo livre que, tal como um espectro de cores, se confundem, se fundem, se combinam e se sobrepõem. Um dos pontos fundamentais na construção deste modelo parte da idéia de que, em linhas gerais, as atividades humanas abrangem aquelas ligadas ao mundo do trabalho (realizadas para os outros) e aquelas ligadas ao tempo livre (realizadas para si mesmo).

Por outro lado, é relevante destacar como comum no meio rural a condição de autônomo, ou seja, quando se é senhor do próprio trabalho. O fato tal como foi possível observar na pesquisa de campo realizada em Barreirinhas, no Estado do Maranhão, traz para o debate, a possibilidade de que o trabalho e o tempo livre possam adquirir ou sobrepor outros significados quando pensados para o mundo rural e seus sujeitos, tal como se verá na análise dos dados. Para tanto, levamos em conta o modelo teórico proposto por Elias e Dunning (1992) e buscamos estabelecer um diálogo ampliado da proposta desses autores.

Ambos os autores consideram que no âmbito do tempo livre estão as *atividades de lazer* e as *atividades de não lazer*, destacando-se que todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as atividades de tempo livre são de lazer. O *Espectro do Tempo Livre* corresponde a um quadro de classificação que indica os principais tipos de atividades de tempo

livre realizadas nas sociedades. Com o auxílio deste quadro, os autores propõem um esquema de observação mais precisa de fatos que estão, com frequência, ofuscados pela tendência de se equacionar o tempo livre enquanto atividade de lazer.

Este olhar inspirou o referencial para a construção da pesquisa, na qual buscamos caracterizar e fundamentar a análise situacional teórico-empírica do lazer entre velhos do meio rural. A intenção foi a de *investigar em que medida as práticas de lazer engendradas e vivenciadas por tais sujeitos configuravam-se como um conduto de expressão de seus modos de vida, (re)qualificando o significado sociocultural do envelhecer heterogêneo na ruralidade.*

Outro ponto de análise partiu da perspectiva de ponderar se essas manifestações de lazer na vida rural cogitadas estariam representando a condição de elemento “portador de duplo aspecto educativo – veículo e objeto de educação – considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social” (Marcellino, 2008, p. 13).

Os questionamentos foram construídos visando discutir ainda sobre o contexto público-privado dos velhos a partir da influência educativa do lazer nas redes de transferência de apoio intergeracional entre estes e suas famílias, nas conquistas sociopolíticas e nas relações de sociabilidade. Mais especificamente, favorecendo uma análise da construção sociocultural da velhice rural, a partir da experiência do lazer; sobre a maneira como se apropriam de um tempo livre, como impactam as experiências de lazer na vida, no comportamento e no atuar de velhos rurais. Isto significou, assim, remeter à:

- ⇒ Esfera pessoal/doméstica em função das características dessas práticas de lazer e seus possíveis impactos na auto-percepção dos sujeitos e nas redes de transferência de apoio intergeracional informal²; e;
- ⇒ Esfera extrafamiliar, considerando o lazer como forma de sociabilidade, discutido sob o viés da construção sociocultural da velhice e nas conquistas sociopolíticas geradoras e/ou

² Transferências de apoio informal entre gerações: propensão de um indivíduo idoso fornecer e/ou receber ajuda informal de seus filhos adultos, bem como a propensão de um filho adulto fornecer e/ou receber ajuda informal de seus pais idosos – levando-se em conta as características socioeconômicas e demográficas tanto de uns quanto de outros (Tipo de apoio (material, instrumental ou funcional) e a Direção do apoio (recebido ou fornecido)) (SAAD, 1999).

fortalecedoras – para além de impactos da organização familiar – de uma (re)descoberta do “seu lugar” social, contribuindo para o sentido de cidadania.

A partir de tal contexto, a tessitura das perguntas orientadoras definiu-se em função de esclarecer:

- ⇒ Que práticas/experiências/manifestações de lazer são articuladas e vivenciadas no contexto das rotinas de tempo livre no âmbito da realidade de velhos residentes no meio rural?
- ⇒ Como as diferentes práticas/experiências de lazer se expressam nos modos de vida desses velhos em meio à trama do significado de velhice no rural?
- ⇒ Qual a influência do lazer ante as formas de sociabilidade familiar e extrafamiliar, no cotidiano do velho rural?

Sustentamos, assim, que há um movimento relacional entre o(s) estilos(s) de vida³ na velhice rural na atualidade e o seu envolvimento com lazer, gerado em função da visibilidade e das conquistas da chamada “terceira idade”⁴ e que se permite relacionar aos recentes debates sobre ruralidade, ambos traduzidos em impactos na esfera doméstica e extrafamiliar.

Para tanto, investigamos as principais interpretações teóricas acerca da relação entre envelhecimento e lazer no espaço rural, buscando compreender o estado da arte da produção do conhecimento neste campo e demonstrar a relevância de seu estudo; levantei evidências em favor da caracterização do papel do lazer entre velhos residentes no rural, contrastando sua realidade situacional; analisamos a apropriação e as rotinas de tempo livre e manifestações de lazer entre velhos rurais e as formas de sociabilidade familiar e extrafamiliar decorrentes destas, refletindo e

³ Noção considerada a partir de Giddens (2010, p. 298): “as identidades pessoais dos indivíduos são estruturadas, numa grande extensão, em torno de estilo de vida – como vestir-se, o que comer, como cuidar do corpo e onde relaxar – e menos em torno de indicadores de classe mais tradicionais como o emprego”. Desta forma, deixa-se evidenciar na definição das práticas diárias, por sua vez guiadas pelas identidades pessoais cotidianamente (re)criadas pelos fazeres e opções dos indivíduos.

⁴ Este aspecto encontra respaldo em Debert (2011) em sua análise acerca das novas experiências de envelhecimento, dentre as quais, a celebração da “(...) velhice como um momento privilegiado para o lazer e para as atividades livres dos constrangimentos da vida profissional e familiar: daí a ideia da “melhor idade”” (s/p). É a “invenção da terceira idade”, em que o prolongamento da vida nas sociedades contemporâneas ofereceria aos mais velhos a oportunidade de dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de realização e satisfação pessoal próprias a essa etapa, diz a autora (2011, s/p).

demonstrando sua influência na vida desses sujeitos e como contribuição para os debates e produção de conhecimento no âmbito dos estudos da velhice.

A tessitura desta abordagem perpassa por esse conjunto de pressupostos e indagações, buscando refletir, inicialmente, sobre como se conectam as idéias de tempo livre – lazer – ruralidade e, por extensão, ponderações acerca destes aspectos focados no envelhecer e na velhice vivenciados em uma realidade rural.

- *Descritores e significados: tempo livre, lazer, velhice e ruralidade*

O objetivo deste item é expor os fundamentos que direcionaram as escolhas teóricas das categorias de discussão presentes neste estudo; isto significa que aqui nos detemos na abordagem reflexiva das temáticas *tempo livre, lazer, velhice e ruralidade* intencionando apresentar as orientações conceituais que serviram de base para a tessitura dos capítulos.

Nesta perspectiva, o tema desse debate é o *tempo livre*, que se estrutura a partir da noção de tempo social. Em Elias (1998) tempo é uma construção social resultado de um processo de aprendizagem que varia de acordo com estágio de desenvolvimento atingido por uma sociedade. Historicamente as relações humanas são orientadas e reguladas em função do tempo e das formas de sua percepção e medição, aspectos reveladores da organização dos grupos sociais.

Podemos refletir a partir desse olhar elisiano os “tempos sociais”, ou seja, como diz Padilha (2004, p. 218) “(...) tempos que determinam as atividades sociais: o tempo para o trabalho, o tempo para a família, o tempo da educação, o tempo para a religiosidade, etc.”. Para Sue (1995), cada sociedade elabora seus próprios referenciais de temporalidade, destacando em cada momento histórico o predomínio de alguma atividade social reguladora de sua estrutura social. Os tempos sociais são, assim, na compreensão de Sue (1991),

"(...) grandes categorias de tempo que uma sociedade se dá para coordenar e ritmar as principais atividades sociais as quais ela acorda um valor bem particular: tempo de trabalho, tempo livre, tempo familiar, tempo de educação, em nossa sociedade, por exemplo. A articulação desses diferentes tempos é a condição necessária a toda a vida coletiva, ela constitui a trama da vida social (...)" (Sue, 1991, p.176).

Os sentidos remetem a como a sociedade qualifica cada forma de vivenciar o tempo, construções sociais de uma única dimensão, e, neste contexto, vai orientar Pronovost (2011, p. 25), a noção de tempo livre aparece como categoria do tempo social que é identificado com uma margem de tempo discricional, disponível, em oposição a outras categorias de tempo da obrigação (trabalho, escola, família) e do tempo do compromisso (religião, partidos políticos). O conteúdo do tempo livre refere-se essencialmente a atividades dotadas de atributos distintivos: liberdade, satisfação pessoal, criatividade, ludicidade, etc., complementa o autor, que ainda chama atenção para o fato de que a constituição do tempo livre advém de um processo histórico, marcado por crises econômicas, pelo surgimento das indústrias culturais e pelas mudanças sociais.

Uma reflexão proposta por Padilha (2004, p. 220) orienta ser relevante considerar que as formas de ocupação e usos do tempo livre são variadas entre as distintas classes sociais e até entre segmentos de uma mesma classe; tal aspecto torna também relevante atentar para os riscos de se pensar uma sociedade como homogênea, com quase todos iguais e na qual todos têm oportunidades iguais, seja de trabalho, seja de vivência do tempo livre. Numa abordagem crítica da sociedade ela é apreendida como contraditória, o que faz com que o tempo livre, como um fenômeno social, também seja cheio de contradições, diz a autora.

A partir dessa discussão sobre tempo livre, buscamos, novamente, apoio em Norbert Elias para ampliá-la, já em conexão com o tema do *lazer* propriamente dito. Como já destacado, Elias e Dunning (1992), organizaram um modelo teórico – o Espectro do Tempo Livre – para a compreensão relacional e diferencial entre atividades de tempo livre e de lazer. Dizem os autores,

Chamamos a tipologia (...) um espectro devido aos vários tipos de atividades de tempo livre, como cores no espectro das cores, se confundirem entre si; sobrepõem-se e fundem-se com frequência. Muitas vezes, combinam características de várias categorias. Mas, as propriedades de tais amálgamas, de todas as fronteiras e tipos em transição, só podem ser compreendidas a partir das suas próprias características (Elias e Dunning, 1992, p. 146).

Um dos pontos fundamentais na construção deste modelo parte da idéia de que, em linhas gerais, as atividades humanas abrangem aquelas ligadas ao mundo do trabalho (realizadas para os outros) e aquelas ligadas ao tempo livre (realizadas para si mesmo). No âmbito do tempo livre

estão as *atividades de lazer* e as *atividades de não lazer*, destacando a afirmação de Elias e Dunning (1992, p. 145), que “todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as atividades de tempo livre são de lazer”.

Tais autores consideram lazer e trabalho como esferas de igual valor na vida humana e questionam a visão tradicional de que a função das atividades de lazer se estabelece a partir da perspectiva do trabalho, destinando-se apenas a recompor forças e ao relaxamento das tensões do labor.

Existe uma boa dose de evidência sugerindo que as estruturas e funções das atividades de lazer não podem ser compreendidas se não se considerarem como fenômeno social por direito próprio, interdependente de atividades de não lazer, mas, do ponto de vista funcional, de valor não inferior, não subordinadas a elas. Tanto as atividades de lazer como as de não lazer têm, evidentemente, funções para as pessoas (Elias e Dunning, 1992, p. 141).

Neste cenário, o *Espectro do Tempo Livre* corresponde a um quadro de classificação que indica os principais tipos de atividades de tempo livre realizadas nas sociedades. Com o auxílio deste quadro, os autores propõem um esquema de observação mais precisa de fatos que estão, com frequência, ofuscados pela tendência de se equacionar o tempo livre enquanto atividade de lazer, ou seja, esclarecendo que:

(...) algumas atividades de tempo livre têm caráter de trabalho, ainda que constituam um tipo que se pode distinguir do trabalho profissional; algumas das atividades de tempo livre, mas de modo algum todas, são voluntárias; nem todas são agradáveis e algumas são altamente rotineiras. As características especiais das atividades de lazer só podem ser compreendidas se forem consideradas, não apenas em relação ao trabalho profissional, mas, também, em relação às várias atividades de não lazer, no quadro geral de tempo livre. Desta maneira, o espectro do tempo livre contribui para dar maior precisão ao problema do lazer (Elias e Dunning, 1992, p. 149).

Basicamente, organizam uma tipologia para o tempo livre (Figura 1) na qual identificam propriedades singulares do lazer, classificando-as de acordo com o grau de rotina, agrupando-as em três subconjuntos:

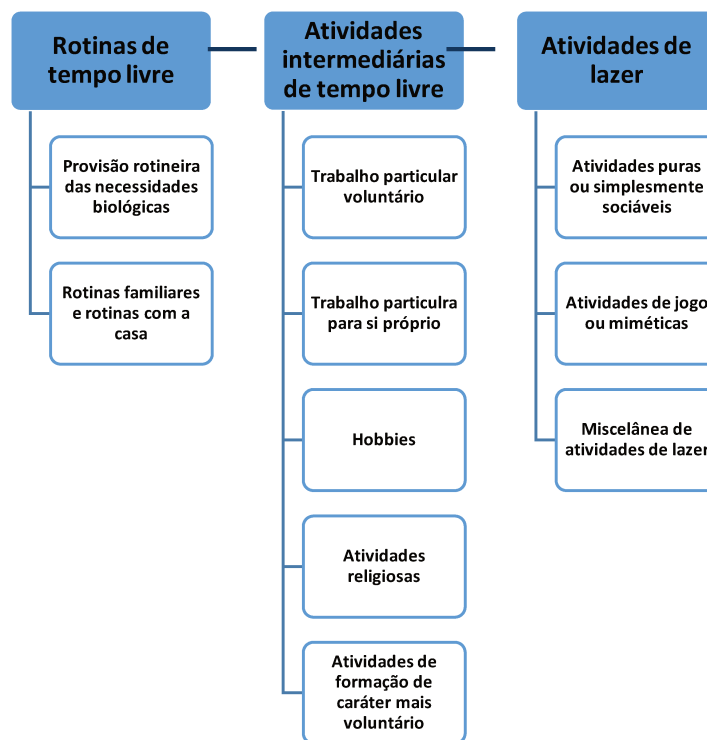


Figura 1 - Esquema ilustrativo do Espectro do Tempo Livre com base em Elias e Dunning (1992)
Fonte: Autoria própria

1) *Rotinas do tempo livre* – provisão rotineira das próprias necessidades biológicas e cuidados com o próprio corpo (comer, beber, descansar etc.); governo da casa e rotinas familiares – conservar a casa em ordem, lavar a roupa, cuidar dos animais etc. Estas atividades além de rotineiras são pouco prazerosas.

2) *Atividades de formação e autodesenvolvimento* – trabalho social voluntário, estudo, *hobbies*, atividades religiosas, atualização de conhecimento etc. As atividades inseridas nesta categoria, embora podendo ser gratificantes, exigem, contudo, disciplina e em grande medida, a manutenção da conduta civilizada, que reprime manifestações espontâneas.

3) *Atividades de lazer* – encontros sociais formais ou informais, jogos e atividades miméticas⁵, como participante ou expectador, e miscelânea de atividades esporádicas

⁵ Compreendem certo número de atividades de lazer que aparentemente tem pouco em comum, mas que compartilham características específicas, atividades comumente classificadas sob diferentes denominações: esporte, entretenimento, cultura e artes. Para Elias e Dunning, “sob a forma de fatos de lazer, em particular os da classe

prazerosas e multifuncionais, como viagens, jantares em restaurantes, caminhadas etc. Sob esta ótica, as típicas atividades de lazer são aquelas mais associadas à quebra da rotina, e, caracterizam-se pelo “descontrole controlado” das restrições sobre os impulsos e as manifestações emocionais.

Neste cenário, sobressaem-se quatro elementos fundamentais das atividades de lazer: *tensão-excitação*, *sociabilidade* e *mobilidade*; tais elementos são destacados por Elias e Dunning como aqueles que sugerem uma aproximação mais intensa com duas das principais dimensões do lazer: (1) as atividades sociais e (2) as atividades miméticas.

No que se refere ao elemento *tensão-excitação*, os autores abandonam a visão tradicional que tende a associar o lazer a descanso e relaxamento, isto é, rejeitam a explicação de que o lazer proporciona o relaxamento ou a compensação de tensões e fadigas provocadas pelo trabalho e o colocam como um meio de produção de novas tensões. Assim, as atividades de lazer produziriam um “descontrole controlado” de emoções agradáveis, permitindo ao sujeito (como espectador ou participante direto), em diferentes espaços e tempos, a vivência de sentimentos e emoções fortes e excitantes em companhia de outras pessoas, representando muitas situações da vida real, contudo sem seus perigos e riscos.

A *sociabilidade* é um elemento capital na maioria das atividades de lazer, no que se refere ao aproveitamento e o despertar de prazer emocional. Ao enfatizar a função sociável de algumas atividades de lazer, os autores evidenciam as oportunidades para maior integração entre pessoas em termos de abertura e objetivo, emocionalmente amigável, diferentemente de outras formas de integração ambientadas na vida ocupacional e de atividades de não lazer.

A *mobilidade* refere-se a movimento e a atividades de lazer que o pressupõe como indispensável, como a dança e o esporte, reportando-se, portanto, a atividades nas quais uma das

mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem social, como sucede com as excitações de tipo sério”. Assim, os filmes, a dança, os jogos, as corridas de cavalos, a ópera ou os jogos de futebol são imitações de situações reais, buscando o seu efeito de excitação e emoção mas sem os perigos e riscos da vida real. Nestes contextos as restrições e o constrangimento estão ausentes ou fortemente atenuadas, levando a que as emoções e a excitação se combinem com “uma agradável sensação de segurança e onde o risco e a violência são reduzidos ao mínimo” (Elias e Dunning, 1992, p. 108).

principais fontes de satisfação imediata é o prazer, obtido através da absorção do movimento em si.

Desta forma, o estudo vem caracterizando os diferentes modos de apropriação dos tempos livres e das práticas de lazer entre velhos e velhas residentes no espaço rural nos termos de Elias e Dunning, inserindo também na investigação e nas discussões questões sobre temporalidade e espaço.

Tal pretensão, segundo Gama (1988), ampara-se na perspectiva de que o lazer ganha significado analítico se estabelecermos relações entre este no espectro do tempo livre, os lugares onde ocorre (ambiente doméstico; ambiente extrafamiliar) e o significado das diversas escalas, ritmos e estrutura simbólica do tempo (o dia/o fim do dia, a semana/o ano) para a compreensão desse lazer no rural.

Conceitualmente, partimos da compreensão de que o *lazer*⁶ é “(...) um campo da vida humana decorrente de construções/interações culturais, sociais e políticas, entre outras” (Gomes, 2008, p.11), que, segundo Marcellino (2008, p.12-13) deve ser caracterizado sob quatro pontos fundamentais:

1. Lazer é cultura vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude;
2. Lazer é fenômeno gerado historicamente e dele emergem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre ele também são exercidas influências da estrutura social vigente;
3. Lazer é um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural;
4. Lazer é portador de um duplo aspecto educativo – veículo e objeto de educação – considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social.

⁶ Etimologicamente, a palavra lazer é originada do latim; as palavras latinas *licere* e *licet*, criadas pela antiga civilização romana, expressam o significado de *lícito, permitido, poder, ter o direito* (Gomes, 2008).

Na perspectiva de Marcellino a cultura é elemento central na discussão do lazer, não restrita, entretanto, aos conteúdos das artes, espetáculos e/ou ao volume de conhecimento adquirido pelos sujeitos, mas ampliada aos diversos conteúdos culturais. É tal qual o direcionamento refletido por Gomes (2004), com o lazer compreendido como:

Uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (Gomes, 2004, p. 124-125).

Sendo uma dimensão da cultura é, pois, o lazer construído socialmente, a partir de quatro elementos interligados e passíveis de pressão e interferência do contexto:

1. *O tempo*, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana; férias; etc.);
2. *O espaço-lugar*, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em um ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social;
3. *As ações (ou atitude)*, que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade;
4. As manifestações culturais, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento.

De outra perspectiva, podemos definir as atividades de lazer pela conjunção de dois parâmetros: um mais objetivo, de caráter social (o tempo), e outro mais subjetivo, de caráter individual (o prazer). Este olhar atenta para alguns indicadores que favorecem, assim, o entendimento do conceito de lazer, de acordo com Melo (2003, p. 32):

1. As atividades de lazer são *atividades culturais*, em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações;
2. As atividades de lazer podem ser efetuadas no *tempo livre* das obrigações profissionais, domésticas, religiosas e das necessidades físicas;

3. As atividades de lazer são buscadas tendo em vista o *prazer* que possibilitam, embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades.

Não é possível se entender o lazer isoladamente, sem relação com as outras esferas da vida social. Ele influencia e é influenciado por outras áreas de atuação, numa relação dinâmica. É assim, por exemplo, que se pode pensar a relação entre lazer e saúde, ou lazer e religião, ou ainda lazer e educação. Sobre esta última, Marcellino (2002; 2008) apresenta duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; e a segunda, que para a prática crítica e criativa das atividades de lazer, é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação.

Com relação ao entendimento do lazer como veículo de educação, é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos. Nesse caso, o lazer pode tanto cumprir objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade. As vivências de lazer podem favorecer, partindo do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, a partir do aguçamento da sensibilidade pessoal, pelo incentivo ao autoaperfeiçoamento, pelas oportunidades e contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade.

Por outro lado, para o desenvolvimento de atividades no tempo disponível, de atividades de lazer, quer no plano da produção, quer no do consumo não conformista e crítico-criativo, é necessário aprendizado. Entretanto, quando a análise é dirigida ao lazer como objeto de educação, implicando a consideração da necessidade de difundir seu significado, esclarecer a importância, incentivar a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento ou contribuam para aperfeiçoá-lo, entra-se numa área polêmica e marcada por muitas interrogações.

Algumas destas questões seriam: como educar para o lazer conciliando a transmissão do que é desejável em termos de valores, funções, conteúdos, etc., com suas características de “livre” escolha e expressão? Possivelmente, essa escolha será mais autêntica quanto maior for o grau de conhecimento que permita o exercício da opção entre as diferentes alternativas (Marcellino, 2008).

O fundamental é que se entenda o lazer como um espaço privilegiado para vivências críticas e criativas de conteúdos culturais. É importante, como afirma Silva (2005, p. 19), também avançar no seu entendimento para além de uma oportunidade para descanso e divertimento, e pensar na possibilidade de proporcionar desenvolvimento pessoal e social, por meio das diferentes vivências.

Além de diferentes vivências e, igualmente, diferentes contextos e segmentos, aqui situamos outros dois pontos centrais desta discussão: *velhice/sujeito velho* e o *espaço rural/ruralidade*, como seu habitat.

Desta forma, para além de questões de ordem demográfica que vem destacando o envelhecimento populacional desde as últimas décadas do século XX nos cenários brasileiro e mundial, realço também a multidimensionalidade que remete ao significado de *envelhecer*, a partir do que afirma Neri (2005, p. 114-115) como um “o processo de mudanças universais pautado geneticamente para a espécie e para cada indivíduo [...] dependente de eventos de natureza [...] biológica, sócio-histórica e psicológica”; o significado de *velhice* como “a última fase do ciclo vital, delimitada por eventos de natureza múltipla e os indivíduos *velhos e velhas* que, “por convenções sociodemográficas, são assim categorizados por vivenciarem essa fase a partir dos 60 anos nos países em desenvolvimento e 65 naqueles desenvolvidos”.

Mais ainda, quis refletir a partir das indagações de Gusmão (2003, p. 17): e a velhice? Seria ela uma condição universal, inexorável, independentemente de tempo e lugar? Diz a autora que as marcas sociais das pessoas são reveladoras da diversidade que envolve o mundo da cultura e, assim, são colocados em jogo a vida, os limites e a fragilidade humana e das sociedades em que vivemos. A trajetória que engendra as tramas da vida é uma construção, da qual a velhice é produto e produtora de experiências decorrente dessa diversidade.

Compreendemos, nesta complexidade, conforme afirmam também, Fernandez-Ballesteros e Corraliza (2000) que este panorama qualifica a velhice como heterogênea frente à diversidade de elementos que intervêm em sua configuração em termos pessoais e ambientais, possibilitando reflexões amplas de significados, consequência da própria amplitude que o tema deflagra.

Sob este olhar, também Keating e Phillips (2008), enfatizam que experiências de envelhecimento são diversas, e que a compreensão dessa diversidade requer uma consideração ampliada da velhice em contextos vários. O rural é um desses contextos. No entanto, dizem, tem havido relativamente poucos estudos comparativos que se concentraram nas experiências de envelhecimento no rural.

No estudo de Fonseca *et al* (2005) no vilarejo de Aldeia do Bispo, Concelho de Sabugal, Portugal, é difícil definir o que se entende por “idosos rurais”. Analisam que é frequente utilizar-se esta expressão para a caracterização de situações diversas, que vão desde velhos residentes em áreas rurais não urbanas ou em pequenas povoações de menos de 2.500 habitantes, a agricultores propriamente ditos, vivendo em propriedades relativamente isoladas.

No Brasil, a definição de rural mais difundida é aquela concebida pelo IBGE, que rege os estudos censitários e tem como base o Decreto nº. 311 de 1938. Por tal critério, considera-se como urbana a área e a população que estiver localizada dentro de um perímetro urbano da sede de um município (cidade) ou de um distrito (vila) e como rural a área e a população que estiver localizada fora desse espaço físico. O rural e, assim, definido por exclusão, ou seja, é o que é externo ao perímetro urbano. Tal formato é criticado por estudiosos do tema (Veiga, 2003⁷; Veiga, 2004; Abramovay, 2000; Wanderley, 1997), que têm proposto outras abordagens de análise para as questões do espaço brasileiro e questionado se tal normativa demonstra corretamente o que é, efetivamente, urbano e rural no país e distanciado da realidade do país.

⁷ Nesta complexidade, Veiga (2003) propõe a adoção de outros critérios para a diferenciação, quais sejam, o tamanho populacional do município, a densidade demográfica e a localização. Por tais critérios, segundo o pesquisador, os municípios que apresentam até 50 mil habitantes e menos de 80 hab/km² deveriam ser reconhecidos como de pequeno porte e de médio porte aqueles com população de 50 a 100 mil habitantes, ou cuja densidade supere 80 hab/km², ainda que tenham menos de 50 mil habitantes.

No entendimento de Wanderley (2001), por exemplo, o espaço rural significa mais que apenas uma localização física, mas uma forma de organização social que envolve um conjunto de atividades e um modo de vida específico; em sua análise, projeta-o como,

Um modo particular de utilização do espaço e de vida social. [...] entendido ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade) (p.01).

Os argumentos que situam a ponderação da autora em torno do meio rural vão ao encontro da reflexão de Lindner (2008, p.793) de que na sua “valorização, identidade e simbologias peculiares, encontram-se as manifestações de toda uma conjunção de ações cotidianas carregadas de valores próprios e heranças históricas, na qual se fundamenta a existência das ruralidades”. A mesma base de ponderação considerada por Lindner também se estende à noção de urbanidade, pois ambas englobam manifestações culturais vinculadas aos modos de vida, tradições, ocupações como aspectos que caracterizam tais espaços e que sucedem não necessariamente apenas neles. E, novamente, nesta perspectiva, Wanderley (2001) argumenta:

Quando estou falando de mundo rural, refiro-me a um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual das relações internacionais. Não estou, portanto, supondo a existência de um qualquer universo isolado, autônomo em relação ao conjunto da sociedade e que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução. Porém, considero que este mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba (p. 32).

Partindo também da compreensão da ruralidade, nos termos de Carneiro (1998, s/p), como “uma representação social, definida culturalmente por atores sociais que desempenham atividades não homogêneas e que não estão necessariamente remetidas à produção agrícola”, é relevante debater e refletir sobre os significados das práticas sociais a partir do olhar dos velhos; isto sem deixar de considerar espaços, não apenas geográficos, mas as tramas socioculturais que ajudam a definir uma heterogeneidade regional.

Dessas últimas conversas travadas com os velhos de Mamede e de Mandacaru reflito sobre pontos tão comuns entre estes como tristezas, famílias, juventude. Para todos, estar aposentado representa a garantia da sobrevivência material; para alguns isto é

acompanhado da sustentação de uma postura de comando dentro da família. Será está uma realidade tão comum no meu Maranhão? (Diário de Campo, out/2010).

Na mesma linha de reflexão, Moreira (2005, p. 21), considera que, “o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social. A compreensão da imagem do rural implicaria, portanto, a compreensão dos contornos (o espaço ecossistêmico), das especificidades (o lugar onde se vive) e das representações (o lugar onde se vê e se vive o mundo)”. Ou seja, a ruralidade como realidade empírica implica numa articulação entre a noção de rural e as “relações específicas dos habitantes do campo com a natureza e as relações próprias de interconhecimento destas relações, densificadas pelo conhecimento e pela comunicação direta, face a face”.

Barreirinhas com seus 54.930 habitantes e uma densidade demográfica de 17,65 hab/km² (IBGE,Censo 2010), condição que o caracteriza como um município de médio porte⁸, tem cerca de 2/3 desta população residindo em área rural. Um retrato inicial da realidade local apresentado pela Planeja (2009) já destacava um quadro em que:

A agricultura de base familiar, o turismo, o artesanato e a pesca artesanal costeira, são as principais atividades econômicas. Em contraponto a este crescimento do turismo, as atividades econômicas continuam estagnadas, apesar da intervenção do governo federal (MDA/INCRA) na regularização fundiária, base para as ações de desenvolvimento rural. Há no município 3 assentamentos federais (997 famílias em 14.786 ha), 57 assentamentos estaduais (2.557 famílias em 98.063 ha). Hoje o município e o entorno lida com graves problemas de empregabilidade e de postos de trabalho, acentuando a pobreza no meio rural e na periferia da cidade que já apresenta bolsões de ocupações desordenadas, drogas entre os jovens, prostituição, além da herança dos danos ambientais. Vale ressaltar que os problemas ambientais tendem ao agravamento diante das atividades turísticas que ainda não estão funcionando adequadamente. Em contraponto a esta situação, os potenciais são fantásticos: as belezas dos recursos naturais, a diversidade de atividades econômicas - agricultura, extrativismo vegetal e animal, artesanato da fibra de buriti - a cultura com seus folguedos populares (...).

É um município que transita entre uma economia de vocação rural e urbana, em um contexto sociocultural onde se identifica ruralidades e urbanidades manifestadas em hábitos cotidianos da população (por exemplo, na estruturação de festividades locais, como a vaquejada, no estilo de vida urbano, na oferta de produtos e serviços). Na análise de Tasso (2011), por

⁸ De acordo com o IBGE, os municípios com até 20 mil habitantes são considerados de Pequeno Porte I; entre 20 e 50 mil habitantes, Pequeno Porte II; entre 50 mil e 100 mil habitantes, Médio Porte; entre 100 e 900 mil, de Grande Porte; e mais de 900 mil são considerados Metrôpoles.

concentrar fortes características do meio rural, as relações sociais que marcam Barreirinhas acabam sendo representadas pelas relações de confiança entre indivíduos e entre suas famílias, o que pode resultar na dinâmica de empregos e trabalhos no setor de turismo, exemplifica.

No encadeamento dessas ponderações, convém acrescentar que no Brasil, o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, apontou que a população brasileira atingiu um total de 190.755.799 habitantes na data de referência. A população urbana com 160.925.792 habitantes foi predominante, representando 84,3% da população total, enquanto 29.830.007 habitantes residiam em áreas rurais (15,7%)⁹ (Figura 2).

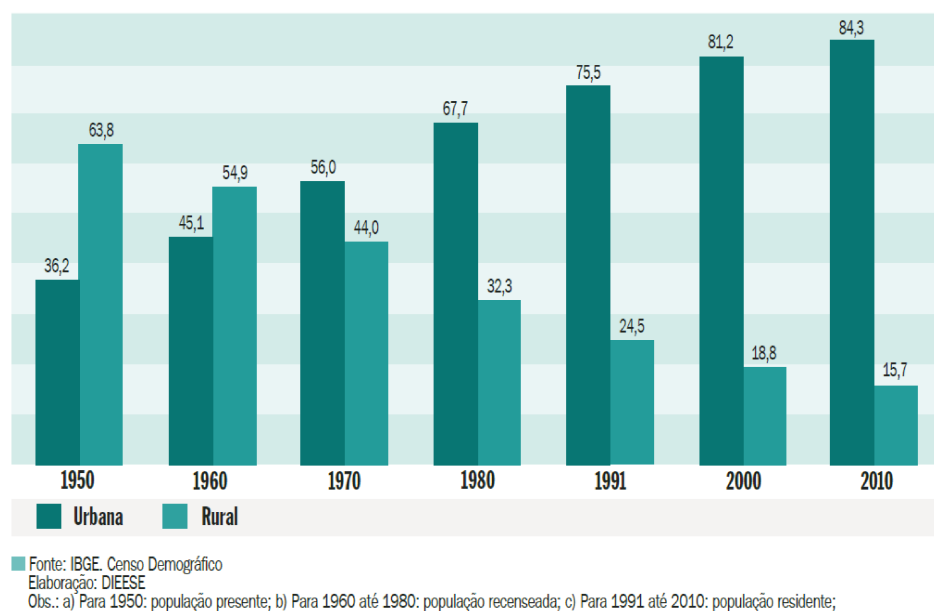


Figura 2 – Evolução da população por local de residência Brasil 1950 – 2010 (em %)
Fonte: IBGE, 2011

Pelos dados do IBGE, o Maranhão, é o 10º Estado mais populoso do país, com 6.772.000, é também o mais rural do Brasil, pois detém o maior percentual da população vivendo em áreas rurais: 36,9% dos 6,5 milhões de maranhenses. Isso representa um universo de 2.427.640 pessoas em todo o Estado. Este quadro confirmou uma tendência observada desde a década de 1960, quando o Maranhão já registrava o maior percentual de habitantes da zona rural em todo o Brasil.

⁹ Conforme o Perfil dos Municípios Brasileiros do IBGE (2011), o Censo 2010 mostrou a continuidade do processo de diminuição do volume da população rural. O campo perdeu 2 milhões de pessoas entre 2000 e 2010 que, em sua maioria, se deslocou para as áreas urbanas. Essa tendência é indicativa do aumento da urbanização no Brasil que, a partir de 1950, deixa de ser um país de características rurais para caminhar no sentido de um país mais urbanizado.

É ainda um perfil revelador de deficiências na educação, saúde, moradia, esgotamento sanitário, dentre outros.

Especificamente quanto à população de velhos, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009 revelaram que o número no Brasil é de cerca de 21 milhões de pessoas, correspondendo a 11,3% do total da população, concentrados em 14% na região Sul. Destes, 16,5 milhões vivem na área urbana e 3,4 milhões na área rural (Figuras 3 e 4).

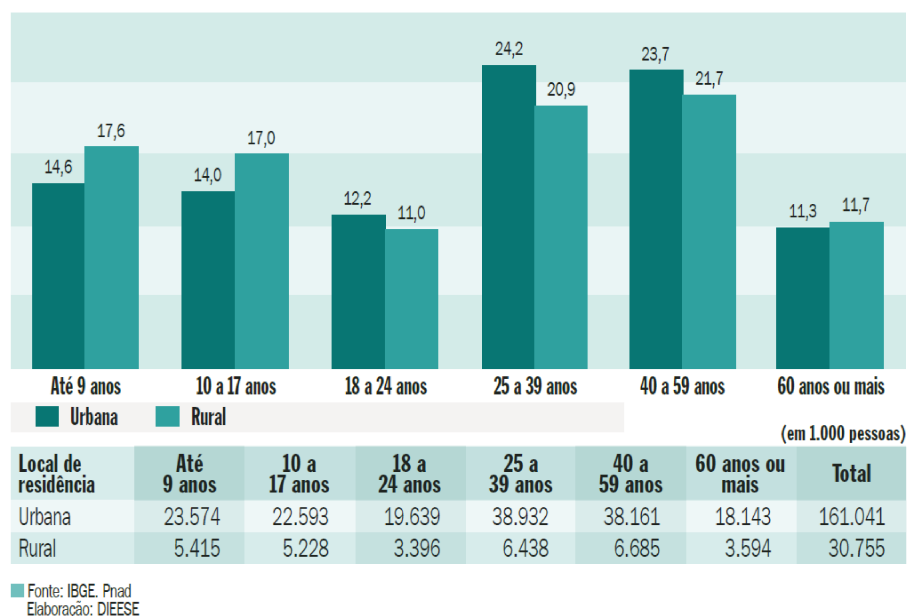


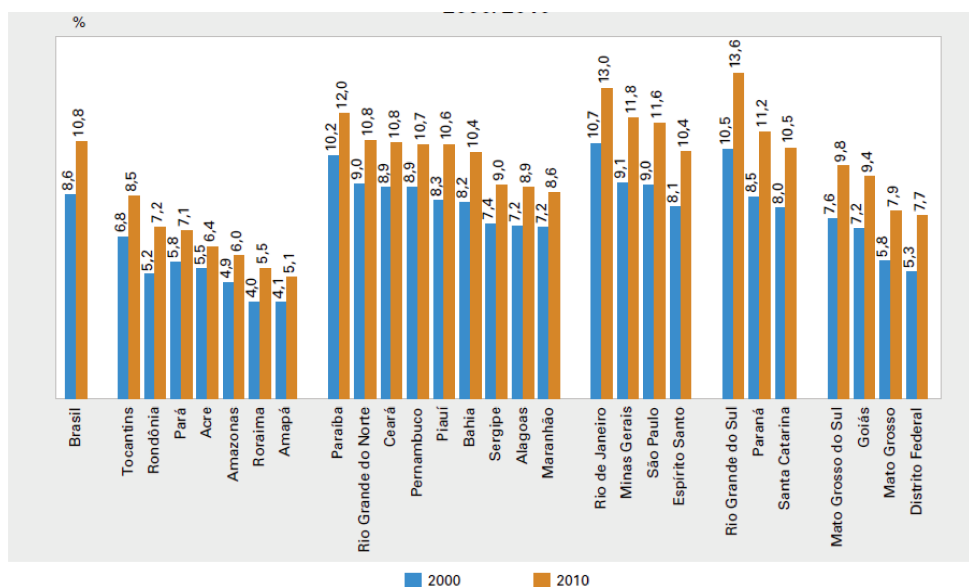
Figura 3 - Distribuição e estimativa da população por faixa etária, segundo local de residência – Brasil 2009
Fonte: PNAD, 2009

Faixa etária	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
Até 9 anos	22,7	18,9	15,1	13,9	15,3	17,6
10 a 17 anos	18,5	18,2	15,6	14,4	15,6	17,0
18 a 24 anos	11,0	12,0	10,1	10,1	9,2	11,0
25 a 39 anos	22,4	20,3	21,8	20,1	22,9	20,9
40 a 59 anos	17,6	19,2	24,7	27,4	25,4	21,7
60 anos ou mais	7,8	11,4	12,7	14,0	11,6	11,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Pnad
Elaboração: DIEESE

Figura 4 - Distribuição da população residente na área rural por faixa etária – Brasil e Grandes Regiões 2009 (em %)
Fonte: PNAD, 2009

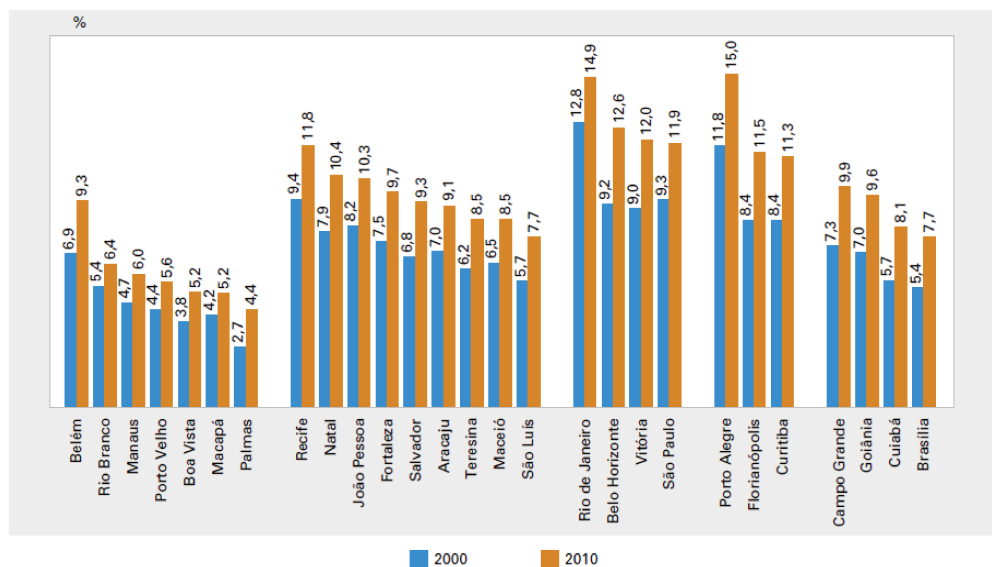
A publicação *Indicadores Sociais Municipais* do IBGE (2011) que analisa os resultados do universo do Censo Demográfico de 2010 destaca que o envelhecimento populacional é hoje um importante fenômeno no contexto nacional e que o gradativo aumento da população de 60 anos ou mais ocorre em todas as Unidades da Federação (UF), seja em termos absolutos ou relativos. Comparativamente, em 2000 somente os Estados do Rio de Janeiro, Paraíba e Rio Grande do Sul apresentavam proporções de velhos superiores a 10% e os dados do Censo 2010 revelaram que todas as UF das Regiões Sudeste e Sul e seis da Região Nordeste possuíam mais de 10% de pessoas com 60 anos ou mais, fazendo com que o percentual médio de idosos para o País também superasse essa marca (10,8%) (Figura 5). No Maranhão, os velhos representam 8,6% da população total do Estado.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

Figura 5 – Proporção da população de 60 anos ou mais de idade, segundo as Unidades da Federação 2000/2010
Fonte: IBGE, 2011

Ainda segundo o mesmo documento, há uma concentração da população de 60 anos ou mais de idade nos grandes centros urbanos. Nos Municípios das Capitais vivem 25% dessa população do País, ou seja, uma pessoa do segmento em cada quatro reside nos Municípios das Capitais (proporção semelhante à encontrada para a população como um todo). São Paulo (com 1.338.138) e Rio de Janeiro (com 940 851) são os municípios com maior população idosa em termos absolutos. As capitais com maior proporção de idosos, em relação à população total, são Porto Alegre (15%) e Rio de Janeiro (14,9%), conforme a Figura 6 (IBGE, 2011).



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

Figura 6 – Proporção da população de 60 anos ou mais de idade, segundo os municípios das capitais – 2000/2010
Fonte: IBGE, 2011

Segundo o IBGE (2012) há 78 municípios brasileiros em que mais de 20% da população tem 60 anos ou mais de idade (um velho para cada cinco pessoas), sendo que 64 deles estão localizados no Rio Grande do Sul, 12 em São Paulo e dois em Minas Gerais. Em sua maioria, são municípios de pequeno porte populacional, sendo o mais populoso com 11.473 habitantes; 10 municípios possuem população com 5.000 a 10.000 habitantes; e 67 são municípios com menos de 5 000 habitantes. Cerca de 70% são municípios rurais. Em Barreirinhas, os velhos representam 7,2% da população total do município: 1.347 (homens: 624 hab.; mulheres: 722 hab.) vivem na sede e 2. 337 (homens: 1.201 hab.; mulheres: 1.135 hab.) no espaço rural.

Retomando as pretensões investigativas deste trabalho, partimos do pressuposto de que o tema do lazer é relevante para os estudos da velhice e para a compreensão do sujeito velho, pois é parte das manifestações sociais presentes no âmbito das dimensões do envelhecimento humano; é campo de experiência humana e, no entender de Pinto (2008, p. 49),

Como *processo educativo*, o lazer atua sobre os meios de reprodução da vida, sua dimensão sociocultural mais visível e prática. Como *produto de ação socioeducativa*, de um lado, pode contribuir para qualificar o ser humano a olhar, perceber e compreender o vivido, se reconhecendo na percepção do outro, distinguindo semelhanças e diferenças entre si, o mundo em que vive e outros sujeitos – construindo sua própria identidade e história. De outro lado, pode contribuir para favorecer novas relações socioculturais alicerçadas nos preceitos lúdicos e democráticos, que tem como ponto de partida o

reconhecimento dos direitos e deveres como cidadãos. Pode influenciar sobre fatores que agem contra exclusão, preconceitos e marginalização (Pinto, 2008, p. 49).

Considerando a ponderação de Pinto (2008), argumentamos a importância das vivências de conteúdos culturais do lazer e a forma como estes se organizam e são percebidos como aspectos que precisam ser (re)conhecidos também como parte da velhice e do lazer no mundo rural. Tal abertura se processa exatamente pela qualificação da velhice como heterogênea, frente à diversidade de elementos que intervêm em sua configuração em termos pessoais e ambientais, possibilitando reflexões amplas de significados que abrem espaço também para investigações sobre a experiência de lazer entre sujeitos e contextos diversos. Neste sentido, Joffre Dumazedier (1999) argumenta que a concepção do lazer como fator de desenvolvimento humano é uma perspectiva possível e desejável para pensar, idealizar e planejar uma troca positiva com o meio ambiente, o que inclui pensá-lo no âmbito de um processo de educação.

Este prisma oferece elementos para uma análise interessante acerca da situação de velhos brasileiros em ambientes rurais. Conforme coloca Debert (1999, p. 1) em sua análise sobre o curso de vida pós-moderno e a reprivatização da velhice, há uma imposição de novos papéis para o/a velho/a na sociedade contemporânea, dentre os quais, por exemplo, a cobrança do engajamento em atividades de lazer, este muitas vezes se destacando como a própria base da formação de grupos/centros de convivência e associações de adultos idosos¹⁰. Desta forma, cabe o debate acerca dessas ponderações também entre os velhos rurais, diante de um contexto no qual as ressignificações do rural são colocadas em pauta na contemporaneidade.

¹⁰ Integrado a este pensamento, este recorte sobre a eleição do lazer como uma força de formação de grupos de idosos pode ainda ser compreendido no bojo das discussões apresentadas por Melucci (2004, p. 12), em que as “(...) ações coletivas desenvolvidas por diferentes atores e sujeitos sociais são exemplos de articulação, mobilização e luta que expressam características próprias dos movimentos da contemporaneidade”. Acompanhei por cerca de 10 anos (1996 – 2006) a formação de grupos motivados sob o signo do lazer: clubes, núcleos, associações e similares, que ao reunir velhos e velhas conseguiram imprimir, na sociedade atual, um espaço de sociabilidade que, pressupõe-se, passou a constituir um campo de reflexão e ação articulado para além do desenvolvimento de atividades de lazer propriamente ditas.

- Tempo livre, lazer e ruralidade

As filhas do tio João, quando chegavam ao engenho, revolucionavam os hábitos pacatos da casa-grande. (...) Maria Clara, mais velha do que eu, andava comigo pela horta. Menina da cidade, encontrara um bedéquer¹¹ amoroso para mostrar-lhe os recantos do Santa-Rosa. Queria ver tudo – o rio, os cajueiros, o cercado. (...) Ela contava-me as histórias das suas viagens de mar, pintava-me o vapor, os camarotes, o tombadilho e o mar batendo no olho de vidro das vigias. (...) Eu também contava as minhas coisas de engenho: o fogo no partido, a cheia cobrindo tudo de água. Exagerava para parecer impressionante à minha prima viajada. - O engenho é melhor do que o Recife - dizia-me Maria Clara. - A mamã conta que morando aqui nos tornamos bichos. Ela quer que eu toque piano e fale francês. Aqui é bom porque não há aulas, não há professoras (Rego, 2001, p 143).

O excerto acima é um recorte da narrativa de um romance do século XX; nele, o assunto gira em torno da chegada do parente em férias no campo e as descrições sobre experiências e cenários da vida urbana e rural trocadas entre as personagens.

Apreciamos tais observações, pois sempre que nos deparamos com a necessidade de construir uma reflexão sobre o lazer, os divertimentos no espaço rural, duas questões emergem prontamente: uma remete a limitadíssima existência de produção bibliográfica fundamental para o embasamento teórico que a discussão requer; outra remete ao sentido sócio-histórico que identifica o que seja lazer. Ambas se inter-relacionam. Ilustramos, inicialmente, a questão a partir das ponderações de Rosa (2004) e Marin (1999):

Os pesquisadores que estudam o lazer, entre o urbano ou o rural, normalmente preferem o primeiro. Isso ocorre porque o conceito moderno de lazer, fenômeno social institucionalizado, concilia-se diretamente à revolução industrial e ao processo de urbanização, não significando proveniência exclusiva dele. Consequentemente, as investigações que têm o lazer urbano como objeto buscam conhecimentos sobre o mundo predominantemente urbano e industrializado, em que o tempo fragmentado rege. Estudam-se, pois, os espaços e tribos urbanas, equipamentos de lazer, como parques, praças e clubes. O campo/campestre geralmente aparece em poucas situações – quando o conteúdo é esporte radical ou o equipamento é um hotel fazenda, por exemplo (Rosa, 2004, p. 65).

Se o lazer encontra-se relegado enquanto tema de pesquisa, ainda mais pela mediação do rural. Em geral, consta nos estudos, através de abordagem indireta ou como contraponto de outra realidade. Assim se apresenta, talvez, porque o lazer no meio rural não seja

¹¹Na indicação do glossário de Ivan Cavalcanti Proença – que objetiva de levantar e esclarecer vocabulário regional em auxílio a trabalhos escolares – encontramos referência a esse termo significando GUIA. “Bedéquer – Guia. (...) Baedeker: editor que publicava livro-guia de viagem. Os guias de viagem passaram a ser chamados *baedeker*, o autor” (Disponível em <http://www.wattpad.com/9906370-menino-de-engenho-jos%C3%A9-l-do-rego?p=53>). De fato, citando os pioneiros do turismo mundial, Dias (2005, p. 45), destaca o alemão Karl Baedeker, como o “pioneiro da moderna concepção dos guias de viagem”.

considerado um problema. Ou porque o lazer seja considerado fruto do sistema industrial instaurador da divisão entre trabalho e não-trabalho. E, desta forma, as imbricações no meio rural entre diversão e vida não são consideradas lazer (Marin, 1999, p. 36).

Assim, do ponto de vista histórico, julgamos importante destacar que há um debate em aberto quanto à ocorrência do lazer, gerando olhares controversos entre estudiosos e suas concepções acerca do tema. Melo e Alves Júnior (2003) destacam as contribuições de Bertrand Russell, Thorstein Veblen, Georges Friedman e Herbert Marcuse para os estudos do lazer. Partidários da corrente que situa o lazer nas fases antigas da história ocidental, Gomes (2004) vai citar, dentre outros, Sebastian De Grazia (1966) – a origem do lazer remete à vida social dos filósofos da Grécia antiga à luz do sentido do termo *Scholé*: um tempo desocupado, um tempo para si mesmo, indicativo de distinção, liberdade, relação com as artes, a política e a filosofia; e, Frederic Munné (1980), adepto da tendência de que a ocorrência histórica do lazer antecede a Idade Moderna, atentando para o entendimento de que Roma introduziu a idéia de *otium* (ócio) como possibilidade de “descanso para o corpo” e “diversão para o espírito”, condição necessária para retomar a vida laboral.

A mesma autora cita como refutadores da tese de que o lazer sempre existiu, pesquisadores como Joffre Dumazedier (1979) – que analisa o conceito de lazer como inadequado para sociedades do período arcaico, nas quais trabalho e jogos estão associados a festas, possuindo significações semelhantes na vida da comunidade; e, Nelson Marcellino (1983), para quem o lazer resulta de uma situação histórica atrelada ao progresso tecnológico e maior produtividade, às reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado do trabalho, por exemplo.

Nesta perspectiva, para alguns, há que se considerar que, se o ser humano sempre trabalhou, também se permitiu parar de trabalhar, gerando um tempo de não trabalho. Esse tempo seria ocupado por vivências de lazer, mesmo nas sociedades chamadas “tradicionais”. Para outros, o lazer é um fenômeno característico da moderna sociedade urbano-industrial, tal como afirma Marcellino (2002).

Importa destacar que as duas correntes não são antagônicas, o que difere é o enfoque dado por cada uma delas: a primeira aborda a “necessidade de lazer”, sempre presente, e a segunda se detém nas características que essa necessidade assume na sociedade moderna. No caso da

sociedade brasileira, segundo Marcellino, é a partir da transição do estágio tradicional para o moderno, que se verifica uma ruptura entre a vida como um todo e o lazer, fazendo com que este adquira significação própria.

Ainda na perspectiva do autor teríamos, desta maneira, dois estágios que devem ser compreendidos num *continuum* ou como contemporâneos dentro da mesma sociedade, mesmo que representativos de estilos de vida diferentes:

1. Na sociedade tradicional, marcadamente rural, e mesmo nos setores pré-industriais, não havia uma separação rígida entre as várias esferas da vida do homem. Os locais de trabalho ficavam próximos, quando não se confundiam com a própria moradia, e a produção era ligada basicamente ao núcleo familiar obedecendo ao ciclo natural do tempo. O trabalho frequentemente interrompido para conversas acompanhava o ritmo do homem e não raro era executado ao som de cantos. O mutirão constitui o exemplo mais marcante da relação produção/festa nas sociedades tradicionais. O “binômio” trabalho/lazer não era caracterizado e as ações se desenrolavam como na representação de uma peça teatral, com os “atores” atuando de forma integrada e linear, dominando toda a história de seus personagens.

2. Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e a um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despersonalizando as relações. As pessoas passam a fazer parte de grupos variados, sem ligações uns com os outros. Caracteriza-se o “binômio” trabalho/lazer, e as ações se desenvolvem como na gravação de um filme, onde os “atores” participam de cenas estanques, sem conhecer a história de seus personagens, cenas essas frequentemente interrompidas para serem retomadas em sequências totalmente diferenciadas. É neste contexto que se coloca o lazer, enquanto fenômeno moderno, como originado da artificialização do tempo de trabalho¹², um campo de tensões fruto do embate entre patronato e trabalhadores em sua luta por um tempo livre ampliado¹³.

Mesmo que convivam, ainda hoje, os dois “modelos” de sociedade, em diferentes regiões do país, os valores veiculados pela indústria cultural, através dos meios de comunicação de massa, são os da sociedade moderna, urbano-industrial, fazendo com que as questões relativas ao lazer sejam entendidas a partir desses valores hegemônicos.

Além do desenvolvimento de um conjunto de reflexões teóricas, uma importante configuração a ser observada é a formação de uma indústria de lazer e entretenimento, que dá seus primeiros passos no final do século XIX, mas vai se organizar e tomar impulso notável no decorrer do século XX, destacadamente a partir do aperfeiçoamento dos meios de comunicação (Melo; Alves Júnior, 2003, p. 12).

¹²Com a Revolução Industrial e, mais efetivamente, no século XIX, observa-se um processo de artificialização do tempo de trabalho que, progressivamente, se afastou do ritmo da natureza e passou a ser orientado pela marcação do relógio, um instrumento cada vez mais difundido (Thompson, 1998).

¹³“O direito à preguiça”, do militante socialista Paul Lafargue (1842 – 1911) é baseado em ideias de Marx, foi publicado em 1883, sendo considerado o primeiro manifesto em favor do lazer operário, denunciando as condições do trabalho industrial na Europa e o desrespeito à dignidade humana.

Desta forma, cabe questionar, a partir dos teóricos do lazer: é então possível falar de lazer no meio rural? Marin (1996) critica o fato de os conhecimentos teóricos gerados sobre o fenômeno do lazer não contemplarem outras realidades sociais para além da urbano-industrial que incide sobre a dicotomia trabalho/lazer. Isto, diz a autora, impossibilita perceber aspectos como a diversidade de relações sociais existentes em distintos contextos, as diferenças e incoerências presentes no interior de um grupo social e considerar as muitas maneiras de manifestação e expressão inerentes ao ser humano enquanto ser social.

Na pesquisa sobre o lazer de mulheres no meio rural do Brasil, Andrade *et al* (2009) analisam que a configuração do lazer como uma problemática tipicamente urbana implicou na escassa problematização do rural, enquanto modo de vida que desenvolve atividades de lazer. Porém, destacam que tal perspectiva vem passando por modificação, na medida em que se coloca como interessante para os fundamentos da linha do Novo Rural (2002). “Tais estudos, ao tratarem das facetas diversas do meio rural tecem considerações sobre o elemento da cultura e sociedade rural que compreendem enquanto lazer” (p. 41), ou que compreende o lazer.

É na perspectiva de problematizar a questão lazer-ruralidade que Alves (2009, p. 170) assume que sua investigação “(...) possibilitou desnaturalizar o discurso do Campo do Lazer sobre o rural, especialmente o brasileiro, e apontar como o mesmo é pautado em essencializações quanto à construção do próprio Lazer”. Sob este olhar Andrade *et al* (2009) vão investigar o lazer de mulheres do meio rural brasileiro, partindo de uma revisão de literatura acerca dos estudos do lazer, etnografias sobre o campesinato, o trabalho feminino no meio rural e reflexões sobre gênero. Atestam que, antes de ser um tempo ou uma mercadoria a ser adquirida, as oportunidades de lazer são vivenciadas na cotidianidade de homens e mulheres rurais, entre os seus afazeres e suas relações familiares e comunitárias.

Aqui importa destacar um olhar acerca da relação entre tempo livre e religiosidade, situando, neste contexto, atividades consideradas como vivências de lazer – como os festejos religiosos, a missa dominical, as quermesses, as peregrinações e romarias – presentes no cenário rural. Na compreensão de Oliveira, Romera e Marcellino (2011),

(...) Pode-se afirmar que a relação existente entre lazer e religião dá-se em esferas específicas (...). Ambos os temas estão bastante presentes na realidade social brasileira;

eles regem, em parte, a vida cotidiana dos indivíduos, propiciando diversas opiniões e olhares sobre um e outro. Portanto, uma relação entre estes temas é claramente possível, pois quando se pensa em uma festa religiosa – e a relaciona com lazer – verifica-se que essas temáticas podem se relacionar de modo concreto (p. 306).

É, pois, sob este referencial que Alves (2009) vai dar espaço em sua pesquisa para a discussão entre a existência ou não de relações entre as práticas religiosas e o lazer em um contexto específico, qual seja, a comunidade rural onde sua pesquisa se desenvolveu. Neste caso, o autor sublinha que tal relação se estabelece de forma distinta entre determinados grupos sociais dimensionados no estudo; é assim, por exemplo, que para *os* jovens as práticas religiosas como missas e celebrações e as ações que são diretamente influenciadas por estas (Grupo de Reflexão e a Pastoral da Criança) envolvem um sentido de responsabilidade e obrigação. Diferentemente, para o grupo *das* jovens este sentido foi considerado como mais complexo, uma vez que para algumas sobressai essa dimensão obrigatória, enquanto que para outras, as práticas religiosas apresentam uma dimensão lúdica, até mesmo referendada como possibilidades de lazer. Farcy (2001) ilustrando seu olhar sobre o tema ante ao contexto que estudou, destaca:

O tempo livre consagrado à igreja é equívoco. Por vezes e, nomeadamente para os criados, é um simples descanso concedido com parcimônia. (...) Para outros, menos esgotados pelo trabalho da semana, a missa é lazer na medida em que é tanto espetáculo como ato de piedade (...). À saída da missa, o adro da igreja é um verdadeiro fórum onde se troca notícias da família e da terra; onde lavradores, artesãos e jornaleiros combinam os trabalhos seguintes; onde os homens, no prazer de se encontrarem, fixam o programa de lazer da tarde. A missa é um dos momentos essenciais da sociabilidade feminina, renovada à tarde pela participação nas vésperas (...) (p. 288).

Ghiggi, Stigger e Silveira (2011, p. 13) ao estudarem o lazer de uma comunidade rural do Rio Grande do Sul afirmam que este possui peculiaridades que o diferenciam do lazer urbano, posto que vinculado à identidade cultural local espelhada em práticas lúdicas como os jogos e as festas. Partem da compreensão de que a única forma de atestar o que está sendo praticado por um determinado grupo como atividades de lazer é “(...) estudá-lo e atribuir definições somente àquele grupo, sem fazer qualquer tipo de generalização”.

Na pesquisa do Centro Feminista 8 de Março/Projeto Dom Helder Câmara sobre relações de gênero no semiárido do Território do Apodi/Rio Grande do Norte, um dos questionamentos em pauta foi relacionado *ao que as mulheres fazem nas horas de lazer*. As respostas foram que 55% têm a televisão como o seu lazer e 20% participam de atividades religiosas. Outras

atividades, como ir a festas, foram apontadas por 6%. Sair com amigos e amigas correspondeu a 2%. Na análise dos resultados destacaram a inexistência de uma, mínima que seja, política de ocupação do espaço livre, do tempo de lazer, da ocupação do espaço público, da qualidade de vida de todas as pessoas, assinalando:

Se numa sociedade altamente marcada por relações de desigualdade como a nossa, as opções de lazer já são extremamente reduzidas, imaginemos a situação específica das mulheres no meio rural que, além das contradições de classe, raça e etnia e da heterossexualidade obrigatória, encaram as desigualdades de gênero (Centro Feminista 8 de Março, 2003, p. 11).

Na análise de Andrade, J. (2006, p. 227) – autor que realizou pesquisa centrada no diagnóstico, análise e proposição de política de lazer para assentamentos de Reforma Agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra/MST – o lazer “(...) deve ser considerado como mais um aspecto do desenvolvimento do campo brasileiro”. Traz ainda para o debate a compreensão de lazer como elemento importante e por isso constitutivo do projeto de assentamento rural do MST. A organização do MST se projeta para além da conquista da terra e da produção agrícola, no “(...) avanço de conquistas sociais de desenvolvimento e de melhoria das condições materiais e culturais de existência dos trabalhadores Sem-Terra e seus familiares” (Idem, p. 227).

O autor assinala ainda que, embora não haja um olhar aprofundado acerca do lazer como há na educação, saúde, cultura e formação política, é possível verificar o tema diluído nas questões sobre cultura Sem-Terra, ou no debate relacionado às manifestações artísticas tradicionais do campo. “Além disso, a discussão do lazer para o MST está associada à fixação da juventude nos assentamentos, a fim de garantir a continuidade da luta pela Reforma Agrária nas próximas gerações” (Andrade, 2006, p. 229).

Ainda no âmbito do debate lazer–ruralidade, Silva (2000) investigou a exploração do trabalho infantil e o mundo da cultura lúdica de crianças da Zona da Mata canavieira pernambucana; neste sentido, o usufruto do tempo de lazer/lúdico na infância constituiu o ponto central da problemática investigada. Conforme o pesquisador, os temas do lazer e do lúdico não são abordados de forma sistemática nas Ciências Sociais e na Educação, aspecto que toma como uma das justificativas para a pesquisa.

Neste contexto, em que pesem as contradições postas, compreendemos o lazer como um fenômeno social que se manifesta das mais distintas formas e, na direção do olhar de Andrade (2006, p. 213), “essas formas dependem das características históricas, materiais e geográficas dos agrupamentos humanos envolvidos em sua prática (...)”. Ponderando, assim, a relevância de se refletir o tema para além de “(...) um tipo de sociedade e de relações sociais, desconsiderando a diversidade contida dentro dela” (Marin, 1999, p. 36), a construção deste trabalho vislumbrou a heterogeneidade de atores, tempos e espaços entre as sensibilidades de uma ruralidade situada na “(...) manifestação de identidades sociais associadas ao mundo rural” (Moreira, 2005, p. 65). Isto se expressa a partir da perspectiva de refletir sobre tempo livre e lazer como vertentes relevantes para a compreensão da realidade rural, trazendo para o debate como estes se revelam e são interpretados no contexto da vida cotidiana de sujeitos que envelhecem.

- *Tempo livre, lazer e velhice*

O tempo, o lazer e a velhice. Talvez a interface de mais instantânea construção que se pode estabelecer entre tais categorias, sob a orientação de um olhar pouco atento, é a sua conexão às categorias trabalho e aposentadoria: o *tempo livre* sucedido na aposentadoria é relevante para o velho porque agora pode ser vivenciado como o *tempo de lazer*, na medida em que o *tempo de trabalho* já não é mais parte de sua vida.

O lazer, designado em termos opostos ao trabalho ou atividades produtivas, associa-se ao evento aposentadoria. Teoricamente, os que se encontram nessa situação estão desobrigados de compromissos profissionais, dispõem de recursos materiais para a satisfação de suas necessidades e têm uma experiência de vida e conhecimentos acumulados ao longo da mesma.

Neste olhar cabe a concepção de velhice ativa, atrelada ao ideário de “terceira idade”, da “melhor idade”, expressões de uso corrente nas sociedades contemporâneas, evidenciando conforme afirma Barros (2002, s/p) “(...) uma maneira específica de vivê-la”, uma forma de “experiência do envelhecer elaborada na sociedade moderna, quando a aposentadoria se faz presente como um direito social (...); quando a ideologia individualista está implicada em todos os níveis da vida” e também quando interesses de mercado se fazem valer com a força das

estratégias capitalistas em nome, por exemplo, da melhoria da qualidade de vida. Um exemplo vigente, diz respeito às políticas públicas de turismo¹⁴ e o marketing da “viagem de lazer ao alcance dos idosos brasileiros” que surge exatamente quando o mercado admite o velho como um segmento para essa atividade.

É o envelhecimento, nos termos de Debert (1999), expressado sob qualificações do tipo "nova juventude", a "idade do lazer", ante as quais a aposentadoria abre perspectivas para a fruição de atividades lúdicas estimulando a adoção de uma vida mais ativa e novas formas de comportamento difundidas pela mídia, rejeitando-se a idéia de velhice posto que a idade não é um marcador pertinente da definição das experiências. É a constituição do “*novo velho*”, chamado à responsabilidade por sua própria qualidade de vida, afastado e/ou negando as consequências biopsicossociais do envelhecimento.

Nos encaminhamentos da investigação, o que se observa nitidamente é que, na maioria das vezes, a perspectiva que se impõe é dicotômica quando se trata das discussões sobre velhice tempo livre e lazer – quase sempre mediadas pela relação trabalho/aposentadoria – ante a qual se expõem olhares que evidenciam um campo de tensão entre o ter e o vivenciar um tempo livre: ou esta condição se apresenta como positiva, merecidamente a ser útil no desenvolvimento pessoal ou negativa, expondo a conquista de um tempo livre sem sentido, caracterizado pela deterioração e pelo tédio (Cuenca Cabeza, 2009; Isayama e Gomes, 2008; Marcellino, 2002; Lahud, 2004; Matsuo, 2009).

Neste sentido, cabe aqui pensar duas realidades distintas: uma primeira, que parte da perspectiva de que “é usual a associação entre a chamada terceira idade e o lazer, mas análise correta demonstra que tal fato não se verifica, pelo menos em termos sociais” (Marcellino, 2002, p. 45). A disponibilidade de tempo livre, por exemplo, é um fator questionável na medida em que não se pode considerar que esta condição seja comum para os velhos, aposentados ou não. Obrigações familiares, religiosas, sociais e condições econômicas desfavoráveis que muitas

¹⁴ Referência ao Programa Viaja Mais Melhor Idade lançado pelo Ministério do Turismo (MTur) em 2007 e direcionado ao público idoso; são oferecidos pacotes turísticos em período de baixa ocupação, a preços mais acessíveis e pagamentos em até 12 meses, por meio de desconto em folha do benefício do INSS (crédito consignado), para quem é segurado do Instituto ou não. O MTur tem por objetivo fortalecer o turismo no mercado interno e promover inclusão social. Disponível em: www.turismo.gov.br/viajamais Acesso em 17 abril 2009.

vezes exigem a busca por trabalhos informais impactam o uso do tempo livre com atividades de lazer.

Há ainda aqui o fato de que muitos não foram acostumados a ter lazer, posto que “o trabalho sempre esteve, como sinônimo de dignidade, a condicionar o orgulho que abafou o cansaço e impediu o lazer. A abundância de tempo livre pode trazer embutido o germe do desencanto, da depressão e da angústia” (Lahud, 2004, p. 45). Disto se manifesta o pensar, o encarar o lazer de forma estereotipada como “sinônimo de preguiça, e o sentimento de culpa, dele resultante, expande-se no momento do descanso ou da desaceleração (negados até então), na aposentadoria, na velhice” (Idem, p. 45).

Cuenca Cabeza (2009) vai destacar que a chegada à “terceira idade” é marcada por um período em que, no momento de ascender a ele, a mudança mais importante talvez seja a disponibilidade de uma grande quantidade de tempo livre, a tal ponto que nem sequer quando estas pessoas foram crianças puderam ter. Mas dizer que se dispõe de tempo livre não é dizer muito, é só afirmar que se tem uma possibilidade de fazer algo de maneira livre e opcional.

Por outro lado, em uma segunda perspectiva, para os velhos que têm oportunidades de ocupar seu tempo livre com atividades de lazer e recreação existem as críticas e os questionamentos acerca da qualidade e do significado que estas lhes outorgam. Teixeira (2007, p. 176-186) entende que os programas sociais para idosos, dentre os quais aqueles fundamentados no lazer, “(...) constituem espaços contraditórios, que, sob a intenção explícita de gerarem espaços de sociabilidade, convívio, participação e ocupação do tempo livre dos idosos (...)” não promovem, efetivamente, a valorização da velhice pela experiência de vida, pelos saberes acumulados, pela contribuição com a riqueza social produzida que esses velhos trazem por suas biografias, mas “(...) há um reforço à indução comportamental, de atitudes ativas, aquelas em que os idosos usam a máscara da juventude de espírito e negam a velhice”. E, nos termos da autora, as práticas de lazer realizadas nesses espaços revelam-se como:

Atividades, aparentemente de livre escolha, mas cujo acesso depende da capacidade de pagamento pela participação nas atividades, são partes de um planejamento externo de ocupação do “tempo livre” pelo patronato, pela iniciativa privada que induz comportamentos e atitudes compatíveis não apenas com a dimensão de consumidores ativos, mas também com as formas de enfrentamento do crescimento do número de idosos que conta com sua participação, da família, da comunidade e das organizações

não-governamentais, induzindo-os a buscar seu bem-estar nos serviços oferecidos por essas organizações sociais e pelo mercado (Teixeira, 2007, p. 185).

Isayama e Gomes (2008) dão destaque ao fato de que o valor do lazer na velhice referenda-se pelo significado que as experiências vivenciadas têm para o velho, para as instituições e para as famílias e não nas atividades propostas, tampouco na sua quantidade. Desta maneira, para os autores, os membros do grupo devem ser convidados a participar do processo de construção da proposta a ser desenvolvida em um determinado período. Assim, passam a atuar como sujeitos, e não como simples espectadores, colocando em evidência o desafio de partilhar o conhecer, o vivenciar, compreender e avaliar os conteúdos do lazer com a qualidade que se deseja. O importante é considerar o lazer baseado no desejo de auto-realização, nas relações sociais, na melhoria da qualidade de vida, no desenvolvimento das potencialidades, na aprendizagem continuada.

Retornando ao tema da disponibilidade de tempo livre *versus* a necessidade de ter uma renda complementar aos ganhos da aposentadoria, de benefícios ou simplesmente ter uma renda, Matsuo (2009, p. 159), ao analisar trajetórias ocupacionais e de vida de trabalhadores que recorreram ao trabalho informal como estratégia de sobrevivência, destaca que “apesar de não representarem a maior parte dos desempregados, as mulheres, jovens e idosos têm presença significativa no mercado informal(...)”, correspondendo ao grupo de trabalhadores que se encontra em condições mais vulneráveis da informalidade. Neste estudo, os velhos aposentados, chefes de família, buscam complementação salarial no mercado informal para o sustento de filhos e netos.

A autora encontrou trabalhadores com idade avançada, acima de 60 anos, em todas as ocupações: “alguns indivíduos com mais de 70 anos continuavam ativos, apesar da exigência de esforço físico intenso, jornadas prolongadas de trabalho, riscos de acidente e violência encontrados no trabalho” (Idem, p. 264). Nos relatos, as motivações incluem a responsabilidade pela família ou domicílio, a imposição/necessidade de ter que contribuir com a renda familiar e mesmo a opção individual por manter uma atividade produtiva como forma de ocupar o tempo livre, cujas possibilidades de desfrute, segundo Matsuo, dependem principalmente das condições econômicas.

Em sua análise sobre o Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho, Camarano (2001, p.03) destaca que “(...) as taxas de atividade da população idosa brasileira parecem muito pouco sensíveis à aposentadoria, ao contrário do que ocorre em quase todo o mundo”, sendo a “(...) volta do aposentado ao mercado de trabalho é uma característica muito particular da sociedade brasileira”.

No Brasil o conceito de aposentadoria cria uma situação esdrúxula com relação a outros povos. As palavras *retraite*, *retirement*, *retiro*, *taishoku*, são traduções de aposentadoria e indicam todas uma saída da força de trabalho. Culturalmente, o brasileiro não entende a aposentadoria como a cessação da atividade laboral. Em outros países o recebimento do benefício é condicionado legalmente à saída efetiva do mercado de trabalho, ou o seu valor é reduzido, caso o beneficiário volte (ou continue) a trabalhar, para desestimular tal comportamento (Oliveira *et al*, 2004, p. 413).

Este cenário aponta, assim, para as colocações de Magalhães (1989, p. 37) para quem é um mito pensar a aposentadoria "como início de uma época onde o indivíduo vai dispor livremente de sua vida e usufruir os bens e serviços que a natureza e a sociedade lhe oferece". Os velhos são, comparativamente às pessoas de outras faixas etárias, os que menos freqüentam equipamentos de lazer¹⁵, ou participam de atividades, acentua Marcellino (2002), ainda que, segundo o autor, haja uma lacuna quanto aos estudos que apresentem indicadores precisos de caracterização dos participantes das atividades recreativas e de lazer, extensivo a outros segmentos populacionais.

As barreiras de acesso ao lazer geram uma apropriação desigual deste por diferentes grupos, restringindo quantitativa e, sobretudo, qualitativamente o acesso à produção cultural. São as *barreiras interclasses sociais* – relacionadas ao fator econômico, que é determinante em aspectos que variam desde a distribuição do tempo disponível *entre* as classes sociais até as diferentes oportunidades de acesso à educação – e as *barreiras intraclasses sociais* – pautadas em uma série de fatores que inibem e dificultam a vivência do lazer, tornando-a um privilégio *dentro* de uma mesma classe social (Marcellino, 2002, p.24).

(...) a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o sexo, o acesso ao espaço, a questão da violência crescente nos grandes centros urbanos, entre outros fatores,

¹⁵ Nos termos de Marcellino (2002), refere-se ao espaço onde o lazer é desenvolvido; é específico quando concebidos para a prática das várias atividades de lazer (teatro, cinema, centro cultura, etc.) e não específico quando sugere um espaço não construído de modo particular para essa função.

limitam o lazer a uma minoria da população, principalmente se considerarmos a frequência na prática e na sua qualidade (Marcellino, 2002, p. 24).

Ainda que assegurado como um direito na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 (artigo 24º), bem como na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (artigo 6º), a legalidade da consecução do lazer encontra-se distante da realidade, principalmente por três fatores determinantes, na compreensão de Madsen (1999, p. 96): “(...) a falta de acesso, da maior parte da população ao lazer, (...) à pequena oferta de ações de educação para e pelo lazer e (...) à escassez de profissionais capacitados para o gerenciamento e a execução das atividades”.

A constatação de Madsen pode ser particularizada para a questão do lazer na velhice, também destacado no Estatuto do Idoso (Lei nº 10. 741 de 1º de outubro de 2003), no Capítulo V dos Direitos Fundamentais, que trata da Educação, Cultura, Esporte e Lazer, ou seja, o acesso, a oferta e o acompanhamento profissional são barreiras ainda existentes e que impactam na concepção do lazer como um direito social. Como explicam Gomes e Isayama (2008) isto significa, por exemplo, assumir a responsabilidade de ampliar o acesso das pessoas às manifestações lúdicas da nossa cultura: festas, passeios, espetáculos, viagens, esportes, jogos, brincadeiras, oficinas, artesanato, trabalhos manuais e diversas formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), entre inúmeras outras possibilidades que podem proporcionar valiosos benefícios, especialmente na velhice.

Neste contexto, se há um descompasso no provimento desses fatores determinantes como ação de políticas públicas, os mais diversos empreendimentos privados na área vão se fortalecendo em quantidade e diversidade e “(...) mesmo não satisfazendo as necessidades humanas criam novas” (Rodrigues, 2003, p. 1).

Na ótica de Marcellino *et al.* (2007), no caso dos equipamentos de lazer, dos espaços de convívio, parece haver uma tendência à privatização, na qual, os espaços, inclusive as áreas verdes e o lazer propriamente dito tornaram-se “mercadorias”. Desta forma, “quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha, pelo ar puro, pela água, fica excluído do gozo desses bens que deveriam ser públicos porque essenciais” (Santos, 2007, p. 64).

Outra perspectiva diz respeito ao aumento do consumo cultural em domicílio e sua relação

com a diminuição de preços de equipamentos eletrônicos e às dificuldades e ameaças do viver em grandes conglomerados urbanos. A pesquisa “O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo” (2005), realizada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM)¹⁶ que buscou reconhecer as opções feitas pelos habitantes envolvendo aquilo que se pode chamar de práticas culturais, tanto do ponto de vista das manifestações eruditas quanto populares, revelou um quadro de grande desigualdade no acesso à cultura pela população investigada (Botelho; Fiore, 2005).

Pelos resultados da pesquisa, quanto mais afastado do centro da cidade o indivíduo estiver, menor é a incidência de práticas culturais; há um predomínio das atividades realizadas em casa (domiciliares) sobre aquelas que exigem deslocamento (externas).

(...) o desequilíbrio urbano exige uma reinvenção de laços sociais e culturais e, nesse sentido, o papel que as redes de telecomunicações cumprem com relação ao preenchimento do tempo livre da população é absolutamente expressivo. Nesse sentido, o consumo televisivo compensa a desarticulação da cidade e sua gradual descentralização, fazendo com que seja impossível se tratar da questão dos consumos culturais sem considerar os esquemas de substituição que são feitos pela população. Neste caso, a televisão é o principal meio encontrado para se compensar a falta de equipamentos culturais descentralizados e equilibradamente distribuídos pela cidade, principalmente se considerarmos que ela não exige códigos culturais elaborados (Botelho, 2005, p. 16).

Na análise de Botelho (s/d, p.16-17), o fato é que se tem verificado um princípio básico na organização dos comportamentos: “a vida urbana se reduz ao mínimo possível e se liga fundamentalmente às obrigações de trabalho. Enquanto para o tempo livre – descanso, recreação e consumo cultural – se prefere a intimidade doméstica, os encontros familiares e as formas seletivas de sociabilidade”. Neste sentido, cada vez mais o tempo livre está unido ao espaço doméstico, e o uso da cidade está conexo ao tempo do trabalho, analisa.

Outro destaque que permite refletir acerca desta ponderação remete à pesquisa conduzida pela Fundação Perseu Abramo/FPA, em 2007, denominada “Idosos no Brasil: vivências, desafios

¹⁶ CEM, instituição – criada em 2000 em iniciativa do CEBRAP, da Fundação Seade, do SESC e unidades da USP e financiada pela Fapesp, CNPq e Ministério da Ciência e Tecnologia – organiza seus trabalhos em três linhas de ação – Pesquisa, Transferência e Difusão, conjugando produção de conhecimento avançado na área das Ciências Humanas.

e expectativas na 3ª idade”¹⁷, que ouviu de velhos e velhas como estes se sentiam a respeito de sua idade e de sua inserção na sociedade. *Tempo livre e lazer* compuseram o item *Demandas setoriais* juntamente com saúde, acessibilidades, educação, formação, informação, aposentadoria e atividades físicas (Neri, 2007).

As atividades preferidas quando da disponibilidade de algum *tempo livre*, fora das obrigações, desenvolvidas dentro de casa alcançaram o percentual mais elevado (72%) em relação às atividades fora de casa (48%). Quando a questão pontua o que gostariam de fazer se pudessem decidir livremente sem preocupação com qualquer problema, as escolhas para o tempo livre, em uma inversão das respostas, recaem sobre o desejo de realizar atividades fora de casa (59%) em relação ao ambiente doméstico (32%).

Aqui, a falta de dinheiro e a falta de saúde são as barreiras de maior destaque para a prática do *lazer*, sobressaindo-se, entre as atividades, assistir TV como uma prática quase unânime entre os velhos brasileiros (93%). Ouvir rádio correspondeu ao lazer de 80% desses velhos e cuidar de plantas é prática de cerca de dois terços deles (63%) e mais realizada entre as mulheres (72%, contra 52% entre os homens). Cerca de metade dos entrevistados tem o hábito de ler (52%) e 43% cuidam de animais. Outras atividades como cantar, jogar (dominó, cartas ou xadrez), ou mesmo as atividades manuais como bordado e tricô mobilizam ainda parcela razoável dos velhos (23%, 19% e 16%, respectivamente), sendo a prática do canto e das atividades manuais acentuada entre as mulheres, enquanto os jogos são mais praticados pelos homens (Fundação Perseu Abramo/FPA, 2007).

Para Doll (2007) o lazer como um simples passatempo deixa um provável sentimento de vazio, por isso ressalta que as atividades desenvolvidas por velhos e velhas precisam ter significado vital, o que depende de fatores como a biografia e as condições de vida individuais. Neste sentido, para que uma atividade ou conteúdo seja significativo, ele precisa ter algum vínculo com a identidade da pessoa: profissão, biografia, metas, ideais, valores. Situa ainda que estudos sociológicos analisam a influência de fatores como escolarização, classe social, idade,

¹⁷ Pesquisa realizada em parceria com o SESC Nacional e SESC São Paulo em abril de 2006, com resultados apurados, via questionários, junto a 3.744 brasileiros, em amostra estratificada de 2.136 entrevistas com pessoas de 60 anos e mais de idade e 1.608 com o restante da população (16 a 59 anos), dispersa nas áreas urbanas de 204 municípios (pequenos, médios e grandes), em 25 Unidades Federativas, nas cinco macrorregiões do país.

espaço urbano ou rural, estado civil, nacionalidade, profissão, saúde, gênero e recursos financeiros sobre a escolha e a prática e sobre a rejeição de determinado tipo de lazer.

Na descrição e análise do uso do tempo na velhice, Doimo, Derntl e Lago (2008) investigaram o cotidiano de 75 (setenta e cinco) mulheres velhas residentes na cidade de São Paulo focando os contextos físico e social de suas atividades diárias. Como resultado, verificaram que a grande parte do tempo em geral destinou-se às atividades obrigatórias (atividades domésticas e de cuidados pessoais) e a maior proporção do tempo livre destinou-se ao lazer passivo, caracterizado na ação de assistir televisão. O uso do tempo livre com lazer passivo pode significar, na visão das pesquisadoras, uma circunstância em que a solidão e falta de motivação pode evidenciar insatisfação com aspectos de suas vidas com o direcionamento de experiências cotidianas para atividades pouco exigentes e dinâmicas.

O estudo de Bacha e Strehlau (2010, p. 226) que objetivou identificar as atividades de lazer às quais 1.400 pessoas de 60 anos e mais residentes no município de São Paulo se dedicavam com maior frequência e compará-las quanto à incidência em diferentes agrupamentos socioeconômicos (classes AB e CD), descreveu, como principais resultados a heterogeneidade de comportamento dos grupos evidenciada em 5 (cinco) categorias (senhoras ativas, senhoras enclausuradas, idoso cotidiano, senhor social e senhor tranquilo) e as dimensões de consumo de lazer interclasses. No geral, enfatizaram que as práticas de lazer circunscrevem-se em casa e vizinhanças, destacando-se as atividades como “assistir a TV, orar, ouvir rádio, ouvir música, predominantemente artísticas, manuais e sociais, familiares, religiosas e comunitárias ou hedônicas e instrutivas”. Tais práticas são caracterizadas pelas autoras como rotineiras (algumas, passivas) e também que as condições econômicas e de escolaridade, em geral, são limitantes de escolhas e inibidoras de impulsos.

O fato de que os velhos são o segmento da população que mais assiste televisão, sendo essa sua principal forma de lazer, foi a conclusão da pesquisa realizada por Acosta-Orjuela (2001), demonstrando que, de modo geral, a opinião favorável sobre a qualidade e a aceitação de conteúdos das programações significou alta afinidade com o veículo e a indicação deste como a sua principal fonte de informação e entretenimento. Importa considerar aqui que a atividade de

lazer em si mesma não é passiva ou ativa; a atitude que o indivíduo assume diante do lazer é que o define como ativo ou passivo, assinala Dumazedier (1980).

Assim, tanto a prática, como o consumo, poderão ser ativos ou passivos, dependendo de níveis de participação da pessoa envolvida: níveis *elementar*, caracterizado pelo conformismo; *médio*, onde prepondera a criticidade; e *superior* ou *inventivo*, quando impera a criatividade. Um espectador ativo teria como características a seletividade, a sensibilidade, a compreensão, a apreciação e a explicação. [...] é importante salientar que a simples prática não significa participação, assim como nem todo “consumo” corresponde necessariamente à passividade (Marcellino, 2002, p.20).

O panorama traçado traz muito de um ritmo centrado e problematizado a partir de uma velhice urbana, o que se contrapõe à realidade de um fato que é também mundial, posto que o envelhecimento rural não tem recebido atenção suficiente enquanto linha de pesquisa, conforme defende, por exemplo, a *International Network on Rural Ageing (INRA)*/Rede Internacional sobre o Envelhecimento Rural¹⁸. Desta forma, sustentam que, embora a pesquisa sobre velhos em áreas rurais seja de interesse gerontológico há algum tempo, o envelhecimento rural ainda não se estabeleceu como um campo de estudos relevante para a Gerontologia.

Nesta perspectiva, existem grandes lacunas quanto à geração de conhecimentos envolvendo a multidimensionalidade do envelhecimento rural, que favorecem questionamentos e debates para contribuições voltadas à consciência científica e prática e compreensão dos comportamentos complexos e interativos econômicos, culturais, sociais e de saúde da população rural mais velha (INRA, 2012). Para fins desta investigação, estas considerações são também admitidas como relevantes para o posicionamento dos estudos do lazer perante a ampliação da base conceitual e empírica dos conhecimentos acerca da vida de velhos em comunidades rurais. A reflexão, assim, vai ao encontro da concepção de que não existe um único paradigma do

¹⁸ Rede de composição multidisciplinar, criada em abril de 2012 por pesquisadores internacionais, partindo do mapeamento de questões de pesquisa fundamentais sobre envelhecimento rural e os desafios que os pesquisadores enfrentam para abordar estas questões. Os participantes reconheceram que havia uma necessidade de priorizar o tema rural/ruralidades em debates, estudo e agendas de pesquisas sobre o envelhecimento, estabelecendo, via rede, conexão entre iniciativas sobre este campo de investigação. A Rede representa o primeiro de uma série de passos que são necessários para (re)posicionar envelhecimento rural como um importante campo de estudo dentro da área gerontológica e outras relacionadas às Ciências Sociais. (International Association of Gerontology and Geriatrics/IAGG, 2012).

envelhecimento e da velhice, posto que aludam a uma realidade multifacetada, permitindo que os temas do tempo livre e do lazer se conectem a esse universo.

Diante desta exposição, é útil destacar, finalmente, que a pesquisa foi estruturada em quatro capítulos, além desta *Introdução* e das *Considerações Finais*. Assim, no *Capítulo 1 – Cenários do Mundo Rural* abordamos a questão do tempo livre e do lazer no espaço rural, onde a velhice é inserida como categoria norteadora da discussão. Neste capítulo destaco ainda a trajetória metodológica do estudo. No *Capítulo 2 - Velhos e Velhice num Universo Rural em Transformação* o que está em questão é a apresentação da Barreirinhas dos Lençóis Maranhenses e das comunidades de Mandacaru e Mamede na perspectiva da caracterização desses lugares em torno da vida de seus residentes e o turismo desenvolvido na região. A apresentação de tal panorama é sucedida por pontuações gerais acerca do tempo livre e do lazer da velhice que descortina os *portraits* de cada um dos sujeitos que contribuíram com o estudo.

O universo das rotinas de tempo livre e as expressões do lazer dos velhos rurais revela-se no *Capítulo 3 – Vivências de Tempo Livre e Lazer entre Espaços e Motivações* – já na voz dos interlocutores para se delinear de forma mais detalhada o espectro do tempo livre expressado na vida dos interlocutores. O *Capítulo 4 - O Lazer da Velhice Rural entre Realidades Vividas e Narradas* trata das digressões sobre os divertimentos e os sentidos e significados de envelhecer em contexto rural de lazer turístico.

Nas *Considerações Finais* retomamos pontos principais da investigação e sintetizo seus resultados mais significativos sob a perspectiva dos objetivos propostos. Apontamos algumas análises que não esgotam, em nenhuma hipótese, as questões que se pretendeu discutir, mas que se espera, possam somar e contribuir com outros estudos nesta área.



CAPÍTULO 1

CENÁRIOS DO MUNDO RURAL

1.1 Contornos do tempo livre e do lazer na velhice

A imagem do rural. A imagem da velhice no rural. Essas duas expressões são, inicialmente, detonadoras de um imaginário que costurou por muito tempo um pensamento romancado presente em muitas gerações e que também cultivamos. A primeira imagem, ligada ao bucolismo dos romances de Jane Austen¹⁹ com seus cenários campestres, cotidianos e relações da sociedade inglesa do século XIX: natureza, quintas, festas, heróis e heroínas, intrigas, paixões e amores transitando em meio a romances e embates de *status* social.

A segunda, guiada pela representação da cadência temporal das crenças/mitos do que seria envelhecer no interior, tal como demarcado em contextos específicos como o português e o mexicano: os velhos das áreas rurais não necessitam de muitos serviços assistenciais; vivem felizes devido às poucas preocupações que esta situação implica; têm elevados níveis de saúde e satisfação; embora não sejam ricos, conseguem suprir suas necessidades de forma confortável porque os custos de vida no campo são mais baixos; nestes contextos existem fortes laços familiares que os cercam de amor e cuidados apropriados; e, de que estão mais integrados e, portanto, têm suas necessidades mais asseguradas (Palácios, 2007; Krouts e Coward, 1998). Um imaginário do qual compartilhávamos.

(...) crenças muito distantes da realidade. As populações rurais debatem-se com inúmeras necessidades não preenchidas, como a ausência de serviços sociais, de saúde e de transportes, apresentam dificuldades econômicas evidentes para acender a serviços e equipamentos afastados da sua zona residencial, e a migração do mundo rural para zonas urbanas despovoou as comunidades e afastou potenciais prestadores de cuidados familiares. Isso faz com que haja, freqüentemente, uma dupla ou tripla sobrecarga de condições de idoso, ou seja, vive-se em zonas fracamente povoadas e com poucos recursos, a que se associam ainda por vezes problemas de saúde, de baixos rendimentos e de solidão. (...) A vida dos idosos rurais é francamente menos idílica do que gostaríamos de supor (Fonseca *et al*, 2005, p. 99).

Pensar essa velhice rural conectada às categorias tempo livre e lazer constituiu verdadeiro desafio, uma vez que estudos pautados em questões que dão destaque ao envelhecimento no meio rural têm afluído para a temática da aposentadoria e seus efeitos no sistema previdenciário (Gusmão e Alcântara, 2008) e aquelas que discutem a temática do lazer enquadram a atividade turística mais expressivamente (Campanhola e Silva, 2002; Silva, Grossi e Campanhola, 2002).

¹⁹ Escritora inglesa que viveu no século XIX e destacou-se por abordar, em suas obras, o cotidiano da sociedade conservadora da Inglaterra rural.

(...) nos estudos acadêmicos brasileiros, o rural entra em cena em termos das transformações das relações de produção voltadas para a exploração intensiva do campo, das novas metas do capital agrário etc. Quando, nesses estudos, a velhice aparece como realidade, privilegia-se como tema a aposentadoria rural, decorrente do antigo Funrural e políticas atuais conexas (Pronaf e outras), buscando apreender os impactos no sistema previdenciário, os desafios para a economia e os entraves que acompanham tais políticas para o modelo de desenvolvimento e modernização do campo. Com raras exceções, discute-se a dimensão das mudanças que o benefício da aposentadoria, dada sua dimensão pecuniária, causa nas relações familiares, principalmente, no contexto da produção familiar com pouco ou nenhum excedente destinado ao mercado e com alto índice de migração, temporária ou não, das gerações mais jovens (Gusmão e Alcântara, 2008, p. 158).

No artigo “O Lazer e o Novo Rural” é traçado um panorama do turismo rural²⁰ em termos conceituais e sob a perspectiva das alterações das taxas das ocupações da população rural brasileira em atividades agrícolas e não agrícolas, a partir de dados das PNAD’s. Destaca-se o crescimento destas últimas em relação ao declínio das primeiras, enfatizando ainda que “essa constatação chama atenção para essas novas atividades não agrícolas que estão se desenvolvendo no meio rural brasileiro, dentre elas o turismo rural” (Campanhola e Silva, 2002, p. 04).

Ainda assim, mesmo sem focar especificamente a questão central em discussão, alguns estudos trouxeram contribuições que ajudaram a configurar um quadro geral sobre temporalidades, cenários e contornos do tempo livre, lazer e velhice no espaço rural e que nos auxiliou a dialogar com os resultados da experiência da pesquisa de campo desenvolvida para este trabalho.

Nesta perspectiva, a experiência de envelhecer assume um caráter relacional dependente da posição que os sujeitos velhos detêm no sistema social ao qual pertencem e ao contexto específico da sociedade em que vivem, nos esclarecem Woortmann e Woortmann (1999). No estudo “Velhos Camponeses”, no qual os pesquisadores analisaram a condição de velho de sitiantes do Nordeste e de colonos no Sul do Brasil, os impactos da aposentadoria rural na situação do velho são sentidos também nas atividades e experiências de lazer. Para além das representações e relações do ser velho nas sociedades camponesas tradicionais no âmbito da família, trabalho e saúde, a abordagem dos autores revela que a renda fixa do velho aposentado que impacta na sobrevivência e na melhoria da qualidade de vida de toda a família, favorece

²⁰ Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade (BRASIL, 2003, p. 11).

ainda a dimensão do lazer, revelando uma questão de gênero e um destaque do conteúdo turístico:

É a partir da aposentadoria que muitos velhos, mormente mulheres, redefinem suas vidas. O novo rendimento não apenas compensa o rendimento decrescente do trabalho ao longo do envelhecimento, mas gera um “excedente” que permite um lazer socialmente legítimo. É quando os velhos passam a participar de excursões turísticas para “pela primeira vez na vida botar o pé no mar”, conhecer a capital do Estado, dormir num hotel, viajar de ônibus com outros membros de seu grupo de idade (Woortmann e Woortmann, 1999).

Na análise de Farcy (2001), a integração progressiva dos campos na economia mercantil, que o desenvolvimento das comunicações tornou possível, tem consequências que se fazem sentir, direta ou indiretamente, no uso do tempo livre, permitindo uma abertura aos padrões citadinos do lazer e apontando que a tendência geral de melhoria do nível de vida modifica o uso dos tempos livres. Outro ponto de destaque remete ao impacto simbólico que o recebimento do benefício regular pelas mulheres representa, favorecendo a abertura de conta e cartão bancário, procedimentos que significaram ainda um aumento da sua capacidade decisória, bem como o seu poder pessoal no contexto familiar (Silva, E. R. A., 2000).

Estudos que vêm ponderando acerca da participação dos beneficiários da previdência rural nas despesas familiares, especificamente quanto à estrutura dos gastos, apontam, a partir de dados referentes às regiões brasileiras, por exemplo, que gastos com “consumo representam perto de 79% das despesas no Sul e quase 95% no Nordeste, incluindo-se aí os gastos com alimentação e higiene, transporte, saúde, educação, vestuário e calçados, habitação, serviços pessoais e recreação” (Delgado e Cardoso Júnior, 2000).

A partir de estudos de caso para a compreensão dos impactos da política de previdência social no meio rural gaúcho, Biolchi (2002) referenda a importância dos benefícios previdenciários e destaca a contribuição destes recursos também para as novas atividades de lazer no contexto dos grupos de “terceira idade”:

Os integrantes desses grupos contribuem mensalmente com um determinado valor e encontram-se geralmente duas vezes por semana, tendo direito a participar de várias atividades que são realizadas como passeios, viagens, festas, bailes, encontros com grupos de outras comunidades, etc. A participação nesses grupos de terceira idade ainda mostra-se tímida nos dois municípios pesquisados, havendo maior adesão às atividades por parte das mulheres. É importante destacar que a maior parte desses beneficiários

trabalharam arduamente na atividade rural durante toda a vida e somente depois de aposentados estão tendo a oportunidade de divertimento. Além disso, o fato de conhecerem novos lugares, como por exemplo cidades turísticas, praias e participarem das atividades que são desenvolvidas torna-se um acontecimento inédito para a maioria, podendo traduzir-se em uma nova forma de sociabilidade (Biolchi, 2002, 112-113).

A representação de tal situação é compreendida, segundo Biolchi, como um reforço à inclusão social dos aposentados em suas comunidades que, para além da questão da independência financeira, acena para oportunidades de desenvolvimento de atividades anteriormente não experimentadas, à exemplo da participação em agremiações e suas facilidades de “(...) diversão, lazer, sociabilidade, viagens e cultura (...). Desta forma, pode-se dizer que a ampliação dos direitos previdenciários aos trabalhadores rurais também proporciona mudanças na vida dos beneficiários, de forma que não se pode levar em consideração apenas os aspectos econômicos e financeiros quando se avalia o impacto das aposentadorias no meio rural”.

Importante destacar ainda, que a referência feita por Woortmann e Woortmann (1999) traz elementos que sinalizam para a questão dos interesses do lazer, não expandindo a informação para uma discussão à luz do assunto do tempo livre. Do ponto de vista empírico, tal discussão tem realmente convergido para essa característica. Ao longo do desenvolvimento deste estudo e especificamente para a composição deste capítulo as investigações teóricas sobre *tempo livre*, *lazer* e *velhice no espaço rural* retornaram, em sua maioria – e sem entrar no mérito do grau de aprofundamento da temática quanto ao foco específico corresponder ou não à relação entre tais categorias – resultados de pesquisas que enfatizaram os interesses e a frequência da ocupação do tempo livre com atividades de lazer.

É desta forma que buscamos, a partir de levantamento bibliográfico e da leitura de trabalhos que atentaram para a velhice rural, dar relevo às possíveis ponderações sobre a questão do lazer. Deste exercício situamos o estudo de Caldas e Anjos (s/d, p.13) acerca do impacto da previdência social na viabilização da agricultura familiar e como instrumento da dinâmica das atividades econômicas da localidade de Salvador das Missões, no Rio Grande do Sul. Os autores abrem espaço para destacar que os recursos previdenciários vêm contribuindo para a melhoria das condições de vida e na manutenção das famílias no meio rural, com impactos na autoestima na velhice, ao que exemplificam a partir da organização de “Grupos da Terceira Idade”: “no município de Salvador das Missões em cada uma das comunidades existe um grupo desta

natureza. (...) idosos (homens e mulheres) reúnem-se para jogar cartas, boliche, etc., ou seja, as ‘aposentadorias’ também proporcionam lazer aos idosos”.

Ao buscar compreender como mulheres idosas construíam suas experiências de viuvez (ser viúva) no meio rural, Buaes (2005) apreendeu nos relatos vivências de lazer cruzadas na rotina familiar. São lazeres determinados por dois imperativos: o limite doméstico e a dependência dos homens. A permanência no âmbito privado da casa se opunha ao hábito, entre os esposos, dos encontros no espaço público da bodega para beber e jogar; a ida aos bailes e à igreja eram atividades conjuntas do casal, escolhidas segundo a vontade do homem. Como contraponto e a partir da situação de viuvez, sobretudo, a autora vai destacar a construção e a participação dessas mulheres em espaço público exclusivo para as suas interações e de produção de identidades, qual seja, o grupo de convivência; este chega alicerçado em fatores pontuados como as mudanças no ser mulher no contexto rural e os discursos contemporâneos acerca do envelhecimento.

Criticando o fato de a maior parte das pesquisas sobre a contribuição do velho na renda familiar referir-se a contextos urbanos e à ausência de mais estudos que contemplem os aposentados rurais, Tavares (2011) investigou a percepção de velhos rurais aposentados, bem como de suas famílias, sobre a participação dos rendimentos previdenciários na administração dos recursos materiais e humanos da família rural, além de suas implicações na qualidade de vida de ambos. Nesta análise, a autora ponderou a questão do lazer entre os velhos, estabelecendo percentuais quanto às oportunidades de lazer; dos 65 (sessenta e cinco) entrevistados, 29,2% revelaram ter muito pouca oportunidade de experiências de lazer; 27,7%, mais ou menos; 21,5%, nada; 18,55% muito e 3,1% anunciaram ter completamente. Contudo, há que se considerar que o significado de lazer foi associado ao fato de *poder fazer o que quiser e ir onde quiser* e não da participação em atividades em horários específicos de tempo livre.

Ao tomar como objeto a relação lazer – ruralidades em estudo conduzido junto a moradores de comunidade rural do município de Presidentes Bernardes/Zona da Mata mineira, Alves (2009) faz referência a uma diversidade de práticas e representações de lazer que perpassam as relações de gênero e de gerações, situando o envolvimento de homens velhos em

distrações como a frequência ao barzinho para o forró e o hábito de sentarem-se em bancos sob árvores para a contação de casos e acompanhamento do movimento público.

Em Tonezer (2009), a análise das mudanças ocorridas nas situações de vida da população de idosos rurais de Santana da Boa Vista (RS), a partir dos benefícios previdenciários permitiu constatar uma situação de maior número de homens, alta incidência de mulheres viúvas e baixa escolaridade entre os investigados. Também destacou a ocorrência de grupos de idosos em encontros intergeracionais com atividades de dança, viagens e exercícios físicos.

O uso do tempo livre por pessoas de 80 anos e mais voltado ao acesso e a prática de atividades de lazer foram caracterizados como *mais restritos* no estudo sobre *envelhecimento rural e condições de vida, saúde e apoio a idosos mais velhos* conduzido por Moraes (2007). O destaque maior é dado ao rádio como a preferência de homens e mulheres, pois ele serve também como meio de comunicação entre o campo e a cidade e, ainda por não necessitar de energia elétrica. A autora cita ainda que passeios e visitas foram relatados, estabelecendo relação direta com o bem-estar e o envelhecimento ativo.

A caracterização das condições de vida e saúde de idosos do meio rural de Arambaré (RS) feita por Silva (2005), envolvendo concepções de envelhecimento e qualidade de vida por meio de enfoque sociodemográfico e epidemiológico evidenciou a precariedade do modo de vida dos sujeitos como baixa escolaridade, renda familiar reduzida e condições sanitárias deficitárias. Nas atividades de lazer, ou de tempo disponível, as preferências de mais da metade dos velhos foram assistir televisão e ouvir rádio e música. A falta de opção de outros tipos de lazer na área rural como grupos e associações revelou, segundo o autor, a pouca alternativa de ocupação para o tempo disponível desses velhos. Assistir televisão, ouvir rádio, ouvir música, realizar trabalhos manuais, passear, dormir, pescar, ler constituíram a frequência das atividades realizadas, hierarquicamente.

Na perspectiva do olhar empírico, que se ampara também na discussão até aqui encaminhada, recordamos os aspectos que nortearam os objetivos desta tese sob o indicativo geral da análise das rotinas de tempo livre e experiências de lazer expressas nos modos de vida da velhice rural. Para responder a todas as indagações foi necessário penetrar num universo rural

singular situado na região dos Lençóis Maranhenses e estabelecer os contornos da investigação em torno de uma pesquisa qualitativa.

1.2 Aspectos Metodológicos

Este trabalho é de natureza qualitativa, de caráter descritivo e exploratório²¹ no qual privilegamos o detalhamento de significados e características das situações apresentadas pelos entrevistados, verificada na compreensão e interpretação de suas respostas; portanto, buscamos investigar o significado, a vivência e a experiência de 30 (trinta) velhos e velhas sobre o fenômeno definido para o estudo: o espectro de seus tempos livre/seus tempos livres e seus lazeres. Um ponto que destacamos é que o uso do termo *lazer* não foi muito oportuno para a interlocução estabelecida com os sujeitos, posto à dificuldade de compreensão do termo, razão pela qual utilizamos ao longo das entrevistas os termos divertir/diversão²², no sentido de divertimento, entretenimento e distração, com base nos quais subsidiamos este debate para a compreensão do lazer na velhice rural.

Por sua vez, um estudo de caráter qualitativo pode ser desenvolvido a partir de variadas proposições. Contudo, todos eles têm em comum certos pontos fundamentais: o ambiente natural constitui a fonte dos dados; a análise dos dados é indutiva e atenta para as singularidades; o estudo focaliza a perspectiva do participante e os seus significados; o texto (a palavra) é o objeto de trabalho com base no qual se executa a análise empírica; o investigador desempenha papel decisivo na produção do conhecimento; as relações entre investigador e participantes estão sempre presentes nos resultados da investigação (Flick, 2002). Como valida Minayo (1994, p. 21-22),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos

²¹ Richardson (1999, p. 66) diz que os estudos descritivos vinculam-se ao propósito de se descrever as características de um fenômeno e os estudos exploratórios quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer o fenômeno.

²² Diversão, do latim *diversione*, significando mudança de direção para uma e outra parte; desvio, diversionismo; divertimento, entretenimento, distração (Dicionário Aurélio – Século XXI, 2000). Segundo Rosa (2004), a palavra é datada do século XVII.

fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994, p. 21-22).

Por tais características, a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com a realidade que não pode ser quantificada e corresponde a um espaço mais profundo das relações, trabalhando com os significados. Nos termos de Cruz Neto (1994, p. 51), “na pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”.

Sob este olhar, inicialmente, foi realizada a etapa de revisão bibliográfica com base em fontes de dados impressas e digitais, objetivando acessar conteúdos de referência relacionados ao tema de estudo, compreender o estado de arte e a construção da fundamentação teórica da pesquisa. “A fundamentação teórica se revela como a base para podermos olhar os dados dentro de um quadro de referências que nos permite ir além do que simplesmente está sendo mostrado”, vai lembrar Cruz Neto (1994, p. 61).

Na fase da pesquisa de campo, estava em jogo, o desvelar do contexto do lazer, a partir das rotinas de tempo livre dos sujeitos situados histórica e socialmente, considerando os objetivos propostos. Para sua operacionalização trabalhamos na coleta das entrevistas e, posteriormente, iniciamos o processo de tratamento, organização e análise do material. Para tanto, o trabalho de audição e transcrição foi realizado atentamente, posto que, no dizer de Silverman (2009, p. 191) “não deve ser entendido que a preparação das transcrições é simplesmente um detalhe técnico anteriormente à tarefa principal de análise”.

O autor lembra ainda que a produção e o uso das transcrições são, em essência, atividades de pesquisa. Envolve a escuta cuidadosa e repetida dos registros, o que, com frequência, revela características recorrentes previamente não notadas da organização da fala (Silverman, 2009). Desta forma, os áudios das discussões foram captados e transcritos literalmente, incluindo pausas, entonações, entre outras manifestações.

Na sequência, foram seguidas as orientações propostas por Bardin (2009) e Minayo (1999) para análise de conteúdo temático, quais sejam: *pré-análise*, *exploração do material* e

tratamento, inferência e interpretação dos resultados. Para Gomes (1994, p. 74), a análise de conteúdo, “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”, constitui-se na análise de informações sobre o comportamento humano, possibilitando uma aplicação bastante variada, remetendo a duas funções básicas: verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos. Nesta perspectiva, organizamos:

- 1) *Pré-análise* – é a organização propriamente dita, correspondendo a uma fase de operacionalização e sistematização das ideias iniciais que conduza a um esquema analítico dos dados; constituiu-se no tratamento da informação contida nos textos transcritos e teve como objetivo visualização de núcleos de sentido. Aqui a realização da chamada leitura flutuante, significou o primeiro contato com o material de análise, seguida da sua demarcação para a constituição do *corpus*, "conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos" (Bardin, 2009, p. 121).
- 2) *Exploração do material* – nesta fase, uma operação classificatória que possibilitou a constituição de categorias representativas do texto transcrito, com identificação e destaque, em cada entrevista, de expressões-chave recorrentes e representativas do conteúdo das falas dos sujeitos; aqui o material foi submetido a um "processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo", como ensina Bardin (2009, p. 127).
- 3) *Tratamento dos resultados, inferência e interpretação* – etapa reflexiva e crítica, permitindo o aprofundamento da análise diante dos resultados brutos adquiridos nas etapas anteriores, visando torná-los significativos e válidos para a proposição de inferências e interpretações, conforme a definição dos objetivos, ou ainda que suscitem novas descobertas.

Ampliando a informação sobre os sujeitos protagonistas deste estudo, importa explicitar que são homens e mulheres com idade de 60 anos e mais, residentes nas comunidades rurais de Mandacaru e Mamede, município maranhense de Barreirinhas. Para ter acesso a esses sujeitos e estabelecer um canal de apresentação-comunicação que gerasse a aproximação necessária à

coleta das informações investimos na idéia de rede (Figura 5); mais especificamente, a nossa rede de relacionamentos, ou seja, indivíduos ou grupos com as quais mantemos contato e que de alguma maneira poderiam auxiliar.

Recorremos, então, a colegas profissionais da área de Turismo e que trabalham em Barreirinhas; gente de ONG's, secretarias de turismo e empresários. Por meio desses profissionais organizamos toda a dinâmica da pesquisa de campo: local para ficar; acesso e (re)conhecimento das comunidades rurais; contatos com residentes, aproximação e incorporação de sujeitos ao estudo.



Mandacaru		Mamede	
Abílio	Firmina	Manoel	Camélia
Benedito	Carlota	Cristóvão	Dinorá
Francisco	Filomena	Severino	Antonieta
Joaquim	Luzia	Antenor	Esmeralda
Vicente	Gertrudes	Venceslau	Natividade
Euclides	Josefina	Américo	-
Nestor	Creuza	-	-
Osório	Rosa	-	-
Tenório	-	-	-
Isidoro	-	-	-
Olegário	-	-	-

Figura 7 – Esquema ilustrado da rede de pesquisa
Fonte: autoria própria – Imagem: Internet

As 30 (trinta) entrevistas, com duração média de 1h e realizadas nas residências dos depoentes, obedeceram a um roteiro semiestruturado²³ (apêndice 1) distribuído em 5 (cinco) temáticas, por sua vez detalhadas cada uma na orientação realizada pela pesquisadora:

- (1) Dados socioeconômicos e hábitos de vida e saúde;
- (2) Relações sociais familiares e extrafamiliares;
- (3) Velhice e trajetória no espaço rural;
- (4) Rotinas de tempo livre e lazer;

²³ Conforme Deslandes (1994, p. 43), “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade”, contudo, Minayo (1999), lembra que os indivíduos sociais precisam estar vinculados o mais significativamente possível ao problema de estudo.

- (5) Velhice e vivência no espaço rural: percepções do lazer (turístico).

Destacamos que a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada em pesquisas qualitativas; “é bastante adequada para obtenção de informação acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”, segundo Sellitz *et al* (1974) citados por Gil (1987, p. 113). O uso do roteiro de entrevista semiestruturado como instrumento de coleta de dados permite, nos termos de Minayo (1994), captar a informação desejada, além de possibilitar ao entrevistado liberdade e espontaneidade para expressar-se sobre o tema.

O Diário de Campo foi utilizado como instrumento de registro das impressões acerca do ambiente e suas particularidades, bem como das características físicas, emocionais/psicológicas dos sujeitos entrevistados, aspectos não apontáveis no recurso da gravação, realizada por meio de gravador digital. Um banco fotográfico e de filmetes (vídeos de curta duração feitos em aparelho de telefone celular) foram feitos objetivando a captura de imagens e depoimentos dos sujeitos.

Todas as iniciativas diretamente relacionadas aos entrevistados foram amparadas por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 2), destacando-se a identidade acadêmica do estudo e a instituição de origem (Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas-SP). Alguns desses termos foram assinados por parentes diretos desses entrevistados, considerando a condição de analfabetos (Fotos 1 e 2).



Foto 1 - Assinatura de Termo de Consentimento (Mamede)

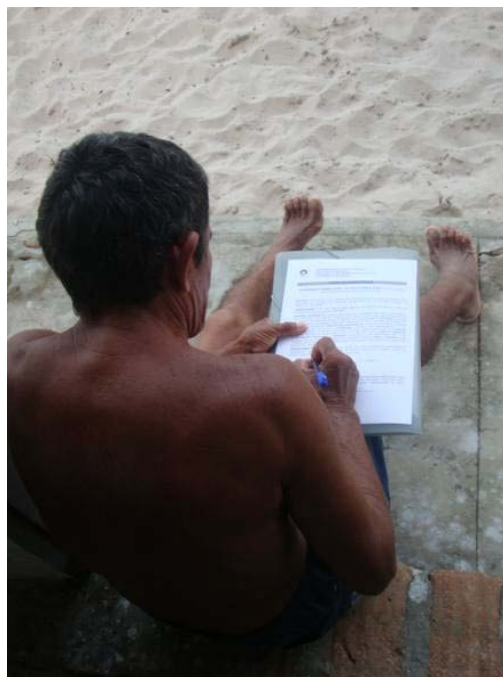


Foto 2 - Assinatura de Termo de Consentimento (Mandacaru)

Fonte: Acervo da autora, 2010

No Diário de Campo também foi registrada a rotina do trabalho de pesquisa²⁴, como, por exemplo, a saída de São Luís a chegada às comunidades (Foto 3) ou o encaminhamento de uma ou outra ação:

Saída de São Luís dia 16/03/2012 às 13h30min, com destino a barreirinhas. Chegada em Barreirinhas às 18h30min. Hospedagem na Pousada do Porto. Dia 17/03/12, saída para o povoado de Mamede às 11h30min; a viagem foi feita de carro fretado, pois houve falha de comunicação da parte do pessoal da agência, o que impossibilitou a viagem em carro de linha. Chegada em Mamede às 13h40min. Hospedagem na casa de Dona Dedé. Às 16h início as visitas. Dessa vez cópias impressas das fotografias foram levadas para presentear os colaboradores. Retorno às 21h40min para a casa de D. Dedé (Diário de Campo, março/2012) (Fotos 3, 4, 5 e 6).

²⁴ Durante o trabalho de campo, realizei 6 (seis) viagens ao município de Barreirinhas, sempre visitando as duas comunidades (Mandacaru e Mamede): janeiro, julho, novembro e dezembro de 2010; janeiro de 2011; março de 2012.



Foto 3: Trajeto ao Mamede em carro de linha



Foto 4: Chegando em Mamede



Fotos 5 e 6 - Entrega de fotografias em Mamede
Fonte: Acervo da autora, 2010

O encaminhamento de todas as etapas de investigação considerou a produção de um trabalho de campo, no qual o grande destaque foi, sobretudo, o contato e a colaboração dos 30 (trinta)²⁵ velhos e velhas de Mamede e Mandacaru, Barreirinhas.

Nas duas comunidades obtivemos a colaboração de 17 (dezessete) homens e 13 (treze) mulheres, sendo em Mandacaru 12 (doze) homens e 8 (oito) mulheres e, em Mamede, 5 (cinco)

²⁵ Para todos utilizei nomes fictícios, aspecto informado quando da coleta das entrevistas; tais nomes são sugestões de alunos do ensino médio do IFMA, onde trabalho; em uma aula, surgiu a menção ao que seria, na opinião da turma, nomes de pessoas jovens (Arthur, Larissa, Rafaela, Bianca, etc.) e nomes de pessoas velhas (Josefina, Gertrudes, Maria, Terezinha, Benedito, etc.). Faço aqui uso dos ditos *nomes de velhos* apontados por eles.

homens e 5 (cinco) mulheres. Deste grupo, apresentamos, na Tabela 1, uma caracterização geral e, para fins deste trabalho, destacamos, no Capítulo II, esses mesmo sujeitos em tabelas de referência (Tabelas 5 e 6) e seus *Portraits*.

Tabela 1 – Informações sociodemográficas dos sujeitos pesquisados

	Grupo (n° = 30)		
	Masculino (n° = 17)	Feminino (n° = 13)	Total
Procedência			
- Mamede	6	5	11
- Mandacaru	11	8	19
Idade			
- 60 a 64 anos	3	4	7
- 65 a 69 anos	7	5	12
- 70 a 74 anos	1	1	2
- 75 a 79 anos	3	1	4
- 80 anos e mais	3	2	5
Estado civil			
- Casado(a)/União estável	13	7	20
- Viúvo(a)	2	6	8
- Solteiro	2	--	2
Número de filhos			
- 0 a 4	5	4	9
- 5 a 9	6	3	9
- 10 e mais	6	6	12
Escolaridade			
- Analfabeto	11	7	18
- Alfabetizado	4	1	5
- Ensino Fundamental incompleto	1	2	3
- Ensino Fundamental (1ª a 4ª série)	--	3	3
- Ensino médio completo	1	--	1
Religião			
- Católica	14	8	22
- Protestante/Evangélica	3	4	7
- Sem religião	--	1	1
Profissão			
- Pescador	9	--	9
- Lavrador(a)	6	5	11
- Dona de casa	--	2	2
- Marisqueira	--	4	4
- Outra(s) (empregada doméstica; funcionário público; pedreiro)	2	2	4
Situação previdenciária			
- Aposentado(a)	16	9	25
- Pensionista	--	1	1
- Aposentado(a) e pensionista	1	3	4
Renda individual			
- 1 salário mínimo (s/m)	15	10	25
- 2 s/m	1	3	4
Renda familiar			
- 1 salário mínimo (s/m)	16	10	26

- 2 s/m	1	3	4
Tipo de moradia			
- Casa própria	16	13	29
- Quarto alugado	01	-	01
Condição de moradia			
- Chefe da casa	10	5	15
- Chefe da casa com o marido/esposa	7	7	14
- Chefe da casa é o filho	-	1	1
Gastos principais			
- Alimentação e medicamentos	12	8	20
- Alimentação	1	-	1
- Alimentação, medicamentos e outros (água, luz, roupas, eletrodomésticos, funerária, etc.)	4	5	9
Problemas de saúde			
- Ocorrências principais	Diabetes, hipertensão, reumatismo, insônia, reumatismo	Reumatismo, colesterol alto, problemas estomacais, enxaqueca	--
Avaliação geral da saúde			
- Boa	7	4	11
- Regular	9	8	17
- Ruim	1	1	2

Fonte: autoria própria, 2011



CAPÍTULO 2

VELHOS E VELHICE NUM UNIVERSO RURAL EM TRANSFORMAÇÃO

2.1 Barreirinhas dos Lençóis Maranhenses: vidas em movimento do Mandacaru ao Mamede

São Luís – Barreirinhas – São Luís... Este foi o roteiro, no Maranhão²⁶, por onde transitamos, entre idas e vindas por estradas, dunas e rio, ao longo de quase dois anos para a realização da pesquisa empírica. Mais especificamente...*Lençóis, Barreirinhas, Mandacaru, Mamede...*(Figuras 8 e 9) ambientes que buscamos aqui revelar, na intenção de trazer para o leitor uma caracterização que ajude a construir, sequencialmente e restritas às suas referencialidades, impressões... Impressões, no sentido kantiano, “daquilo de que tomamos conhecimento, estruturado pelos sentidos, competindo à imaginação a síntese das experiências perceptíveis ao construir imagens mentais para essas “impressões”” (Ceia, 2011, s/p).



Figura 8

Mapa do Estado do Maranhão, com município de Barreirinhas em destaque.

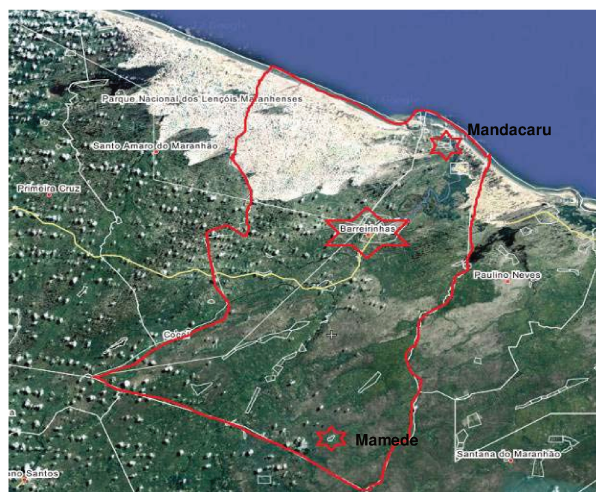


Figura 9

Imagem do município de Barreirinhas e comunidades de pesquisa em destaque.

Barreirinhas é um destino turístico²⁷. Juntamente com a capital, São Luís, representa o grande destaque do turismo maranhense, presente em todas as campanhas promocionais de

²⁶ A população total do Estado é de 6.645.665 de habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE (2011). A área é de 331.936 km², representando 21.355% da região e 3.904% de todo o território brasileiro. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro é de 0,636, segundo o IBGE.

²⁷ Barreirinhas é um município integrante do Território da Cidadania Lençóis Maranhenses e Munim, que no seu Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS) que aponta como prioridades as áreas econômicas da agricultura e do turismo. O município é, juntamente com São Luís, um dos dois destinos indutores do turismo regional, no Estado do Maranhão, dentre os 65 destinos nacionais do Programa de Regionalização do Turismo/MTur; também faz parte do Roteiro Integrado Interestadual CEPIMA/Rota das Emoções/MTur.

divulgação do Estado, quaisquer que sejam as instituições envolvidas e seus âmbitos de atuação (municipal, estadual, nacional).

Nossa afinidade com Barreirinhas sempre esteve definida, na maioria das vezes, pela relação turismo-turista, caracterizada pelo usufruto dos atrativos locais – notadamente seu patrimônio natural – mas, também, como observadora da dinâmica da atividade turística nos espaços roteirizados e promovidos nacional e internacionalmente.

Nessa condição, para além do real conjunto dos atrativos existentes, sempre voltamos a atenção para os impactos do turismo na região, visualizando, em todas as oportunidades de visitação, essa dinâmica de um ângulo preocupante: especula o imobiliária, eleva o de preços de alimentos, extrapola o da capacidade de carga das lagoas, polui o sonora, dentre outros aspectos de caráter mais econômico e ambiental; aliado a estes, as reflexões sobre o turismo e seus efeitos sobre as inter-rela es sociais, já que este pressupõe mobilidade, ocupa o e consumo do espaço cotidiano dos destinos receptores, portanto, produtor de efeitos acumulativos sobre os mesmos.

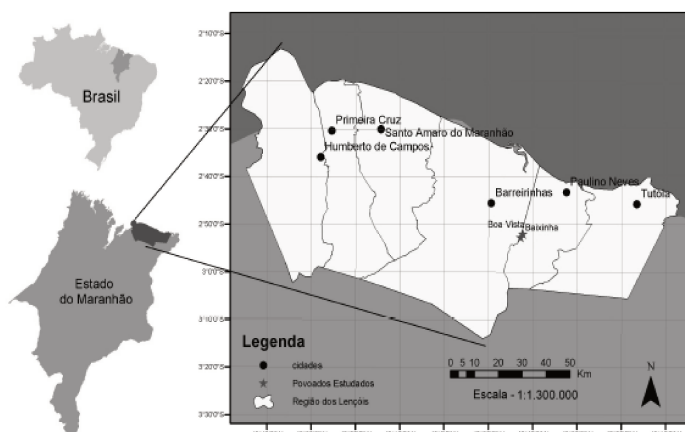
A referência para pensar este último ponto traduziu-se na perspectiva da existência de impactos recíprocos entre visitantes e residentes e os patamares que poderiam identific -los em Barreirinhas. Isto convergia para os olhares sobre o número e/ou frequência de turistas e o significado desse trânsito nas rela es com a comunidade sua rotina de vida, passando sucessivamente através de estados de euforia, apatia, irrita o e antagonismo, como sugere Doxey (1975)²⁸.

Contextualizando Barreirinhas, convém destacar,   um dos 217 municípios do Estado do Maranhão e, geograficamente, situa-se na Mesorregião do Oeste Maranhense e na Microrregião da Baixada Oriental, localizado   margem direita do Rio Preguiças; limita-se ao Norte pelo

²⁸Doxey (1975, *apud* Lage e Milone, 2002) desenvolveu o conceito e o modelo *Irridex*, partindo da compreensão de que o aumento do número de turistas em um destino gera tensão e situa es de hostilidade por parte dos residentes locais. O indicador relevante para o autor   o ânimo da popula o local (*Irridex*). O modelo, inserido no estudo das rela es entre visitantes e residentes, busca identificar e analisar os efeitos cumulativos do desenvolvimento do turismo sobre essas rela es sociais, possível de caracterizado a partir de 4 estágios: (1) *euforia* (encanto e entusiasmo com os turistas e o turismo); (2) *apatia* (crescente indiferença quanto ao crescente número de turistas; turismo não   mais novidade; pressão por infraestrutura); (3) *irrita o* (preocupa o e inc modo com a eleva o de preços, criminalidade, desvaloriza o cultural, etc.; limite de tolerância da comunidade excedido); (4) *antagonismo* (custos excedem os benefícios e a comunidade trata o turista com hostilidade).

Oceano Atlântico, ao Sul pelos municípios de Urbano Santos, Santa Quitéria do Maranhão e São Bernardo. A Oeste pelo Município de Primeira Cruz e Santo Amaro do Maranhão. O Município possui uma área de 3.111,3 km², com área urbana de aproximadamente, 1.097 hectares e está a 253 km da Capital São Luís.

Para fins de organização institucional, Barreirinhas integra a Região dos Lençóis Maranhenses (Tabela 2) – localizada na região Nordeste do Estado – juntamente com os municípios de Humberto de Campos, Santo Amaro, Paulino Neves, Primeira Cruz e Tutóia (Figuras 10 e 11); juntos somam uma área de pouco mais de 10.600 Km² e população de 176.200 habitantes (IBGE, 2011).



Fonte: SARAIVA, 2009



Fonte: INESC, 2008

Figuras 10 e 11: Região Administrativa dos Lençóis Maranhenses

A presente caracterização remete à divisão das regiões administrativas definidas pelo Governo do Estado que, a partir da Lei Complementar N.º 108 de 21 de novembro de 2007, criou a nova regionalização com a divisão do Estado em 32 regiões de planejamento, objetivando a desconcentração da estrutura administrativa e a implementação do planejamento descentralizado (INESC, 2008).

Tabela 2 – Caracterização Geográfica, Econômica e Social da Região Administrativa dos Lençóis Maranhenses

Região/Município	Área (km ²)	População			Densidade demográfica (hab/ km ²)	IDH
		Urbana	Rural	Total		
Lençóis Maranhenses	10.680.1	63.812	112.388	176.200	14,5	
Barreirinhas	3.111,3	22.053	32.877	54.930	17,65	0,552
Humberto de Campos	2.131,1	10.506	15.683	26,189	12,29	0.569
Paulino Neves	979,3	4.654	9.865	14.519	14,83	0.508
Primeira Cruz	1.367,8	4.289	9.665	13.954	10,20	0.557
Santo Amaro do Maranhão	1.601,2	3.630	10.190	13.830	8,63	0.512
Tutóia	1.489,4	18.680	34.108	52.788	31,96	0,538

Fonte: IMESC, 2008; IBGE, 2011

A presença marcante da população no meio rural, espacialmente distribuída em pequenos núcleos (povoados e vilas) constitui uma característica elucidativa da estrutura e forma de organização do elemento humano nativo na região dos Lençóis Maranhenses (VS Consultoria e Planejamento, 1998 *apud* ICMBio, 2011).

Segundo documento do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMBio (2012), historicamente, os municípios que compõem a área de influência do Parque surgiram a partir da fixação e desmembramento de povoados nas margens dos rios, os quais foram evoluindo até conseguirem ser categorizados como municípios autônomos. O município mais antigo é Humberto de Campos, cujo marco de ocupação data de 1612 com a chegada da expedição de Daniel de *La Touche*.

Com uma população de mais de 60% residente na zona rural, tais municípios apresentam baixos indicadores socioeconômicos, uma estrutura econômica precária assentada numa atividade agrária de subsistência e de baixa produtividade. O Anuário Estatístico do Maranhão destaca que, na Região, a taxa de analfabetismo da população com mais de quinze anos é de 40,93% e PIB *per capita* de 7,542. A mortalidade infantil é de 92,3 para cada mil nascimentos e a expectativa de vida ao nascer alcança 60,4 anos. A conjunção desses números produz o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,552, bem abaixo da média do Estado do Maranhão (0,647), e semelhante ao dos países mais pobres do mundo, tal como afirma o documento do ICMBio.

Os municípios da região estão assentados em imensos areais, impróprios à agricultura e à pecuária, além de se constituírem em naturais barreiras ao deslocamento e ao escoamento da produção, à manutenção da saúde e educação escolar. A base econômica da região, desde as primeiras aglomerações humanas, sempre foi agrícola, artesanal e calcada na subsistência. A produção tinha por fim suprir a alimentação (mandioca e peixe), prover matérias-primas para a construção (olaria), locomoção, confecção de instrumentos de trabalho (produtos coletados das palmeiras), segundo D'Antona (2000). Para Carvalho (2005, p. 87), no caso dos Lençóis Maranhenses,

A agricultura de subsistência, a pequena exploração pecuária, o artesanato incipiente e a extração de produtos naturais são as atividades econômicas que marcaram, ao longo da história, a vida das comunidades que produzem na região dos Lençóis Maranhenses. Os dados socioeconômicos dos seis municípios da área de influência do Parque Nacional refletem de maneira inexorável a realidade da população. Indicadores, como renda *per capita* inferior a um quarto de salário-mínimo por mês, elevada taxa de analfabetismo da população acima de quinze anos, expectativa de vida inferior à média nacional, alto índice de mortalidade infantil, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os mais baixos do Brasil e população predominantemente rural, chamam atenção pelo abismo que representam em relação aos números do restante do País (Carvalho, 2005, p. 87).

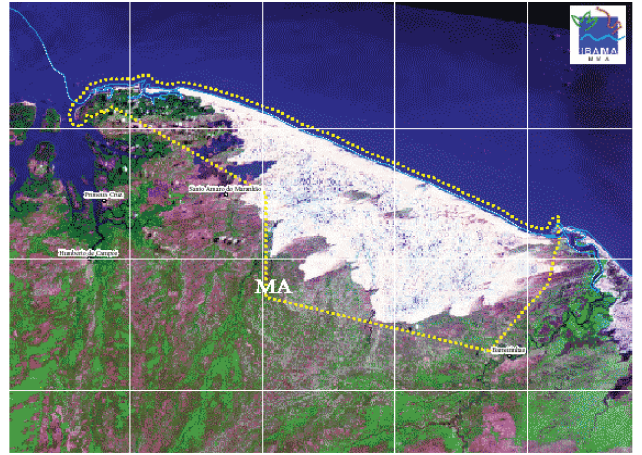
De outra perspectiva, tem-se a identificação turística de Barreirinhas, que compõem o denominado Pólo Parque dos Lençóis²⁹ (juntamente com os municípios de Humberto de Campos, Primeira Cruz e Santo Amaro do Maranhão), cujo maior atrativo é o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM). No entanto é importante destacar que a configuração do PNLM envolve apenas Barreirinhas, Santo Amaro do Maranhão e Primeira Cruz (PNLM) (Figuras 12 e 13).

²⁹ O Pólo Parque dos Lençóis é parte do mapa turístico do Maranhão. No âmbito das estratégias de implantação do Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado (Plano Maior) foram identificadas as potencialidades turísticas maranhenses e, a partir destas, demarcados pólos de visitação para o desenvolvimento integrado do turismo. São 10 (dez) os pólos demarcados como de interesse turístico: Parque dos Lençóis; São Luís; Chapada das Mesas; Delta das Américas; Amazônia Maranhense; Munim; Campos e Lagos Floridos; Floresta dos Guarás; Cocais; Serras Guajajara, Timbira e Kanela (MARANHÃO, 2012).

Figura 12 e 13: Parque Nacional (PARNA) dos Lençóis Maranhenses



Fonte: IBAMA, 2005



Fonte: IBAMA, 2008

Os parques nacionais são a mais popular e antiga categoria de Unidades de Conservação (UC). Seu objetivo, segundo a legislação brasileira, é preservar ecossistemas de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas, realização de atividades educacionais e de interpretação ambiental, recreação e turismo ecológico, por meio do contato com a natureza.

O manejo dos parques, feito pelo Instituto Chico Mendes, leva em consideração, assim, a preservação dos ecossistemas naturais, a pesquisa científica, a educação, a recreação e o turismo. A base de delimitação do PARNA dos Lençóis Maranhenses é o Decreto nº 86.060 de 2/6/81, conforme citado na Tabela 3 com outras especificidades da área (ICMBio, 2012).

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses foi criado em 02 de junho de 1981 e está inserido na região do litoral oriental maranhense, apresentando uma linha de costa regular e tendo parte de sua extensão coberta por uma vasta área de dunas de areia. Possui uma área de 155.000ha, abrangendo os municípios de Santo Amaro, Primeira Cruz e Barreirinhas. (...) A característica fisiográfica do Parque, devido apresentar uma área de relevo plano, constituído por areias quartzosas marinhas e cordões de imensas dunas de coloração branca, as quais assemelham-se a “lençóis jogados sobre a cama”, originou a denominação da Unidade de Conservação de Lençóis Maranhenses (ICMBio, 2012).

Tabela - 3: Ficha Técnica da Unidade de Conservação (UC) – PARNA dos Lençóis Maranhenses

Nome da Unidade de Conservação (UC):	PARNA dos Lençóis Maranhenses
UGR (Unidade Gestora Responsável):	Representação do IBAMA no Maranhão
Superfície:	155.000 hectares
Perímetro:	270 km
Municípios que abrange e percentual abrangido pela UC:	Primeira Cruz (6,89%), Santo Amaro (42,15%) e Barreirinhas (44,86%)
Unidades da Federação que abrange:	Maranhão
Coordenadas Geográficas:	02o19'S a 02o45'S, 42o44'W a 43o29'W
Número do Decreto e Data da Criação:	Decreto nº 86.060 de 02.06.81
Limites:	N: Oceano Atlântico; S: Santo Amaro e Barreirinhas; L: Paulino Neves; O: Primeira Cruz e Santo Amaro
Bioma e Ecossistemas:	Mangue, Cerrado, Restinga, Dunas
Atividades desenvolvidas:	Uso público; fiscalização; pesquisa.
Atividades conflitantes:	Pesca artesanal, pesca industrial, corte de mangue, extrativismo, caça, <i>rally</i> , ocupação irregular
Atividades de uso público:	Banho, <i>camping</i> , caminhada, passeios náuticos, surf e <i>Windsurf</i> .

Fonte: www.icmbio.gov.br

A imagem mais difundida dos Lençóis Maranhenses é representada pelo maior campo de dunas costeiras das Américas, onde se formam centenas de lagoas de água doce no período chuvoso (Figura 14). As dunas são altas, chegando a medir até 40 metros de altura, e se movimentam constantemente com o vento, o que dá a impressão de formar um lençol gigante. Além deste cenário, o Parque apresenta áreas de restinga, manguezais e uma faixa marinho-costeira com cerca de 70 km de extensão de praia e 1 km entrando pelo mar (ICMBio, 2012).



Figura 14 - Paisagens do PARNA dos Lençóis Maranhenses

Fonte: www.ma.gov.br

O Parque não possui sistema de controle do fluxo de visitantes. A região dos Lençóis Maranhenses tem sido amplamente divulgada em roteiros nacionais e internacionais. A divulgação da região como destino turístico tem sido feita pelos governos estadual e municipal, que veem no turismo uma alternativa econômica viável para a região. O fato que consolidou definitivamente o turismo na região foi a implantação, em janeiro de 2002, da rodovia MA-402 (Translitorânea) (estrada asfaltada que liga a capital do Maranhão, São Luís, a Barreirinhas)³⁰. O trajeto de 260 km, antes feito em aproximadamente 12 horas em via carroçável, é percorrido atualmente em cerca de 3,5 horas e por qualquer tipo de veículo (Fotos 7 e 8). Este fato, além de incrementar o fluxo turístico, possibilitou o acesso³¹ de diferentes perfis de visitantes³².

O crescimento acelerado do turismo na região dos Lençóis Maranhenses torna necessário o planejamento da infraestrutura dos municípios e do próprio parque nacional. Em função do alto fluxo de visitantes, muitas áreas no parque estão sendo visitadas sem que estejam devidamente preparadas e manejadas (ICMBio, 2012).

Fazia um bom tempo que eu não vinha a Barreirinhas, na verdade, muito tempo mesmo. Estamos em julho, mês de alta estação no Brasil inteiro; como destino turístico de apelo internacional, Barreirinhas não é diferente. A cidade está lo-ta-da! Fiquei assustada, realmente! Residentes e turistas disputando os mais diversos espaços: restaurantes, bancos, farmácias, ruas, praças, etc...e, sob um sol.... Um campo de tensão constante. Impressões não tão positivas....pra uma cidade, um Estado proclamados como turísticos, temos um longo caminho a percorrer; é o velho discurso...Belos atrativos? Efetivamente são reais! Mas...serviços? Infraestrutura? A carência é acentuada. O olhar não precisa estar tão atento...(Diário de Campo, julho de 2010).

³⁰ O acesso à Santo Amaro se dá a partir da MA-402, a meio caminho entre São Luís e Barreirinhas, onde das localidades de Pedras e Sangue seguem trilhas de areia, acessíveis apenas a veículos off-road, em um trecho de aproximadamente 50 quilômetros até a sede municipal. Rota pouco utilizada pelas agências e usada em sua maioria por pessoas com casas e propriedades na região, com carro particular, em 2006 a empresa de ônibus regional estabeleceu uma parceria com alguns “toyoteiros”, passando a operar regularmente o trajeto. A sede municipal de Primeira Cruz só é acessada via barco através do Rio Peria, a partir de Humberto de Campos e não recebe visitação turística regular. A construção da estrada MA-402 fez parte das ações do Plano Maior do Governo do Estado do Maranhão para o desenvolvimento turismo, que incluiu também uma série de ações de divulgação da região.

³¹ Também de São Luís pode-se chegar a Barreirinhas em 50 minutos via avião bimotor e monomotor. O acesso ao Parque também pode ser feito por transporte marítimo, com saídas diárias do porto de São José de Ribamar, tendo como destino os municípios de Primeira Cruz, Humberto de Campos e Santo Amaro, em um percurso de aproximadamente 12 horas. A partir destes municípios, adentra-se ao Parque utilizando-se os rios Peria e Alegre (<http://www.icmbio.gov.br/portal>).

³² A visitação no PNLM é marcadamente sazonal. O período de alta estação coincide com o período de férias escolares, com alta concentração nos meses de janeiro e julho. A maioria dos visitantes brasileiros é oriunda dos Estados de São Paulo, Brasília, Bahia e Rio de Janeiro. Turistas estrangeiros são provenientes da França, Alemanha, EUA, Itália e Argentina; em geral, estes vêm em excursão, grupo de amigos ou com a família (<http://www.icmbio.gov.br/portal>).



Fotos 7 e 8: MA 402 (Translitorânea)

Fonte: Acervo da autora, 2010

A principal entrada do Parque está a 2km do centro de Barreirinhas, atravessando o Rio Preguiças com o auxílio de uma balsa. O acesso às atrações da porção central do Parque (dunas e lagoas) é feito por estrada de terra e areia, sem sinalização, onde só circulam carros com tração 4x4, e o percurso dura, aproximadamente, uma hora. Para chegar ao lado do leste do Parque que fica próximo ao oceano (praias e dunas) é necessário seguir por barco de linha, fretado ou lanchas voadeiras pelo Rio Preguiças até Atins, percurso de 1h15min. O acesso à porção oeste do Parque (lagoas) se dá pela cidade de Santo Amaro do Maranhão que fica a 100 km de Barreirinhas (ICMBio, 2012).

Nas primeiras visitas a Barreirinhas, em função da pesquisa de campo, fomos ao PNLM realizando exatamente dois momentos do percurso descrito anteriormente: o primeiro com a travessia do Rio Preguiças por balsa e, depois, seguindo para a área central do Parque em veículo tracionado para chegar às dunas e lagoas (Fotos 9, 10, 11 e 12). Um segundo momento foi percorrido de lancha voadeira ao longo do rio Preguiças para acessar praias e dunas (Fotos 13 e 14).



Foto 9: A balsa e o veículo 4x4 na travessia pelo Rio Preguiças



Foto 10: Trajeto para o PNLM



Foto 11: Paisagem do PNLM

Fonte: Acervo da autora, 2010



Foto 12: Paisagem do PNLM



Foto 13: Travessia de lancha voadeira pelo Rio Preguiças



Foto 14: O Rio Preguiças e Barreirinhas (sede)

Fonte: Acervo da autora, 2010

Nessas visitas iniciais seguimos um roteiro de turista para observar, perceber e sentir Barreirinhas e sua dinâmica em plena temporada de alta estação: julho; refizemos, assim, alguns dos roteiros já tradicionalmente comercializados por agências e operadoras: *as lagoas; o rio Preguiças; Vassouras; Mandacaru e Caburé* (Fotos 15 e 16).



Foto 15: Povoado de Vassouras
Fonte: Acervo da autora, 2010



Foto 16: Praia do Caburé
Fonte: Acervo da autora, 2010

Em tais ambientes, paisagens de um destino turístico efetivamente belo, mas revelador de contrastes significativos situados entre a fragilidade do ecossistema, a sua exposição ao ser humano e o favorecimento econômico da região (Fotos 17 e 18).

Num percurso de 10 km em veículo 4x4 (Toyota) e uma caminhada pelas dunas, cheguei até as lagoas dos Lençóis Maranhenses; na verdade, algumas delas: da Preguiça; da Esmeralda; a Azul (uma das mais famosas); do Peixe e da Lua. Mas...não eram apenas as lagoas com suas águas cristalinas e mornas....Mas, também...as lagoas "*de Toyota*"...as lagoas "*de gente*"...Contei umas 70 (setenta) Toyota....mas, só até onde a "*vista deu*".....(Diário de Campo, julho de 2010).



Foto 17: Lagoa de “toyotas”



Foto 18: Lagoa de “gente”

Fonte: Acervo da autora, 2010

Todos esses cenários foram acessados a partir de Barreirinhas, tida como o portão de entrada para o PNLN e também local que conta com a melhor infraestrutura para o receptivo de visitantes em relação às demais sedes municipais ligadas ao PNLN.

(...) a pequena e isolada cidade do interior maranhense, até a década de 70/80 do século XX, ao assumir a condição de destino turístico nacional e internacional, vivencia uma verdadeira metamorfose sócio-espacial, com transformações no padrão de vida e formas de sociabilidade dos que habitam esse espaço turístico (Graça, 2010, p. 75).

Convém destacar também que Barreirinhas³³ é um dos mais antigos municípios maranhenses, com fundação datada de 1871 (Tabela 4); está situado às margens do Rio Preguiças³⁴, vive em função dele, não só como fonte de alimento como também para o lazer e o transporte. O Preguiças é afluente do Rio Parnaíba e o rio mais importante da região com mais de 100 km de extensão até o Oceano, fazendo a divisão das dunas dos Grandes Lençóis e dos Pequenos Lençóis Pequenos onde há o encontro das dunas com lagos, mangues e o rio.

Muito da vida de Barreirinhas ocorre em função do rio Preguiças ou graças a ele: via de acesso para as comunidades e para o Parque Nacional; fonte de alimentos e recursos; área de lazer e trabalho; enfim, o rio integra a vida cotidiana das pessoas que, sem

³³ O nome Barreirinhas faz alusão às barreiras de argila observadas nas margens do rio Preguiças, que chegam a atingir cerca de 10 a 20m de altura, as quais são envoltas por dunas de areias. O nome Barreirinhas foi oficializado em fins do século XVIII, recebendo oficialmente esse título no dia 10 de outubro de 1835. A Lei provincial nº 951, de 14 de junho de 1871, elevou Barreirinhas à categoria de Vila, alcançando o status de município em 29 de março de 1938, pelo Decreto-Lei Estadual nº 45.

³⁴ De acordo com o conhecimento popular o rio é denominado Preguiças em referência à existência, no passado, de muitos bichos preguiças nas margens do rio, além do fato de suas águas correrem preguiçosamente. O rio Preguiças nasce no povoado Barra da Campineira, município de Anapurus e percorre mais de 120 km até desaguar no Oceano Atlântico (<http://www.icmbio.gov.br/portal/>).

hesitar, dizem: ‘o Preguiça é a nossa riqueza’. [...] O acesso é feito, geralmente, em canoa a remo – tradicional por ali – nas ‘lanchas’ (barcos para 50 passageiros) e, mais recentemente, nas ‘voadeiras’. Muitas casas têm o Preguiças ou algum de seus braços como quintal e esta proximidade possibilita um elevado intercâmbio entre a pesca de rio, agricultura e olaria (conforme o caso). O rio, incorporado à casa, faz parte da rotina diária das famílias (D’Antona, 2000, p.37).

Barreirinhas vem experimentando um crescimento econômico nas últimas décadas do século XX com acentuadas mudanças nas suas características sociais. Na década de 1970, experimentou um primeiro surto de transformações sociais, geradas, sobretudo pela descoberta do potencial petrolífero e de gás natural do bloco da Bacia de Barreirinhas. Na década de 1990 um novo momento decorre da ampla divulgação dos atrativos naturais da região, capitaneados pelo PNLN, Caburé, Atins e Mandacaru. Empreendimentos turísticos de pequeno, médio e grande porte se instalaram na sede do município.

No setor primário, a economia local é sustentada basicamente na agricultura da mandioca para a produção da farinha, milho, arroz, feijão, extração vegetal da carnaúba, castanha de caju, buriti, coco, lenha e carvão vegetal, artesanato, na criação de animais e na pesca, que corresponde a 38% do setor primário local. A produção do artesanato, fabricado com a fibra do buriti, faz da cidade de Barreirinhas uma das principais produtoras de artesanato em linho de buriti, principal matéria-prima para sua fabricação. Devido à natureza de seu solo e a abundância de rios, riachos e córregos, o caju representa a segunda fonte de renda.

Segundo Lobato *et al* (2010), com a expansão dos serviços turísticos, principalmente por sua escolha como portal de entrada para do PNLN, comunidades que sobreviviam basicamente da produção do setor primário, partiram em busca de espaço de trabalho nos setores secundário e terciário, principalmente através do crescimento observado nas atividades relacionadas à construção civil, à confecção de artesanato de buriti e o turismo.

Para os autores, os indicadores de condições de vida populacional – Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* e IDH – revelam a grande carência econômica que coloca o município entre os mais pobres do país e do Estado do Maranhão. Essa situação reflete a má qualidade de vida da comunidade, que ainda possui baixo nível educacional e não é plenamente atendida pelos serviços públicos de saúde e saneamento. Os problemas econômicos do Município ocasionam

ainda uma baixa geração de emprego e renda, promovendo dentre outras consequências o êxodo do morador rural para a sede (Lobato *et al*, 2010).

Tabela 4: Barreirinhas, MA: perfil municipal

Data de instalação	Ano de 1871
População – Censo 2010	54.930 habitantes
População urbana	22.053 hab.
População rural	32.877 hab.
Estimativa populacional – 2011	56.123 habitantes
Crescimento anual (2009 – 2007)	3,32%
Natalidade 2010	1.176 nascidos vivos
Urbanização 2010	40,29
Índice de Desenvolvimento Humano – IDH	0,552
Área	3.112 km ²
Densidade Demográfica	17,65 hab./km ²

Fonte: IBGE, 2011

Segundo o Plano de Desenvolvimento do Assentamento Lagoas – Barreirinhas/MA (s/d), realizada pelo Instituto de Agronegócios do Maranhão (Inagro),

Parte significativa da população de Barreirinhas é desprovida de condições mínimas no que tange às necessidades básicas de emprego, renda, educação, saúde, alimentação, previdência social, habitação, saneamento e transportes urbanos. Dessa parte significativa da população sem acesso aos bens e serviços, verifica-se uma maior concentração populacional na fase infante-juvenil, remetendo à necessidade de políticas públicas que lhe tragam melhores perspectivas de vida. O tamanho médio das famílias é de 6 pessoas. A expectativa de vida é de 60 anos e do contingente populacional, apenas 5% da PEA, estão envolvidas nas atividades econômicas do município (INAGRO, s/d).

- *Mandacaru e Mamede*

Além da sede municipal, Barreirinhas tem 217 povoados; a coleta de dados da pesquisa concentrou-se em dois povoados rurais: Mandacaru e Mamede. A escolha dessas comunidades foi estabelecida em função de uma rede de acesso pré-existente baseada na interlocução de profissionais da área de turismo com os quais mantemos contato e as informações geradas a partir desses contatos.

Um dado interessante que coletei junto a esse grupo de interlocutores é que, pela experiência destes, existiria diferença entre os velhos residentes em espaços rurais mais próximos do litoral e os residentes em espaços rurais mais centrais (interior) do município, em termos de perfil/hábitos/comportamentos e a própria relação com lazer e turismo. Este elemento me pareceu relevante para verificar ao longo da investigação e análise (Diário de Campo, agosto 2010).

Uma leitura de D'Antona (2000), estabeleceu relação com essa indicação quando o autor pondera acerca da diferenciação entre o modo de produção das frentes populacionais de ocupação do litoral e do interior de Barreirinhas que se apresentam da seguinte forma: na faixa litorânea (como Mandacaru), o peixe gera o dinheiro e a roça complementa a subsistência; no interior (como Mamede), a produção agrícola e o extrativismo geram os recursos monetários. Os moradores do interior são mais lavradores do que pescadores e os do litoral, mais pescadores do que lavradores.

Mandacaru é parte do roteiro turístico comercializado em Barreirinhas. Trata-se de um povoado de pescadores, localizado entre a praia de Caburé e a praia de Atins, distando da sede do município em aproximadamente 30km para deslocamento terrestre e 32km pelo rio Preguiças (Figura 15). O maior atrativo do povoado é o Farol Preguiças – conhecido também como Farol de Mandacaru – de 54 metros de altura, uma construção de orientação da Marinha datada de 1940 e inaugurada em 1941 pelo então Vice-Almirante Morais Rego.

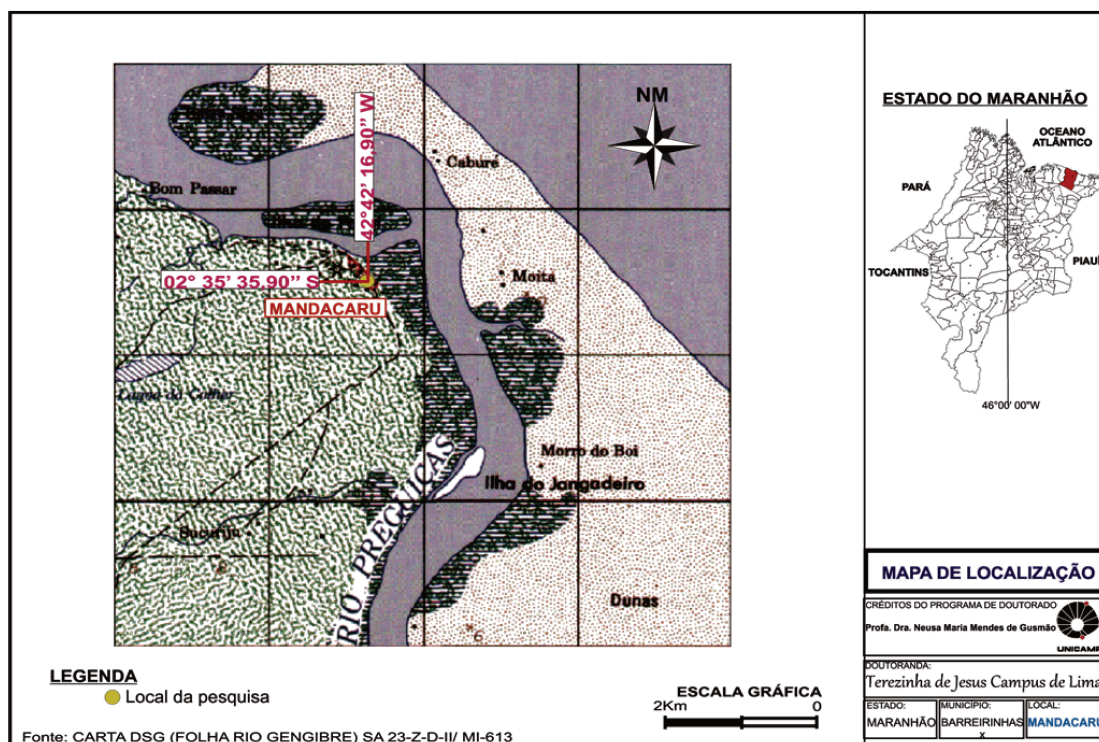


Figura 15: Mandacaru, mapa de localização

Fonte: Batista, 2013

Mandacaru possui aproximadamente 1.500 habitantes e a economia local baseia-se na pesca, mariscagem, produção e comercialização de artesanato; a roça familiar com o cultivo de arroz, feijão e mandioca é complementar à atividade pesqueira. Alguns moradores estão envolvidos com a prestação de serviços turísticos em embarcações ou meios de hospedagem (pousadas) em outras localidades. Anteriormente centro comercial e portuário para transportes por mar até São Luís, esse povoado ribeirinho recebeu o nome de Mandacaru devido ao cacto nativo da região.

O povoado possui duas escolas municipais, a Unidade Escolar João Rezende (1ª a 8ª série) e a Unidade Escolar Felipe Gomes Vera, também de 1ª a 8ª série (fotos 19 e 20). A escola de Ensino Médio funciona na Sede da Associação Comunitária.



Foto 19: Unidade escolar



Foto 20: A aula, na hora da lição

Fonte: Acervo da autora, 2010

Mandacaru possui prédios nos quais deveriam estar funcionando as escolas, mas as duas estão depredadas. As escolas funcionam em residências que são alugadas e não oferecem nenhuma estrutura para os alunos; uma dessas casas é desprovida de portas e janelas (Diário de Campo, 2011).

São ainda três igrejas: duas evangélicas, Adventista do Sétimo Dia e Assembléia de Deus e uma católica (Foto 21), sob a evocação de São Sebastião (é o padroeiro do lugar; o festejo acontece no mês de janeiro e atrai visitantes dos arredores e até de outras cidades); a única praça do povoado é conhecida como Praça da Juventude (Foto 22). Uma Unidade Básica de Saúde atende os problemas de saúde da população local e em casos extremos os moradores se deslocam até a sede de Barreirinhas. O Rio Preguiças é que abastece o povoado.



Foto 21: Igrejas Católica e Evangélica

Foto 22: Praça da Juventude

Fonte: Acervo da autora, 2010

Uma média de 9 (nove) pequenos comércios oferecem o básico, como arroz, feijão, óleo, farinha; algumas funcionam também como bar, ou ponto de encontro de amigos ao cair da tarde. Há uma grande variedade de lojas de artesanato e 2 lojas, pertencentes à família mais abastada da localidade, vendem roupas, sapatos, armarinho, presentes e variedades. Carnes de frango, bovina e derivados são comumente trazidos de Barreirinhas pelos moradores, pois no povoado existe apenas um frigorífico.

Mandacaru tem, em média, 20 (vinte) ruas (todas de areal e a grande maioria das casas são de alvenaria – Fotos 23 a 28), cujos nomes foram escolhidos recentemente por um ex-vereador e funcionário do Farol Preguiças. O deslocamento dos moradores para a sede Barreirinhas é feito em Toyotas, que saem diariamente às 04h da manhã; o número de passageiros triplica quando é dia de receber pagamento de benefícios (aposentadoria).

Apesar da existência de uma média de 100 postes de iluminação pública, mas há uma deficiência muito grande na rede de abastecimento de energia e a qualidade desta: a maioria dos postes não funcionam e, à noite, o povoado é totalmente escuro. Alguns moradores utilizam uma lâmpada na parte externa da casa para dar mais claridade e visibilidade na rua. A falta energia é constante, demorando em média de 3 a 5 horas para o reestabelecimento (Diário de Campo, 2011).



Fotos 23 a 28- Cenários de Mandacaru
Fonte: Acervo da autora, 2010

Apesar do nome, a principal atração do povoado não é a planta cacto característica do sertão e sim o Farol Preguiças (Foto 29), como já destacado. A visitação em Mandacaru segue a dinâmica de uma opção de roteiro turístico ofertado aos turistas, geralmente com destino à praia de Caburé: passeio de lancha pelo rio Preguiças, passagem por Vassouras (comunidade de

pescadores), Mandacaru e Caburé³⁵. Em Mandacaru o caminho do turista é orientado para a subida até o Farol com seus 160 degraus que, uma vez superados, permitem que os visitantes vislumbrem panorâmica paisagem do Parque Nacional, com o Rio Preguiças, o oceano Atlântico, os manguezais, as dunas, as comunidades de Atins e Caburé (Fotos 30 a 33).

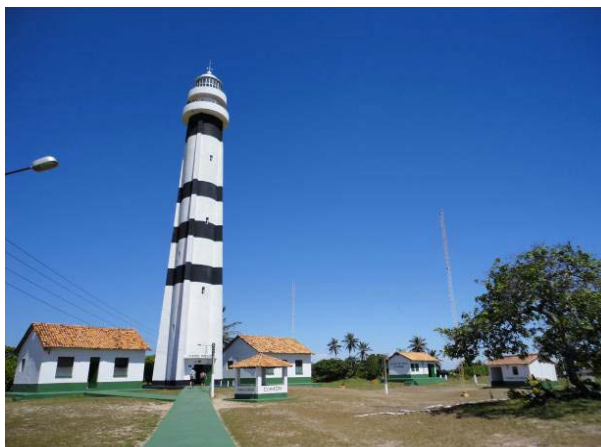
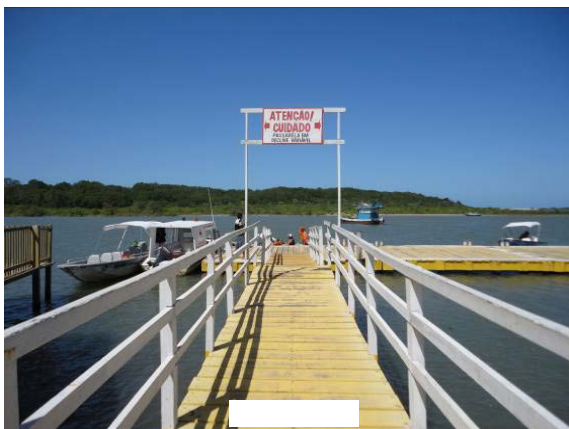


Foto 29 – Farol Preguiças (Farol de Mandacaru)
Fonte: Acervo da autora, 2010

Nesse trajeto até o Farol, em pequenas palhoças montadas por moradores do povoado, são comercializados artesanato, sorvetes e bebidas. A visitação em Mandacaru segue, então, essa dinâmica, encerrando-se com o retorno à lancha para prosseguimento do passeio até a praia de Caburé. Desta forma, a configuração do turismo no local está representada pelo apelo da construção faroleira que dá acesso a uma vista panorâmica do PNLN, a um pequeno comércio de artesanato e venda de pescado para proprietários de restaurantes do circuito turístico.

³⁵ Localizado próximo à foz do Rio Preguiças, na estreita faixa de areia que separa o rio do mar. A região onde se encontra a praia do Caburé denominada de Pequenos Lençóis integra ainda as localidades de Moitas, Morro do Boi, Espadarte, Alazão, Vassouras e Caburé.



Fotos 30 e 31: Chegada em Mandacaru, Barreirinhas (MA)



Foto 32: Caminho de turistas até o Farol Preguiças



Foto 33: Vista do Farol

Fonte: Acervo da autora, 2010

Para além desse pequeno circuito turístico, para além do Farol estão as gentes de Mandacaru, com suas rotinas, seu cenário real. E este cenário o turista não vê, pois a subida ao Farol demarca uma espécie de fronteira imaginária, da qual retorna para seguir seu passeio, explorar novas paisagens e vivenciar outras experiências (fotos 34 e 35). É o turismo, chama a atenção Fradique (2003, p. 104), “que se desenvolve de forma imediata, frontal e superficial (o turista chega, surpreende-se, tem uma experiência intensa e parte com pressa para outro lugar devidamente assinalado no seu roteiro)”.



Fotos 34 e 35: Além do Farol, Mandacaru
Fonte: Acervo da autora, 2010

Mamede não está na rota turística direta de Barreirinhas; é um povoado localizado na porção mais centro-sul do município (Figura 16), com cerca de 180 famílias e pouco mais de 900 habitantes. De Mamede para a sede de Barreirinhas são aproximadamente 3 horas por via terrestre não pavimentada (ramais de piçarra), utilizando-se veículo de lotação (caminhão) ou tracionado. Nas diversas idas e vindas do percurso, compartilhamos esse espaço com moradores da localidade em sua rotina de deslocamentos à sede.

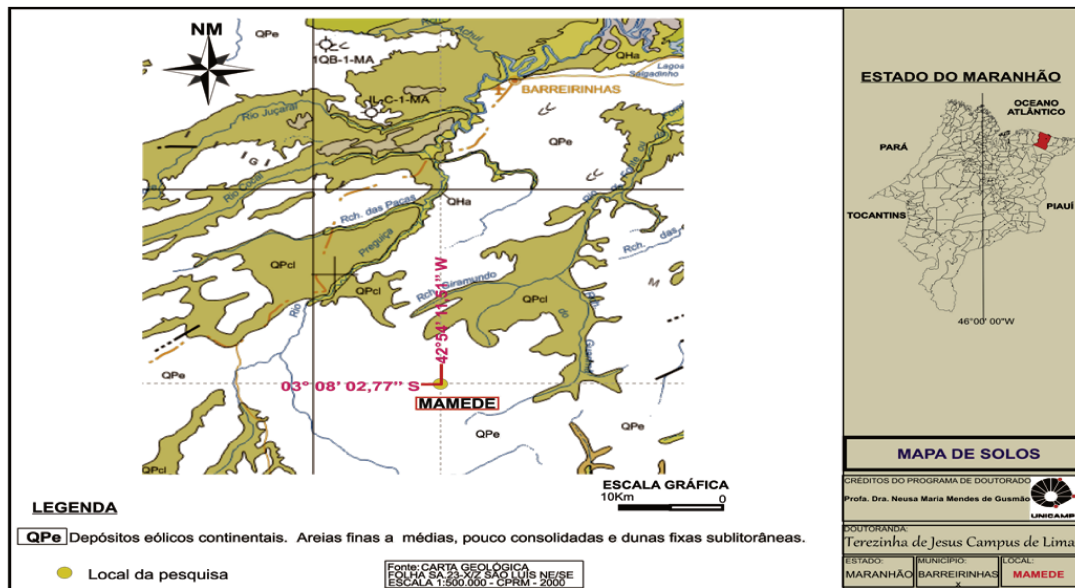


Figura 16: Mamede: mapa de localização
Fonte: Batista, 2013

A maioria das casas de Mamede são de tijolos, algumas, dependendo das condições financeiras do proprietário tem pinturas internas e externas, pisos e calçadas (Fotos 36 e 37). Possui

postes de iluminação pública que funcionam precariamente, deixando grande parte das ruas parcialmente às escuras, razão pela qual durante as visitas feitas à noite foi necessário o uso de lanterna no trajeto para as residências dos entrevistados. As ruas são todas de terra e algumas ruas não possuem estrutura para deambular; ao todo são três avenidas e seis ruas.

O povoado possui duas escolas públicas, uma estadual de Ensino Médio e uma municipal, com oferta de ensino fundamental (educação infantil ao 9º ano); três igrejas (duas evangélicas, Igreja Adventista e Assembléia de Deus; e uma católica sob a evocação de Nossa Senhora da Conceição); uma Unidade Básica de Saúde recém inaugurada. Oito pontos de comércio (vendas) oferecem o básico: arroz, feijão, óleo, farinha e funcionam também como bar.



Fotos 36 e 37: Comunidade de Mamede
Fonte: Acervo da autora, 2010

Caminhando pelas ruas de terra, sentimos grande cansaço pela dificuldade transitar por elas devido às ondulações e buracos. Justamente uma das ruas que mais percorremos para entrevistar os velhos é a que se encontra em estado mais precário (Diário de campo/março 2012).

Em Mamede não há praças e os moradores utilizam uma passagem de rio, conhecida como “Rio da Passagem” como fonte de lazer, mas, sobretudo, para tomar banho, lavar roupas e louças, e uso de animais (Fotos 38 e 39). Na comunidade são realizadas três grandes festas que estimulam a vinda dos “filhos da terra”³⁶ a retornarem com regularidade ao povoado e, vem atraindo visitantes dos arredores e até de outras cidades: a Festa do Bacurí, no mês de fevereiro; a

³⁶ Expressão muito corrente em Mamede para designar pessoas que nasceram no povoado; é muito comum os moradores possuírem parentes que se mudaram para outros Estados na tentativa de melhorar de vida.

Festa da Pimenta realizada também em fevereiro; a Festa da Tiquira, em setembro e o Festejo de Nossa Senhora da Conceição, comemorada no mês de dezembro.

A economia local gira em torno da agricultura de subsistência – com o cultivo da mandioca para a produção artesanal de farinha (que envolve a participação de homens e mulheres de diferentes idades) (Fotos 40 e 41), o extrativismo, com a coleta de frutos, a fabricação da cachaça e outros vivem da caça. Os moradores não tem fácil acesso a carne bovina, sendo que uma vez ou outra um boi é abatido e comercializado entre os moradores, muitas vezes essa carne é insuficiente dada a procura.



Fotos 38, 39, 40 e 41: Cenários de Mamede: o rio e seus usos; a fabricação coletiva da farinha
Fonte: Acervo da autora, 2010

Apesar de não integrar o circuito turístico de Barreirinhas, conforme mencionamos, Mamede destaca-se na produção da Tiquira (Figura 17), uma aguardente de mandioca tradicional do Maranhão e que ganhou espaço como elemento de atratividade turística do Estado como

bebida típica, divulgada por órgãos oficiais e empresas de turismo, sendo vendida em feiras, mercados e lojas que comercializam souvenirs, alimentos e bebidas.

A **Tiquira** é uma aguardente típica do Maranhão, ela é considerada por alguns como a única bebida genuinamente brasileira, pois diferente da cachaça que tem como matéria prima a cana (que foi trazida ao Brasil), ela é feita a partir da sacarificação e fermentação da mandioca que é nativa de nossas terras, mas ambas usam o processo de destilação trazido pelos colonizadores. Sua origem é dada nas tribos indígenas locais que utilizavam a bebida em festejos e rituais, mas, sabe-se que o processo de destilação só chegou em nossas terras com os europeus, assim, permitindo apenas a existência de alguma bebida usando a mesma matéria e processo apenas semelhante (Morgoth, 2010, s/p).



Figura 17 – Tiquira, aguardente de mandioca.

Fonte: <http://www.flickr.com>

Mamede, tido como o maior produtor de Tiquira³⁷ do Maranhão, desenvolve a fabricação da aguardente ainda em sua forma original, ou seja, incolor. No entanto, existem produtores que adicionam ao produto folhas de tanja durante o processo de destilação, gerando coloração lilás; é comum também encontrar a bebida em tom violeta devido à adição de Cristal Violeta, um corante com propriedades antissépticas. De teor alcoólico bastante elevado, a Tiquira tem sabor ácido e levemente adocicado e ligado ao seu consumo está a lenda que não se deve tomar banho ou sequer molhar os pés após bebê-la sob o risco de forte mal estar e até a morte (Morgoth, 2010).

Originalmente, a bebida é obtida da fermentação da mandioca e ganha uma coloração arroxeadada, sua principal característica, com a infusão de cascas de tangerina. Para chegar a esse resultado, o caminho é longo. Por isso, os artesãos começaram a usar artifícios como o anil e violeta para atingir essa cor rapidamente. A tiquira é menos conhecida, possivelmente por sua limitação geográfica, produzida que foi, e ainda é, artesanalmente apenas no Maranhão e em menor escala no Piauí e na Bahia. De graduação alcoólica alta, de 36 a 54° GL e tonalidade clara como a água e azulada quando temperada com

³⁷ A palavra Tiquira é originária da palavra Tupi *tikira*, que significa líquido que goteja, que pinga do alambique (Fonte: folder promocional da Tiquira do Lençóis/SEBRAE/MA, 2006, citado por Morgoth, 2010).

folha de tangerina, seu aroma lembra a fécula da mandioca, seu amido. Não é, entretanto, apenas o condicionamento geográfico que faz a tiquira menos divulgada, mas também sua condição social. A bebida foi consumida historicamente pelas classes mais pobres e pelos escravos do Maranhão, que a produziam e pelos seus descendentes, fato que a discriminou e gerou preconceito. Nos registros históricos a presença da tiquira é tímida, ao contrário da mandioca e da aguardente de cana, a cachaça (Morgoth, 2010, s/p).

Chegamos a Mamede por buscar contrapor as rotinas de tempo livre da velhice de uma comunidade rural de localização mais central ante àquelas de litoral e, assim, mais distante do domínio do turismo que se coloca em outros pontos de Barreirinhas, tal como Mandacaru.

O contraste observado se dá muito mais em função do tipo de atividade econômica realçada como a mais desenvolvida e a forma de como isto se apresenta no cotidiano dos residentes. É tal como a investigação de D'Antona (1997) na região de Atins e a autodefinição dos moradores como pescadores *versus* os moradores de Tapuio (outra comunidade de Barreirinhas), trabalhadores da lavoura, embora isto não signifique dizer que uma e outra atividade não esteja presente.

Contraponto ao Caburé, Atins, como Mandacaru, representam aqueles lugares próximos ao litoral onde as pessoas pescam o ano todo na foz dos rios e também no mar; de fato, pescam em água salgada, ou “salobra”. Seus moradores se definem como pescadores, mas isto não significa dizer que apenas pescam. Assim como ocorre em outras comunidades, verifica-se a combinação de várias práticas. “Em Tapuio é mais lavoura. Aqui é mais pesca”. O termo “mais”, utilizado pelo pescador, indica a predominância de atividade em um local e no outro – para as comunidades litorâneas “ser pescador” prevalece sobre “ser lavrador” (D'Antona, 1997, p. 129).

Aqui pra nós é a pesca...tem uma lavoura de mandioca pra farinhazinha...uma criação de galinha, porco...animal pra se usar de quando em vez....Mas a pesca é a pesca...é de muito tempo...é de sempre. (Francisco – Mandacaru, 87 anos).

Aqui a gente vive de plantar. Só de roça, só mandioca, arroz, feijão, milho era o que nós plantava e planta. Nós temos jeito é pra ser lavrador, até hoje com a idade que eu tô, tudo é roça minha, ainda faço tudo (Severino, 76 anos - Mamede).

Por outro lado, mesmo em Mandacaru onde a afetação direta do turismo é demarcada pela fronteira do que foi estabelecido como atrativo, conforme já situado, observamos que ali tal como em Mamede, impera um ritmo de vida semelhante a outras comunidades rurais do Maranhão que conhecemos demarcado por uma percepção cadenciada do tempo, no sentido de uma vida que acontece de forma compassada com regularidades semelhantes de acordar, executar tarefas

domésticas, refeições..., enfim, um ritmo de vida “(...) determinado pelo dia, que delimita a alternativa de esforço e de repouso (...)” (Cândido, 2010, p.139).

2.2 O Tempo Livre e o Lazer da Velhice no Espaço Rural: tecendo possibilidades

Com base em abordagem qualitativa investigamos as rotinas de tempo livre e lazer de velhos e velhas residentes nas comunidades rurais maranhenses de Mamede e Mandacaru, lembrando que para eles, lazer é entendido como divertimento. Partimos da compreensão de que essas situações, engendradas e vivenciadas por tais sujeitos, configuram-se como um conduto da expressão de seus estilos de vida, (re)qualificando, sob este prisma, o significado de envelhecer em cenários físicos e socioculturais rurais como contribuição aos estudos da velhice.

Como situamos, as rotinas de tempo livre e as práticas de lazer vem sendo consideradas a partir das esferas doméstica e extrafamiliar, objetivando descortinar hábitos e situações percebidas em termos pessoais e formas de sociabilidade, nos termos de Georg Simmel (1993) e sua compreensão de que a sociabilidade é uma forma autônoma e lúdica da sociação³⁸, cujas manifestações não têm propósitos objetivos, dependendo inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Sua principal característica é o êxito do momento, sendo um espaço sociológico ideal onde o prazer de um indivíduo está ligado ao prazer dos outros.

As evidências levantadas, em ambas as perspectivas, vem revelando um envolvimento particular e uma importância sutil dada aos divertimentos, localizados com destaque em função do usufruto da televisão, do rádio e momentos de interação familiar, quando do ambiente doméstico; e, dos hábitos de sentar à porta de casa, interações com vizinhos, quando referente às relações sociais externas, sobretudo entre os velhos mais velhos. Como ensina Marin (1999, p. 20), “cada grupo social engendra relações particulares e significativas, e estas devem ser consideradas. Pensar na questão do lazer inserida num contexto cultural é pensar na ação humana e nas inter-relações deste com a natureza e seus semelhantes”.

³⁸ Conforme Souza e Ölze (2005), Simmel substitui o conceito de sociedade pelo de sociação. Na visão do autor, a sociedade é constituída pelos interesses, pulsões, tendências, desejos, que são os conteúdos das formas sociais. Já a sociação é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esse fenômeno transforma os conteúdos em formas sociais que são as interações sociais concretas.

No geral, nos encontramos com velhos ativos, agradecidos por seus benefícios previdenciários como um prêmio para uma vida de extrema pobreza, mas expostos à solidão, doenças, limitado apoio a recursos de saúde e débil situação financeira; uma grande parte é chefe de família, das quais são os responsáveis pelo sustento. No acompanhamento e nas observações, é fato que a condição de aposentados e/ou pensionistas embora possa representar uma situação de tempo livre alargada, não corresponde à realidade, na medida em que as tarefas ligadas às rotinas das próprias necessidades biológicas e rotinas familiares têm papel significativo, sobretudo para as mulheres.

O idoso aqui, a maioria deles... Eles são idosos mais é aquela coisa, ele já chegou na idade de idoso mais ele não pára, ele não pára. Tem muitos aqui que são persistentes, às vezes a gente sempre diz, - "Você não tem mais idade pra tá nesse serviço", porque aqui o serviço qual é? É a lavoura. Então, tem muitos que são teimosos que continuam na lavoura, eles não pára. Ai tem muitos, que é o caso que tem problema de diabete, é hipertenso, mais é aquela coisa, não se abatem, eles não deixam, como é que se diz? Porque já chegou a idade dele, ele vai deixar a roça dele, ele ai deixar as coisas dele e ele não deixa, por mais que se fale (Agente/PSF – Mamede, Barreirinhas, MA, janeiro/2011).

Importa destacar que Barreirinhas tem uma população 3.684 pessoas de 60 anos e mais, o que corresponde a 6,7% de sua população total (54.931 hab.), conforme o Censo 2010 do IBGE. A maior concentração deste segmento está na área rural (63,44%), na qual os homens são maioria, em relação à área urbana (36,56%), com um contingente maior de mulheres (Tabelas 5 e 6). Sem pretender generalizações, lembramos que o número de homens participantes desta pesquisa foi um pouco maior que o de mulheres: 17 e 13, respectivamente. Silva (2012), discutindo a questão da masculinização e do envelhecimento no espaço rural, analisa que:

Uma das novidades que se tem dentro dos movimentos migratórios rurais com certa envergadura vem tendo como conseqüência o envelhecimento da população rural, bem como da masculinização da população que vive no campo. A masculinização e o envelhecimento decorrem do impacto de um êxodo rural cada vez mais seletivo, conforme já descrito anteriormente, operado nas duas últimas décadas, cujos estudos recentes estão propondo demonstrar, o qual remete às cidades o grosso da mão-de-obra jovem e preferencialmente feminina, podendo comprometer, no longo prazo, a própria renovação da força de trabalho rural. O envelhecimento por outro lado, é fruto do incremento da esperança de vida da população rural, concomitantemente com a redução absoluta e relativa da participação da população jovem (p.87).

Especificamente no que se refere à questão do envelhecimento da população rural, o autor elenca como os principais fatores: a redução da participação da população jovem no campo; o

retorno da população aposentada do meio urbano ao campo; e a redução das taxas de fecundidade e o aumento da expectativa de vida do brasileiro.

Tabela 5 - Barreirinhas (MA) – Centro Demográfico 2010: Características da população – amostra

Barreirinhas (MA) – População total, urbana e rural segundo grupos de idade			
Grupos de idade	Total	Urbana (40,2%)	Rural (59,9%)
0 – 4 anos	6873	2378	4495
5 – 9 anos	6965	2534	4431
10 – 14 anos	7091	2747	4344
15 – 19 anos	6056	2587	3469
20 – 24 anos	5060	2325	2735
25 – 29 anos	4739	2037	2702
30 – 39 anos	6627	3246	381
40 – 49 anos	4728	2064	2664
50 – 59 anos	3108	1061	2047
60 – 69 anos	2098	745	1353
70 anos e mais	1586	602	984
TOTAL	54931	22326	32605

Fonte: Autoria própria, adaptado do IBGE (www.ibge.gov.br)

Tabela 6 - Barreirinhas (MA) - Dados demográficos sobre a população de 60 anos e mais

Barreirinhas (MA) – População de 60 anos e mais urbana e rural segundo o sexo				
60 anos e mais	Urbana (36,56%)		Rural (63,44%)	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	625	722	1202	1135
	1347		2337	
Total	3684			

Fonte: Autoria própria, adaptado do IBGE (www.ibge.gov.br)

Considerando ainda mais alguns aspectos da realidade socioeconômica do grupo investigado em Mamede e Mandacaru, destacamos que o tipo e as condições de moradia evidenciaram uma situação em que todos possuem moradia própria (casas de alvenaria) e da qual declararam-se chefes, alguns esclarecendo ser esta uma circunstância compartilhada com o cônjuge/companheiro. Nestes espaços observamos televisor, geladeira, fogão, antena parabólica, fogão, máquina de lavar, rádio, ventilador, bens de consumo geralmente comuns em grande parte das residências brasileiras. Renda individual e familiar, ambas de 1 salário mínimo (s/m) foi predominante entre os entrevistados, situação de quase 50% do rendimento dos velhos brasileiros que tem renda familiar de até 2 s/m (Fundação Perseu Abramo, 2007).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA (2011, p. 14), utilizando dados da Pnad, demonstrou que a proporção de idosos que recebem benefícios sociais, como aposentadoria ou pensão, cresceu ao longo dos anos e atingiu 85% em 2011, frente ao percentual de 77,5% em 1988, quando foi promulgada a atual Constituição. Pela abordagem dos indicadores, o Brasil avançou na garantia de uma renda mínima para a população idosa, pois “a cobertura quase integral dos idosos por transferências da previdência e da assistência social com benefícios de piso atrelado ao salário mínimo tornou-se, para eles e para os membros de seu grupo doméstico, um seguro contra a pobreza extrema, ou mesmo contra a pobreza”.

Dados do estudo de Buainain, Dedecca e Neder (2013) chamam atenção para a elevada concentração da pobreza extrema na região Nordeste, com quase 16 milhões de pessoas classificadas como pobres extremos, no meio rural e urbano (renda de até R\$140 mensais per capita); quase 9 milhões residem em áreas urbanas e 7 milhões se encontram em áreas rurais. Os estados com os percentuais mais elevados de pobres extremos na população total são Alagoas, Maranhão, Paraíba e Piauí, todos superiores a 30% sendo que esses valores superaram os 50% nos dois primeiros estados quando se considera apenas a população rural. Nesta perspectiva, os autores situam que:

As aposentadorias rurais são um importante fator de elevação dos rendimentos domiciliares e de redução dos níveis de pobreza. A extensão da previdência social para os trabalhadores rurais por conta-própria elevou o nível de rendimentos de muitos domicílios com membros de idade mais avançada, contribuindo para retirar muitos da pobreza. Ainda assim, a aposentadoria beneficia uma proporção menor de domicílios pobres extremos no meio rural com membros enquadráveis nos critérios da previdência, o que confirma a maior exclusão deste grupo, até mesmo para acessar direitos bem estabelecidos (Buainain, Dedecca e Neder, 2013, p. 110).

Silva (2005, p. 90) pondera que essa inserção econômica dos velhos nas famílias pode definir posições de poder, sobretudo quando há dependência familiar de seus rendimentos, situação em que assumem ou mantêm o papel de chefe ou responsável pela família. Foi comum, entre os entrevistados, a ênfase à mudança no estilo de vida pós-aposentadoria pelo maior acesso a bens de consumo, remédios, alimentos, itens de vestuário, reformas residenciais, pagamento de serviços funerários, para citar alguns.

Diante de tal cenário é que partimos de questionamentos construídos para uma discussão/reflexão sobre o contexto público-privado dos velhos a partir da influência educativa

do lazer nas redes de transferência de apoio intergeracional entre estes e suas famílias, nas conquistas sociopolíticas e nas relações de sociabilidade. Mais especificamente, visando favorecer uma análise da construção sociocultural da velhice rural, a partir da experiência do lazer; sobre a maneira como impactam as experiências de lazer na vida, no comportamento e no atuar de velhos rurais. Isto significaria, assim, remeter à:

- ✓ Esfera pessoal/doméstica em função das características dessas práticas de lazer e seus possíveis impactos na auto-percepção dos sujeitos e nas redes de transferência de apoio intergeracional informal; e;
- ✓ Esfera extrafamiliar, considerando o lazer como forma de sociabilidade, discutido sob o viés da construção sociocultural da velhice e nas conquistas sociopolíticas geradoras e/ou fortalecedoras – para além de impactos da organização familiar – de uma (re)descoberta do “seu lugar” social, contribuindo para o sentido de cidadania.

À parte das deficiências de acesso a direitos básicos, nas idas ao campo fomos também com a perspectiva de compreender como a realidade dessas rotinas e hábitos de lazer afetariam as transferências de apoio intergeracional no âmbito da família, nas conquistas políticas e na formação de uma visibilidade com base na imposição de novos papéis para o/a velho/a no rural contemporâneo. Uma perspectiva conectada, talvez, com um olhar mais urbano, no sentido do que encontramos entre os velhos investigados na pesquisa do mestrado: um acentuado envolvimento com lazer, representando alargamento do convívio social com contribuições para a autonomia e independência.

O engajamento em atividades de lazer representaria uma condição de participação em grupos/centros de convivência e associações, que poderia implicar, para o velho, na (re)descoberta de “seu lugar” social e questões de cidadania. No que foi observado, muito mais pulsante é o labor diário que traz o sentimento de vida em curso; o lazer tem uma representatividade diluída na vida desses sujeitos, em face ao estar ativo pelo trabalho, sendo colocado com passagens fronteiriças a este, mas, repensadas quanto ao uso que faça realçar a sua contribuição como instrumento de reflexão e ação articulados para a atuação e protagonismo em suas comunidades, como vislumbrei.

Em ambas as comunidades *locus* do estudo, não há estrutura, equipamentos ou ações de lazer organizadas em prol de oportunidades que estimulem (novas) experiências lúdicas e que facilitem o ajuste ao processo de envelhecimento e, conseqüentemente, colaborem para uma boa qualidade de vida na velhice, como nos fala Neri (1993, p. 9), quando avalia que a sua promoção “excede os limites da responsabilidade pessoal e deve ser vista como um empreendimento de caráter sociocultural”.

Nesta perspectiva, a intenção foi de investigar as práticas de lazer articuladas e vivenciadas na velhice em um contexto rural e como se expressam nos modos de vida dos sujeitos, bem como os demais pontos de análise e reflexão propostos para o estudo. Isto perpassa por uma sistematização de seus perfis e registros de algumas singularidades de comportamento observadas quando da coleta dos depoimentos e registradas nas gravações e/ou diário de campo. Estes perfis foram ilustrados nos *Portraits* enquadrados na sequência dos Quadros de 1 a 30, que apresenta os informantes sob a intenção de desvelar *Quem fala? De onde fala? Por que e como fala? Para quem fala?*, elementos constitutivos de seus próprios discursos.

2.3 PORTRAITS

- Portraits – Mulheres

Quadros de 1 a 13 – Portraits de mulheres

Fonte: Acervo da autora

PORTRAIT: Gertrudes, 75 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas,
MA

ESTADO CIVIL: Viúva

FAMÍLIA: 8 filhos

PROFISSÃO: Dona de casa

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Ensino fundamental
incompleto

Aposentada e pensionista; foi casada por três vezes e hoje é viúva há sete anos. *“Fui casada na “igreja verde” no primeiro casamento; o segundo sem ser o padre; no civil; aí o derradeiro foi no padre. Casar na igreja verde é quando a gente foge mais um caboco e passa uns dias sem casar, nem no civil e nem no padre e aí a gente diz que casou na igreja verde... no mato mais o caboco.... senvergonhice; foi meu primeiro casamento e vê lá eu tinha 14 anos; eu era uma “cunhãnzona”.*

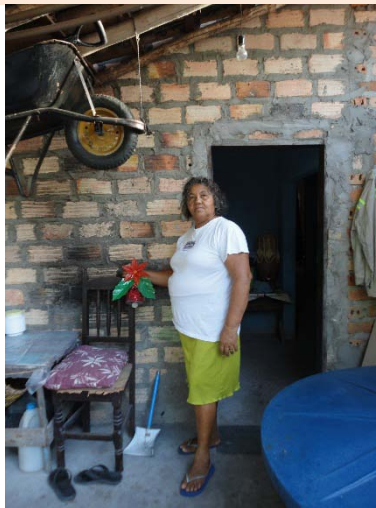
Nunca trabalhou fora de casa, pois o marido não permitia. *“Nunca comprei um palito de fósforo com um tostão que eu ganhasse, que eu trabalhasse; só na minha cozinha; ele não deixava eu fazer nada pra ganhar dinheiro porque quando eu me casei eu tinha 14 anos e ele já tava com 23; ele era vaqueiro de curral de arame, ele tinha canoa e caçoeira de pescar. E o dinheiro dele, ele só via quando eles faziam conta, que arrecebia; quando ele chegava ele me dava... e eu é quem tomava conta. Dinheiro era só pra ele receber e me entregar e eu era quem dava conta do recado”.*

Com renda individual/familiar de 2 salários mínimos, faz reserva para despesas funerárias, destacando: *“já reservo o meu pra quando eu morrer ter meu trocadinho; e gasto com essa despesa... de “dicumê... compro roupa, compro remédio...”.* Casa própria e da qual é a chefe: *“é minha a casa, sou eu que mando lá. Se eu disser pode fechar essa porta, já tá fechada”.* Avalia a saúde como regular; não tem hábito de ir ao médico, faz uso de remédios caseiros e também não tem restrições quanto à alimentação. *“Posso comer todo inseto, nada me faz mal”.*

É bem humorada, extrovertida, sorridente e descontraída. Vive um impasse familiar devido a conflito com a filha, sentindo-se infeliz e inconformada com a situação (a filha engravidou, deixou a criança aos cuidados da mãe e foi embora da localidade; ao voltar, depois de anos, aproximou-se da filha, reclamando a maternidade e gerando revolta na avó-mãe). Demonstra segurança ao falar, mas parece deprimir-se quando se refere ao assunto. Lúcida, boa memória, dialoga utilizando metáforas “igreja verde” e expressões populares (*“tu só quer ser o que não marca na*

folhinha”), sempre brincando com o assunto conversa.

PORTRAIT: Josefina, 64 anos



NATURALIDADE: Barreirinhas (sede); reside em Mandacaru.

ESTADO CIVIL: Casada

FAMÍLIA: 12 filhos

PROFISSÃO: Dona de casa

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Ensino fundamental completo (1^a a 4^a série, cursadas no Programa de Educação de Jovens e Adultos/PROEJA).

Mora em Mandacaru desde os 7 anos de idade; dos 12 filhos, 10 estão vivos; tem 15 netos e 2 bisnetos. Católica praticante, catequista há 8 anos. Trabalhou na Pastoral da Criança por 16 anos. É aposentada.

Avalia a saúde como ruim, por sentir cansaços e estresse; costuma ir ao médico e faz uso de remédios prescritos e caseiros. Faz caminhadas diárias e até 2010 jogava bola com um grupo de amigas. Tem poucas restrições alimentares.

PORTRAIT: *Firmina, 87 anos*



NATURALIDADE: Ponta do Mangue, Barreirinhas, MA.

PROFISSÃO: Doméstica e costureira

ESTADO CIVIL: Viúva

RELIGIÃO: Católica

FAMÍLIA: 10 filhos; 24 netos

ESCOLARIDADE: Ensino fundamental incompleto.

Aposentada e pensionista, mudou-se para Mandacaru há 60 anos; com a renda da aposentadoria e da pensão diz que agora só faz “...comer e dormir”; dessa renda revela: “...compro alguma coisa pra mim, como bem graças a Deus, compro algum móvel, se quero alguma coisa...com remédio, esse é o principal, roupa quase nem compro que minhas filhas me dão”. Avalia a saúde como regular.

A casa é própria, na qual é “a dona, a chefe, a empregada.. é tudo”. Mora só; utiliza uma bengala para locomover-se e é vaidosa (cabelos grisalhos, bem penteados, asseio completo; unhas dos pés e mãos bem cuidadas e pintadas por manicure, bem trajada com vestido de algodão e sandália); está sempre bem arrumada para ir a qualquer lugar.

Oscila entre um ar de ranço e brincadeira, cada um em seu momento, parece ser uma pessoa rígida, mas frequentemente descontraí; gosta de morar sozinha, lembra-se dos netos com carinho e sem apego, possui um gato preto de quem diz gostar muito. Completamente lúcida; excelente memória, sempre atenta aos mínimos detalhes e é minuciosa ao falar; assiste à missa todos os dias pela televisão; tem concepção crítica e analítica de tudo, principalmente política.

PORTRAIT: *Camélia, 62 anos*



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, MA. PROFISSÃO: Lavradora

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Viúva

ESCOLARIDADE: Analfabeta.

FAMÍLIA: 7 filhos

Atualmente é aposentada, mas, desde os 15 anos de idade trabalha em roça de mandioca, atividade ainda presente e que garante apoio na alimentação da família. A renda de 1 salário mínimo garante a aquisição da alimentação e itens de vestuário. A casa, feita de adobe, é própria, mas espera há três anos uma outra de tijolo e telha de programa social do governo federal.

Avalia a saúde como regular, pois têm muitas preocupações com a família, agravadas com a morte do marido. *“De saúde acho que eu num tô bem, não sabe... porque a gente batalha demais, bate com cabeça bastante... porque eu num... num batia muito com minha cabeça antes, num batia muito com minha cabeça não, mas depois que meu marido morreu aí eu bati com minha cabeça bastante”*. Reclama que não consegue engordar: *“só num consigo engordar porque acho que o calibre é esse mermo, né! Só pode!”*.

Visitas ao médico estão condicionadas a sentir-se fraca e magra (*“Às vez eu to assim muito...assim muito fraca, fininha mermo demais aí eu vô compro remédio e tomo, aí vô me consulto, tomo remédio, assim”*). Faz uso de remédios caseiros (chás) e medicamentos prescritos também. Costuma fazer caminhadas, sempre motivada pela frequente visita a parentes. Abstém-se de comer certos alimentos e temperos por preocupação com problemas estomacais.

PORTRAIT: Filomena, 62 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, PROFISSÃO: Marisqueira
MA.

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Casada.

ESCOLARIDADE: Ensino fundamental completo

FAMÍLIA: 3 filhos; mora com o esposo e 1 filho

Aposentada como marisqueira, trabalha hoje em um pequeno comércio localizado em Mandacaru; foi também manicure, bordadeira, fazia caçoeira³⁹, pintura artesanal. Trabalhou como educadora leiga, em época que havia poucos profissionais com formação para o ensino regular. Tem renda individual de 1salário mínimo e familiar em torno de 4 salários mínimos. Faz gastos com remédios, alimentação, roupas.

Mora em casa própria, é a chefe da casa, juntamente com o esposo. Tem problemas de pressão e colesterol altos. Faz uso de medicamentos, prescritos por médicos e também usa plantas medicinais. Não tem restrições alimentares, porém evita comer frituras e sal. Avalia a saúde como regular.

Fazer caminhadas, jogar futebol com outras mulheres e andar de quadriciclo estão entre as atividades preferidas. Serena, alegre, clara nas palavras, considera que vive bem em Mandacaru.

³⁹ Rede de arrasto usada na pesca em mar alto (Ferreira, 2000).

PORTRAIT: Carlota, 61 anos



NATURALIDADE: Mandacaru/Bar da Hora, Barreirinhas, MA.

PROFISSÃO: Marisqueira.

ESTADO CIVIL: Casada

RELIGIÃO: Evangélica

ESCOLARIDADE: Alfabetizada (Mobral).

FAMÍLIA: 10 filhos; mora com o esposo e o irmão, deficiente mental

Aposentada como marisqueira e com renda de 1 salário mínimo, de vez em quando ainda vai catar siri, camarão, sururu, etc. Agradece a Deus pela situação mais tranquila vivida hoje: *“eu tenho passado tanta coisa em minha vida, mas eu agradeço, vivendo só de pescaria, só de roça. Agora eu já tenho o salário do meu aposento, aquela precisão que eu tinha antigamente agora não tenho mais, agradeço a Deus, graças a Deus que o governo deu essa oportunidade desse dinheirinho porque a gente trabalhava até não poder mais!”*.

Renda familiar de 2 salários; o marido sempre que pode volta a pescar para complementar o orçamento doméstico.

Avalia a saúde como regular devido às dores lombares; faz uso de medicamentos caseiros, chás e garrafadas. Evita comer sal e gordura, mas, no geral, não tem restrições alimentares.

Sua rotina envolve, além das tarefas domésticas, criação de pequenos animais e a manutenção de uma pequena venda na lateral da casa. É a cuidadora do irmão que possui necessidades especiais.

PORTRAIT: Dinorá, 67 anos



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, PROFISSÃO: Lavradora
MA.

RELIGIÃO: Evangélica

ESTADO CIVIL: Casada

ESCOLARIDADE: Analfabeta

FAMÍLIA: 10 filhos

Aposentada com renda de 1 salário mínimo e familiar de 2 salários; o esposo faz linhas de roça pra complementar o orçamento. Casa própria de tijolo, construída com “*os primeiros ganhos do aposento*”, do que muito se orgulha.

Avalia a saúde como regular, queixando-se de problemas de coluna, de vista e pressão alta. Mora com o esposo e, no fundo da casa, a nora e 2 netos. Emociona-se ao falar dos filhos quem moram em Manaus (AM). Serena, fala pausadamente, revelou sentir-se cansada; a saúde parece frágil; é uma pessoa triste.

PORTRAIT: Antonieta, 68 anos



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, PROFISSÃO: Lavradora
MA.

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Casada (união estável)

ESCOLARIDADE: Analfabeta

FAMÍLIA: 2 filhos

Aposentada com renda de 1 salário mínimo; faz gastos principalmente com alimentação e medicamentos. Não sabe com certeza a idade, mas acha que tem 68 anos; é viúva do primeiro casamento e, atualmente vive união estável.

Avalia a saúde como regular, por ter reumatismo e dores de cabeça constantes.

PORTRAIT: Creuza, 72 anos



NATURALIDADE: Tutóia (MA), residindo em Bar da Hora/Mandacaru, Barreirinhas (MA).

ESTADO CIVIL: Viúva

FAMÍLIA: 10 filhos

PROFISSÃO: Marisqueira

RELIGIÃO: Evangélica

ESCOLARIDADE: Analfabeta

Pensionista com renda de 1 salário mínimo, faz gastos principalmente com medicamentos e alimentação; trabalhava junto com o marido na atividade pesqueira. Mora com um filho e 3 netos.

Avalia a saúde como regular por sentir frequentes dores no corpo, necessitando fazer consultas e exames com regularidade. Diz que não gosta de ir ao médico porque sempre que vai “dá tanta da coisa, tanta da coisa que eu digo, eu não gosto de consultar, porque a gente vai consultar e o médico adoecer é a gente; ele disse que tem uma veia do meu coração que tá entupida”. As restrições alimentares remetem ao controle do uso do sal e gordura.

PORTRAIT: *Luzia, 65 anos*



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas (MA).

ESTADO CIVIL: Casada (união estável há mais de 30 anos)

FAMÍLIA: 3 filhos

PROFISSÃO: Empregada doméstica

RELIGIÃO: Sem religião

ESCOLARIDADE: Ensino fundamental completo

Aposentada com renda de 1 salário mínimo; faz gastos principalmente com roupas, alimentação e pagamento de tributos (água e luz). Renda familiar de 2 salários mínimos. Casa própria feita de adobe; 3 filhos (dois adotados); mora apenas com o companheiro.

Avalia a saúde como regular por ter problemas de estômago, fígado, dor de cabeça. Relata que cuida da saúde “*em casa mermo; tem vez que eu vou para Barreirinhas; todos os meses eu tô lá; eu sou inimiga de remédio, eu cozinho é muita raiz de pau e folha de chanana⁴⁰ e toda coisa*”. Sobre alimentação, diz: “*eu como de tudo, é difícil ter uma comida que me faça mal*”.

⁴⁰ Planta lenhosa da família das turneráceas (*Turnera ulmifolia*), ornamental e usada em medicina; também conhecida como albina (Ferreira, 2000).

PORTRAIT: Rosa, 66 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Viúva

FAMÍLIA: 15 filhos (11 vivos); 16 netos; 7 bisnetos

PROFISSÃO: Marisqueira

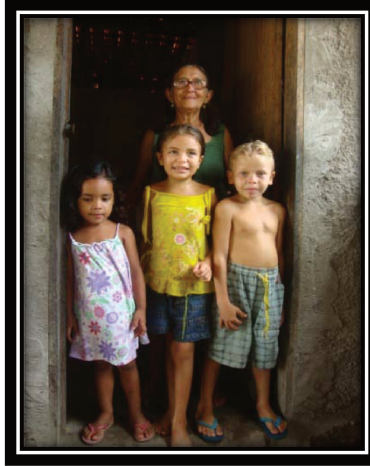
RELIGIÃO: Evangélica

ESCOLARIDADE: Analfabeta

Aposentada e pensionista, com renda de 2 salários mínimos; revela que pescava noite e dia com o marido para alimentar os filhos. Além dos gastos com alimentação, fez a reforma da casa.

Avalia a saúde como regular devido a problemas como hipertensão e bico de papagaio. Regularmente vai a São Luís para consultas e exames. Mantém o hábito de fazer caminhada, evitar comer comida salgada e gordurosa. Mora com a filha.

PORTRAIT: *Esmeralda, 80 anos*



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, PROFISSÃO: Lavradora
MA.

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Viúva

ESCOLARIDADE: Analfabeta

FAMÍLIA: 5 filhos

Foi casada três vezes e viúva três vezes. Aposentada com renda de 1 salário mínimo, com a qual faz gastos com alimentação, remédios. Mora com 3 netos pequenos. Avalia a saúde como ruim devido às dores de cabeça, tontura, reumatismo, cansaço. Evita comer certos alimentos que considera reimosos⁴¹ (carne de porco, alguns peixes, etc.).

Trabalhou ainda como costureira.

⁴¹ Reimoso: que tem reima: que prejudica o sangue; que causa prurido (Ferreira, 2000).

PORTRAIT: Natividade, 65 anos



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Casada (união estável); viúva do primeiro casamento

FAMÍLIA: 1 filha

PROFISSÃO: Lavradora

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Lavradora. *“Meu pai escolheu nós pra roça miudinha, nem sabia falar direito; acho que com uns 8 anos a gente já arrancava os tocos da roça, parei de trabalhar com 60 anos”.*

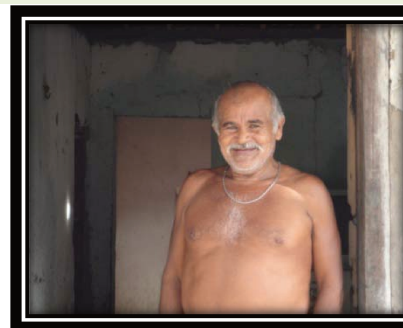
Aposentada com renda de 1 salário mínimo e, junto com o marido, complementa o orçamento com a venda de farinha, galinhas e tapioca.

Avalia a saúde como ruim em função da diabetes, pressão alta e problemas com a tireoide. Descreve-se como uma pessoa nervosa e muito doente. Toma remédio controlado e mensalmente vai à São Luís para tratamento de saúde. Tem restrição a alimentos como farinha e evita sal e gordura. Mora com o esposo e 1 neta.

Portraits – Homens

Quadros de 14 a 30 – Portraits de homens
Fonte: Acervo da autora

PORTRAIT: Manoel, 64 anos



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, MA. PROFISSÃO: Lavrador

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Casada

ESCOLARIDADE: Analfabeto.

FAMÍLIA: 7 filhos

Aposentado, mas ainda lidando com roça; renda individual de 1 salário mínimo e familiar de 2 salários mínimos; junto com a esposa costuma fazer empréstimos bancários, que gastam com comida, roupa, e eletrodomésticos. Avalia a saúde como regular, devido a problemas nos ossos. Sem restrições alimentares.

PORTRAIT: Abílio, 81 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Solteiro

FAMÍLIA: 2 filhos adotivos; mora sozinho

PROFISSÃO: Pescador profissional durante 60 anos

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: *“estudei um pouquinho, não estudei mais porque aqui não tinha como...meus pais eram pobres. Eu fiz a 4ª série duas vezes, tenho dois diplomas da 4ª, fiz dois cursos da marinha também; fiz assim, porque as pessoas vinham pra cá pra negócio de pescador, negócio de curso de salgamento, congelamento... tudo eu tenho”.*

Aposentado há 22 anos, casa própria e renda de cerca de R\$ 1.000,00, ressaltando que pouco gasta com itens como vestuário, já que recebe muitos presentes do Brasil e do exterior. *“Olha se eu lhe disser nem vai acreditar, roupa, é difícil eu comprar uma peça, alguma coisa, uma bermuda quando eu dou fé chega os pacotes, de todo lado do Brasil, de Portugal, quantas coisas já recebi de lá.. de roupa. tudo, ... biquini, short, toda coisa”.*

Avalia a saúde como boa (*“a vista tá boa, de noite enfio uma agulha na claridade da luz na hora que eu quero; não tenho pressão alta, dor de cabeça, lá uma hora eu sinto e também uma coceira nos olhos de vez enquanto quando eu to gripado, mas o resto, graças a Deus”*). Não tem restrições alimentares significativas.

Abílio possui aparência saudável, estatura mediana, aproximadamente 1,70m, pele clara rosada e com algumas “pintinhas” como sardas, provavelmente provocadas pela exposição excessiva ao sol, cabelos brancos bem cortados, barba feita, unhas cortadas, parece que está um pouco acima do peso, tem uma barriguinha acentuada.

Mostrou-se tranquilo, aparentemente tímido e bem humorado (sorri frequentemente), muito extrovertido, possui autoestima valorizada, porque sente-se realizado com o que faz (cozinha para restaurantes, eventos na comunidade e até para as famílias da comunidade).

Apesar de morar sozinho, ele sente-se muito bem com as visitas que recebe, pois frequentemente é muito entrevistado; já recebeu as visitas da atriz Malu Mader e da apresentadora Ana Maria Braga. Destes momentos guarda fotos e reportagens de jornais e revistas nas quais foi destacado como um tesouro.

Lúcido, senso crítico político aguçado, articulado e articulador, compreensivo. Em alguns momentos demonstra saudosismo de atividades realizadas quando jovem, como a extração de caranguejo; em outros, sente nostalgia ao lembrar-se dos amigos que partiram, associada à transformação acelerada pela qual passa a comunidade; mas está bem com a presença dos filhos adotivos e declara-se orgulhoso pela situação em que cada um se encontra; diverte-se bastante com o neto.

PORTRAIT: Benedito, 60 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Casado

FAMÍLIA: 5 filhos

PROFISSÃO: Funcionário público (faroleiro) – *“é um serviço de muita responsabilidade... e a finalidade dele é afastar, orientar os navios”.*

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Ensino médio completo

Tem casa própria em São Luís e em Mandacaru mora, junto com um dos filhos, em casa cedida pela Marinha; católico; renda não declarada, mas com a qual paga as despesas da família.

Avalia a saúde como boa. *“Acho que tá boa; eu durmo bem, não sinto dor de cabeça... sinto a boca um pouco amarga, eu sinto um pouco o fígado. Se eu me sentisse assim mal... Eu não conseguia levantar cedo. Porque eu não consigo ficar deitado não. Já é costume. A vista tá um pouco cansada, mas ainda enxergo. Chega um tempo que tem gente que não pode comer de tudo o que a gente gosta quando tá ficando assim mais de idade. O médico disse que tô com um pouco de diabetes e por isso não posso comer de tudo, não posso comer gordura”.*

Desportista, sempre gostou de fazer caminhada, jogar futebol *(de dois em dois dias eu faço caminhada, dou um piquezinho de meia hora...e me sinto bem; eu jogava bola demais, eu era jogador... só a subida esse Farol já é um exercício; são 8 lances de escada de 20 degraus. Faz caminhadas; está no peso regular.*

Comunica-se facilmente com seriedade (não “sisudo”), é descontraído e demonstra ser muito carinhoso e afetivo quando se refere aos filhos. Tem memória ativa, é sensato e envolvido com movimentos políticos, foi candidato a vereador da comunidade, trabalha como faroleiro e administra a rádio comunitária do povoado; a rádio popular, é articulador comunitário e participa ativamente de eventos sociais, já possuiu um time de futebol e participou de vários campeonatos.

PORTRAIT: Francisco, 87 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Viúvo, depois de 58 anos de união conjugal

FAMÍLIA: 8 filhos

PROFISSÃO: pescador e lavrador. *“Foi sempre de pescaria e também de lavouras, de roças; peixes de curral, de rede, de tanta coisa eu trabalhei na vida; fui um homem trabalhador, Ave Maria, muito camarão, muito peixe. Da minha infância, de meus 18 anos até os 60 anos eu trabalhei, aí depois eu perdi minha visão. Eu tive um acidente num coqueiro que quebrou comigo e eu botei muito sangue; baixeí hospital em Barreirinhas e eu pensava até que eu não ia ficar bom, mas Deus é bom. Tá com 17 anos”.*

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Ensino fundamental incompleto

Deficiente visual; mora sozinho, mas bem ao lado da família da filha. Aposentado e pensionista recebe 2 salários mínimos: *“desse aí dá pra eu viver bem, comer, beber! Eu gasto bem R\$ 300,00 só na minha alimentação todo mês. Faço serviço dentário; faço tudo tranquilo”.* A filha lida com o dinheiro.

Avalia a saúde como regular, porque, diz *“gente vai envelhecendo, vai envelhecendo, pra idade, pra idade... Jamais é como eu já fui na vida”.* É diabético e hipertenso. Recebe a visita do médico em casa. Mesmo com algumas restrições alimentares, costuma comer mesmo o que não é recomendado.

Possui características físicas muito saudáveis, estatura de aproximadamente 1,75m, cútis parda levemente bronzeada, cabelos grisalhos bem cortados; muito asseado, com as unhas das mãos e dos pés bem tratados e barba feita. Aparenta bom estado de saúde. Acredita que adquiriu a cegueira provavelmente após um acidente quando caiu junto com um “olho de coqueiro”. Das características emocionais percebe-se que fica sempre saudoso da companhia da esposa já falecida, ainda assim, sente-se muito feliz. Como características psicológicas apresenta lucidez plena, seu diálogo é coeso e expressivo, bastante compreensivo, possui um senso crítico linear, principalmente o político, às vezes oscilando entre a rigidez amena e a flexibilidade; quando se refere à afetividade e família, parece muito sincero e determinado no que diz e no que faz e aceita naturalmente as consequências de suas limitações. Gosta muito da sua casa, do lugar e das pessoas que ali moram pelo respeito recíproco, sente-se amado pelos filhos e pelos netos, portanto, é satisfeito com tudo e todos com quem vive e convive.

PORTRAIT: *Euclides, 66 anos*



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Casado

FAMÍLIA: 4 filhos

PROFISSÃO: Pescador de profissão, mas também atuava como carpinteiro, fazendo canoa.

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Alfabetizado (MOBRAL)

Viúvo do primeiro casamento, mora com a atual esposa e os 4 filhos (o filho mais velho tem 14 e o mais novo tem 4 anos).

Aposentado, com renda de 1 salário mínimo; frequentemente ainda faz pescarias. É hipertenso e desenvolveu alergia a mariscos há 30 anos, resultando em restrições alimentares.

Tem estatura mediana, mais ou menos 1.70m, pele parda clara bastante bronzeada e muito maltratada pelo sol. Demonstra cansaço e queixa-se de dores na coluna, o peso parece regular, mas tem uma barriga acentuada. Apresenta timidez acentuada, numa mescla de tensão, ansiedade com algo, pelo menos na hora da entrevista. Muito atencioso (cheguei na hora do almoço, mas não hesitou em atender-me); em vários momentos expressou que a família o motiva consideravelmente a continuar trabalhando. Mostrou-se relativamente, muito preocupado com o futuro dos filhos.

PORTRAIT: Severino, 76 anos



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, PROFISSÃO: Lavrador
MA.

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Casado (união estável)

ESCOLARIDADE: Analfabeto

FAMÍLIA: 6 filhos

Casado e viúvo do primeiro casamento, diz que “*hoje é só junto*”. Lavrador desde os 15 anos de idade, mesmo aposentado, continua a trabalhar porque gosta da roça.

Tem renda de 1 salário mínimo e, com a fabricação da farinha, complementa o orçamento doméstico; esse dinheiro é aplicado, sobretudo em alimentação e remédios.

Avalia a saúde como regular, pois sofre com dores nas pernas e no estômago. Faz visitas regulares ao médico com uso de medicamentos prescritos e caseiros. Tem algumas restrições alimentares.

PORTRAIT: Joaquim, 74 anos



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, PROFISSÃO: Lavrador
MA.

RELIGIÃO: Evangélica

ESTADO CIVIL: Casado

ESCOLARIDADE: Analfabeto

FAMÍLIA: 13 filhos

Nascido em São João, Cardosa/Mandacaru é viúvo do primeiro casamento; são 4 filhos do primeiro casamento e 9 do segundo. Mora com a esposa e uma filha. Destaca que foi o trabalho de uma vida inteira na roça que sustentou a família: *“eu criei essa família todinha foi trabalhando de foice, sacho⁴², machado, enxada pra poder dar conta, eu criei, são treze fii que eu criei”*.

Aposentado, mas ainda trabalhando com a roça de mandioca para a fabricação de farinha, tem renda de 1 salário mínimo. Já fez empréstimos para arcar com tratamento de saúde da esposa (consultas, exames, operação, dieta). Casa própria, finalizada com telha e tijolo de adobe depois de aposentado.

Avalia a saúde como regular devido a problemas de coluna, dor nas pernas, enxaqueca; consulta regularmente o médico, fazendo uso dos medicamentos prescritos e também remédios caseiros.

⁴² Pequena enxada, estreita e longa, em geral com uma orelha pontiaguda ou bifurcada na parte superior, acima do olha (Ferreira, 2000).

PORTRAIT: Vicente, 90 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas,
MA.

PROFISSÃO: Pescador

RELIGIÃO: Evangélica

ESTADO CIVIL: Foi casado por duas vezes,
sendo viúvo do primeiro matrimônio e no
segundo a esposa foi embora de casa.

ESCOLARIDADE: Analfabeto

FAMÍLIA: 15 filhos

Mora com uma filha e 2 netos; pescador de profissão, é aposentado com renda de 1 salário mínimo, do qual faz gastos sobretudo com alimentação.

Avalia a saúde como boa, mesmo com o problema da *pressão alta, controlada com medicamento*. Não tem restrições alimentares. Lúcido, claro no falar, sereno, alegre e de bem com a vida, embora tenha relatado sentir-se solitário.

PORTRAIT: Nestor, 62 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA. PROFISSÃO: Pescador

ESTADO CIVIL: Casado

RELIGIÃO: Católica

FAMÍLIA: 4 filhos

ESCOLARIDADE: Analfabeto

Aposentado com renda mensal de 1 salário mínimo e familiar de 2 salários, gastando com alimentação, vestuário, medicamentos. Diz que a casa é da esposa e ela é a chefe da casa. Mora com a esposa.

Avalia a saúde como boa; nunca foi ao médico, nem faz uso de medicamentos. Simpático, mas de poucas palavras; destacou que embora vivendo somente com a esposa, são muito felizes; os filhos moram por perto, mas foi perceptível a solidão de ambos.

PORTRAIT: Osório, 65 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA. PROFISSÃO: Pedreiro

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Casado

ESCOLARIDADE: Analfabeto

FAMÍLIA: 6 filhos

Aposentado com renda de 1 salário mínimo e familiar de 2 salários; faz gastos principalmente com alimentação, remédios. Mora com a esposa e 1 filho. Demonstra orgulho por ter sido o construtor da casa em que residem.

Avalia a saúde como regular, já que tem problema de próstata; regularmente vai a São Luís para consultas e exames. Sem restrições alimentares.

PORTRAIT: Tenório, 77 anos



NATURALIDADE: Mandacaru, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Viúvo; mora sozinho. *“Filhos tem muitos que moram aqui, mas são casados e não querem vir morar mais eu e os netos não querem vir também”.*

FAMÍLIA: 12 filhos (*“nesse tempo não tinha uma televisão, não tinha nada e quando chegava de noite, era fazer menino”*).

PROFISSÃO: Pescador

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Analfabeto; *“não sei fazer nem meu nome; eu fiquei assim no cabresto, quem não sabe nem colocar o nome fica no cabresto; se quero ir pra São Luis, vou no cabresto”.*

Aposentado (*“Agora não faço nada, só comendo”*), tem renda de 1 salário mínimo e faz gastos com alimentação, roupa e remédios. A filha faz as compras que precisa.

Avalia a saúde como boa, apesar da insônia e problemas de visão. Faz uso de medicamento controlado (valium) (*“Depois que minha mulher morreu, vivo no remédio pra dormir; só o que incomoda é a dormida ruim e se não fosse o remédio era pior”*). Sem restrição alimentares.

Solitário, carente de afeto; passa grande parte do dia sozinho.

PORTRAIT: Isidoro, 69 anos



NATURALIDADE: Barda Hora-Mandacaru, Barreirinhas, MA.

PROFISSÃO: Pescador

ESTADO CIVIL: Casado

RELIGIÃO: Evangélica

FAMÍLIA: 14 filhos

ESCOLARIDADE: Alfabetizado

Trabalha ainda como pedreiro; tem renda de 1 salário mínimo e renda familiar de 2 salários; faz gastos com alimentação.

Avalia a saúde como excelente, diz não ter problemas de saúde, apenas a vista cansada. Não toma remédios. Faz caminhada. Sem restrição alimentar.

Está na terceira família; mora com a esposa e uma neta. Ativo, otimista, é o dirigente da Igreja Assembléia de Deus na comunidade. Tem paixão por gatos.

PORTRAIT: Olegário, 69 anos



NATURALIDADE: Tutóia (MA), residindo em Bar da Hora/Mandacaru, Barreirinhas, MA.

ESTADO CIVIL: Casado

FAMÍLIA: 12 filhos

PROFISSÃO: Pescador

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Analfabeto

Aposentado, com renda de 1 salário mínimo, faz gastos com alimentação, remédios, principalmente. Ainda trabalha como pescador e não pensa em parar. Mora com a esposa, 1 filha e 2 netos. Tece redes de pesca.

Avalia a saúde como boa, apesar de ter perdido a visão de um olho, necessitando ir ao oftalmologista regularmente. Sem restrição alimentar.

PORTRAIT: Antenor, 67 anos



NATURALIDADE: Paulino Neves (MA), residindo em Mamede, Barreirinhas, MA.

PROFISSÃO: Lavrador

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Casado

ESCOLARIDADE: Analfabeto

FAMÍLIA: 3 filhos

Aposentado, ainda trabalha na roça, lembrando que *“a corda muito puxada quebra, ser velho é isso”*. Tem renda de 1 salário mínimo.

Avalia a saúde como regular, queixando-se de hipertensão e das *“dores da velhice”*, que o impedem de identificar o que tem, realmente. Não tem restrições alimentares.

Mora com a esposa e 2 netas. É deficiente físico (perna esquerda), o que não o impede de locomover-se.

PORTRAIT: Venceslau, 65 anos



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, MA.

PROFISSÃO: Lavrador

ESTADO CIVIL: Casado

RELIGIÃO: Católica

FAMÍLIA: 5 filhos

ESCOLARIDADE: Analfabeto

Ainda trabalha como lavrador, mora com a esposa, 1neto, uma filha e uma nora. Tem renda individual de 1 salário mínimo e familiar de 2 salários; à renda familiar é incorporado o ganho advindo com a produção da lavoura de farinha, milho e arroz.

Avalia a saúde como regular devido a problemas de diabetes, colesterol, pressão alta, tortura e dores no joelho.

PORTRAIT: *Cristóvão, 67 anos*



NATURALIDADE: Mamede, Barreirinhas, PROFISSÃO: Lavrador
MA.

RELIGIÃO: Católica

ESTADO CIVIL: Casado

ESCOLARIDADE: Alfabetizado

FAMÍLIA: 11 filhos

Lavrador aposentado, ainda trabalhando na roça; renda de 1 salário mínimo e familiar de 2 salários. Mora com a esposa, 3 filhos e 2 netas.

Avalia a saúde como regular, relatando problemas de reumatismo, indo regularmente a São Luís para tratamento. Costuma fazer caminhada. Não tem restrições alimentares.

Alegre, ativo, é chefe de uma família numerosa.

PORTRAIT: Américo, 77 anos



NATURALIDADE: São Luís (MA), mas foi criado em Mandacaru, Barreirinhas (MA).

ESTADO CIVIL: Solteiro

FAMÍLIA: 4 filhos

PROFISSÃO: Pescador

RELIGIÃO: Católica

ESCOLARIDADE: Analfabeto – “Estudei muito pouquinho, sei malmente butar meu nome, mas já esqueci, tô velho, tô de idade, me esqueci”.

Uma vida inteira dedicada ao trabalho como pescador: “Na minha vida, nasci e me criei pescando. Com idade de 6 anos comecei a pescar. Tenho 60 e tantos anos de pescaria, aí larguei e foi o tempo que me aposentei, e tô aguentando. Eu pescava tudo da pescaria do mar: marisco, pescava, tirava sururu, tirava ostra, sarnambi pra fazer caeira, tudo. De tudo eu fazia”.

Leva uma vida solitária e sobre a questão familiar revela: “Nunca fui e nem tenho vontade de casar, sou rapaz ainda. Filhos nunca tive, agora eu criei quatro, filho dos outros”. Eu não tenho família, não, eu não moro assim; eu não tenho casa. Sou solteiro, quando eu quero morar eu moro 4 meses, 4 dias aqui, ali, com a minha irmã. Passo de 4 dias, 6, 8, 10, vou pra São Luís, lá também eu tenho irmão, tenho sobrinho, lá eu passo 1 mês constante ou quando der; vou pra Barreirinha, tem uma casa com um quarto, só quarto alugado”.

Avalia a saúde como boa, destacando que só se sente ruim quando “(...) tomo aquela garrafa, aquela do pescoço fino; porque às vezes eu facilito, eu caio e alguém me pega. Cachaça branca, cachaça da terra, eu bebo tudo, essa misturada gostosa que eles vendem aí”. Não tem restrições alimentares.



CAPÍTULO 3

VIVÊNCIAS DE TEMPO LIVRE E LAZER ENTRE ESPAÇOS E MOTIVAÇÕES

3.1 Sobre as rotinas de tempo livre: velhos da pesca e da roça

Neste capítulo avançamos as discussões do estudo, expondo com mais ênfase o tratamento analítico das entrevistas a partir dos depoimentos dos velhos e velhas apresentados anteriormente. Assim, neste tópico, evidenciamos as características da apropriação de seus tempos livres e as rotinas, contrastando a realidade situacional de homens e mulheres em suas comunidades, bem como ponderamos sobre outras questões definidas no trabalho, tal como a trajetória desses sujeitos no espaço rural.

Nesta perspectiva, nos reportamos a Teixeira e Alvarenga (2007, p. 03) em sua reflexão de que a “experiência do tempo sob o olhar sócio-antropológico apresenta em suas modulações, os tempos cotidianos”, nos quais “a rotina do dia-a-dia, transcorre no fluxo das atividades humanas ordinárias, habituais, contextualizadas em processos macro e microsociais, individuais e coletivos, objetivos e da ordem da subjetividade humana”.

É neste contexto, que fomos buscando conhecer as experiências dos eventos, tempos, espaços e motivações presentes na vida do grupo de velhos que acompanhamos. Tal como as autoras, destacamos que, nos termos de Giddens (1998), a reprodução de práticas e ações evidenciadas na vida social manifestadas nas atividades mais rotineiras podem ser representados como um percurso tempo-espaço inserido em um tempo reversível.

A rotina, ou seja, tudo o que é feito habitualmente, é um elemento básico do dia-a-dia e uma das dimensões dos tempos cotidianos. Constitui-se de práticas sociais recorrentes, que estruturam a existência diária e a identidade, gerando a “segurança ontológica” de que os sujeitos necessitam para não se perderem no emaranhado de suas vivências no mundo moderno (Teixeira e Alvarenga, 2007, p. 03).

Essas identidades pessoais dos indivíduos são estruturadas, mais em torno de escolhas de estilo de vida que envolvem questões particulares e identitárias relacionadas à aparência, vestuário, alimentação, religião, convívio, organização do tempo, usos do corpo e outros, como analisa Giddens (2010). Buscamos isto na realidade investigada, na situação particular de velhos rurais em função de suas rotinas de tempo livre.

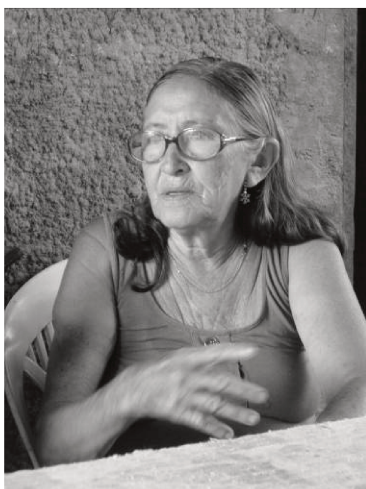
Destacamos novamente que a abordagem sociológica sobre o tempo livre concebida por Elias e Dunning (1992) traz consigo o posicionamento de que o lazer tem importante significado social, portanto, é passível de ser investigado e teorizado, postura que adotam, criticando que:

[...] a sociologia orientou-se para o campo restrito dos aspectos “sério” e “racional” da vida, o que teve como efeito que o divertimento, o prazer, o jogo, as emoções e as tendências “irracionalistas” e “inconscientes” do homem e da mulher tivessem merecido escassa atenção no âmbito da teoria e da investigação sociológicas. (Elias e Dunning, 1992, p. 16).

Por tal posicionamento, os autores, conforme já mencionamos, vislumbraram a necessidade de se repensar a questão do tempo livre, ao que conceberam um quadro-síntese para a análise das relações e diferenças entre as atividades vivenciadas no chamado tempo livre: o *espectro do tempo livre*, uma forma de distinguir as atividades realizadas nesse período. A proposição de Elias e Dunning permite a delimitação das atividades que compõem esse universo, no qual o lazer se opõe, por exemplo, às rotinas da vida social.

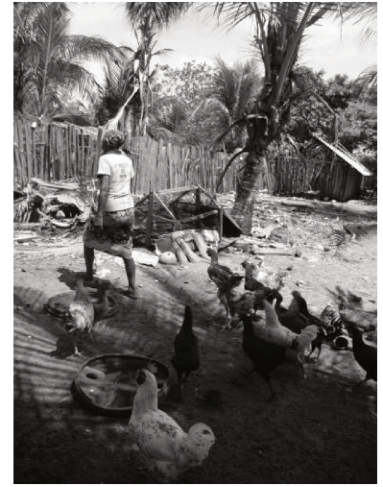
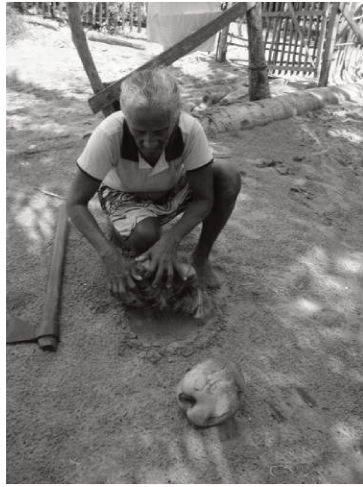
Neste tópico, destaco as *Rotinas de Tempo Livre* considerando que representam:

- ⇒ *A provisão rotineira das necessidades biológicas*, que envolve as necessidades individuais biológicas e cuidados com o próprio corpo (comer, beber, descansar, dormir, fazer a sesta, sexualidade, fazer atividades físicas, tomar banho, resolver questões de alimentos e das doenças) e,
- ⇒ *As rotinas familiares e com a casa*, que envolvem o comando e organização da casa e da família (conservar a casa em ordem; organizar as rotinas; cuidar da lavagem de roupas; comprar alimentos e roupas; fazer preparativos para uma festa; resolver assuntos financeiros; administração da casa e outras formas de trabalho (não profissional) privado para si próprio e para a família; lidar com tensões e fadigas familiares; alimentar, educar e cuidar das crianças; tratar de animais). São atividades cotidianas e nem sempre prazerosas, tampouco podem ser descritas como lazer, embora, no dizer de Nascimento e Marcellino (2012, p. 7), “algumas que tratam de suprir necessidades podem produzir satisfações quando praticadas de maneira não rotineira”.



Fotos 42 a 47: Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mamede, Barreirinhas (MA)
Terezinha Campos, 2012

Em Mamede, chego à casa de Esmeralda (80 anos). Notei certa desconfiança com a minha presença, mas aos poucos a nossa conversa a descontraí e a entrevista fluiu com tranquilidade. No relato, descreve que cuida durante todo o dia de três netos pequenos; é ainda responsável por todas as tarefas da casa: preparo de refeições, limpeza, compras, o cuidado com a pequena horta; sobra pouco tempo para si, diz. Concedeu registro de imagens de algumas dessas atividades diárias (Diário de Campo, março de 2012) (Fotos 42 a 47).



Fotos 48 a 56: Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mandacaru (Barreirinhas, MA)
Terezinha Campos, 2012





Depois de uma caminhada de 40 minutos, chego à casa de Carlota (61 anos); a rotina da casa é a mesma há muito tempo: divide o tempo com as tarefas de criar galinhas, capinar e cuidar das plantas do quintal, limpeza da casa, preparo das refeições e os cuidados com o irmão que tem necessidades especiais; mantém ainda uma pequena venda na lateral da casa (Diário de Campo, março de 2012) (Fotos de 48 a 56).





A velhice, tomada como categoria heterogênea, se permite uma relação dialógica com outras dimensões da vida social, como a identidade de gênero. Para Motta (1999, p. 207),

Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a). Dessa forma, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias (Motta, 1999, p. 207).

Trazendo esse sentido como referência face ao contexto desta análise, na perspectiva das mulheres, a exemplo dos casos acima, as *rotinas familiares e com a casa* foram descritas com mais ênfase em relação a aspectos da *provisão rotineira das necessidades biológicas*, conforme ilustrado em alguns dos exemplos da sequência abaixo (Quadro 31) e distinguido por grupos de idade (60 – 69 anos; 70 a 79 anos; 80 anos e mais de idade):

Quadro 31 - Rotinas de Tempo livre (mulheres – Mandacaru e Mamede)

Mulheres – 60 a 69 anos	Camélia (62 anos) 	<p>“Aqui eu durmo mais tardá é de 9h da noite. Quando chega o dia deu ir pra Barrerinha me levanto 4h da manhã, mas quando eu num vô nesse intervalo eu me levanto, dia 7h, dia eu me levanto 6h. Ai eu tomo banho e vô cuidá. No verão uns três banho porque faz muito calor, mas no inverno é 2 banho por dia. Às vez eu faço 2 ,3 refeição; tem dia que é 2, tem dia que é 3, enfim. Eu mermo faço a comida. Eu compro minhas rôpa; às vez, às vez eu num compro, às vez eu mando fazê, minha minina compra. Eu lavo minha rôpa, faço minha comida, varro minha casa, lavo meus pratos. Ajudo resolver coisas; pago contas; faço compras direitinho. Tenho seis netos; ajudo a cuidar quando vem pra ca, dô banho, ajudo eles, dô comida”.</p>
	Filomena (62 anos) 	<p>“Às vezes eu me levanto 4h pra fazer o café e às vezes quando eu não vou fazer caminhada, eu me levanto 5h30min; vou passar o café, aguardar as minhas plantas e vou para o comércio; lá eu vou umas 6h30min e saio 12h. Ai às vezes vou na rua, comprar um peixe. Ai vou pra casa, pra o almoço. Faço caminhada de manhã e de tarde. Faço um crochê, um bordado, um ponto cruz. E quando tô com tempo vago ainda faço ponto cruz de noite. Ai janto. Tem noite que não consigo ir pra cama e fico até 1h. Em casa, tenho uma pessoa pra me ajudar; mas, faço limpeza, arrumo, pago conta, resolvo as coisas”.</p>
	Luzia (65 anos) 	<p>“Meu dia começa de manhã quando eu me levanto de 6h, 6 e meia. Ai tomo meu cafezinho, vou varrer terreiro e fico vagabundando sem fazer nada, vou comer. Depois do almoço eu descanso; levanto logo; não dá pra mim dormir não! Só descansar mermo. Janto e vou dormir de 8h, 8 e meia da noite. Na hora que o bucho ta cheio, cama! Agora com isso de beleza, higiene...não, minha fia eu nunca tive costume com vaidade. Cabelo, não, não, pinto cabelo não. Até minhas roupa, eu mermo faço, compro o pano e faço. Mas tem vez que eu compro já feita. Quando eu tô com preguiça de costurar eu compro. Meu dinheiro que eu mermo recebo, e tem vez que eu não quero receber e dou pra uma prima minha”.</p>
	Antonieta (68 anos) 	<p>“Acordo de 6 da manhãzinha, as vez 5h já to fora da rede; faço o café, um cuscuz, um beju; daí pra diante, depois de banhar, cuida da limpeza da casa e de fazer o dicumê do dia. À tarde, de 2h em diante vou aguá as planta, dá milho pras galinha, ajuntá uma fruta, varrer umas folha. Me sento lá pras 4 da tardinha, vejo uma televisão, escuto um radim, sento na porta. Jantamo lá pras 6, 6 e meia da noite, as vez de 7 da noite. Sento na porta até chegar o sono; daí entro, deito, rezo e durmo de 9 da noite, as vez 10 da noite. Em casa faço de tudo, é do dicumê, a lavar roupa, limpar; é tudo”.</p>
Mulheres	Creuza (72 anos)	<p>“Tem dia que eu me alevanto umas 5 horinha; aí eu vou me ajoelhar e vou fazer minha oraçõzinha, aí depois da oração eu vou botar água no fogo pra passar o café. Aí venho e eu vou ajeitar um negócio do comer, uma coisa, e depois do almoço eu tomo</p>

Mulheres – 80 anos e mais de idade		um banho. Aí eu vou deitar, descansar até 3 horas da tarde. Depois eu me levanto, fico sentadinha por ali, no terreiro; depois me dá vontade de sair, eu saio e vou ali pra debaixo do pé de manga. Agora dormir, tem vez que eu me deito logo cedinho e tem vez que eu não vou nem pro culto. Vaidade de cuidá de cabelo, de unha, esse tipo de coisa; esse pecado eu não tenho. Minhas roupas eu compro; naquele tempo que era fácil mandar fazer, mas agora eu já compro já feita mesmo. Eu sou um tipo de pessoa que eu nunca gostei desse tipo de coisa não, mesmo eu nova mesmo, negócio de pintura de, de andar de cabelo cortado, maquiada, essas coisa assim, eu nunca gostei. Andar cheia de pulseira, cheia de cordão, não. Em casa, os filho e neto, eles acorda é 7h, 8h, tem que tá chamando pra buscar água, traz a vasilha, varrer casa; eu boto eles pra fazer esse tipo de coisa. Quando não é, eu digo tomem de conta, vem fazer o comer que eu não vou fazer comer pra ninguém hoje não. Eu só faço o almoço de meio dia, tá tudo bem, mas quando é de tarde eu digo: quem quiser agora que se vire”.
	Gertrudes (75 anos) 	“Levanto de manhã 6 e meia, escovo o dente, passo o meu café, tomo, aí vou lavar alguma vasilhinha que tem suja, vou varrer minha casinha, vou mulhar minhas plantinhas por ali... vou butar água nos meu bujão. Aí chega a hora de fazer o almoço, eu faço o meu almoço logo contando com a janta. Aí quando é 10 e meia eu tô almoçando. Aí fico ali na televisão um pedacinho, aí venho pra cá pra debaixo do meu pé de manga. Me deito 8 e meia, e as vezes 8 hora; aí eu rezo o meu pai de nossinho e faço minhas penitências; fico me balançando, quando eu vou dormir eu não sei nem que hora é”. Tem vez que eu tomo banho três vezes, quando tá fazendo calor. Agora, o mais é só uma vez por dia. Agora os meus cabelos eu não gosto de cortar não. Não corto porque só vive amarrado. Quando eu tinha máquina, que eu era mais nova, eu comprava um pano e fazia roupa, agora, não eu compro logo feita. Não tem bicho pra cuidar em casa, só minhas plantinhas”.
	Esmeralda (80 anos) 	“Acordo é 6 horas da manhã; assisto muito televisão, eu adoro novela, jornal. Durmo umas 8 da noite. Todo dia cuido do meu cabelinho, ando limpa. Faço tudo que é de coisa em casa, mas tem ajuda das netas. Cuido da horta de mostarda, tomate, pimenta, muita coisinha”.
	Firmina (87 anos) 	“É na luta, pisando, é molhando planta, tomo banho de manhã, tomo café...Eu almoço, eu lancho, aí eu durmo; quando levanto, tomo café, e aí janto, tomo meu mingau, minha papa. A hora que me levanto eu não tem como eu dizer assim certo, tal hora! Qualquer hora eu me levanto... a partir das 6h, qualquer hora eu levanto. Banhos, aí quem manda é o calor. Se não tiver calor aí eu tomo banho, porque tem que tomar banho mesmo. Mas, eu tomo, tem vezes que eu tomo três banhos. Gosto de cuidar das unhas; eu até cortava, mas meu óculos não tá servindo mais, mas agora eu chamo a menina pra fazer. Cabelo, pintar, não pinteí mais; pintava, mas não pinteí mais, mais cortar eu corto, porque meu cabelo cai muito. Roupas minhas filhas me dão, eu mando fazer! Tem vez que eu já compro feita. Tem uma moça que eu pago pra fazer o meu comer, limpa, tudo, tudo; agora lavar eu tenho minha lavadeira. A minha filha faz, a mercearia na Barreirinhas e manda. As contas, eu mando pro vizinho pagar lá a energia, comprar meu remédio, e assim a gente vai levando a vida”.

Nesses contextos, como vai revelar Farcy (2001, p. 279-280), a capacidade física está na base do ciclo da vida, sendo valorizada pela utilidade e a dedicação a diferentes tarefas; mesmo a “velhice ainda é uma idade ativa” e os “velhos não são capazes de imaginar a inatividade”. Este é o cenário presente nas rotinas das mulheres velhas que entrevistamos; um significativo valor dado a essa rotina por sua representatividade com o sentido de trabalho, expressando, assim, o sentido de se estar vivo(a).

Realçamos o rigor que impõem a si mesmas no cumprimento dessas tarefas, ao mesmo tempo em que, tendo conquistado mais autonomia com a renda fixa da aposentadoria, sobretudo as viúvas, passaram a vivenciar mudanças no modo de vida, como o afastamento da dependência de filhos (Woortmann e Woortmann, 1999).

Nunca comprei um palito de fósforo com um tostão que eu ganhasse, que eu trabalhasse, só na minha cozinha; ele não deixava eu fazer nada pra ganhar dinheiro; agora mando eu, mando mais.

Meu filho, o mais velho veio aqui aí disse: - Mamãe, vamos morar lá em Caldas Novas, mamãe lá em é bom... vamos morar lá?... Eu digo: meu filho, no tempo que os velhos não eram aposentados não tinha um filho pra convidar pra morar junto. Agora como são aposentado é mais que os filhos que quer que more junto. Porque ele não ia me sustentar, eu era que ia quebrar o galho dele (S1 – Gertrudes, 75 anos, viúva).

Mas é também nessa valorização do trabalho que, conforme atenta Farcy (2001, p. 290), são percebidos momentos de ludicidade, “(...) já que a estreita ligação entre ambos pode favorecer, em função de determinados afazeres (buscar água, lavar roupa, etc.), ocasiões e espaços de sociabilidade informal (...)”. Tal como observado no estudo de Marin (1996), trabalho e diversão são aqui manifestações do cotidiano que se inter-relacionam tanto no âmbito da família como nas interações com a comunidade.

Vou mulhar minhas plantinhas por alí... vou butar água nos meu bujão. Aí chega a hora de fazer o almoço, eu faço o meu almoço logo contando com a janta. Aí quando é dez e meia eu tô almoçando, aí fico ali na televisão um pedacinho, ulhando as marmota passar, aí venho pra cá pra debaixo do meu pé de manga. Quebro um coco...Fico, me deito alí... 12h, eu tô na minha rede me balançando. Aí me levanto... essa cadeira velha aqui eu forro e me sento. Eu fico aqui, um passa e me “aporrinha”, outro passa eu “aporrinho”. E assim eu vou levando a vida. Eu digo se passar um e disser assim: Ôrra, mas essa só vive debaixo do pé de manga! Eu pergunto: Quem é o dono do pé de manga? Se é eu ou se é ele? Eu digo é muito pras meninas, as meninas passam aí: - Olha quando eu morrer e vocês passarem aí e me verem aqui, não vai ficar com medo não (Gertrudes, 75 anos, viúva).

Atentando para os diferentes grupos etários situados, é possível observar que a forma de organização e participação na rotina doméstica impõe um ritmo de apropriação do tempo, um padrão e uma dinâmica de envolvimento nas atividades relatadas muito aproximados entre as mulheres velhas pesquisadas, independentemente de sua faixa de idade. Um mapa ilustrado dessa rotina é apresentado na Figura 18, cuja elaboração considerou aspectos relacionados às *necessidades biológicas* e aos *cuidados com a família e a casa* trazidos dos relatos das

depoentes, a partir da sentença “*Descreva como é geralmente o seu dia, do acordar ao dormir*”⁴³.

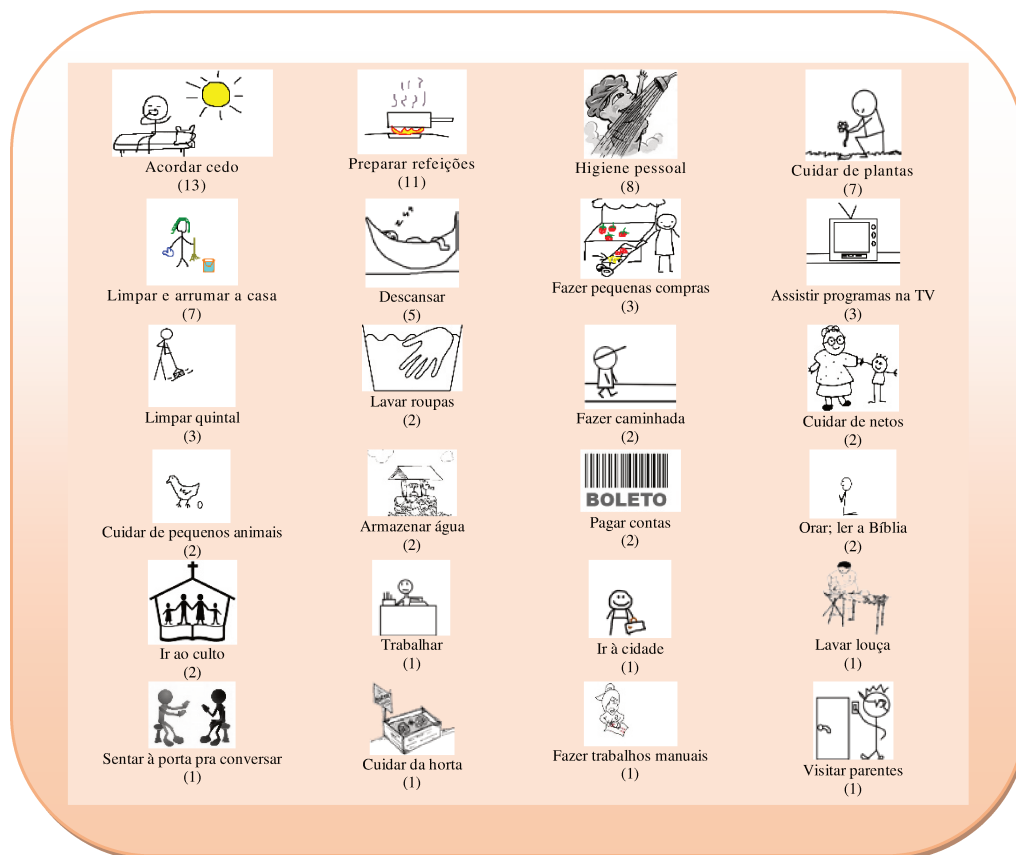


Figura 18: Rotina diária (individual e familiar) – mulheres⁴⁴, adaptado de Verdejo, 2010.

Na perspectiva de que o tempo serve de unidade de medida para quantificar o que se faz, mas também de critério para qualificar o que se faz (Perista, 1997; Perista e et al, 1999), foi possível verificar quais atividades foram recordadas e a frequência com que foram citadas, revelando situações habituais ou não entre as mulheres e o grau de envolvimento. As ocupações voltadas para si mesmo foram mencionadas em menor frequência em relação às direcionadas aos afazeres domésticos, que comprometem a maior parte do tempo ao longo do dia; um tempo regido pela divisão do dia e das horas em manhã, tarde e noite entre a semana de dias úteis e finais de semana.

⁴³ A proposta deste questionamento considerou a projeção de atividades nas rotinas em dias úteis e finais de semana.

⁴⁴ Números indicam a quantidade de vezes que a atividades foi mencionada.

É possível, ainda, pensar um *mapa de movimento* (Figura 19), tal como propõe Verdejo (2010, p. 57), ou seja, um esquema ilustrativo de movimentos diários dentro e fora da comunidade, onde é possível situar “para onde se deslocam os comunitários cotidianamente fora de suas casas e propriedades. Além disso, permite uma análise diferenciada de papéis e responsabilidades por gênero”. Por tal concepção, os deslocamentos das mulheres são mais frequentes nas idas ao mercadinho (vendas), seguida das idas à igreja e às caminhadas.

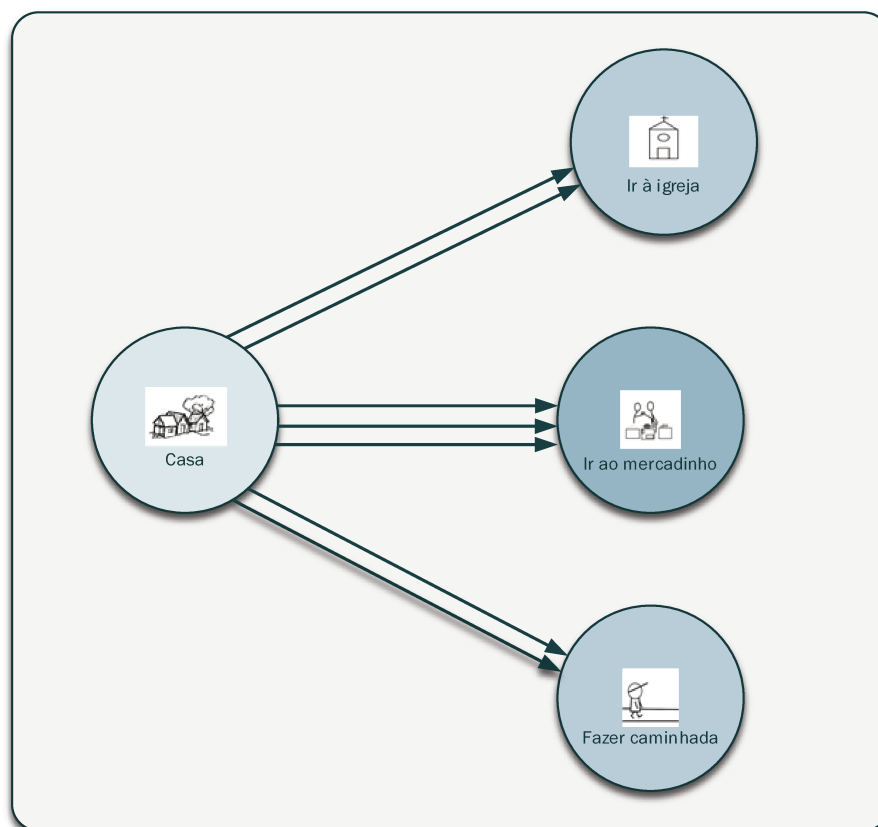


Figura 19 - Mapa de movimento das mulheres⁴⁵, adaptado de Verdejo, 2010.

Entre os homens, as *rotinas familiares e com a casa* foram mais definidas em função da realização de tarefas externas ao lar, sobretudo a compra de mantimentos, pagamento de contas, os cuidados com a roça (para os que ainda a mantém, mesmo aposentados), a pesca e a criação de animais de pequeno e médio porte como galinhas e porcos; alguns colaboram eventualmente com tarefas restritas a casa como cozinhar e limpar.

⁴⁵ A quantidade de setas da casa aos diferentes destinos indica onde há deslocamentos mais frequentes (Verdejo, 2010).



Fotos 57 a 62: Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mamede, Barreirinhas (MA)
Terezinha Campos, 2012

Me levanto lá pelas 6h, cedo. Tomo o café. Ai vou limpar o quintal, é consertando o cercado; faço uma coisa aqui outra acolá. Depois tema hora do almoço, meio dia. À noite fico assistindo uma televisãozinha e vou dormir umas nove horas. Gosto de andar arrumado, cabelo cortado, mas sou da roça e na roça não posso andar muito limpo. O dia-a-dia da família é normal, a mulher trabalhando na cozinha, as menina também ajudando” (Antenor, 67 anos, casado) (Fotos 57 a 62).








Fotos 63 a 68: Rotinas familiares e com a casa, povoado de Mandacaru, Barreirinhas (MA)
Terezinha Campos, 2012

6h já acordo; levanto e vou molhar as plantas; depois é que tomo café, lá pras 8h. Ai fico em casa, deitado na rede; tem dia que vou pegar siri. Almoço, vou deitar um pouco, 1, 2 horas. Continuo em casa. Tem dia que eu durmo depois do Jornal Nacional. Em casa, todos acordam cedo. Cada um vai para a sua rotina. Ajudam na limpeza da casa. Aqui todos se ajudam. (Osório, 65 anos, casado) (Fotos 63 a 68).

Por outro lado, na *descrição do dia* os homens mencionam por mais vezes o uso do tempo com atividades mais lúdicas (descanso, passeio, ver televisão, conversar, dentre outras). Os relatos que destacam a continuidade do trabalho estão situados entre os sujeitos de 60 a 69 anos de idade, conforme Quadro 32.

Quadro 32 - Homens (61 a 87 anos) – Rotina diária (individual e familiar) – Mapa geral

Homens – 60 a 69 anos	<p>Manoel (64 anos)</p> 	<p>“Tem dia que a gente dorme bem e tem dia que a gente num dorme. Às vez é tempo de acordar umas 4h. Eu acho que quando a pessoa é novo, a gente dorme bem e quando vai ficando velho num dorme bem. Quando é no verão eu já banhei 3 vez, mas no verão quando era um calor. De tarde a gente dorme, boto a minha rede aqui. Meu cabelo, mando, mando cortar. Minhas unha mando minha filha corta. Em casa não faço essas coisa de lavar roupa não; não aí é só com as muié mermo, esses pobrema aí eu num sô mermo. Fazê comida não, não comigo não. Eu sou sabe de quê? De comprar o negócio pra casa. Faltou isso..faço compra, é, é pago conta; aí eu vou pra Barrerinha lá, aí eu compro tudo. Até um ovo pra comprar a mulhé manda eu comprar, é desse jeito, ela diz: Antonio vai comprar um ovo pra mim; tem a quitanda eu vou comprar, a carne eu vou comprar. Eu que cuidou disso, é eu”.</p>
	<p>Euclides (66 anos)</p> 	<p>“Eu acordo cedo, 6h eu me levanto; tomo banho, o certo mesmo é dois por dia. A gente merenda 9h, aí almoça 12h; 3h repete; sempre a gente tem merenda, às vezes tem um suco e de tarde a gente janta qualquer coisinha, até um café com pão, com bolo. Eu durmo 10h da noite. As unhas, as vez eu corto eu mesmo e às vez é a minha mulher e os cabelos também eu mando cortar. Ajudo em tudo no dia-a-dia da casa. Às vezes quando ela sai de manhã eu faço logo o café, e às vez eu lavo o quintal, cuidou aí dos meninos, levo eles pro colégio, dou banho nos meninos, aí eu gosto de fazer é peixe porque é mais melhor de fazer. Ela faz diversos tipos de comer, mas eu é o de peixe. A gente tem uma máquina aí e a gente bota as roupas tudo dentro e é ela mesmo que faz o serviço. Quando eu recebo o dinheiro lá por mês em Barreirinhas, a gente faz logo uma mercearia não sabe, a gente compra mais é lá”.</p>
	<p>Cristóvão (67 anos)</p> 	<p>“O dia-a-dia nosso aqui é comum; acordo 5h da manhã; tomo café, que a mulher faz, eu passo o café às vezes. Lá pras 12h tem o almoço; descanso. Faço uma coisa ou outra aí, coisa de roça, da enxada. Durmo de 7h pra 8h da noite e o dia se acaba assim”.</p>
Homens – 70 a 79 anos	<p>Severino (76 anos)</p> 	<p>“Vou dizer o sono: a gente quando é novo, a gente deita, dormiu e hoje não eu durmo o primeiro sono às vez acordo 1h,2h aí pronto. Refeição de comida é três. Às vez eu num tiro um cochilo, só que a noite eu num durmo bem. Durmo é 8h, 9h,10h da noite. Às vez eu gosto de assistir um jogo porque quando termina já é 11 e aí eu vô deitá, aí eu durmo aquele sono forte e acordo 5h. Banho, eu num tenho é conta! Minhas unhas eu mando às vez cortá e às vez eu mermo corto. O cabelo...não, não eu mando cortar. As roupa eu que compro, eu mermo. No dia a dia da casa é só eu mas a veia, aí nós tem uma bomba ali eu encho os balde, boto, ajeito, ajeito tudo. A veia tá mais veia do que eu, pois é eu ajudo ela. As compra, vô pra Barrerinha lá eu compro tudo. Galinha em casa, crio demais”.</p>
	<p>Tenório (77 anos)</p> 	<p>“Acordo mais ou menos 5h; faço uma caminhadinha; me sento, me deito; a moça que faz as coisas chega e vai cuidar do meu café, que eu tomo só leite. Leite com Nescau e a tarde é o leite ou uma papa de aveia. Ela faz o café e o almoço. Coloco a cadeira ali debaixo do pé de manga; merendo; faço a minha janta. À boca da noite até 8 da noite vejo televisão; deito e vou ouvir o radinho até certa hora; dai tomo remédio e vou dormir umas 9 da noite, quando eu consigo dormir; se não consigo fico rolando na cama a noite toda e acordo ruim. Tomo uns 2 banhos por dia; estaqueio as unhas; mando cortar meu cabelo; eu mesmo faço a minha barba. Minhas roupas, nunca mais comprei, eu tenho muita roupa e vou vestindo as que eu tenho. Minha filha faz os pagamentos e compra as minha coisas, eu não resolvo mais nada, tudo é ela”.</p>

**Abílio
(81 anos)**



“Meu dia a dia é assim: desde a hora que eu acordo, eu não fico mais parado; 5h da manhã todo dia, eu tô acordado. Faço minha comida, mas não faço meu café não, eu tomo é ali na casa de minha nora. Só faço uma refeição por dia porque eu não janto; a janta é um suco, às vezes; às vezes é nada; merenda é lá uma vez, porque se eu merendar, na hora dos almoços eu não tenho vontade. Depois do almoço descanso; tem que descansar; não dá uns 30 minutos, é só deitou um pouquinho ali e levantou. As vezes eu deito às 9h da noite; aí da hora que eu me deito, durmo direto, até às 5h, até de manhãzinha... Graças a Deus! Porque eu vejo tanta gente se reclamar por causa disso. Eu sou bom pra dormir...pra dormir eu sou bom. Tomo banho, só um cedo, à tarde eu não posso tomar, gosto não, porque dá uma espirradeira tão grande! Das roupas eu cuido, ave Maria, sou eu mesmo! Eu mesmo que limpo casa, tudo, eu compro comida. Dos pagamento das conta, eu cuido”

**Vicente
(90 anos)**



“Acordo 4h da manha; tem noite que eu passo a noite...durmo pouco. Mas tem noite que eu durmo bem, mas quando dá 4h eu to já acordado, só não faço me levantar porque num tem nada pra mim fazer assim; mas ai quando eu acordo assim 4h da manha, 5h, eu, quando é pelo verão que num tá chovendo eu vou dar umas caminhadas, uma voltinha aculá, numas vargens grande, bonita...a gente pode caminhar. E a gente dá umas volta por lá e vem pra casa, chega, toma um banho, toma um café. O café de manhã é comigo, esse ai o café de manhã é comigo. O almoço as vez ela vem deixar pra mim, as vez não e quando é peixe eu faço eu mesmo. Depois, almoço e ai eu fico mermo só ali por debaixo daquele pé de pau, conversando com os amigos, encosta tanta gente ali a gente, bota duas, três cadeiras, quando sai um, chega dois. As vezes eu espero o jornal, e as vezes não! E eu durmo logo. (...). Eu não gosto de andar muito barbudo não, eu tenho o aparelho, aqueles bichinho. (...) Roupa, eu tenho ai uma cômoda com cinco gavetas lotada de roupa de, roupa de todo jeito. Não tem nenhuma que tenha comprado. É só que ganho. Agora pelo meu aniversario de 90 anos eu ganhei um bocado de roupa”

No mapa ilustrado desse cotidiano, conforme a Figura 20 baseada no Quadro 2, as atividades arroladas nas rotinas de tempo livre são, no conjunto, menos diversificadas que as das mulheres, que estão mais comprometidas com as tarefas domésticas. Na projeção do *mapa de movimento* (Figura 21), os deslocamentos masculinos são mais frequentes em função do trabalho na lavoura ou pesca, viagens à sede de Barreirinhas para compras, pagamento de contas, recebimento de proventos, passeios/caminhadas no povoado.

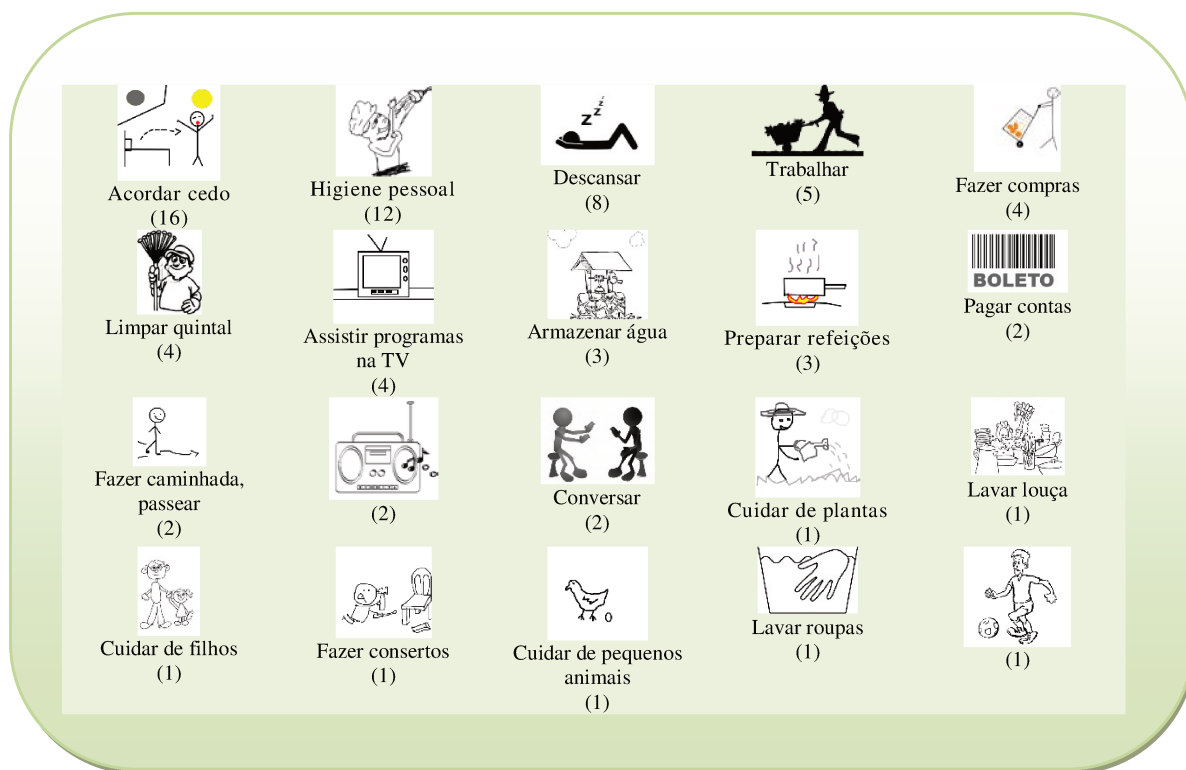


Figura 20 - Rotina Diária (individual e familiar) – Rotina diária de homens⁴⁶, adaptado de Verdejo, 2010

⁴⁶ Números indicam a quantidade de vezes que a atividades foi mencionada.

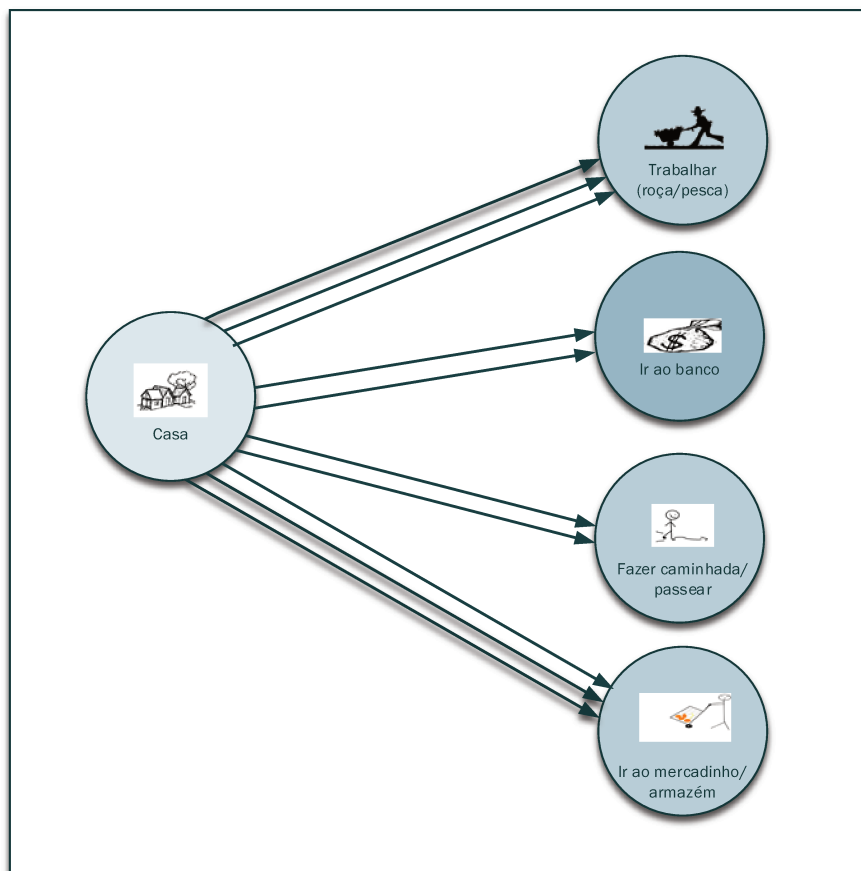


Figura 21 - Mapa de movimento dos homens⁴⁷, adaptado de Verdejo, 2010

Embora não possuindo uma base de dados em âmbito nacional sobre o uso do tempo, o IBGE vem realizando seminários e gerando estudos sobre esse tema, considerado relevante instrumento para revelar aspectos do cotidiano das pessoas para além das formas de trabalho tidas como atividade econômica como o trabalho não remunerado de afazeres domésticos e o trabalho voluntário, como situado no estudo de Soares e Sabóia (2007):

É a partir das pesquisas ou informações sobre o uso do tempo que é possível conhecer como as pessoas distribuem seu tempo com as tarefas domésticas, cuidados pessoais e a outros membros da família; verificar a atenção dispensada pelas pessoas à própria saúde, e em que nível, pela incorporação de práticas saudáveis de alimentação e de exercícios físicos; aferir qual parcela de tempo é despendido pelas pessoas em seus deslocamentos em grandes centros ou em direção a estes, para desempenharem as múltiplas tarefas e atividades requeridas ao longo do dia; de que forma a população estabelece seus contatos sociais e que opções de lazer vêm utilizando; tempo dedicado aos estudos; conhecer como as pessoas têm incorporado e com que intensidade, a informação tecnológica em seu dia-a-dia, cultura; etc.(Soares e Sabóia, 2007, p 7-8).

⁴⁷ Setas da casa aos diferentes destinos indica deslocamentos mais frequentes (Verdejo, 2010).

As informações sobre afazeres domésticos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/PNAD de 2001-2005 que analisou o tempo através de cruzamentos de categorias diversas como, por exemplo, grupos de idade e sexo, constatou que, no geral, somente 51,1% dos homens realizam tarefas domésticas enquanto que entre as mulheres esse percentual é de 90,6%. Ainda conforme o estudo é no Nordeste que se verifica a menor participação dos homens com registro de 46,7% e no Sul, a maior taxa, com 62%; cogitou-se que essa participação um pouco mais baixa dos homens nordestinos estaria relacionada a aspectos culturais locais, como a valorização do “machismo” já que existe uma forte correlação positiva entre a realização de afazeres domésticos e o sexo feminino (Soares e Sabóia, 2007).

Neste contexto, nos grupos de 60 anos ou mais de idade, a taxa de participação das mulheres que cuidam de afazeres domésticos era de 87,1% *versus* 52,1% dos homens. No Nordeste, essa proporção é de 84,0% e 44,4%, respectivamente. Em termos do número médio de horas gastas com tais tarefas, a pesquisa apontou que, nacionalmente, são os homens de 60 anos ou mais de idade que mais dedicam parte do seu tempo a afazeres domésticos (13 horas semanais), embora especificamente entre homens e mulheres desta faixa etária permaneça grande diferença entre ambos, com 28,8% para as mulheres (Soares e Sabóia, 2007). Considerando a relação com velhice, lembra Motta (1999) que:

Auto-afirmar-se no cotidiano é a primeira forma de diferenciação da velhice segundo os gêneros e as classes sociais. As mulheres, voltadas desde o início à domesticidade e ao cotidiano, e alguns dos mais pobres, que não têm quem os proteja ou os substitua em tarefas e na provisão da família, têm permanecido mais ativos. E reconhecem-se assim. Declaram-se vigorosos, saudáveis, independentes, principalmente as mulheres (p.209).

Ainda sequenciando os campos de análise, *As Atividades Intermediárias de Tempo Livre* compõe o segundo grupo do “Espectro do Tempo Livre” proposto por Elias e Dunning. Neste campo estão as atividades direcionadas à formação, auto-satisfação e autodesenvolvimento, organizadas ainda em 5 (cinco) subgrupos:

- ⇒ *Trabalho particular voluntário* que envolve a participação em questões locais, eleições, igreja e atividades de caridade, etc.;
- ⇒ *Trabalho particular para si próprio* situando passatempos relacionados a estudos, passatempos técnicos sem motivos profissionais como conserto e montagem de rádios;

- ⇒ *Hobbies*, como passatempos do tipo fotografia amadora; trabalho em madeira; coleção de selos; artesanato; bricolagem; escrever poemas; artes plásticas, etc.
- ⇒ *Atividades religiosas* como ir à missa, procissões e,
- ⇒ *Atividades de formação de caráter mais voluntária* que envolve leitura de jornais, revistas, livros e de periódicos; audição de debates políticos; assistência a conferências; assistir programas de televisão informativos, etc.

Entre as mulheres velhas (Quadro 33), independentemente do grupo de idade, as *Atividades Intermediárias de Tempo Livre* foram mais frequentes naquelas caracterizadas como de *formação de caráter mais voluntário* (como assistir televisão e ler) e as *atividades religiosas*; a ocupação com trabalhos manuais (crochê e bordado) e ações voluntárias desenvolvidas na comunidade também foram apontadas como significativas para as entrevistadas.

Quadro 33 – Atividades Intermediárias de Tempo Livre (mulheres)

Mulheres * Mamede e Mandacaru					
Grupos de idade	Atividades Intermediárias de Tempo Livre				
	Trabalho particular voluntário	Trabalho particular para si próprio	Hobby	Atividades religiosas	Atividades de formação de caráter mais voluntário
60 a 69 anos	- Apoio em ações da igreja e a irmãos de congregação religiosa	- Estudo bíblico	- Trabalhos manuais: crochê e bordado	- Participação em cultos/missas	- Assistir televisão: religiosos; telejornais; novelas; programas de campanhas políticas; programas de auditório; - Leitura bíblica
70 a 79 anos	--	--	--	- Participação em cultos/missas	- Leitura - Assistir televisão: novelas
80 anos e mais	- Participação em mutirões	--	- Trabalhos manuais: costurar	- Participação em cultos/missas	- Leitura - Assistir televisão: telejornais, novelas e programas religiosos

Também para os homens (Quadro 34) foi possível constatar que, no geral, o grupo das *Atividades Intermediárias de Tempo Livre* foi representado por atividades de *formação de caráter mais voluntária* como assistir televisão, ler e ouvir rádio, aspecto que alcançou destaque em todas as faixas etárias. O envolvimento com atividades religiosas e com trabalhos voluntários foram citados pelos sujeitos de 60 a 69 anos.

Quando não posso ir, dou uma ajuda, eu dou refrigerante, essas coisas assim no São João, festa do Pescador, Carnaval. Quando eu não posso ir ajudar, eu dou o dinheiro. Aí eu dou a minha contribuição, vou por lá passo uma hora duas horas, depois me mando.

Eu tenho a rádio – A Voz Popular – e eu faço um programa de manhã, pra acordar as crianças; é a contribuição que eu dou pra educação, vai de 6h15min até às 7h, 7h30min, chamando todo mundo pra ir pra escola, vou dando bom dia, falando com os amigos. Eu fiz o campo de futebol e eu faço um torneio todo ano, mas tá com dois anos que tá parado por falta de apoio – prêmio, equipagem, rede; eu que compro bola do meu dinheiro mesmo, pago a passagem de juiz, tudo eu faço; vamos dizer que um campeonato desse que eu faço custa uns R\$ 1000,00, aí eu saio pedindo e é a coisa mais difícil (Benedito, 60 anos).

Quadro 34 – Atividades Intermediárias de Tempo Livre (homens)

Homens * Mamede e Mandacaru					
Grupos de idade	Atividades Intermediárias de Tempo Livre				
	Trabalho particular voluntário	Trabalho particular para si próprio	Hobby	Atividades religiosas	Atividades de formação de caráter mais voluntário
60 a 69 anos	- Contribuições aos festejos locais; idealização e condução de programa em rádio comunitária; criação do campo de futebol e organização e patrocínio de eventos esportivos (futebol). - Apoio em ações da igreja e a irmãos de congregação religiosa	--	--	- Participação em cultos/missas e procissões	- Leitura de jornais, revistas e publicações religiosas; - Assistir televisão: telejornais, programas esportivos, programas sobre saúde, novelas; - Frequentar comícios de campanhas eleitorais; Assistir palestras
70 a 79 anos	--	--	--	--	- Assistir televisão: novelas, telejornais
80 anos e mais	--	--	- Cozinhar	--	- Assistir televisão: telejornais - Ouvir programas de rádio

3.2 O lugar e as expressões do lazer no tempo livre da velhice rural

Neste tópico procuramos sublinhar as manifestações de lazer apontadas pelos sujeitos da pesquisa e, na reflexão encaminhada, a compreensão destes quanto ao seu significado, motivações e influência sobre as formas de sociabilidade familiar e extrafamiliar. Nesta perspectiva, trouxemos para o debate a representação do último grupo do *espectro do tempo livre*, qual seja: as *Atividades de Lazer*. Segundo Elias e Dunning (1992) tal grupo é também possível de ser decomposto em 3 (três) subgrupos:

1. *Atividades puras ou simplesmente sociáveis*, que podem ser mais formais ou menos formais, incluindo reuniões como casamentos, funerais ou banquetes; jantares; lazer

comunitário; encontros em bar; frequentar festas; encontros familiares; encontros para bate papo; encontros com amigos; pesca; jogos de salão; etc.; são atividades que estimulam a sociabilidade;

2. *Atividades de jogo ou miméticas* apresentam grande diversidade de práticas de lazer (jogos de futebol, jogos de carta, dança, rádio, televisão, críquete, pesca, bocha, teatro amador, dança, montanhismo, caça, corridas, cinema, apostas, prática de esportes) e a participação do indivíduo pode ocorrer como membro organizador, como espectador ou como ator, excetuando o envolvimento como trabalho, portanto, conforme Nascimento e Marcellino (2012, p. 8),

São atividades que geralmente envolvem uma destruição de rotinas e alívio de restrições, por meio do movimento corporal. O aspecto mimético no sentido literal quer dizer “imitativo”, mas é utilizado para referir-se não a representações ou imitações da “vida real”, mas a atividades que produzem emoções e excitações que, embora relacionadas ao imaginário, possuem semelhanças com as emoções sentidas na “vida real”. As atividades miméticas são, em grande medida, características pela explosão pública de fortes emoções (Nascimento e Marcellino, 2012, p. 8).

3. *Miscelâneas de atividades de lazer* onde ocorre a mistura de práticas de lazer voltadas à quebra da rotina, como viajar nos feriados, comer fora para variar; banhos de sol, passeios a pé, etc.

Nesta categoria, as manifestações, entre homens e mulheres e em todas as faixas etárias, são marcadamente situadas nas *Atividades sociáveis* (Quadros 35 e 36). Para os velhos, estas são referidas em função de conversar com amigos/vizinhos na praça e à porta de casa e frequentar festejos locais. No entanto, entre eles também foram realçadas as *Atividade de jogo* (como espectadores ou participantes) e a *Miscelânea de atividades de lazer* exemplificada pela realização de pequenos passeios e viagens externas às comunidades, hábito pouco frequente e condicionado as necessidade de deslocamentos para Barreirinhas e/ou São Luís para atualizações bancárias e consultas/exames médicos.

Quadro 35 – Atividades de Lazer (homens)

Homens * Mamede e Mandacaru			
Grupos de idade	Atividades sociáveis	Atividades de Lazer Atividades de jogo	Miscelânea de atividades de lazer
60 a 69 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Frequentar praça da comunidade para encontros e conversas com amigos - Encontrar com amigos/vizinhos para conversar à porta - Frequentar festejos da comunidade - Ir missa/a culto religioso 	<ul style="list-style-type: none"> - Participar ou assistir a jogos de futebol Participar ou assistir jogos de salão (dama, bilhar, damas, dominó, cartas) 	<ul style="list-style-type: none"> - Viagens para a sede de Barreirinhas, municípios próximos e São Luís - Fazer pequenos passeios à pé
70 a 79 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Participar de festas familiares (aniversários) e de cultos religiosos; Encontrar com amigos/vizinhos para conversar à porta Participar de festejos tradicionais da comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pescar com amigos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar passeios próximos à residência.
80 anos e mais	<ul style="list-style-type: none"> Participar de festejos da comunidade Encontrar com amigos/vizinhos para conversar à porta ou ir à praça 	<ul style="list-style-type: none"> Assistir jogos de salão (dama, bilhar, damas, dominó, cartas) na praça 	<ul style="list-style-type: none"> - Viagens para a sede de Barreirinhas, municípios próximos e São Luís - Fazer pequenos passeios à pé

Entre as mulheres o destaque são os contatos diários com vizinhos, amigos e parentes para as conversas à porta de casa, participação em festejos locais e reuniões ligadas às questões religiosas, validando o pensamento de Ribeiro (2006) de que a grande parte dessas pessoas se mantém ligadas devido à vizinhança, seja por laços familiares e religiosos ou por intermédio de suas festas. A necessidade de conversar é importante para a rotina de vida, um elemento de estimulação da sociabilidade, importando menos o conteúdo e mais a prática da conversa em si mesmo; o envolvimento direto ou indireto com essas vivências significa ainda um canal de acesso às informações sobre acontecimentos da comunidade. Questões bancárias e saúde foram os aspectos referidos pelas mulheres (60 a 69 anos) quanto às motivações de seus deslocamentos para fora da comunidade.

A gente sente necessidade de falar com as pessoas. As vezes os meus filhos vem, eu fazia meu aniversário todo ano, mas eu tinha um neto que ele vinha, me levava para a igreja, e ele faleceu. Aí eu não fiz mais o aniversário, sinto saudade dele, dele ir comigo. Quando eu completar 89, se Deus quiser eu vou mandar celebrar a missa. A gente se

acha com os amigos, e aí a gente conversa, palestra, bate papo. Aí às vezes tem uma diversãozinha, aí a gente faz um piqueniquezinho, uma coisa, aí a gente fica satisfeito com aquilo (Firmina, 87 anos).

Quadro 36 – Atividades de Lazer (mulheres)

Mulheres * Mamede e Mandacaru			
Grupos de idade	Atividades sociáveis	Atividades de Lazer Atividades de jogo	Miscelânea de atividades de lazer
60 a 69 anos	- Sentar à porta para conversar com amigos, parentes, vizinhos.	--	- Viagens para a sede de Barreirinhas, municípios próximos e São Luís.
70 a 79 anos	- Reuniões com grupo da igreja - Encontrar com vizinhos e amigos para conversar.	--	--
80 anos e mais	- Frequentar reuniões de cultos religiosos; festejos locais. - Conversas, bate-papo com amigos.	--	--

O tempo e o espaço das vivências citadas não se circunscrevem em modelo fechado. São eles parte constituinte de um todo, onde a porta da casa, a praça, a cozinha, à sombra da ramagem da árvore, a janela são ambientes que podem se revestir de ludicidade a qualquer momento, podendo estar inscritos na ação diária, como ensina Marin (1999). Por outro lado, a condição de aposentados, conduz a afirmativa de que todo tempo é livre e este pode acontecer a qualquer momento que seja necessário.

Todo tempo é livre; eu não trabalho, tô só esperando pra me darem o de comer que está na panela, aí é beleza (Joaquim, 74 anos).

Eu acho que eu tenho tempo qualquer hora que eu quiser, porque eu sou aposentado, e trabalho na hora que eu quero, no dia que eu quero, porque a pessoa que é aposentado. Mas eu acho porque na hora que eu entender de largar ali e pra ir conversar com os amigos pra acolá é só ir (Severino, 76 anos).

Olha, qualquer hora que a gente queira descansar né? Eu num trabalho; tem dia que a gente amanhece assim quase sem disposição pra fazer alguma coisa. E, ai a gente fica parado só andando pra li dando uma voltinha quando a gente quer ir. Mas a gente pode ir pra onde quiser (Vicente, 90 anos).

Desta forma, é oportuno pensar sobre as vivências de *diversão/lazer no contexto familiar e extrafamiliar*. Silva e Neri (1993) abordando a relação entre ocupação do tempo livre e satisfação na velhice como tema de interesse gerontológico, situam que fatores culturais, sociais e individuais

são relevantes na contextualização das opções e o envolvimento com atividades de lazer na velhice. Dizem as autoras que as “expectativas dos idosos podem de fato limitar seu envolvimento com o lazer a suas formas mais passivas” (p. 231). Em que pese a importância da história pessoal em relação à predisposição para envolver-se com atividades lúdicas, muitos dos depoimentos revelaram, como já mencionamos, um envolvimento particular e uma valorização sutil dada aos divertimentos, que podem sinalizar, como destacam as autoras em suas pesquisas, para uma “(...) baixa valorização do lazer e/ou carência de oportunidades educacionais para cultivá-lo” (p. 231). Concluem, então, que o primeiro aspecto remete às sociedades que cultuam o trabalho como valor supremo, em detrimento do lazer e o segundo aspecto é inerente à pobreza.

Observamos, assim, outros aspectos valorizados e atribuídos com significações de lazeres/diversões reportam à autonomia e independência em relação à sua rotina, a afetividade com os filhos, a autopercepção da velhice e a boa relação com vizinhos e amigos circunscritos na rede de relacionamentos. Estes elementos ajudam a compreensão dos modos de vida na forma como dão sentido à identidade⁴⁸ e à trajetória desses velhos e velhas, por meio de como vivenciam os benefícios e a satisfação de ser e estar ativos. Nestes, cabem, também, essas sutis valorizações dos lazeres, os divertimentos e as distrações atuais que mencionamos acima.

Às vezes, quando eu tô telefonando pra minhas filhas e uma diz - Mamãe onde a senhora tá? Eu digo, - Eu tô num lugar fulano de tal minha filha. Ai ela diz, - Mamãe a senhora não se aquieta. E eu, - Minha fia, parado só pote, minha filha, a gente tem que andar (Josefina, 64 anos).

Eu tenho que ficar aqui mesmo, porque eu fui muito danado, eu nunca parei em casa, fui homem que andei muito na vida, nunca parei dentro de casa não, mas hoje a gente tem respeitar a velhice (Joaquim, 74 anos).

Eu me divirto porque eu tenho saúde, eu entro e saio, e faço minhas coisas e chega um filho e me abraça, e coisa, e ali, tá tudo se divertindo. Se vai pensar nu'a coisa ruim, a gente tá olhando pra televisão e aquilo passa. Eu fico assim, satisfeita, porque vêm aqueles netos e filha e a gente se diverte e melhora porque a gente não tá lembrando de adoecer (Abílio, 81 anos).

As trocas em termos de fornecer e/ou receber ajuda são marcadas pelo direcionamento do auxílio desses velhos para os filhos, qualificada, sobretudo em termos da provisão de benefícios

⁴⁸ Segundo Giddens (2010, p. 29-30), a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas. Esses entendimentos formam-se em função de determinados atributos que são prioritários em relação a outras fontes geradoras de sentido. O gênero, a orientação sexual, a classe social, a nacionalidade ou a etnicidade são algumas das principais fontes de identidade. Do ponto de vista sociológico são considerados dois tipos de identidade, analiticamente distintas: a *identidade social*, entendida como as características que os outros atribuem a um indivíduo; e, a identidade pessoal, que nos distingue enquanto indivíduos.

materiais (alimentos, roupas), financeiros ou recursos alternativos como a compra afiançada no comércio local quando da falta de dinheiro. A ajuda dos filhos vem por meio dos cuidados com a saúde e alguma colaboração com o trabalho da roça e afazeres domésticos. No estudo de Silva (2005), a ajuda auferida é bastante limitada e para os velhos que a recebem esta é disponibilizada em dinheiro; em situação inversa, o auxílio, direcionado a filhos e netos, é dado em dinheiro, alimentos e cedência de terra para plantio.

Neste círculo, sobressai-se ainda o bom convívio com os demais parentes, vizinhos e amigos, cultivando os hábitos de visitação, muito mais destes em direção aos velhos. A presença de relações de afetividade e amizade entre pessoas do rural (relação de vizinhança) é considerada por Mendes (2005) como um traço peculiar que prevalece nesse meio e, “(...) provavelmente esse comportamento seja explicado pela formação de valores estabelecidos pela convivência familiar e pela necessidade de relações de colaboração no trabalho (...)” (p. 260).

Nós graças a Deus nós somos uma família, apesar de ser longe umas das outras, a gente tem comunicação, a gente tem acesso de falar uns com os outros, nós temos união, dão carinho vixe, Maria dão demais. Eles me ajudam quando eles sempre mandam assim as coisas pra mim, sabe? Sempre manda assim roupa, né? Quando as minhas filhas chegam em casa, uma traz uma coisa, outras traz outra. E ai eu mando daqui, é bom demais, é uma alegria pra eles lá. Meu bem meus vizinhos você pode procurar, botar assim uma lamparinazinha assim acesa na cabeça e ir atrás ali, como é que é a Lurdinha pra vocês? Como é que ela é? Pode me perguntar que eu nem vou relatar, pergunta ao povo (Josefina, 64 anos).

Se um filho meu me pede ajuda; eu dou uma ajudinha; eu dou dinheiro pra comprar roupa, pra comprar chinelo. Se eu tiver, eu dou... e se eu não tiver dinheiro, eu tenho fiança nas quitandas...Eu ajudo, eles me ajuda e assim nós vamos levando a vida. Meus vizinhos vem e nós fica aqui embaixo do pé de manga conversando, um ali pra porta da rua e a gente fica ali conversando... é assim, se vem atrás d'uma coisa eu arranjo, é assim..agora eles não gostam, é porque dizem que eu não ocupo ninguém (Gertrudes, 75 anos).

Meus filhos e eu, nos damos bem, graças a Deus. Não ajudam todo tempo, mas lá uma vez eles me dão mercearia, eles me dão as coisas, mandam frutas, me dão. A convivência com os vizinhos é muito boa (Firmina, 87 anos).

Vige, é o maior carinho que eles tem comigo, todos dois filho, os meus vizinhos, meus netos..as filhas de meu filho, desse que mora aqui, Elias – o mais novo. É ligação; todo dia ligam pra mim, pra saber como é que eu estou! E querem as coisas, ai eu dou... mando lá pra Barreirinhas (Benedito, 60 anos).

Não tem conflito, nem briga nenhum. Os filhos são carinhosos, os seis são, mas tem um em Barrerinha que é até cuidadoso comigo. Ele é quem arranja remédio pra mim, lá com o doutor pra mim tomar que eu sou diabético. Os parente, os que ainda estão por aí nós se dá bem. Eles visitam. Visito também, não sempre não, demora a vez, a vez. Vizinho, amigo...Ave Maria! Isso aqui, tem muito. Vixi, num tem é conta de amigo (Euclides, 66 anos).

Graças a Deus se veve em harmonia. São legal meus filhos, graças a Deus, são cuidadoso, são gente boa. A gente ajeta; sempre tá apoiado com eles. Dou um trocadinho pra um, um realzinho pra outro, dez reais, né às vez cinco e é assim que rente veve. Eu tenho duas irmã, aliás três porque uma minha mãe criou; mas minha

duas irmã...graças a Deus nós sono muito chegado; uma mora no Pará entendeu. Ela passa é tempo pra vim. Os que mora aqui perto, nós se visita de vez em quando. Meus vizinho... se dá todo mundo bem. É pra nós é tudo, é bom, é graças a meu bom Deus, porque as pessoa só arrumam um inimigo se procurá (Abílio, 81 anos).

Moro sozinho, mas a filha ajuda. Gente boa, gente alegre, minha filha; o marido dela, então! Minha filha, ela não vem todo dia não, porque ela também é ocupada. Mas, eu tenho aqui é as meninas que cuidam de mim; minhas duas netas danadas. Conflito, briga não temos não. São tudo legal. Eles me visita, mas eu não; não, depois que eu cai doente e perdi a minha visão, não viajei mais. Mas, eles vem tudo aqui, me abraçar, me beijar, me cheirar...é isso. Ah, aqui com os vizinhos a relação é sensacional, com todos nossos amigos...desde a infância; tão os velhos tudo ai, tudo... meus amigos....Não tem inimigo não. Tem é ai é uns safadinhos ai que come minhas galinhas aqui do quintal; se eu andasse já tinha botado um desses cabra na cadeia pra respeitar; porque lugar de ladrão é na cadeia; isso é falta de respeito; se uma pessoa pula um quintal como o meu ou então passa pelo arame isso é crime. Claro...claro, ajudo os filho. Quem ajuda aqui mais é o Teotônio, ele faz uns trabalhos. Mas, eu pago tudo, né? Faz trabalhos de quintal, de fazer cerca, de fazer casa, e no que precisar de serviço ele que faz tudo. Ai pago na hora; não devo a ninguém; eu nesse mundo, não devo a ninguém (Francisco, 87 anos).

Bom, com os filhos, a família, é bom. Tem primos, muitos sobrinho, pois bem as vez, nós divide a luta, nós se vê sempre por aqui. É as vez nós, nós se visita uns os outros, quer dizer que a luta aqui de nosso lugar, as vez é serviço, mais nós se encontra aí na igreja. Não recebo ajuda; meus filhos são tudo pobrezinhos, não tem. Meus fi aqui acolá rá me ajuda, assim quando eu não posso buscar uma mandioquinha na roça eles vão (Vicente, 90 anos).

Esses depoimentos se conectam às suas trajetórias no rural, entremeadas pela relação de afeto com os lugares onde habitam. Em que pese as declarações de carinho, ouvimos lamentos acerca do isolamento e calmaria sempre presentes em contraposição ao movimento e a agitação de crianças que, depois de crescidas, foram embora, ficando apenas os velhos, que ou foram embora ou faleceram. Mas, é também por serem lugares calmos, que despertam sentimentos de tranquilidade e liberdade, onde podem, a seu tempo, comandar a rotina de trabalho, determinando seus horários, aspectos que não seriam possíveis na cidade. O sentimento de pertença e o respeito conquistado na comunidade foram também relevantes para a permanência no local.

Mesquita e Mendes (2011, p. 13) que discutiram o tema das relações campo/cidade por meio das identidades socioculturais de moradores de um espaço rural em termos das características de seu modo de vida situam os velhos entre os que se mostram com maior elo afetivo com o lugar, sentimentos conquistados e incorporados ao longo do curso da vida, “num processo de vivência afetiva, de memória, de percepções, de relações e de conhecimento, que constituem o lugar como um componente importante de uma identidade”. Sob a ótica de Brandão (s/d.), também citado pelas autoras,

[...] a escala de valores de adultos e velhos, homens e mulheres, assinala nos lugares rurais entre o sertão e a cidade o território que o camponês reconhece como próprio e

apropriadamente seu: fruto de seu trabalho e das gerações antecedentes; cenário natural de sua vida e lugar cultural onde ele sente que domina os códigos e símbolos de sua própria existência (p. 64).

Tentando “materializar” um pouco essa afetividade e, num exercício do olhar, propusemos aos colaboradores lhes entregar uma câmara fotográfica, questionando o que registrariam como mais significativo/importante de suas comunidades, como uma paisagem, um lugar, uma tradição, uma pessoa. Em ambos, Mandacaru e Mamede, a própria casa foi a imagem referenciada como mais significativa e, portanto, merecedora de registro; mas, em Mandacaru, as paisagens, o Farol Preguiças e a beira do cais foram igualmente citados.

Eu gosto daqui; eu não gosto muito dessa rua aqui não; é porque é muito isolada, não passa ninguém. Porque quando nós viemos morar aqui tinha muito menino; era uma zoada de menino aqui; aí depois foram crescendo, crescendo e foram simhora; si foram, ficou só os velhos, aí os velhos se danaram pra morrer e ir simhora e não voltaram mais e a rua ficou isolada (Josefina, 64 anos).

Eu gosto daqui porque é um lugar calmo, tem esse clima boa da praia, e eu acho mais assim, mais à vontade, de tarde eu sento na minha porta, e fico pegando aquela brisa e tudo; minhas filhas queriam, querem que eu vá, pra São Luís, mas eu não gosto de viver trancada, eu fui criada à vontade! Lá no interior onde nós morava era assim absoluta e vim pra cá e vivi aqui nesse lugar, e aqui só não é melhor porque as coisas são muito caras, o custo de vida é caro. Mas assim pra estadia, é muito bom, não tem assim muita zoada, não tem agitação. Eu gosto de viver aqui. Às vezes o turista passa e conversa comigo: - Vida boa, não é, mãe? Eu digo: - Essa é que é a vida! Aí eles dizem assim: Esse aqui que é lugar pra vocês morarem, cidade não é lugar pra idoso, aqui que é lugar pra vocês morarem (Firmina, 87 anos).

Eu passei 10 anos fora daqui, estudando em São Luís, conclui meu 2º grau, aí fiz o concurso público, em 67; passou um ano pra ser nomeado, fui pra Belém, passei um ano estagiando, voltei pra cá pro Maranhão e a Marinha. Do meu pai e da minha mãe, do tipo das brincadeiras, do futebol... as pessoas, nesse tempo eu tinha uns 19, 20 anos aí quando eu chegava em São Luís eu achava eu sentia falta daquilo, né? Porque na capital é diferente né? Eu ficava hospedado na casa alheia, não podia sair de noite, era conselho dos pais porque se não estudar não vai ter futuro bom não. Eu gosto, não sei, é porque é minha terra,..eu acho tão bom aqui..., meus filhos ainda tão aqui, Meu filho ainda tão novo, tão perto...conheço todo mundo, todo mundo me respeita, eu respeito todo mundo, tenho minha saúde, se não fosse, eu já tinha ido me embora daqui..tem muito farol aí fora pra trabalhar até em local mais desenvolvido. Aqui eu registraria lá de cima desse farol, a visão, toda essa panorâmica. Pra mim é um orgulho ter isso na minha terra, na minha região (Benedito, 60 anos).

Nunca nem pensei, na minha vida, de sair do meu lugar. Porque a pedra que não assenta não cria lodo; porque veja todo mundo vai pra aqui pra acolá, então nunca tem nada na vida e eu fiquei aqui; já tive tudo, já tivemos gado, já criamos muito gado, já tivemos muito bode, muito porco, tudo na vida. Gosto daqui imensamente porque aqui é um lugar calmo. Da frente da minha casa eu tirava uma foto (Abílio, 81 anos).

Eu gosto daqui, é porque é mais calmo, a gente vive mais tranquilo, eu trabalho alí, quando eu entendo de largar eu largo, venho, durmo meio dia, me deito é ventilado, a gente gosta. Eu acho que aqui no nosso lugar, é o farol, porque eu acho que esses turistas aqui, dá mais turista aqui por causa desse farol, esse farol é uma coisa muito bonita aqui na nossa terra no nosso lugar (Benedito, 60 anos).

Sair daqui pra fora? Eu vou esperar a vinda de meu Senhor lá mesmo na minha casa, nesta que eu tô aqui. Eu gosto de viver no meu lugar vei; agora que não tá muito bonzão porque tem este rio aqui e hoje ele tá tão bagunçado; mas gosto de meu lugar; eu nasci e me criei aqui; já sei, onde tem uma touceirinha de pau eu corto e

já trago pra qui, rá sei ra onde eu posso fazer com qualquer um uma rocinha; um lugar melhor de que o meu não tem, só se for mesmo no céu; demais de tá aqui. A foto era da casa da gente, o lugar (Severino, 76 anos).

Olha todo...minha vida toda foi aqui. Eu em Barreirinha eu tenho 4 filhos. Eles querem que eu vá morá em Barreirinha, mas eu já falei que eu não quero morar em Barreirinha não. Preferia morar lá na Raposa. Mas eu gosto muito de viver aqui porque é um lugar ótimo, bom de viver num tem muita briga! Nada disso, pode viver tranquilo; eu durmo aqui sozinho onde eu quero; só não saio de noite por que a idade já tá muito avançada para mim andar por ai de noite. Tiraria uma foto só da minha casa mermo, porque eu gosto da minha casa! Eu amo ela! (Manoel, 64 anos)

A compreensão de que “a pedra que não assenta não cria lodo” citada em um dos excertos, traduz um pouco da interpretação de Mesquita e Mendes (2011) quando marcam a identidade das pessoas e os seus lugares:

Desse modo, o elo afetivo existente entre o sujeito e o lugar vivido resulta de sentimentos que foram conquistados e incorporados no decorrer do tempo, num processo de vivência afetiva, de memória, de percepções, de relações e de conhecimento, que atribuem o lugar como um componente importante de uma identidade. A experiência adquirida ao longo da vida e a vivência com os mesmos conferem aos moradores identidades que são marcadas pela própria relação com o outro e com o espaço habitado (...) (p. 7).

Neste sentido, o desejo de morar ou passear na cidade, ou mesmo a perspectiva de viver em outro lugar, do que sentiriam mais falta também foram colocados nas conversas com os entrevistados. Para muitos a perspectiva de morar ou mesmo passear na cidade é rejeitada. O convite para ir morar com filhos os faz refletir sobre o interesse em se ter os velhos por perto, pois a renda da aposentadoria é que inibe a rejeição por esse velho e faz bem-vinda a sua presença. Para outros a cidade é espaço para passeios e visitas a filhos e netos, mas não para fixar residência. A casa representa o ponto para o qual convergem todos os sentidos de pertencimento, porque é o espaço da identidade real, do direito à organização, do comando da rotina e, portanto, o objeto que faria mais falta, assim como os amigos, a falta das conversas e do trabalho na roça.

Nem pra passear, quanto mais pra morar. Da minha casinha. Porque a gente na casa da gente a gente faz o que quer, dorme a hora que quer... come a hora que quer. Meu filho, o mais velho veio aqui aí disse: - Mamãe, vamos morar lá em Caldas Novas? Mamãe lá em é bom... vamos morar lá?.. Eu digo: Meu filho, no tempo que os velhos não eram aposentados não tinha um filho pra convidar pra morar junto. Agora como são aposentado, é mais que os filhos que quer que more junto. Porque ele não ia me sustentar, eu era que ia quebrar o galho dele (Gertrudes, 75 anos).

Pra morar não; eu não iria, ia não, porque aqui é muito melhor, porque a gente anda com maior tranquilidade, tem mais acesso de ficar na porta, da gente ficar nas portas, conversando com os vizinhos, fazendo fogueirinha ali, conversando, ouvindo as crianças correndo pra cima e na cidade a gente não vê isso. Eu ia sentir essa falta de tá na porta conversando, porque uma vez eu fui pra Belém e não pude ficar na minha porta, na porta de casa, lá de minha filha; quando eu ia botando ela disse mamãe não faça isso, é; a gente tem muita liberdade aqui, e lá

num tem (Josefina, 64 anos).

Pra morar não, pra passear até que sim. Se eu fosse mais nova e não tivesse problema nenhum, todo mês eu ia em São Luís, lá onde meus filhos, eu tenho meus netos. Se eu saísse daqui, ia senti falta dos amigos, da igreja, porque aqui a gente já tá acostumado e aí pra acostumar custa (Firmina, 87 anos).

Eu ia sentir falta é assim, das visitas que eu tenho, dos amigos que eu tenho por aqui, sentia falta daqui do lugar que eu moro porque eu sei que pra mim achar outro tá difícil! Eu sentia falta; porque é um lugar que a gente não se sente sufocado, não se sente nada aperreado...porque é um lugar que eu vivo bem, graças a Deus, eu me sinto bem. Achar outro lugar como esse daqui... Pode até achar mas tá difícil! Eu tive tanto convite aqui; teve uma atriz que lutou pra me levar pra Minas; ela trabalhava na Globo, mas eu não fui nem pra onde o meu filho, eu vou mais os outros? Vou não. Ana Maria Braga já teve aqui; artistas, eu conheço um bocado do Brasil e um bocado do exterior (Francisco, 87 anos).

A minha luta aqui é a roça, aí eu já sentia muita falta, porque lá ninguém podia trabaiá. Passear as vez eu vô, mas pra morar não (Severino, 76 anos).

Na perspectiva das vivências de tempo livre e lazer entre os espaços e as motivações dos sujeitos, que é a proposta de discussão deste capítulo como um todo, o conteúdo das falas é revelador de experiências de apropriação de um tempo que não é totalmente livre, posto ser, como ilustrado na concepção elisiana, um espectro de tempos livres configurado em função do cotidiano doméstico e suas atividades sobrepostas. Sob tal compreensão, como argumenta Corbin (2001), “a propósito dos trabalhadores rurais, é, pois, anacrônico dissociar com demasiado rigor o lazer do trabalho, o prazer do esforço, o jogo e a luta da aprendizagem” (p. 274).

Aproximando esta reflexão da realidade estudada nas comunidades rurais, a diferenciação de discursos e formas de comportamento realçam, assim, o que é uma linha de tempo mais contínua entre as mulheres, na qual se entremeiam afazeres, momentos lúdicos, cuidados pessoais e alguma mobilidade e o que é uma linha de tempo com tarefas e pausas mais projetadas/demarcadas entre os homens, herança, talvez, de uma rotina de trabalho fora do lar com os horários, regidos, ou não, pelo relógio. São observações ponderadas também, nos termos de Adam (1995 *apud* Rotemberg, 2012), acerca das experiências de tempo em que, por exemplo, mulheres com seus múltiplos papéis, pouco se enquadram em uma lógica que separa o trabalho do lazer, o tempo público do tempo privado, o tempo subjetivo do tempo objetivo, a tarefa em relação ao tempo do relógio. Como defende Davies (1990, *apud* Rotemberg, 2012, p. 02), “as mulheres vivem seu tempo como se estivessem de sobreaviso 24 horas por dia, isto é, seguindo uma lógica temporal não econômica, no sentido de não serem sujeitas a horários e prazos, enfim, se vêem como continuamente disponíveis”.

As experiências de apropriação dos tempos desses sujeitos na expressão das rotinas de seus tempos livres, nas atividades intermediárias de tempo livre ou atividades de lazer sugerem, ainda, que essa diferenciação se apresenta muito mais em termos das relações de gênero, do que em função de discrepâncias entre os grupos de idade. Divergem, ainda, as formas como homens e mulheres perpassam por seus espectros de tempo livre, mas convergem semelhanças entre as faixas etárias. Neste contexto, como as mulheres assumem uma parcela desproporcional de responsabilidade pelo trabalho doméstico, a sua percepção de escassez de tempo livre é maior que a dos homens, o que se projeta, igualmente, nas manifestações de lazer expressa em seus depoimentos.

No capítulo seguinte, ampliamos as reflexões sobre o lazer desses velhos rurais, a partir de narrativas construídas com base na realidade do transcurso de suas vidas que seguem atreladas a espaços físicos geradores de sentimentos de pertença, como já ilustrado. Espaços que são, ao mesmo tempo, (re)pensados e divididos, em maior ou menor grau, com a movimentação do lazer turístico, num ritmo que os aproximam e distanciam deste fenômeno social contemporâneo.



CAPÍTULO 4

O LAZER DA VELHICE RURAL ENTRE REALIDADES VIVIDAS E NARRADAS

4.1 As digressões sobre os divertimentos na voz de velhos rurais

A intencionalidade da concepção desta quarta parte do estudo, e dos itens que a compõem, ampara-se em um sentido de digressão que se combina com a idéia de dar relevo ao complexo jogo entre o discurso dos depoentes e as inferências de quem o analisa, como num passeio de itinerário pré-definido, porém, não implicando desvio de atenção sobre o tema em discussão. Inicialmente, aqui, são trazidas para o debate as percepções sobre o significado de lazer e, por extensão, as reminiscências do lúdico em relação ao curso da vida e às representações sobre velhice e o envelhecer no espaço rural.

Vale ressaltar, observa Corbin (2001), que é válido explorar o sentido das práticas rurais com base em conceitos que utilizamos e, assim, focar realidades diversas e o produto que disto decorre: as muitas possibilidades de geração de estudos com seus recortes. É nesta projeção que, para além de investigar as manifestações de lazer, tal como exposto no capítulo anterior, foi relevante apreender as nuances de seus significados e interpretações emergidos das impressões e expressões dos depoentes, observando a heterogeneidade das mesmas. Por outro lado, Willems, baseado em seu estudo sobre a cultura rural de um município brasileiro (Cunha, SP) em 1945, analisa que:

Palavras como "lazer" ou "atividade recreativa" nem sempre parecem adequadas para caracterizar as compensações que determinadas sociedades oferecem a seus componentes. Pois, na nossa civilização urbana o termo atividade recreativa sugere um esforço deliberado de procurar "distração" ou "diversão" em alguma coisa distante e diferente das fainas rotineiras que constituem os encargos do indivíduo. Ora, as compensações que a cultura local oferece ao cunhense, confundem-se em grande parte com suas atividades cotidianas ou, quando se destacam, o condicionamento recíproco permanece tão evidente que seria artificial e forçada qualquer tentativa de distinguir uma esfera cultural autônoma destinada, exclusivamente, à "recreação." As compensações que o cunhense encontra na sua cultura estão estreitamente associadas ao próprio trabalho e ao culto dos santos. Basta ter observado um grupo de agregados trabalhando na roça ou um mutirão em funcionamento para compreender o grau de associação entre trabalho e "recreação." Frequentemente, a capina dos agregados é acompanhada de cantorias e uma "prosa" repassada de gracejos, troças (Willems, 1947, p. 136).

As considerações do autor foram particularmente interessantes para ampliar a observação e a reflexão acerca daquilo que foi percebido/conectado como lazer, termo que, na interlocução, mostrou-se pouco válido para a compreensão de todos os sujeitos diante da proposta do questionamento, como já mencionado, razão pela qual foi oportuno o uso de divertir/diversão.

Daquilo que as mulheres relacionaram como diversão, fizeram associando-o às oportunidades de passear, à diversão das festas, aos cultos religiosos, a algo que pode reanimar as pessoas e ajudar a sair do isolamento, mas é também próprio de quando se é jovem, pois na velhice a participação/necessidade entra em declínio, além de pesar a questão financeira.

Grupos de idade	Mulheres	
	Associações	Excertos
60 – 69 anos	Passeios e viagens	<i>Passear, tomar banho na lagoa</i>
	Sociabilidade	<i>O lazer reanima a pessoa, ajuda a pessoa a se movimentar. Esquecer alguma coisa; a não ficar isolado</i>
	Diversão e sociabilidade	<i>É a diversão é as oportunidade de sair, passear, ir a uma festa, por ai. E quando as pessoas gosta de se divertir é bom</i>
	Fator econômico	<i>Divertir é divertir; é pra quem tem tempo e dinheiro; nem sei o que é isso; pouco tive dos dois</i>
70 a 79 anos	Diversão, festas	<i>Lazer pode ser um forró; mas, pra mim não existe. Gente novo é uma coisa muito boa, se diverte, aí a gente vai ficando velho não dá.</i>
80 anos e mais	Festejos e cultos religiosos	<i>Tem vez que eu vou, vou quando tem arraial, quando tem culto nas comunidades, eu vou.</i>

O olhar dos homens se assemelha e distancia em certos pontos, pois a diversão também é associada às festas, ao não ficar parado; mas é também conectado ao descanso, saúde, esporte, oportunidade de encontrar e sair com amigos; a velhice também é tempo de fruição, embora pese o fator financeiro.

Grupos de idade	Homens	
	Associações	Excertos
60 – 69 anos	Esporte	<i>Desenvolvimento de esporte, como o futebol.</i>
	Sociabilidade	<i>Eu entendo que às vezes quando eu tô sem fazer nada, eu saio pra conversar com os amigos, que eu vou pras casas conversar com eles</i>
	Passeios e viagens	<i>Lazer é a pessoa passear, sair, viajar</i>
	Diversão e sociabilidade	<i>É uma coisa, de ter aquela vida, de brincar, de fazer tudo assim na minha idade, de passear, é uma coisa importante. Vou à pracinha conversar com os meus amigos, jogar dama, um dominó.</i>
	Conforto	<i>Lazer é a gente viver bem, no conforto.</i>
	Fator econômico	<i>Lazer é pra quem tem vida financeira boa; é você viajar, sair; se eu tivesse dinheiro eu ia conhecer muito, ia viajar com a minha esposa; agora aqui a gente nem tem nada de lazer porque não tem como. É bom conhecer pessoas diferentes, lugares diferentes, comida diferente; já pensou viajar pra outros países? Era muito bom!</i>
70 a 79 anos	Saúde	<i>O lazer todo mundo diz que é bom, que se me divertisse assim</i>

		<i>seria melhor pra mim pra saúde, mas a minha vontade não pode mais pra eu me divertir, pra eu sair, é só aqui mesmo.</i>
80 anos e mais	Diversão; descanso	<i>É muito bom se divertir, eu faço umas festas sempre, assim umas coisas, eu vou prali, pra acolá, pra não tá parado. É uma coisa assim de descanso, de ter aquela vida, de brincar, de fazer tudo assim na minha idade, de passear. É uma coisa importante (Francisco, 87 anos)</i>

Apesar das sutilezas que demarcam a composição do *espectro do tempo livre* e, no âmbito deste, as especificidades que o compõem, aos finais de semana há uma “quebra” na rotina dos trabalhos domésticos, das lidas com a pesca, a mariscagem, a lavoura, que se revela ou num ritmo menos intenso (entre as mulheres) ou pausados efetivamente (entre os homens). Questiona Thies:

Mas o que é o lazer da/na zona rural? O lazer na zona rural está associado ao descanso do trabalho na lavoura. Isso acontece por meio de idas ao futebol, bailes, danças, festas, visitas aos parentes, uma vez que, para quem trabalha na agricultura, não há período de férias, como há para outras profissões. Há apenas “períodos” de mais ou menos trabalho (Thies, 2008, p. 101).

As já mencionadas manifestações de lazer ocorridas, por exemplo, no espaço da casa e na porta como sua extensão, nos pequenos passeios, na ida à praça, na participação em festejos, nos momentos da faina diária devem ser também consideradas como a grande maioria das possibilidades existentes para os sujeitos de Mamede e Mandacaru. Isto porque ambas as comunidades são carentes de áreas, equipamentos e ações mínimas de fomento e acesso ao lazer, mesmo em termos das formas de associativismo informal que poderiam ser propiciadas por igrejas, sindicatos, associações e outros.

Neste caminhar, questionamos também acerca da *diferença entre o lazer/diversão do interior e o lazer da cidade*, na perspectiva de uma reflexão quanto ao cotidiano local, como também, a afetação deste por demandas de atividades que se originaram no meio urbano, como é o caso do turismo e da recreação, como argumentam Campanhola e Silva (2002) sobre o lazer e o novo rural. Nos retornos, a visão de que a diversão na cidade pode ser melhor, com a agitação e a diversidade de opções que a caracterizam; contudo, é no interior, onde as oportunidades são mais limitadas, que prevalece a tranquilidade, no qual é possível ter atitudes como armar uma rede ao ar livre e dormir ou deixar a porta aberta; procedimentos que atestam a segurança da localidade.

Assim, a conotação negativa é dada ao contexto da vida na cidade, sua intensa movimentação, alto custo de vida, trânsito inseguro e pessoas mal humoradas, o que nos faz

ponderar sobre a impessoalidade como traço marcante da vida urbana em seu turbilhão de estímulos e acontecimentos cotidianos, que impõem uma inércia e uma atitude distanciada, como sugere Simmel (1987) com a chamada “atitude blasé”.

Tem sim, é porque a vida da cidade é uma, e a vida do interior é outra. E aí tem diferença; tem diferença no custo de vida, tem diferença nas compras, porque na cidade toda coisa, depende de ter o dinheiro, a gente tem o que quer. E aqui, mesmo que tenha a gente não pode ter porque não tem (Camélia, 68 anos)

Tem, porque em São Luís, quer dizer, nas capitais, na cidade tem mais campo pra pessoa. No interior aqui é menos, na cidade tem o basquete, tem o futebol de salão, futebol de campo, então, é por isso eu acho que na cidade é mais evoluído do que aqui. Aqui tem mais festas, boi. Cada um tem a sua forma de lazer... aqui ainda tem a praia, mas às vezes passa é de 6 meses sem chover, tem umas lagoas aí... às vezes vou tomar banho no rio e eu acho que tem mais lazer mesmo é na cidade (Benedito, 60 anos).

Lá é diferente. Aqui a pessoa anda pra toda parte, à vontade, mas lá é assalto, tem aquele trânsito cri-mi-no-so em São Luís do Maranhão (Abílio, 81 anos)

Eu acho que na cidade deve ser mio, né não? Mas aqui é porque no nosso interior... eu acho mió assim; eu acho porque aqui é mais tranquilo e na cidade as coisa é...mais danado, é mais agitado e aqui não... é uma coisa calma. Ói aqui num lugar como esse nosso aqui ele num é pequenininho, mas aqui cê pode armar sua rede bem aqui e pode abrir essa porta aí; cê dorme até descer, num tem nada entendeu? (Francisco, 87 anos).

Aqui é mais diferente. Eu ando ali pela praia e ali pelo porto, e eu entro numa rua e sai na outra; não gosto de São Luís, porque caboco de lá são brabos (Vicente, 90 anos).

No âmbito dessas impressões, como percebem os velhos, então, as possíveis divergências entre *lazer/diversão dos velhos e dos jovens*? Trabalhamos esse questionamento atentos ao olhar de Farcy (2001, p. 289) de que “o tempo livre exprime, pelo seu uso diferenciado por idades e sexo, as normas da vida social das comunidades rurais” e também aspectos ligados a como os velhos veem a juventude, posto que, de uma forma geral, entre os aspectos que teriam piorado na vida dos idosos, nos últimos tempos, a principal referência é a falta de respeito (13%), sobretudo dos jovens (10%) (Fundação Perseu Abramo/FPA, 2007).

Observamos que a diferença entre o lazer do jovem e do velho se vincula a uma diversidade de fatores, tais como os pontuados em termos da agitação, pouca responsabilidade e seriedade, da facilidade do ir e vir, devido a maior aptidão física; remete ainda a conteúdos e comportamentos diferenciados. Com efeito, o lazer do velho é diferente já que os jovens preferem festas, bebidas, jogos e é possível realizar diferentes projetos de vida, enquanto que para os primeiros os interesses voltam-se para as conversas, o contar e ouvir histórias, práticas mais tranquilas, cabendo a acomodação. Com oportunidades mais restritas, os depoimentos revelam

ser perceptível que as pessoas que envelhecem no interior vão estacionando, abatendo-se/desanimando-se; quando se permitem divertimentos, ficam expostos às críticas dos jovens.

Tem. Pros idosos o lazer tem mais... uma utilidade certa. Porque da juventude, mais é só negócio de molecagem, mas pro idoso, não, é a coisa do direito; é mais tranquilo. É só a coisa do direito, é coisa que a gente tem sempre que conversar sobre as coisas que não tá... problema de hoje (Josefina, 64 anos).

Eu acho que tem. O idoso tem até o lugar dele, mas essa juventude de hoje em dia, só quer saber de danação, loucura. No meu tempo não foi assim não (Camélia, 68 anos).

O do idoso tá mais calmo; o dos jovem tá mais agitado; porque o idoso, o véio num pode tudo...tem que tá quietinho (Gertrudes, 75 anos).

Tem diferença; para o idoso é mais restrito, porque o jovem quer é saber de tá metendo o “grode”, esse é o lazer do jovem, namorar, festas, essas coisas! (Firmina, 87 anos).

E muito... porque o divertimento de São Luís é alegria é diversão e aqui não, é só um tiquinho, besteirinha, vai pouca gente; tem uma grande diferença (Benedito, 60 anos).

Eu tenho pra mim que quando a pessoa é novo ele se diverte mais de que a pessoa de idade, mas tem pessoa de idade que tem um lado que se diverte bem, mas não é todos. Porque olha, aqui quando tem uma festa, festa de dança, você não vê pessoa idoso assim dançando não, aqui é difícil, é só novo; aí eu acho que as pessoas quando vai ficando velho aqui no interior parece que ele se encosta assim; às vezes até os novos criticam; por um acaso se eu for assim dançar numa festa, aí: - Rapaz fulano, isso aí gosta de uma festa! (Joaquim, 74 anos).

A diferença é porque você é jovi, já pode ir passear pode ir dançar se gostar de dançar com o namoradinho. E eu? Que que eu vou fazer? Vou dançar com quem? (Vicente, 90 anos).

A nostalgia revelada nestas lembranças dos lazeres na juventude e percepção do hoje sublinha uma diversidade de significados. Traz à tona subjetividades que tornam essas memórias, no dizer de Moragas (1997), experiências dificilmente sujeitas à homogeneidade ou à categorização, portanto, uma experiência universal da pessoa que, como o trabalho, o amor ou a relação social, responde a desejos diferentes em cada uma.

É assim que dançar nas festas, jogar futebol, as brincadeiras sob o luar, os banhos de mar ou rio, ir á igreja onde “à saída da missa, o adro da igreja é um verdadeiro fórum onde se troca notícias da família e da terra” (Farcy, 2001, p. 288) combina-se com a relação de obediência e confiança rememorada na dinâmica de controle dos pais sobre os filhos, nos momentos oportunos para os divertimentos, a responsabilidade e o bom comportamento como qualidades que os jovens atualmente não valorizam.

Antigamente as mães da gente não deixava a gente quase assim, conversar com os jovens e eu alcancei eu ainda dancei uma festa aqui que as mulheres as solteiras era numa sala e as moças era na outra; e os casados era noutra eu ainda dancei em uma só que eu alcancei ainda; antigamente os jovens brincava com as jovens aqui, que eu alcancei, mas agora esses tempos pra cá, a gente não ver mais isso não, por que você sabe como é que tá, né? Eu achei diferente, eu achei diferente criança com doze anos, já quer, nem brincar, quer é namorar e ter filho (Josefina, 64 anos).

No meu tempo eu era novinha, nós se ajuntava, um bucado de mocinha da minha idade aí nós se divertia. A lua acesa, aí nós ia brincar, de noite nós brincava até tarde, quando terminava nós descia tudo ia banhar, quando chegava cada qual procurava sua casinha; aí quando o dia clareava a rente, cada uma de nós procurava ir pra roça pra trabaiaá, assim, nós se divertia assim e aí cê sabe que eu ainda tô no meu ritmo de eu nova, e hoje não, hoje num tem noite pra eles... prôs novo de hoje num tem mais não; pra eles tudo é uma coisa só; vão num bar, ninguém vê...é uma gritaiada, e é zuada disso pra todo lado, é bebeno, meu amigo eu vô lhe falá, negócio de bibida eu tenho até ódi (Camélia, 68 anos).

Quando eu era jovem, eu queria dançar em toda festa; eu queria era dançar, era andar, era pular fogo... Eu dancei muito, eu chorava pra ir pras festa. É muito diferente do tempo que eu era.... Porque no nosso tempo, as mães se confiavam nas filhas e hoje, as mães não se confiam nas filhas (Gertrudes, 75 anos).

Dançava, ia pra jogo, ia prôs bailes assim em outro lugar, pra festa da igreja. Desde jovem que eu gostava muito de me divertir muito mesmo; eu era dançadeira, eu casei, mas ele nunca me proibiu de dançar, dançava, mas depois que os filhos pegaram a aumentar eu que deixei. Agora a diversão de antigamente era uma, e agora é outra. O jovem de primeiro eram pessoas decentes. O jovem se tinha um namorado, mas era com respeito, se comportavam mesmo bem e não andavam com essas coisas como esses jovens de hoje, não digo todos, porque tem os trabalhadores como os filhos da Jesus, mas esses outros que andam por aí...meu Deus, não perde de ter namorada, de engravidar uma menina. De primeiro as moças casavam tudo bonita, preparada, tudo de grinalda, véu, mas agora nem se casam, ficam é morando aí com os homens, até quando enjoa (Firmina, 87 anos).

Ia pra igreja, rezar, ouvir a palavra de Deus; os bailes, já tinha minha namorada. Na-mo-ra-da; não é hoje esse namoro sem vergonha. Nós só se abraçava quando nós se encontrava. Pois é, em baile, aí a nós ia se abraçar. Porque nós tava dançando mesmo. Aí ia conversar. Agora, eu ia pra igreja, rezar, cantar, tinha os festejos de São Sebastião, que era muito bonito; São João era aquela beleza, aí depois das 18 horas ia pra os bailes dançar, namorar... coisa bonita, beleza, não tinha essa bebedeira de hoje em dia (Francisco, 87 anos).

Muita diversão quando era jovem sim. Quando nos tempo da gente a gente brincava um monte. Eu gostava muito de festa, gostava de festa. Eu era o lampião da festa! Tudo era bom pra gente; tudo alegre satisfeito e quando era na hora da festa a gente caia bem no forrozo até 4h da manha. Agora eu nunca mais tive, eu gostava muito de festa, mas nunca gostei de amanhecer o dia assim com festa dançando e nem embriagado também não. Naquela época era de um jeito, hoje é do outro. Tudo é diferente, mas eu tô satisfeito com os tempo que eu fui jovim e hoje também na velhice; ainda me sinto forte; não é como a gente era como era novo mas dá pra dá uma voltinha por ai (Vicente, 90 anos).

Nas motivações geradas nos encontros, nos permitimos questioná-los sobre suas expectativas e/ou desejos de vivenciar algum tipo de experiência lúdica, no tempo hoje de sua velhice que lhes é próprio, tanto quanto o de qualquer um. Aqui visualizamos um mosaico de idealizações que perpassam o espectro do tempo livre de Elias e Dunning (1992) – festas dançantes, oficinas de artesanato, atividades esportivas, passeios, atividades religiosas, viagens – e também a continuidade, retorno ao trabalho.

Assim como bem uma venda, se eu pudesse botar uma venda pra mim, um bar, uma coisa, se tivesse um filho aqui perto, pra morar aqui comigo, mas não tem (Josefina, 64 anos).

Eu tenho uma comadre ali sempre ela fala, ah nós vamos agora fazer um lazer só pra, uma festinha pra alegrar os idosos da terceira idade e aí sempre na televisão eu vejo os velinhos dançando, eu falto morrer de ri da arrumação; ah se tivesse por aqui, a gente ia fazer isso... pintura, oficinas, uma época aí atrás veio uma oficina e a gente prendeu fazer flor (Camélia, 68 anos).

Eu não, só se fosse assim.. Se aqui nesse lugar tivesse uma igreja e vinhesse mermo, vamo supôr mermo que num vinhesse, mas assim de 6 em 6 meses, vinhesse um padre dizer, celebrar uma missa, aí eu gostaria (Gertrudes, 75 anos).

Se pudesse era entrar em campeonato de nataçãõ, campeonato de bicicleta, que eu fiz muito; isso me dá uma sauda; se eu pudesse a gente procura fazer com os outros também da nossa idade da gente, que é pra gente também participar, mas nunca que é como era antes. Mas não é mesmo. Mas eu não me escondo não (Benedito, 60 anos).

Logo na idade que to, o que a gente deve de pensar é de comprar uma moto pra mim pra mode eu andá. Mas num dá certo, logo a vista já tá curta e mermo já to velho. Mas eu ainda vou em Barreirinha, mai meus neto, aí na moto. Não, eu vô no carro mesmo, mas às vez eles quer e: “ó meu avô nós vamo é no carro, é na moto (Manoel, 64 anos).

Tem outras coisas que a gente pode até fazer... Ah eu passeava mais com a família, viajava... Mais isso é pra quem tem dinheiro (Euclides, 66 anos).

Ora, a mesma profissãõ de pescaria, porque eu gostava demais; minha casa era farta (Joaquim, 74 anos).

É se uma pessoa chegasse aqui e procusse...e me convidar ali, rapá vumbora dar uma voltinha ali e tal eu ia, né? Eu ia, eu gosto, gostava demais. Outra coisa que eu gostava demais era de jogar bola, jogar bola eu adorava na minha vida, eu acho que eu adoeci disso (Francisco, 87 anos).

São, assim, desejos e expectativas expressadas, praticamente para a totalidade dos sujeitos, no geral, em meio a vínculos familiares caracterizados como harmônicos, afetivos e de boa comunicação entre os membros, favorecendo as boas relações no círculo doméstico. As trocas em termos de fornecer e/ou receber ajuda são marcadas pelo direcionamento do auxílio desses velhos para os filhos, qualificada, sobretudo em termos da provisão de benefícios materiais (alimentos, roupas), financeiros ou recursos alternativos como a compra afiançada no comércio local quando da falta de dinheiro.

A ajuda dos filhos vem por meio dos cuidados com a saúde e colaboração com o trabalho da roça e afazeres domésticos. Neste círculo, sobressai-se ainda o bom convívio com os demais parentes, vizinhos e amigos, cultivando os hábitos de visitaçãõ, muito mais destes em direçãõ aos velhos.

Nós graças a Deus nós somos uma família, apesar de ser longe umas das outras, a gente tem comunicação, a gente tem acesso de falar uns com os outros, nós temos união, dão carinho vixe, Maria dão demais. Eles me ajudam quando eles sempre mandam assim as coisas pra mim, sabe? Sempre manda assim roupa, né? Quando as minhas filhas chegam em casa, uma traz uma coisa, outras traz outra. E aí eu mando daqui, é bom demais, é uma alegria pra eles lá. Meu bem meus vizinhos você pode procurar, botar assim uma lamparinazinha assim acesa na cabeça e ir atrás ali, como é que é a Lurdinha pra vocês? Como é que ela é? Pode me perguntar que eu nem vou relatar, pergunta ao povo (Josefina, 64 anos).

Nos damo muito bem; carinhosos são, bastante. Se adoço cuidam muito bem, muito; agora dinheiro dão não. Eu ajudo, assim com um trocadinho quando eles tão precisando aí eles... é eu ajudo com aquele poquinho porque a gente é pobre num pode ajudá com muito; ajuda com aquele poquinho e num é nem todo dia; da saúde deles quando tão duente cuida muito bem. Ajudo minha família porque nós tudo somo pobe e aí nós num tem nada aí algum rá precisa duma coisinha pralí, aí ôtro precisa pralí, aí eu num tenho meu coração de cobra, aí eu vô e ajudo. Ajudo na casa, a minha correria é essa, o dia que variô é no café, na casa limpando, é avando rôpa, lavando vasilha, isso, todo dia. Irmão aqui eu num tenho, nenhum. Só um irmão que eu tenho, ele mora em Barrerinha, aí às vez, tem vez que eu vô, mês que eu num vô, passo de 3 dia lá mais ele, aí venho, aí tem mês que ele vem pra cá passa 1 dia, 2. É quando dá aí nós se visita. Com os vizinho minha convivência é essa é eles lá na casa deles e eu aqui na minha. Se damo bem; tem problema com vizinhos não; tem não porque se meu vizinho num tricutá de mim eu que num vô tricutá dele (Camélia, 68 anos).

Se um filho meu me pede ajuda; eu dou uma ajudinha; eu dou dinheiro pra comprar roupa, pra comprar chinelo. Se eu tiver, eu dou... e se eu não tiver dinheiro, eu tenho fiança nas quitandas...Eu ajudo, eles me ajuda e assim nós vamos levando a vida. Meus vizinhos vem e nós fica aqui embaixo do pé de manga conversando, um alí pra porta da rua e a gente fica alí conversando... é assim, se vem atrás d'uma coisa eu arranjo, é assim, agora eles não gostam é porque dizem que eu não ocupo ninguém (Gertrudes, 75 anos).

Meus filhos e eu, nos damos bem, graças a Deus. Não ajudam todo tempo, mas lá uma vez eles me dão mercearia, eles me dão as coisas, mandam frutas, me dão. A convivência com os vizinhos é muito boa (Firmina, 87 anos).

Vige, é o maior carinho que eles tem comigo, todos dois filho, os meus vizinhos, meus netos, as filhas de meu filho, desse que mora aqui, Elias – o mais novo. É ligação; todo dia ligam pra mim pra saber como é que eu estou! E querem as coisas, aí eu dou... mando lá pra Barreirinhas (Benedito, 60 anos).

Não tem conflito, nem briga nenhum. Os filhos são carinhosos, os seis são, mas tem um em Barrerinha que é até cuidadoso comigo. Ele é quem arranja remédio pra mim lá com o doutor pra mim tomar que eu sou diabético. Os parente, os que ainda estão por aí nós se dá bem. Eles visitam. Visito também, não sempre não, demora a vez, a vez. Vizinho, amigo...Ave Maria! Isso aqui, tem muito. Vixi, num tem é conta de amigo (Euclides, 66 anos).

Graças a Deus se veve em harmonia. São legal meus filhos, graças a Deus, são cuidadoso, são gente boa. A gente ajeta; sempre tá apoiado com eles. Dou um trocadinho pra um, um realzinho pra outro, dez reais, né às vez cinco e é assim que a rente veve. Eu tenho duas irmã, aliás três porque uma minha mãe criou; mas minha duas irmã...graças a Deus nós somo muito chegado; uma mora no Pará entendeu. Ela passa é tempo pra vim. Os que mora aqui perto nós se visita de vez em quando. Meus vizinho... se dá todo mundo bem. É pra nós é tudo, é bom, é graças a meu bom Deus, porque as pessoa só arrumam um inimigo se procurá (Abílio, 81 anos).

Moro sozinho, mas a filha ajuda. Gente boa, gente alegre, minha filha; o marido dela, então! Minha filha, ela não vem todo dia não, porque ela também é ocupada. Mas, eu tenho aqui é as meninas que cuidam de mim; minhas duas netas danadas. Conflito, briga, não temos não. São tudo legal. Eles me visita, mas eu não; não, depois que eu cai doente e perdi a minha visão, não viajei mais. Mas, eles vem tudo aqui, me abraçar, me beijar, me cheirar...é isso. Ah, aqui com os vizinhos a relação é sensacional, com todos nossos amigos...desde a infância; tão os velhos tudo aí, tudo... meus amigos...Não tem inimigo não. Tem é aí é uns safadinhos aí que come minhas galinhas aqui do quintal; se eu andasse já tinha botado um desses cabra na cadeia pra respeitar;

porque lugar de ladrão é na cadeia; isso é falta de respeito; se uma pessoa pula um quintal como o meu ou então passa pelo arame isso é crime. Claro...claro, ajudo os filho. Quem ajuda aqui mais é o Teotônio, ele faz uns trabalhos. Mas, eu pago tudo, né? Faz trabalhos de quintal, de fazer cerca, de fazer casa, e no que precisar de serviço ele que faz tudo. Ai pago na hora; não devo a ninguém; eu nesse mundo, não devo a ninguém (Francisco, 87 anos).

Bom, com os filhos, a família, é bom. Tem primos, muitos sobrinho, pois bem as vez, nós divide a luta, nós se vê sempre por aqui. É as vez nós, nós se visita uns os outros, quer dizer que a luta aqui de nosso lugar, as vez é serviço, mais nós se encontra aí na igreja. Não recebo ajuda; meus filhos são tudo pobrezinhos, não tem. Meus fi aqui acolá rá me ajuda, assim quando eu não posso buscar uma mandioquinha na roça eles vão (Vicente, 90 anos).

No conjunto das considerações trazidas ao longo desse capítulo, entre depoimentos e as interpretações possíveis, buscamos situar as velhices de diferentes sujeitos. Tais velhices aparecem recortadas por aspectos das subjetividades presentes e (re)contadas em suas rotinas de tempo livre e lazer como dimensões que ajudam a representar e, por extensão, a refletir sobre os contornos do envelhecer em cenários e contextos rurais brasileiros. Remetendo ao campo de estudo da Gerontologia, consideramos ainda a heterogeneidade da velhice “determinada pelas peculiaridades socioculturais e contingenciais dos percursos, implicando a definição de velhice como um constante e inacabado processo de subjetivação”, como propõe Lopes (2007, p. 141). Para tanto, percepções sobre a velhice, sobre o sentir-se velho(a) sinalizam e referendam também significados contemporâneos do envelhecer no rural em comparação com o espaço urbano, contempladas e apreendidas, portanto, nas entrevistas coletadas.

Tal como analisa Lopes (2007) ante os dados da pesquisa Idosos do Brasil da Fundação Perseu Abramo e SESC, na imagem da velhice revelada nos depoimentos predominam atributos negativos e posições de resignação. A velhice é uma condição ruim, já que está associada ao declínio físico-estético (cabelos brancos, rugas, feiura, declínio da sexualidade); mas é uma condição universal posto que “todo mundo fica velho”. Mesmo a palavra “velho” é algo que muita gente nem gosta de citar. Assim, evitar a velhice seria uma possibilidade boa, pois ela traz, sobretudo, incapacidade para a lida do cotidiano, mesmo o corpo dito como “duro” e são. Por outro lado, é necessário aceitar a velhice, mesmo que não se queira, como uma consequência da vida já que nesse percurso o comum é envelhecer; é preciso obedecer à velhice, os sentimentos de desgosto e solidão que ela traz; não se pode fazer o que se tem vontade de fazer; a saída é a resignação.

As identificações mais positivas pontuaram que a velhice é normal como a mocidade, devendo ser considerada uma conquista para quem consegue chegar nessa etapa da vida. Por remeter a idade, é possível ponderar melhor os atos e as decisões com mais compreensão, maturidade que não se tem na juventude. Muito próximas foram a autopercepção do sentir-se e não sentir-se velho ou velha.

É uma palavra que muita gente nem gosta muito de relatar, velho, né? Velho é uma coisa que não tem aproveitamento de nada, velho, coisa velha o que quê é? Velho, pode se dizer que é velho, ser que é idoso que há tantos anos conviveu tá convivendo, por que coisa velha na minha mente que, menino bota isso pra ali não presta não isto tá velho, num tem valorização nenhuma, você acha que é assim? Né não, velho? Eu não, eu não me sinto velha não, por que sei lá até a palavra velho, velho, velho, velho, velho, tem vários significado, né? Não posso nem entender bem direito porque o velho a pessoa, se acha chato, né? (Josefina, 64 anos).

Velhice é uma coisa ruim. É a idade aumentar, o cabelo ficar branco, a cara ficar encolhida; todo mundo fica velho. Eu me sinto velha quando eu me levanto que o meu joelho dói, aí eu sei que tô velha, porque no tempo que eu era nova eu levantava aqui era na carreira e eu não sentia dor nenhuma: por que? Era porque tava nova. (Camélia, 68 anos).

A velhice...cê tá falano a idade, né? Rapaiz no meu tempo de novo eu num intindia quase nada pra mim tava tudo bem, já hoje eu penso demais muitas coisa. É porque naturalmente eu magino morrer toda hora. Já to velho, já to nessa idade eu quero chegar mais uns dias. Sentir velho, tem que sentir! (Manoel, 64 anos)

A velhice eu acho que é uma coisa boa, pras pessoas que chegou até onde eu cheguei. Porque se eu não tivesse chegado hoje à minha idade, eu que tempo eu já tava de osso branco, né? Porque a pessoa feliz é aquela que chega numa idade avançada de uns 70 ou 80 anos; por isso pra mim é um prêmio! Eu vivo satisfeito! Pra mim... É um prêmio, eu viver até essa idade. É uma faixa que a pessoa chega a base de ser respeitado e passa a respeitar os outros, mostrar porque que chegou naquela idade, né? Eu acho assim que ser velho, não é como tem gente que chega com uns 70 e 80 anos de idade e ter que tá doente, né? Tem gente que chega...e já tô velho, diz fulano vamos dá uma volta tal parte, não, já tô velho, prá ele! Tem uns que quando chega nos seus 55 a 60 anos pensando que não é mais ninguém; eu pra mim, não é assim não. (Euclides, 66 anos).

Para mim a velhice é normal como a mocidade. Graças a Deus eu não encontro dificuldade ainda pra nada. Ser velho é... sei lá. Eu acho que... os meninos riem porque eu sou velho, mas com perspectiva. Não, eu não me sinto velho; eu sei que eu sou, que eu tenho a minha idade avançada; mas eu não sinto nada de velhice, porque eu vejo umas pessoas que eu vi tudo desse tamanho, andam...não, se arrastam... meu Deus, ai, ai, ai ...assim, acho que assim sabe o que é bem a velhice. (Joaquim, 74 anos)

Pra mim a velhice né muito bão não é? Não é bom porque a gente sente tanta coisa, chega uma confusão na cabeça, preocupação, chega uma dor no corpo, pois bem tudo acompanha a pessoa. Eu tive uma animação, assim no corpo, assim de lutar até 50 ano, 40, 50 ano, mas logo que passou para 60, 70 eu já vim, cheio de tanta coisa. Eu penso que é por que vai indo, vai indo, o camarada nasce, começa aumentar os seus ano e vai indo, vai indo, vai indo que quando chega o tempo vai ficando mais velho, quando chega na fulô da idade que ele fica um homem, já feito na luta, pois bem ali ele acha que tá bom, aí quando chega naquelas média ele acha que ele já tá ficando velho, apresenta um cabelo branco na cabeça, a força vai esmorecendo; vai morrendo a força, as carnes não vai ficando mais como era, vai minguando também. Eu me sinto velho, porque eu sei que não to mais do jeito de quando eu era novo não; adorava minha força, daqui pra ali apresento uma coisinha no corpo (Severino, 76 anos).

Velho é uma coisa sem vergonha; diz que velho quando fica velho, muitas coisas faltam e falham. Me sinto usado, mas não sinto que tô assim velho assim pra tarem dizendo - Ah, já tá velho! (Américo, 77 anos).

Velhice a gente tem que aceitar ela, porque nem que a gente queira, nem que não queira a gente tem que ficar velho, então a gente tem que obedecer a velhice, a gente aqui, eu não sou contra de ter a minha idade, eu tenho a minha idade, 87 anos, eu não sou contra, eu ouço bem, eu enxergo, eu tenho a minha mente boa e aí até o dia que Deus quiser a gente vai levando. Ser velho eu acho que é porque a gente nasce aí vai envelhecendo, vai aumentando de idade, até que fica velho. Porque tudo envelhece. Me sinto velho, porque novo é uma coisa e velho é outra; novo é uma coisa e velho é outra; no meu tempo de jovem é uma coisa, depois a gente vai passar pra adolescente é outra coisa, e aí velho. As vezes a gente tem vontade de fazer uma coisa, mas não pode porque a idade não deixa, já tá com a idade avançada, não tá mais com aquelas forças que a gente tinha quando a gente é novo, e quando a gente é novo, a gente tem mais resistência, forte, pega uma coisa, agora na velhice tudo enfraquece na gente, é carne, é nervo, é a idade, é o cabelo, tudo fica velho. Uma vez, eu fazia todo serviço de casa, mas agora tem vez que eu não posso nem abrir a garrafa de café. As forças não dá (Francisco, 87 anos).

A velhice é uma coisa muito ruim; quando a gente é novo é tudo! Porque a pessoa na velhice, passou dos 50 anos, 60 anos na parte de sexualidade. Tudo cai! Ser velho é tanta coisa na gente, é dores, é isso, é aquilo. Quando eu era novo tinha dor? Tinha não. Eu me sinto velho, mas não me sinto nem um tanto infeliz, não (Vicente, 90 anos).

A pessoa pode ser velha na cidade e no interior; ambos podem ter o mesmo significado, porém no interior é possível uma vida tranquila e a experiência de envelhecer nas capitais é mais triste; isto decorre da impossibilidade do ir e vir mais facilitado; da falta de respeito que atinge o velho, como por exemplo, no uso do transporte coletivo; das poucas amizades; das representações de que o velho não tem valor; da maior exposição a perigos – assaltos, atropelamentos. No interior é melhor de viver, pois é possível estar entre amigos, que se cuidam entre si e o velho é menos incomodado e nesse espaço pode resguardar-se da violência e do desprezo. A solidariedade, por exemplo, não é mais uma característica tão presente na cidade, onde os velhos tendem a viver trancados; não podem sair desacompanhados, o que pode ser uma aventura perigosa; assim, necessitam ficar confinados em casa e contar com a disponibilidade de parentes, que geralmente não tem tempo disponível.

A pessoa sendo velho aqui pode ser velho também na cidade, né? Não tem o Deus daqui é o mesmo de lá, Ele me olha aqui me olha lá, olha você em todas as partes, porque ser velho é nascer de novo (Josefina, 64 anos).

Tem diferença da cidade porque naturalmente aqui no interior a gente anda todo solto, né? E na cidade é preso, num é? (Manoel, 64 anos)

Nas capitais é um pouco mais triste, porque ele não pode assim andar à vontade; muitas pessoas não tem respeito assim com os idosos. Eu vejo nos ônibus lá em São Luís, a pessoa de idade, com dificuldade, assim de uns 80 anos; eu vejo ai pessoa de idade não se tem mais amigo da terceira idade; logo começando no transporte, que esses motoristas não respeitam, entra num carro, não tem quem levante pra dar a cadeira pra ele, porque ele acha que aquele velho que tá ali é um ninguém, o velho não presta...Ah, esse aí já tá velho! O mundo é tão velho... e é uma beleza né? Porque se não fosse velho não tava assim não, porque quanto mais fica velho mais se desenvolve, né? Porque essa pessoa não pensa e nem sabe quando começou...como era novo que se desenvolveu, aí fica novo, ela pensa que todo tempo tá novo, como era antes (Euclides, 66 anos).

Tem, a pessoa que envelhece no interior ele é mais tranquilo, a pessoa que envelhece na cidade ele é mais sufocado, é mais apereado, sofre muita coisa mais do que quem envelhece no interior, demais! (Joaquim, 74 anos)

O velho do interior tem uma vida mais tranquila por causa de ser um lugar mais isolado, não tem assim muito transporte, pode sair pode andar, não tem preocupação. É pode até ter, porque em cidade é cidade, e interior é interior. Olha, lugar de cidade é assim: idoso como eu só vive trancado. Num pode sair; tem que sair acompanhado; e na cidade todos trabalham cada qual de manhã vai pra seus trabalho e a gente não conhece a cidade não vai sair, só se for pra morrer e então tem que ficar trancado em casa ate o pessoal chegar (Abílio, 81 anos).

No interior é muito melhor, porque a gente vive e tá sempre entre amigos, todo mundo olha uns aos outros. Antigamente as pessoas davam o lugar pra eu sentar no ônibus, acho isso decente, mas hoje em dia não querem nem saber disso daí, isso é coisa da cidade, eu sei o que é cidade grande, mas eu nem penso em ir lá, eu não. Eu gosto é da minha casinha, beleza. A cidade é diferente do interior, é diferente, não é pra velhice, para as pessoas mais velhas (Vicente, 90 anos).

Em contraposição, alguns depoimentos destacaram que a velhice no ambiente rural poderia ser melhor assistida em termos de saúde, com a disponibilidade de médicos, por exemplo, diferentemente da cidade, onde se pode contar com profissionais de saúde (médicos) para quaisquer males/problemas. Também pode ser positivo envelhecer na cidade, pois é possível estar diante de um cenário agitado, animado, com distrações; diferentemente do interior e a rotina do trabalho na roça.

Para Brandão (s/d) o corpo do homem e da mulher pode ser percebido como um “espelho da individualidade, que inscreve na imagem da pessoa dada a si e aos outros, ao longo do tempo, os sinais da natureza e da cultura”. A soma desses sinais e marcas trazidas pelo tempo, a partir de olhares sobre as gentes do campo, acompanha a idéia de que este “gasta”, diferentemente de,

Como é percebido na cidade e, mais ainda, entre pessoas libertas do trabalho manual, onde se diz que a pessoa e seu corpo “envelhecem”, o suposto tão difundido entre camponeses de que o corpo “gasta” traduz a convicção de que o envelhecimento é um acontecimento ativo, de que o próprio sujeito toma parte de maneira direta e, não raro, percebida como inevitável e quase violenta (p. 190)

Velhice na cidade, a pessoa já tá com 80 anos e se acha jovem. Vou dar um exemplo: você fica naquele porto ali, ai quando chega aquelas voadeiras cheias de turistas, tem senhoras já de cabelos branquinhos, de maiô, de biquíni mesmo, a barriga de fora e elas não tão nem ai; e aqui a pessoa de 30 anos, quando bota um biquíni, já se diz olha essa velha...é assim, já tá velha e quer ser nova. Agora vem esses turistas, eles já estão tão acostumados com elas de biquíni, porque tem aquelas já bem, bem mole...nem reparam mais, mas se for uma pessoa daqui, já tá velha (Filomena, 62 anos).

A velhice na cidade é melhor, porque alí já tem um movimento...e a gente fica olhando... e no interior, o movimento que tem é só ir pra roça arrancar capim pra plantar a mandioca (Camélia, 68 anos).

Se a gente sentisse qualquer coisa e tivesse médico, se no interior fosse assim, era uma coisa muito boa. Na cidade é melhor porque tem recurso, tem médico, tem médico pra tudo, né? Pra todo sofrimento (Francisco, 87 anos).

Outro destaque se revela nas considerações sobre a aposentadoria, percebida como uma benesse que trouxe, para os velhos do interior, a sorte de ter um salário. Com ele, a possibilidade de planejar o próprio funeral, melhorar as condições de vida na sustentação e reprodução das famílias, o desvio da condição de pedinte e, portanto, a observação de que a “velhice tá boa”. O desejo acentuado pela obtenção de uma renda própria gera grande expectativa pela chegada da “idade da aposentadoria”, portanto, associado à “chegada da velhice”. A renda da aposentadoria responde, assim, por efeitos significativos sobre as condições de vida da população velha de espaços rurais.

Só não andar pedindo...depois desse salário que deu muita sorte prôs velhos. Porque tem os dinheirinhos deles, mas antigamente eram umas pragas pra pedir... tinha até quem tirasse esmolas, é...e agora não, agora a velhice tá boa! Tem uns que já tão se vendendo que chegue aquela idade (Camélia, 68 anos).

De premeiro quando eu me entendi, a pessoa se criava aqui neste lugar e ficava velho e criar os fi. Aquele que tinha fi, ia criando seus fi e quando ele chegava nas condições que eu tô agora, se não fosse um fi tomar conta dele, pra trabalhar, pra ajudar, pois bem ele morria quase a míngua; e hoje não, nosso governo tem dado aposento pra este velho; quando o camarada tá mais assim, menino eu não posso mais trabalhar, pra eu comprar um quilo de carne pra mim comer; mas o meu presidente, meu governo me deu o dinheiro que vou tirar lá no banco, eu vou compra esse quilo de carne que eu vou comer; dou muito graças a Deus, esta ajuda desse presidente e este governo que tão fazendo isto com nós. Eu sei que aqui, a bença que tem foi esta, quando nós não pode mais trabalhar, tamo lutando e aquele que tem este dinheiro, tá tudo bem; esse dinheiro da pra ajeitar inté a própria morte; hoje que tem pra fazê o funeral dele tudinho com esse dinheiro que o presidente dá, dá pra ajeitar graças a Deus (Severino, 76 anos).

Em várias das casas que visitei há uma pequena reforma sendo encaminhada ou por ser feita: tijolos amontoados, cômodos novos ou ampliados, paredes recém-levantadas e ainda sem reboco; a renda da aposentadoria e mesmo a retirada de empréstimos (possível também por conta desses proventos) tem permitido tais melhorias, revelou um dos entrevistados (Diário de Campo).

O mesmo contexto de exposição de todas essas sensibilidades é também um cenário apropriado pela experiência turística estruturada em torno do turista, espécie de peregrino da era moderna buscando o “sagrado”, o “autêntico”, o “original” em outros tempos e espaços distantes, como denomina MacCannell (1976). Barreirinhas e seus atrativos são, pois, elementos que materializam, tal como na análise de Talavera (2000) acerca do rural como produto turístico, “(...) o anseio de visitantes de consumir – compartilhar e apropriar-se simbolicamente – o cotidiano e a paisagem supostamente distintos dos próprios” (p.157).

4.2 As digressões sobre sentidos e significados de envelhecer em contexto rural de lazer turístico

Oportuno destacar que o contexto rural onde as vivências dessa velhice acontecem – Barreirinhas e duas de suas comunidades – traz as marcas daquilo que Campanhola e Silva (2002) consideraram como atraentes para novas demandas de atividades de lazer e turismo que passaram a ser desenvolvidas no espaço rural, sendo originadas no meio urbano. Como diz Moreira (2005) em sua compreensão do rural como um modo particular de utilização do espaço e da vida social, tais demandas trazem para o debate as percepções dos sujeitos sobre sua velhice e as transformações decorrentes do lazer turístico que focalizam suas comunidades - Mamede e Mandacaru – e, mesmo, Barreirinhas como um todo.

De início, o caminho descortinou olhares sobre as motivações para a visitação a Barreirinhas e possíveis transformações observadas em função do turismo, considerado, nos termos de Banducci Júnior e Barreto (2001),

Um tipo específico de deslocamento praticado por um tipo específico de viajante, que é o turista; (...) ao mesmo tempo constitui um fenômeno social, dado que implica o deslocamento de grandes contingentes de pessoas que passam a ser habitantes temporários de locais nos quais não residem, ocasionando múltiplos impactos nessa sociedade receptora. E é um fenômeno social também porque faz parte das necessidades criadas pelo mundo moderno (p. 7-8).

A fala dos velhos – “mesmo os que permanecem, que jamais saem do seu lugar, viajam imaginariamente ouvindo estórias, lendo narrativas, vendo coisas, gentes e signos do outro mundo”, como escreve Ianni (2000, p. 11) – faz referência aos sentidos que permeiam elementos de atratividade já tão exaltados, potencializados e alardeados pela propaganda turística oficial e privada. Diversão, passeios e conhecer a localidade são referidos como os fatores motivacionais de turistas que se deslocam a Barreirinhas.

Passar; vem passear pra Barreirinhas; eles tá se mudando pra cá, mas os daqui tão se mudando pra Barreirinhas (Firmina, 87 anos).

Eu acho que vem mais é prá se divertir, pra conhecer (Benedito, 60 anos).

Se divertir né? Tem até um filme aí nas dunas né? A pessoa que nunca viu aquilo alí acho que eles acho muito bonito porque eu que moro aqui e que já tô nessa idade...eu acho bonito. As dunas aqui, as pessoas, o filme assim só se ver; a pessoa quer vê aquilo alí, ela quer vim aqui, a pessoa tendo dinheiro, tendo condição, ele diz

logo: - eu vou lá, por isso a gente recebe muito turista, muita gente mesmo; eu acho que é por causa disso (Joaquim, 74 anos).

Porque as pessoas sabem através da televisão, essa Internet, quando passa assim na televisão fica mais bonito, parece que enfeita mais... né...? (Francisco, 87 anos).

São motivações que estão na base, pode-se conjecturar, das disposições dos deslocamentos desses visitantes, guiados, por sua vez por um espaço-tempo diverso daquele que sucede no cotidiano dos sujeitos da pesquisa e da comunidade em geral e que, como expõe Bedim (2007),

(...) fogem de um cotidiano acelerado e anseiam por uma outra temporalidade, a qual não devem lembrar em nada o ‘caos urbano’ de onde saíram. Mas, só saíram de lá às custas do tempo. Qual tempo? O tempo de trabalho, que por sua vez gerou o tempo de não-trabalho preenchido com férias remuneradas (...) (p. 10).

Esse quadro engendra uma dialética do espaço-tempo, na medida em que o tempo de trabalho de muitos da população rural – notadamente os que estão em uma relação mais direta e mesmo indireta com o turismo local: condutores de veículos, pescadores, artesãos, funcionários dos meios de hospedagem, etc. – passa a ser condicionado pelo tempo de não-trabalho de grupos urbanos que visitam o espaço (Bedim, 2007). É, ainda, o espaço tomado para o consumo turístico, mas, igualmente, é o espaço da vida comunitária e sobre o qual ocorrem transformações de natureza diversa.

Este embate torna interessante a captação de alguns significados sobre o desenvolvimento do turismo local, tomando-o como um fenômeno e “um sistema de produção e consumo de tempo de lazer, socialmente conotado de signos e atributos sociais” (Perez, 2009, p. 26). Trata-se de signos e atributos que articulam de modos distintos as experiências sociais de vários e diferentes sujeitos direta e indiretamente envolvidos nesse processo. Ao dar voz aos velhos de Mandacaru e Mamede nos reportamos a este aspecto, identificando-os como parte das articulações e de nesse movimento, fazerem conexões acerca de como recebem, interpretam, aceitam, rejeitam e recriam o “compartilhamento” de seus espaços e a exposição de suas gentes, “que tem um sentido particular do lugar, um modo de vida, um ethos e uma visão do mundo” (Perez, 2009, p. 37).

O turismo é um elemento importante associado à globalização e facilitador de que o local exponha sua identidade cultural, num processo que não está isento de consequências sobre o

emprego, a estrutura de autoridade da comunidade receptora, as práticas sociais, os significados das atividades tradicionais ou as relações interétnicas (Chambers, 2000). Sob tal consideração ponderamos a percepção dos entrevistados, a partir de elementos positivos e negativos revelados nos depoimentos acerca dos efeitos do turismo em Barreirinhas.

As mudanças observadas como positivas remetem à grande movimentação de turistas e a elementos atrelados a essa dinâmica: visitação dos atrativos, ocupação de meios de hospedagem, aglomeração advinda do ir e vir e dos gastos gerados. Este último aspecto   situado como impactante no município, pois a renda deixada pelo turista significa circulação de algum dinheiro e, portanto, movimento para a economia local.

Neste sentido, opinam que o turismo possibilitou a comercialização do artesanato de fibra de buriti e ostras, e a melhoria da qualidade de vida dos artesãos locais; dão destaque ainda para a geração de empregos nas pousadas e restaurantes, o que vem beneficiando muitos moradores de Mandacaru, Caburé e da sede de Barreirinhas.

Por outro lado, percepções destoantes abordaram a vida antes e depois do turismo de um ponto de vista negativo, realçando problemas de seguranç a, a fixação de residência por adventícios, a especulação imobiliária e a comercialização de terras. No entanto, há um olhar favorável que em Mandacaru aconteça a venda de terras a turistas, tal como ocorreu em Atins, como uma forma de melhoria das condições de vida dos moradores.

Mudou assim porque já dá deixa renda pra comunidade (Josefina, 64 anos).

De primero as coisa eram melhor; eu achava e agora eu acho que as coisa t    pi ; eu achei que ta   pi  na Barrerinha; Barrerinha, num   essas cidade como se diz; mas uma velha da minha idade que eu t , que eu num t  novinha, também num t  essas velha velhinha ainda, n  num pode andar s , n ? Por isso que eu digo que mudou, ta diferente porque se num tivesse diferente tava a merma coisa pra traz, que pra traz a gente deixou (Camélia, 68 anos).

Mudou muito porque não tinha dinheiro e agora tem uma concorrência de dinheiro, só pra esse pessoal que tem artesanato, pessoal vive bem (Firmina, 87 anos).

Com o turismo, pra muita gente...todos esse artesanato vende demais, demais, nas pousadas, beneficia muita gente daqui...foi uma coisa que mudou demais (Benedito, 60 anos).

Turista vem gastar dinheiro aqui no nosso município. Antigamente num tinha isso. Turista vem mais na Barrerinha, pra aquelas praia, aquelas pousada; caboco vem de l  de longe, chega... Uma vez eu cheguei no Caburé, todo inverno n is ia daqui pra lá comprar peixe; a gente ia pra lá direto e aí vinha aqueles pessoal tudo,

aquele fole danado quando a gente ia pra lá, que turista é bicho danado, é danado, vem gastar dinheiro, vem deixar um dinheiro aqui pra gente, né? (Manoel, 64 anos).

E no Atim mora turista como quê. Eu fico assim até pensando o quê que aquele povo faiz ali, e aqui é esse tal de gaúcho, né? É porque o negócio é comprá terra. No Mandacaru aqueles dono de pedaço de terra vendia e eles comprava bem comprado. Hoje tem casa bem de vida sobre essas terra lá do Atim, eu digo é porque eu sei. A vida deles mudou mudou. Mudou porque o pobrezinho lutano só pra cumer um pexinho e vendê uma terra por 30,40 mil 50,60 mil. Aí melhorou a situação (Euclides, 66 anos).

O turismo, ele traz dinheiro pro lugar; melhorou mais; tem muita gente empregado alí na moita alí, daqui do Mandacaru e Caburé, a maior parte do pessoal que trabalha lá é daqui, quer dizer que todo esse pessoal melhorou muito pra eles, trabalham nas pousadas, fazendo comida, tem uns de Barreirinhas, mas a maior parte é daqui (Joaquim, 74 anos)

Desenvolveu o comércio, tá evoluindo assim esse negócio de limpeza, tem empregos nas pousadas, os turistas compram sorvete, roupas, lembranças. Os turistas levam lembrancinhas feitas de ostra, bolsa de buriti; eles vendem muito aí nas lojinhas, levam muitas coisas...chapéu de palha (Francisco, 87 anos).

Especificamente quanto às mudanças observadas na comunidade onde residem, percebem-nas muito aproximadas das colocações para o contexto geral de Barreirinhas, contudo não deixam de dar destaque a elementos comprometedores da situação da vida cotidiana, indo de encontro a um olhar pleno de positivities. Assim, atentam para a melhoria das oportunidades de comercialização do pescado e sua forma de manipulação, além da ampliação do trabalho artesanal das mulheres, possibilidades outrora inexistentes; porém o envolvimento de crianças com “guiamento turístico”, com rendimento de algum dinheiro transparece aceitação na fala de um dos sujeitos.

É bom pros comerciantes que vende. Mas acontece pra quem tem, quem tem baixa renda se sente mal porque o preço que eles vendem para os turista, os têm baixa renda sofre pra querer; é muito ruim é muito alto prá eles (Josefina, 64 anos).

Mandacaru mudou cento por cento. Mandacaru aqui era isolado. Aqui ninguém via gente de fora e era só mesmo os conterrâneos e agora de certos tempos pra cá, é turista, é gente daqui e d’acolá, porque agora todo mundo é turista; e passa aquele bando de gente andando, passeando..., a gente já fica em casa, já olhando e antigamente não era assim (Gertrudes, 75 anos).

Mudou 100% porque vem muito turista, eles trabalha com artesanato lá perto do Farol, aquilo ali é uma vida, faz tanta coisinha e eles compram tudo. Ora aquilo ali aumentou o comércio porque isso não existia no meu tempo; a nossa profissão era pescar, ir pegar o peixinho e vender e pronto e não era assim fresco como tem a gente tem aí não, hoje tem o comprador lá no porto; antes nós ia pra pescaria segunda-feira fazer a salga; salgava o peixe, depois de salgado botava no sol pra vender (Euclides, 66 anos).

O turismo ajudou a melhorar aqui foi a pesca, agora tem esse artesanato, tem muita mulher que trabalha de artesanato, tudo ganha dinheiro, os meninos guiam, tem uns turistas que gostam dos meninos e agradam os meninos; melhorou demais com os turistas (Joaquim, 74 anos).

Mudou muito pra melhor. É porque eles tão assim de férias, que vem passear; e na temporada é aquela

quantidade de turista que salta ai e tudo alegre, satisfeito. E eles gosta e a gente fica ali por perto pra assistir, ficando bem alegre por tá vendo aquilo que a gente nunca esperançava de ver aqui num lugar desse. Acho que é porque eles acho bonito e gosto mesmo do clima daqui. Depois do turismo em Barreirinha e por aqui, esses povoados têm desenvolvido muito (Severino, 76 anos).

Desenvolveu o comércio, tá evoluindo assim esse negócio de limpeza, tem empregos nas pousadas, os turistas compram sorvete, roupas, lembranças. Os turistas levam lembrancinhas feitas de ostra, bolsa de buriti; eles vadem muito aí nas lojinhas, levam muitas coisas...chapéu de palha (Francisco, 87 anos).

Entre os efeitos negativos percebidos em Mandacaru estão a pressão inflacionária sofrida pelos moradores gerada pela alta dos preços, que atinge produtos de primeira linha como itens de alimentação; a poluição sonora, a tensão ante ao maior número de turistas transitando nas localidades sazonalmente e a alteração nos padrões de comportamento como o envolvimento com bebidas alcoólicas, desrespeito e insegurança, que impactam negativamente a rotina local.

Aqui antigamente era que nem na Barrerinha, cê num via essas gritaiada, essas bebedeira, essas coisa, cê andava só, num tinha severgunhice, aqui ta pió porque aqui amanhece, anoitece, amanhece você pra dormir, cê tem que dormir acostumando com aquela zuada. É zuada é de som, e é de gente bebo e é gritano, a gente só suporta drumí mermo porque o sono tá pesano aí nós tem que ficá aí. Eu sinto que aquilo ali não é o certo, num é não, o certo é tudo silêncio pra mim é (Firmina, 87 anos).

Agora, os meus filhos são ciumentos! Eles não quer que eu hospede ninguém, principalmente esse que mora no Rio, não quer que eu atenda ninguém de noite, não quer que eu trabalhe mais, diz que é por causa da minha idade, diz que é porque agora tem muito bandido no mundo aí...eu digo: Meu filho, eu não moro onde você mora! Ele diz: Pai vou lhe dizer uma coisa, o que não presta tá contaminado no mundo todo (Benedito, 60 anos).

Por que aqui era um lugar manso, agora o povo viajando mais e o alvoroço de gente tá mais. Agora só que de pra cá mais cá quando eu me criei, o silêncio era mais de outro jeito, aqui nesse lugar tinha silêncio era de outro jeito; eu não gosto muito da zoadã não, viu; eu sei que é a divertência deles, tá certo, mas eu que num, eu num acompanho (Manoel, 64 anos).

Desenvolveu o comércio, tá evoluindo assim esse negócio de limpeza, tem empregos nas pousadas, os turistas compram sorvete, roupas, lembranças. Os turistas levam lembrancinhas feitas de ostra, bolsa de buriti; eles vendem muito aí nas lojinhas, levam muitas coisas...chapéu de palha (Francisco, 87 anos).

Não, não. Pra uns, pra uns mudou. Porque aqui muitos venderam terra aí hoje tão muntado numa nova, se sigurô tem algum tustão, e se num sigurô já acabou, mas inda tem gente que tem um pouquinho de dinheiro (Vicente, 90 anos).

Em Mamede, mais afastado da rota turística, conforme mencionei, a comercialização de terras foi menos observada. Quem as vendeu se deu bem, embora esta condição não tenha sido favorável a todos. A grande mudança observada na comunidade foi a chegada da energia elétrica (parte de ações do governo estadual que beneficiaram Barreirinhas), sobretudo porque

possibilitou o armazenamento de alimentos perecíveis e a disponibilidade destes na rotina alimentar.

Aqui no Mamede tá bom, num tá mal não. Mas os turista que vem aqui num compra nada da gente, num vem não. Depois que chegou luz ...vou lhe dizer, aqui era muito ruim, viu? Cê quiria comprar um quilo de qualquer coisa, ou açúcar ou os negócio, tinha que ir em Barrerinha, e agora vai quem quer. Depois que chegou energia aqui dentro desse lugar, depois que chegou amiorô porque aqui cê num se preocupa mais com o dicumê, num falta mais cumê pra gente aqui (Abílio, 81 anos).

Diz Perez (2009) que turistas e locais são conceitos baseados numa distância social percebida entre os que partilham uma linguagem comum. Ser turista é uma categoria socialmente construída, mutável e condicionada por variáveis como a riqueza, a nacionalidade, o gênero, a idade, a posição social ou a distância social e cultural. Portanto, ser definido como turista significa a aplicação de uma marca, de uma etiqueta, por meio da qual se classifica socialmente.

Na visibilidade que se permitem dar ao turismo e ao turista que transita por Barreirinhas (sede), por Mandacaru, por Mamede provoquei um olhar acerca de si próprios, de seu envelhecimento e velhice, em relação a essas transformações. Em parte das conexões que fazem colocam-se como espectadores como a observar, através da lente de binóculos, novidades e estranhamentos que contrastam com a inércia e os posicionamentos em suas colocações.

É assim que vão, ora conceber o turismo como algo positivo, ora como negativo, que não atrapalha, não incomoda, mas que não lhes diz respeito. Ora vão articular um discurso em torno da passagem do tempo que poderá definir no que essas transformações podem impactar o envelhecer em suas comunidades, pois a realidade da velhice não significa, de todo, um distanciamento desse universo.

Principalmente os que são aposentados eles se queixam muito que as vezes o dinheiro só dá pra compra o remédio e alimentação bem pouco, por causa do preço do tudo. O Turismo ele traz benefícios pra uns e outros não (Josefina, 64 anos).

Pra mim nada, porque eu quase nem me introduzo com o turismo, mas tem gente que tá bem e eu fico agradecida por isso (Firmina, 87 anos).

Eu achei muito bom por uma parte dos transportes, porque antes pra sair daqui era um problema, agora, só chegar lá no porto, tá aí a voadeira, tá aí as Toyota. Eu já tinha pensado que não ia ficar novo todo tempo, né? Porque gente novo o objetivo é ganhar dinheiro e quando tá envelhecendo já quer ficar um pouco mais só assistindo... fico satisfeito como eu vivo; gosto! (Euclides, 66 anos).

É tudo bem porque são pessoas que chegam deixam dinheiro, comem, bebem, e vão embora, e pronto. Foi ótimo (Joaquim, 74 anos).

O turismo não atrapalha, não, eu acho que não. Até agora não porque num me incomoda (Abílio, 81 anos).

O que o turismo mudou é que foi aí que eu conheci mais gente e fiquei mais conhecido (Francisco, 87 anos).

As chamadas acima que dizem de uma auto-percepção em relação ao turismo e o que se processa em torno dele define muito do cotidiano dos sujeitos, de como (re)velam a identidade da velhice rural nesse contexto particular. Isto pode perpassar apenas por sua presença nos povoados, tanto como a de qualquer outra pessoa, pela movimentação de idas e vindas na demarcação de suas rotinas domésticas; pelo caminhar pelas ruas, ir à venda, sentar à porta; por pertencer a uma coletividade, como apresenta Simmel (1993), com o conceito de sociabilidade como sociação lúdica. São ações e interações que, antes de tudo e de alguma forma, situam as práticas sociais “que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante”, tal como coloca Magnani (1996, p.39).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Então, já com idade madura me casei com um de Barreirinhas, e depois que o marido morreu, tornei-me casar com outro; com 8 meses, perdi ele; morreu em São Luís, ele era pedreiro, era de Tutóia. Quando tava com quase 2 anos me casei com outro, quando tava com 3 anos, lá ele morreu, era de Brejo; ele era mais novo do que eu; ele tinha 30 anos quando morreu e eu 55. Ai eu digo: *eu não quero mais*. Mas, ai tinha um viúvo que trabalhava no terreno do Chico Pedro; ai ele me viu na fila do banco e ficou me marocando, o velho, de olho; ai me deu a vaga da fila. Quando eu saio ele tava me esperando na porta do banco. *Já D. Esmeralda? Eu disse já*. Ai ele disse: *D. Esmeralda, eu quero falar com a senhora*, e eu nem imaginava. *Eu q ueria saber se a senhora interessa se casar*. Ai eu disse: *Por quê? Porque eu sou um viúvo e eu ando assim atrás de uma mulher que desse certo comigo*. *Eu tenho casinha boa, uma casa de forno, tenho uns 4 a 5 gado, moro perto dos meus filhos, mas eu não vou largar meus filhos...se fosse a senhora ia morar lá?* Ai eu disse: *vou não...* Ai acabou o casamento. E ele disse: *Muito obrigado, D. Esmeralda e se foi*” (Esmeralda, 80 anos).

Este último excerto de depoimento é mais um dentre tantos transcritos ao longo da construção deste trabalho. É uma história de um pedido de casamento e fez parte de um dos diálogos travados na coleta das entrevistas em meio ao tema das Rotinas de Tempo Livre e Lazer de Velhos Rurais em Cenários Brasileiros. Quis trazer o conteúdo das *Considerações Finais* a partir desse trecho para rememorar que todo ele perpassou histórias de vida, de cotidianos, de olhares compartilhados muito além do que se filtrou para fins desta tese de doutoramento.

É, então, compartilhando histórias de vida que, neste trabalho, estudamos a velhice rural na perspectiva de análise das rotinas de tempo livre e lazer de 30 (trinta) sujeitos com idade a partir de sessenta anos, residentes nas comunidades rurais de Mamede e Mandacaru em Barreirinhas (MA). Consideramos o tema relevante para ambos os estudos da velhice e do lazer na medida em que ampliamos o debate entre os dois campos, dando relevo, portanto, a um contexto ainda pouco investigado no cenário brasileiro.

Ressaltamos ainda que com o objetivo de consolidar o referencial teórico sobre a relação entre velhice-lazer-rural acessei pouco mais de 150 (cento e cinquenta) publicações (dentre artigos, livros, teses, dissertações, periódicos diversos, etc.) de interesse para a pesquisa, das quais 13 (treze) relacionavam-se diretamente com a questão do envelhecimento rural, mas nenhuma era dirigida especificamente às categorias em questão, embora o lazer fosse contemplado como assunto subjacente em algumas dessas produções. Esses estudos, nacionais e estrangeiros, a maioria gerados a partir de 2005, registraram as temáticas da velhice e os efeitos da previdência rural, das relações de gênero, dos aspectos bio-psico-sociais, da velhice e da

modernidade, do processo de envelhecimento, os velhos e suas condições de vida, a velhice e o ambiente.

Desta maneira, por meio de uma abordagem qualitativa, nos interessava investigar como se dava a apropriação do tempo livre e as manifestações de lazer engendradas e vivenciadas por tais sujeitos, percebendo-as como conduto de expressão de seus modos de vida, portanto, uma questão que permitia discutir o significado sociocultural do envelhecer heterogêneo no rural contemporâneo. Compreendendo o lazer como um campo, através do qual se pode pensar a sociedade e seus grupos, sua sociabilidade e seus conflitos (Magnani, 2000). As interrogações decorrentes desta proposição abordaram ainda o contexto público-privado dos velhos a partir da influência educativa do lazer nas redes de transferência de apoio intergeracional existentes entre estes e suas famílias, as conquistas sociopolíticas e as relações de sociabilidade.

Tal abordagem permitiu a caracterização do perfil socioeconômico do grupo investigado, apontando ainda para uma reflexão acerca de crenças em torno do envelhecimento rural e da vivência da “velhice no campo”, usando os termos de Krouts e Coward (1998). No estudo consideramos a compreensão das relações e das diferenças entre as variadas atividades de tempo livre, entre as quais as atividades de lazer, a partir da idéia do “*Espectro do Tempo Livre*”, de Norbert Elias e Eric Dunning (1992).

Desta forma, no quadro deste estudo, encontramos uma maioria de velhos e velhas etariamente situados entre os 65 e 69 anos, analfabetos, casados/união estável com mais de 10 filhos (a viuvez foi mais presente entre as mulheres) e de religião católica; aposentados (anteriormente eram lavradores e pescadores/marisqueiras), com renda individual e familiar de um salário mínimo e gastos mais frequentes com alimentação e medicamentos. Todos residindo em casa própria, de alvenaria (algumas em condições precárias), declarando-se chefes de suas moradias ou compartilhando com o cônjuge/companheiro e enfrentando doenças crônicas (diabetes, hipertensão) e problemas de insônia, artrite, reumatismo e colesterol elevado, que representaram as maiores queixas com relação à saúde, avaliada como regular pela maioria. Cabe notar que é significativamente limitado o acesso a programas, serviços e profissionais de saúde. Para além dessa caracterização, uma evidência adicional é que são velhos que vivem de forma

independente, ativos para o trabalho, quer seja no âmbito doméstico, quer seja em atividades agrícola e/ou pesqueira; alguns só pararam de trabalhar nessas profissões por incapacidade física.

Estes sujeitos residem em povoados de Barreirinhas, município relevante para o turismo estadual e nacional pelo destacado Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, do qual é tido como o “portão de entrada”. Barreirinhas tem mais de 60% de sua população concentrada no espaço rural desenvolvendo, além do turismo, atividades econômicas na agricultura de base familiar, o artesanato e a pesca artesanal costeira. Das localidades onde se concentrou a pesquisa, Mandacaru, de vocação pesqueira, é parte do roteiro turístico comercializado no município de forma direta, a partir de um pequeno circuito em torno do farol local, o que gera a prestação de alguns serviços. Mamede é produtor de uma cachaça, já comercializada como produto com certa atratividade para o turismo, um subproduto da lavoura de subsistência.

Na perspectiva do transcurso de suas vidas nesses contextos rurais, as percepções sobre a velhice entre os diferentes sujeitos foram marcadas pela compreensão de que esta se dá no processo de normalidade do curso da vida, mas deixando transparecer, simultaneamente, considerações mais positivas e também negativas. Traz consigo o peso do declínio físico, a solidão, a alteração da aparência e impõe ou um afastamento gradual do trabalho ou faz o indivíduo “render pouco”. Contudo, a velhice é percebida como uma consequência da vida e uma conquista para quem a vivencia. Viver a velhice no interior (rural) implica numa possibilidade mais real de estar seguro, tranquilo e entre amigos, embora isto também se contraponha a questões problemáticas, recorrentes como o acesso remoto a serviços de saúde e assistenciais, o que dificulta que tenham suas necessidades asseguradas.

Estar aposentado é destacado nos depoimentos, de uma forma quase que unânime, como uma grande dádiva que proporcionou importante melhoria das condições de vida numa proporção impensada uma vida inteira. Nessas revelações, situaram o sentimento de pertença que os une a seus lugares e que os fazem rejeitar quaisquer perspectivas de fixar residência, por exemplo, em Barreirinhas (sede) ou em São Luís.

Um elemento relevante como preditor de qualidade de relacionamento entre o velho rural e os filhos é a proximidade geográfica; ainda que existam situações de desafeição familiar e

solidão, foi comum, em graus diferenciados, a oferta e a obtenção de apoio e suporte financeiro, cuidados com saúde, contato social e afetividade tanto entre velhos que tinham seus familiares próximos de si, quanto àqueles que os tinham distantes.

Uma questão abordada e inspirada da obra de Keating (2008, p. 129) foi saber se o espaço rural é um bom lugar para envelhecer, o que dá margem à uma resposta de caráter relativo, posto que isto *depende* de uma série de fatores, como a posição e as escolhas das pessoas no decorrer da vida, as configurações da comunidade em que vivem e os modos pelos quais constroem suas relações com as pessoas e o lugar.

Tais pontuações permitiram a observação da diversidade e dos desafios de envelhecer em realidades completamente na contramão de visões idílicas do rural, porém na linha de constatar que interagimos com velhos ao mesmo tempo resistentes e frágeis. Falamos de lugares com altos níveis de necessidades não satisfeitas que coloca suas gentes, velhos ou não, na desvantagem do acesso a serviços básicos e infraestrutura de educação, saúde, transporte, moradia, alimentação, lazer, etc. Todos esses aspectos reiteram um patamar de pobreza onde, em termos proporcionais, 44,3% da população está na extrema pobreza, com intensidade maior na área rural – 61,0% da população na extrema pobreza rural contra 19,4% na área urbana (MDS, 2011).

Mamede e Mandacaru trazem características que os sublinham como comunidades rurais distanciadas de condições para uma velhice feliz. Claramente está nos depoimentos o intenso sentimento de pertença para com esses lugares, combinado às vantagens de terem mais liberdade, segurança, frequência de contatos em redes sociais próximas (familiares e vizinhos), como *situei*. Mas, também se produzem efeitos adversos como menor acesso a recursos socioculturais, assistenciais e de lazer, o que produz uma restrição das possibilidades de participação e introduz uma discriminação em razão do território; principalmente o distanciamento de filhos que emigraram dos povoados, por razões de trabalho (Rodriguez, 2002).

Acerca de seus tempos livres, lazeres e sociabilidades, é oportuno retomar que tempo e gênero, focando o ponto de vista das diferenças do modo como mulheres e homens organizam seus tempos entre as várias atividades, configuram-se como referenciais para ressaltar um maior envolvimento das mulheres com as *rotinas familiares e com a casa*. Por sua vez, tais rotinas são

captadas com mais ênfase a partir dos testemunhos acerca da *provisão rotineira das necessidades biológicas*, independentemente de seu grupo de idade. Os homens são “da rua”, comprometendo o tempo dedicado às *rotinas familiares e com a casa* com a realização de tarefas externas ao lar (compra de mantimentos, pagamento de contas, etc.), trabalho na lavoura, a pesca e a criação de pequenos animais. Nas denominadas *Atividades Intermediárias de Tempo Livre* sobressaem entre as mulheres, as práticas de assistir televisão, ler a Bíblia, oferecer apoio em atividades da igreja e realizar trabalhos manuais. Para os homens este ponto foi representado pelos hábitos de assistir televisão, ler, ouvir rádio e desenvolver trabalhos voluntários ligados à igreja.

Na perspectiva pessoal/doméstica, as manifestações de lazer dos depoentes foram consideradas a partir de sua compreensão da idéia de diversão/divertimentos, quando da descrição das rotinas de tempo livre. O tempo é o tempo disponível para a faina diária, não imperando o dito tempo livre advindo da aposentadoria, representada muito mais em termos do direito à renda recebida e, portanto, o “dinheiro certo”, mensal, que vem ao encontro de satisfazer (ou próximo disto) as necessidades básicas. A renda da aposentadoria traz um empoderamento que se traduz em impactos nas relações familiares e sociais, mais do que em conquista de tempo livre, que pode ter um significado mais relevante para a dinâmica de vida urbana.

Não há, nas comunidades estudadas, estrutura de espaços e equipamentos de lazer ou oferta de grupos ou centros de convivência, ou arranjos dessa natureza no âmbito das associações formais locais ou igrejas como espaços que promovam e incentivem atividades direcionadas aos velhos. Perante tal quadro, para esses sujeitos o lazer se expressa de forma particular e sutil em momentos de tempos não demarcados. Trata-se de tempos trazidos para si em meio à rotina dos afazeres caseiros, das paradas para os programas de televisão, do rádio e momentos de interação familiar, ou nos hábitos de sentar à porta, quando do ambiente doméstico.

Na perspectiva extrafamiliar, o lazer se coloca como um conduto de sociabilidades que se expressa por meio das idas à igreja, da participação em festejos locais, religiosos ou não, das conversas e interações com vizinhos e parentes nas portas de casa, nas caminhadas, nas idas à praça e as participações em jogos e algumas atividades esportivas. São, assim, manifestações de lazer (diversão/divertimento) articuladas e vivenciadas no contexto das rotinas de tempo livre, no âmbito da realidade de velhos residentes no meio rural. Esse ritmo e o grau de envolvimento com

tais experiências lúdicas são, ainda, em ambos (ambiente privado e público), de nenhum impacto relevante no estilo de vida da velhice rural investigada, capaz de gerar algum movimento conectado com a visibilidade e as conquistas da chamada “terceira idade”, “(...) reciclando identidades anteriores e redefinindo as relações com a família e parentes”, como destaca Debert (1997, s/p).

Diante essas duas situações sobrepõem-se a influência do trabalho, da disposição e da necessidade de se estar ativo para o cuidado com a casa, com a roça ou com a pesca. Tais aspectos, portanto, estabelecem os contornos das formas de sociabilidade familiar e extrafamiliar mais intensamente que as manifestações de lazer, expressas, como mencionado, entre as sutilezas do tempo do não-trabalho. Observações construídas em torno da constatação de que o lazer se pauta nos entremeios de cotidianos onde sempre há alguma coisa a fazer, o que destoa das realidades urbanas. Nestas, por exemplo, o envolvimento com práticas de lazer afetam em algum grau as transferências de apoio intergeracional no âmbito familiar. É assim que o tempo livre de velhos aposentados volta-se para a participação em clubes e associações de “terceira idade” e não apenas para o cuidado com a casa e a ajuda com os netos; há ainda, o empenho em dispor de parte da renda para investimentos em viagens de turismo (Campos, 2003).

Outro ponto de interesse colocado por este trabalho era o de analisar se as manifestações de lazer cogitadas na vida dos velhos rurais estariam vinculadas a um aspecto educativo (como veículo e/ou objeto de educação). Nesse sentido, salientamos não apenas as possibilidades de facilitar descanso e divertimento, mas também o desenvolvimento pessoal e social (Marcellino, 2008). A intenção de verificar tal questão foi projetada, na compreensão de que as atividades de lazer apuram “o senso de realidade, de vida e de sociabilidade, ativando e desenvolvendo essas tendências em consonância com a história pessoal de cada um e o contexto socioeconômico e político no qual se acha inserido” (Rolim, 1989, p.100).

Cabe, porém, refletir esta dimensionalidade no entendimento do lúdico como característica humana por meio da qual se pode aprender, captar informações, conhecer, a partir de conexões geradas, na sobreposição de possibilidades presentes na idéia do *espectro do tempo livre*. O lazer “pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas com relação

às esferas pessoal e social, ou, simplesmente, acentuar o conformismo, levando a processos de acomodação” (Marcellino, 2000, p. 52).

Na espontaneidade das sutis marcações lúdicas dos interlocutores de Mamede e Mandacaru entre espaço-tempo-atitude – a televisão, o rádio, as conversas, as festas, a praça, a rede, os jogos, a porta, a sesta, o culto/a missa, a caminhada, etc. – o duplo aspecto do lazer como “veículo” e “objeto” de educação, perpassa necessariamente pela ressignificação de seus lazares, projetando-se positivamente sobre si próprios e nas relações familiar, cultural e comunitária (Requixa, 1980). Seria este um investimento de natureza pessoal ou necessário de ser estimulado e/ou conduzido por agentes institucionais ou não, posto se tratar de uma realidade rural, na qual se reflete a persistente precariedade das condições socioeconômicas em meio à recente exposição de seus espaços para os lazares “dos de fora”?

Neste estudo procuramos demonstrar também como os interlocutores se posicionavam em relação ao turismo, partindo-se do pressuposto de ser Barreirinhas um importante destino turístico estadual e nacional, cujo processo de transformação traz implicações para as comunidades onde residem e para si próprios. Entre proximidade e distanciamento, se colocam como espectadores com nítida compreensão das mudanças locais decorrentes do turismo, expressando reações e expectativas favoráveis – onde incorporam, sobretudo, o discurso da geração de emprego e renda por meio do desenvolvimento da atividade – e, por oposição colocam em evidência pontos negativos em relação ao assunto. Maior facilidade de comercialização do pescado onde “com a coisa de pousada, restaurante, de turista se tem comprador” (Filomena, 62 anos) e do artesanato, o surgimento de empreendimentos hoteleiros e de restauração e, as oportunidades de trabalho geradas são alguns dos benefícios creditados ao turismo que incidem sobre algumas das localidades, relatados pelos sujeitos: o “lugar cresceu através dos turistas” (Carlota, 61 anos).

Como frisamos, há clareza quanto às questões adversas trazidas pelo turismo que retratam os problemas como a falta de segurança, a poluição sonora, a venda de terras, a alta de preços, as alterações nas relações socioculturais onde rogam às “mães que tiver seus filhos não deixem guiar turistas, porque as crianças estão atacando as pessoas, tão pedindo dinheiro, quando vem gente na lancha” (Carlota, 61 anos) ou tecem reclamações porque “antigamente você mandava qualquer um menino fazer um mandado e hoje eles dizem logo – tu vai me dá quanto? Por que? Porque eles

acostumaram com os turistas chegar ali e pagar; então, ninguém faz mais nada por ninguém de graça, tudo é pago” (Filomena, 62 anos).

No trânsito desses olhares, as conexões com a velhice evocam posicionamentos de indivíduos que, na linha de pensamento de Fonseca *et al* (2005), se vêm vivendo de forma independente, embora com fraca capacidade econômica, inseridos em universos rurais que lhes retornam limitado suporte para uma velhice com mais qualidade de vida, ainda que possam contar com apoio emocional de seus cônjuges, familiares e vizinhos, aspectos que não os afastam, sobremaneira, de sentimentos de solidão. Estão atentos ao que se passa, ao que se transforma em suas comunidades, como aquilo que é decorrente de caminhos como o turismo, pois envelhecer não significa estar alheio à vida. Apropriam-se de seus tempos livres e articulam certas práticas de lazer em torno da dedicação e valorização do trabalho. Ordenam e re-ordenam a própria vida diante das mudanças, sejam elas decorrentes do turismo ou da velhice.

Em suma, de todo o trabalho ora apresentado, surge a certeza da importância de se pensar novas linhas de investigação que possam originar outros estudos e pesquisas relacionadas com o sujeito que envelhece no espaço rural situando a temática dos tempos livre e de lazer, ampliando o que aqui se testemunhou em um contexto particular. Neste sentido, alguns aspectos observados a partir do estudo poderiam gerar novos temas de pesquisa e que podem ser aprofundados: a questão da solidão e da sexualidade manifestada, sobretudo, entre os homens solteiros e/ou viúvos; a questão da construção histórica do universo feminino e o trabalho doméstico no rural, dada a (in)visibilidade das tarefas da mulher, elementos que sustentam formas de reducionismo e naturalização dos papéis de gênero e como isto se coloca na relação velhice-contemporaneidade; a rearticulação da vida familiar e das relações sociais em função da aposentadoria rural e seus impactos para tais contextos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. *Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Rio de Janeiro: IPEA, jan., 2000. 31 p. (Texto para discussão n. 702).
- ACOSTA-ORJUELA, G. M. *Como e Porque idosos brasileiros usam a televisão: um estudo dos usos e gratificações associados ao meio*. 2001. 299 p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.
- ADAM, B. *Timewatch. The Social Analysis of Time*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- ALVES, R. J. A. *Lazer e ruralidades: as práticas e representações sociais de lazer no meio rural de Presidente Bernardes-MG*. 2009. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.
- ANDRADE, J. Implementação de uma política de lazer para a cooperativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST): relato de pesquisa-ação. IN: PADILHA, V. (org.). *Dialética do lazer*. São Paulo, SP: Cortez, 2006.
- ANDRADE, R. J.; BOTELHO, M. I. V.; FIÚZA, A. L.; PEREIRA, E. T. Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v.23, n.1, p.39-49, jan./mar. 2009.
- ATKINSON, J.; HERITAGE, J. *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- AUSTEN, J. *A Abadia de Northanger*. Rio de Janeiro, RJ: Best Bolso, 2011.
- AUSTEN, J. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BACHA, M. de L.; STREHLAU, V. I. *Lazer na terceira idade: um estudo com diferentes classes socioeconômicas em São Paulo*. RBCEH, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 217-228, maio/ago. 2010.
- BANDUCCI JÚNIOR, A; BARRETTO, M. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- BATISTA, L. M. *Mandacaru e Mamede, Barreirinhas, MA: elementos cartográficos*. São Luís, MA, 2013 (mimeo).
- BARROS, M. L. de. Antropóloga analisa situação de idosos sob a ótica dos próprios. *Comciência*, 2002. Disponível em: <www.comciencia.br/entrevistas/frameentr.htm>. Acesso em: 16 novembro 2010.

BEDIM, B. *Os usos culturais do tempo no limiar de um destino turístico: da temporalidade camponesa aos ritmos diferenciados da experiência do tempo em Ibitipoca (MG)*. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, 2007. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/turismocultural>> Acesso em fev 2013.

BIOLCHI, M. A. *Agricultura familiar e previdência social rural: efeitos da implantação de aposentadorias e pensões para os trabalhadores rurais*. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

BOTELHO, I. O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo/Relatório da primeira etapa da pesquisa. *Espaço e Debates – Revista de Estudos regionais e urbanos*, nº 43/44. Disponível em <<http://www.centrodametropole.org.br>> Acesso em dez 2010.

BOTELHO, I.; FIORE, M. O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo/Relatório da primeira etapa da pesquisa. Centro de Estudos da metrópole. São Paulo: CEBRAP, 2005. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/relatorio_etapa1.pdf> Acesso em dez 2011.

BRANDÃO, C. R. *A partilha da vida*. Disponível em <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro> Acesso em mar 2013.

BRASIL, Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil*. Brasília: Ministério do Turismo, 2003.

BRASIL. *Decreto-lei nº 10. 741 de 1º de outubro de 2003*. Estatuto do Idoso.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Programa Viaja Mais Melhor*. Disponível em: www.turismo.gov.br/viajamais Acesso em 17 abril 2009.

BUAINAIN, A. M.; DEDECCA, C. S.; NEDER, H. D. Características regionais da pobreza rural no Brasil: algumas implicações para políticas públicas. Brasília: IICA, 2013. (Série desenvolvimento rural sustentável).

BUAES, C. S. *Aprender a ser viúva: experiências de mulheres idosas no meio rural*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

CALDAS, N. V.; ANJOS, F. S. dos. *Agricultura familiar e políticas públicas: o impacto da Previdência Social na região Missioneira Gaúcha*. Universidade Federal de Pelotas/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <http://www.sober.org.br/> Acesso em nov 2012

CAMARANO, A. A. *O Idoso brasileiro no mercado de trabalho*. Texto para Discussão 830, IPEA, Rio de Janeiro, 2001.

CAMPOS, T. de J. *Lazer e terceira idade: contributos do turismo no âmbito do Programa Clebe da Melhor Idade*. 2003. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Universidade Estadual de Campinas – Programa de Pós-graduação em Gerontologia/Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2003.

CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11 ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2010.

CARNEIRO, M. J. “Rural” como categoria de pensamento. *Ruris*, v. 2, n. 1, p. 9-38, 2008, Campinas, SP. Disponível em http://www.ifch.unicamp.br/ceres/2008-maria_carneiro.pdf. Acesso em fev 2012.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, nº 11, p. 53-75, out 1998. Disponível em <http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>. Acesso em fev 2012.

CARVALHO, J. C. de A. *Desenvolvimento sustentável e turismo: o caso dos Lençóis Maranhenses*. Dissertação de Mestrado. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE) - Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2005.

CEIA, C. *Imaginação*. E-dicionário de Termos Literários. Disponível em <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em jan 2011.

CENTRO FEMINISTA 8 DE MARÇO. *Relações de Gênero no Semiárido: diagnóstico do território de Apodi, Mossoró, Rio Grande do Norte*. Cadernos 8 de Março: Centro Feminista 8 de Março, 2003.

CHAMBERS, E. *Native Tours - the Anthropology of travel and tourism*. Illinois: Waveland Press, 2000.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. IN: MINAYO, M. C. de S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CABEZA, M. C. Más allá del trabajo: el ocio de los jubilados. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. 9, n. 1, mar. 2009.

CORBIN, A. *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Portugal: Teorema, 2001 (Tradução: Telma Costa).

D'ANTONA, Á. de O. *O lugar do parque nacional no espaço das comunidades dos Lençóis Maranhenses*. Brasília: Edições IBAMA, 2000, v. 1. 88 p.

D'ANTONA, Á. de O. *O verão, o inverno e o inverso: sobre o modo de vida de comunidades residentes na região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Dissertação Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil, 1997.

DAVIES, K. *Women and time. The weaving of the stands of everyday life*. Aldershot: Avebury, 1990.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.12, n.34, São Paulo - jun. 1997. Disponível em <http://www.anpocs.org.br/portal> Acesso em dez 2012.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.

DEBERT, G. G. Velhice, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. *Revista Coletiva*. Fundação Joaquim Nabuco, nº 05, jul-set, 2011. Disponível em <http://www.coletiva.org/> Acesso em jan 2012.

DELGADO, G.; CARDOSO JÚNIOR, J. C. *O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização*. Brasília: IPEA, 2000. Disponível em www.ipea.gov.br/sites/000/2/.../idososalem60/Arq_17_Cap_09.pdf. Acesso em dez 2010.

DESLANDES, S. A construção do projeto de pesquisa. IN: MINAYO, M. C. de S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIAS, R. *Introdução ao turismo*. São Paulo: Atlas, 2005.

DOIMO, L. A.; DERNTL, A. M.; LAGO, O. C. do. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estilo de vida de grupos populacionais. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, RJ, nº 4, vol 13, jul-ago, 2008.

DOLL, J. Educação, Cultura e Lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. IN: NERI, A. L. (org.) *Idosos no Brasil: vivências, desafios, e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

DOXEY, G. V. *A causation theory of visitor-resident irritants: methodology and research influence*. Proceedings of the Travel Research Associates 6th - Annual conference. San Diego, 1975.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1999.

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

FARCY, J. C.. O tempo livre na aldeia (1830 – 1930). IN: CORBIN, A. (org). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Portugal: Teorema, 2001 (Tradução: Telma Costa).

FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R.; CORRALIZA R., J. A. *Ambiente y Vejez*. En: Gerontología Social. Ed. Pirámide. Madrid, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. *et al. Novo Aurélio - Século XXI*. Nova Fronteira, 2000.

FLICK, U. *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor; 2002.

FONSECA, A. M.; PAUL, C.; MARTIN, I.; AMADO, J. Condição psicossocial de idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal. IN: PAUL, C.; FONSECA, A. M. (orgs). *Envelhecer em Portugal: psicologia, saúde e prestação de cuidados*. 1 ed. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

FRADIQUE, T. Fixar o movimento nas margens do rio: duas experiências de construção de um objecto de estudo em terreno urbano em Portugal. IN: VELHO, G; KUSCHNIR, K (orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Idosos no Brasil vivências, desafios e expectativas na 3ª idade. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal> Acesso em out 2008.

GAMA, A. *Notas para uma geografia do tempo livre*. Coimbra, Portugal: Institutos de Estudos Geográficos - FLUC, 1988 (1988).

GHIGGI, M. V.; SILVEIRA, R. da S.; STIGGER, M. P. Lazer e sociabilidade na área rural: um estudo etnográfico em um município de imigração italiana na Serra Gaúcha. *Revista Panorâmica*, v. 12, 2011.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 8 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

GOMES, C. L. Lazer – ocorrência histórica. IN: GOMES, Christianne Luce (org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

GOMES, C. L. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GRAÇA, I. M. *Barreirinhas em tempo de mudança: reconstrução de identidades nas rotas do turismo*. Tese de doutorado. Departamento de Línguas e Cultura da Universidade de Aveiro, 2010.

GUSMÃO, N. M. M. de. Infância e velhice: desafios da multiculturalidade. IN: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). *Infância e velhice: pesquisa de ideias*. Campinas, SP: Alínea, 2003.

GUSMÃO, N. M. M. de; ALCÂNTARA, A. de O. Velhice, mundo rural e sociedades modernas: tensos itinerários. *Revista Ruris*, v. 2, n 1, março de 2008.

IANNI, O. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). *Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2011 (Informação Demográfica e Socioeconômica número 28).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD: síntese dos indicadores sociais 2009*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). *Perfil dos Municípios Brasileiros 2011*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2012.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (Brasil). *Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Disponível em www.icmbio.gov.br Acesso em julho 2012.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (Brasil). *Parque Nacional*. Disponível em www.icmbio.gov.br. Acesso em julho 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (Brasil). *Lençóis Maranhenses*. IBAMA, 2008. Disponível em www.ibama.gov.br Acesso em abril de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (Brasil). *Lençóis Maranhenses*. IBAMA, 2005. Disponível em www.ibama.gov.br Acesso em abril de 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Mudanças recentes na pobreza brasileira*. Comunicados do IPEA nº 111. IPEA, 2011. Disponível em <http://www.ipea.gov.br> Acesso em mar 2013.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF GERONTOLOGY AND GERIATRICS. *The Global Social Initiative on Ageing Activities 2011-2012*. Disponível em http://www.iagg.info/sites/default/files/iagg_gsia_-_2011-2012_final_report_-_november_2012.pdf Acesso em dez 2012.

INTERNATIONAL NETWORK ON RURAL AGEING. *Why is rural ageing important?* Disponível em <http://www.icsg.ie/sites/www.icsg.ie/> Acesso em dez 2012.

ISAYAMA, H.; GOMES, C. L. O lazer e as fases da vida. IN: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Alínea, 2008.

KEATING N.; PHILLIPS, J. A critical human ecology perspective on rural ageing. IN: KEATING N. (org.). *Rural ageing: a good place to grow old?* Union King: The Policy Press, 2008.

KROUTS, J.; COWARD, R. Aging in rural environments. IN: COWARD, R; KROUTS, J. *Aging in rural settings*. Life Circumstances and Distinctive Features. Nova Iorque: Springer Publishing Company, 1998.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. *Turismo: teoria e prática*. 1ºed. São Paulo: Atlas, 2000.

LAHUD, A. M. *Terceira Idade: ideologia, cultura, amor e morte*. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

LENÇÓIS MARANHENSES. *Vou de mochila*, s/d. Disponível em <http://www.voudemochila.com.br/cidades.php?c=216> Acesso em abril 2011.

LINDNER, M. Manifestações das ruralidades em pequenos municípios do Rio Grande do Sul. In: Simpósio de Pós-graduação em Geografia do Estado de São Paulo, 1., *Anais* Rio Claro, SP: Unesp, 2008, p. 782-794.

LOBATO, F. M. et al. *Diagnóstico da oferta turística de Barreirinhas, MA*. Disponível em: <http://intranet.ma.sebrae.com.br>. Acesso em abr 2010.

LOPES, R. G. da C. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. IN: NERI, A. L. (org). *Idosos no Brasil: vivências, desafios, e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

MACCANNELL, D. *The tourist: a new theory of leisure class*. New York, Schocken Books, 1976.

MADSEN, J. E. H. Lazer na empresa e lazer pela empresa: a associação da marca da empresa ao lazer e à qualidade de vida. IN: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e empresa*. Campinas, SP: Papirus, 1999.

MAGALHÃES, D. N. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MAGNANI, J.G. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, Heloisa T., GUTIERREZ, G. L. (Org.). **O corpo e o lúdico: Ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados/Faculdade de Educação Física-Unicamp, 2000.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (org.). **Na metrópole**: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MARANHÃO (Estado). Instituto de Agronegócios do Maranhão. *Plano de Desenvolvimento do Assentamento Lagoas – Barreirinhas, MA*. Disponível em www.inagro.com.br. Acesso em abril 2012.

MARANHÃO (Estado). *Maranhão único*. Disponível em <http://www.maranhaounico.com.br/mapa/index.php>) Acesso em março 2012.

MARANHÃO (Estado). Secretaria de Estado do Planejamento e Orçamento, Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (INESC), Universidade Estadual do Maranhão. *Regiões de Planejamento do Estado do Maranhão*. São Luís: SEPLAN, 2008.

MARCELLINO, N. C. et al. Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC - Região Metropolitana de Campinas. Curitiba, PR: OPUS, 2007.

MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*, 3 ed., Campinas, SP: 2002.

_____. *Lazer e humanização*. Campinas: Papirus, 1983.

_____. Lazer e sociedade: algumas aproximações. IN: MARCELLINO, N. C. (org.). *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Alínea, 2008. Coleção Estudos do Lazer.

MARIN, E. C. O lúdico na vida. *Revista Conexões*, v. 2, n 1, 1999 – Faculdade de Educação Física – Unicamp.

MARIN, E. C. *O lúdico na vida: colonas de Vale Veneto*. 1996. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1996.

MARINHO, A.; PIMENTEL, G. G. de. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. IN: PIMENTEL, G. G. de A. (org.). *Teorias do lazer*. Maringá, PR: Eduem, 2010 (p. 10).

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia – fundamentos e recursos básicos*. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2005, p. 30.

MATSUO, M. *Trabalho informal e desemprego: desigualdades sociais*. São Paulo: USP, 2009. 371 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MELO, V. A. de; ALVES JUNIOR, E. de D. *Introdução ao lazer*. Barueri, SP: Manole, 2003.

MELUCCI, A. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MENDES, E. de P. P. *A produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão*. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia – Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

MESQUITA, A. P. de; MENDES, E. de P. P. Valores rurais em vidas urbanas: a relação com o lugar no Distrito de Pires Belo, Município de Catalão (GO). In: XII Jornada do Trabalho CEGeT, *Anais...* Curitiba, PR, 2011. Disponível em http://www4.fct.unesp.br/ceget/ANAISXII/GT2/TRABALHOS/GT_2_01_Amanda_Mesquita.pdf Acesso em jan 2013.

MINAYO, M. C. de S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Hucitec, 1999.

MORAGAS, R. M. *Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo, SP: Paulinas, 1997.

MORAIS, E. P. *Envelhecimento no meio rural: condições de vida, saúde e apoio aos idosos mais velhos de Encruzilhada do Sul, RS*. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP. Ribeirão Preto, SP, 2007.

MOREIRA, R. J. Ruralidade e globalizações: ensaiando uma interpretação. IN: MOREIRA, R. J. (Org.). *Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2005.

MORGOTH, F. *Tiquira – aguardente maranhense: origem, fabricação e lendas*, 2010. Disponível em <http://aartedabebida.blogspot.com.br> Acesso em dez 2012.

MOTTA, A. B. da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, v. 13, Campinas, p. 191-221, 1999. Disponível em <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/n13a07.pdf> Acesso dez 2012.

NASCIMENTO, R. M. do; MARCELLINO, N. C. Possíveis contribuições para os estudos do Lazer, a partir da Teoria do Processo Civilizador. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012 (p. 7).

NERI, A.L. *Qualidade de vida e idade madura*. São Paulo: Papirus, 1993.

NERI, A. L. (org.) *Idosos no Brasil: vivências, desafios, e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Átomo. 2a edição ampliada, 2005, p. 114 e 115.

OLIVEIRA, F. E. *et al.* O idoso e a previdência social. IN: CAMARANO, A. A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

OLIVEIRA, M. de; ROMERA, L.; MARCELLINO, N. Festa, lazer e religião: o caso da "Festa de São João" em Tupi, Piracicaba, SP. *Motriz: rev. educ. fis. (Online)* [online]. 2011, vol.17, n.2, pp. 303-310.

PADILHA, V.. Tempo livre. IN: GOMES, C. L. (org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PALACIOS, F. V. *Transformaciones del envejecimiento em las ruralidades veracruzanas*. Boletín electrónico - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), ano 1, vol. 1, septiembre 2007.

PANOSSO NETTO, A. *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

PERISTA, H. "*O uso do tempo*", *Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Indicadores para a igualdade – uma proposta inadiável*. Lisboa: CIDM, Cadernos Condição Feminina, 1997.

PERISTA, H. *et al.* *Os usos do tempo e o valor do trabalho: uma questão de gênero*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade - Coleção "Estudos", Série A - "Estudos Gerais", 1999.

PEREZ, X. P. *Turismo cultural: uma visão antropológica*. El Sauzal, Tenerife – Espanha. ACA y PASOS RTPC, 2009.

PINTO, L. M. S. de M. Lazer e educação: desafios da atualidade. IN: MARCELLINO, N. C. (org.). *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Alínea, 2008. Coleção Estudos do Lazer.

PLANEJA ONG. *Plano de desenvolvimento do Assentamento – PDA – Projeto de Assentamento Alto Bonito, Município de Barreirinhas (MA)*. Barreirinhas (MA), 2009 (mimeo).

PRONOVOST, G. *Introdução à sociologia do lazer*. São Paulo, SP: Editora SENAC, 2011.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 82 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

REQUIXA, R. As dimensões do lazer. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*, nº 45, 1989, pp. 54-76.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro – a formação e o sentido Brasil*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

RODRIGUES, C.; LEMOS, F. R. M.; GONÇALVES JUNIOR, L.. Teorias do lazer: contribuições da fenomenologia. IN: PIMENTEL, G. G. de A. (org.). *Teorias do lazer*. Maringá, PR: Eduem, 2010.

RODRIGUES, M. C. As novas imagens do idoso veiculadas pela mídia: transformando o envelhecimento em um novo mercado de consumo. *Revista da UFG*, vol. 5, nº 2, dez 2003. Disponível em www.proec.ufg.br Acesso em jul 2010.

RODRIGUEZ, P. *Mujeres mayores y sistema de género en Maquieira*. IMSERSO. Madrid, 2002.

ROLIM, L. C. *Educação e lazer, a aprendizagem permanente*. São Paulo: Ática, 1989.

ROSA, M. C. Diversão. IN: GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

ROTEMBERG, L. Relações de gênero e gestão dos tempos: a articulação entre o trabalho profissional e doméstico em equipes de enfermagem no Brasil. *Laboreal*, vol. VIII, nº 1, 2012 . pp. 72-84.

SAAD, P. M. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

SAMPAIO, T. M. V. Lazer e gênero: um binômio instigante. IN: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Alínea, 2008.

SANTOS, G. C. *Roteiro para elaboração de Memorial*. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Edusp, 2007.

SARAIVA, N. A. *Manejo Sustentável e Potencial Econômico da Extração do Buriti nos Lençóis Maranhenses, Brasil*. Brasília, 2009. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.

SEBRAE. *A tiquira do Lençóis*, SEBRAE/MA, 2006, citado por <http://aartedabebida.blogspot.com.br>.

SELLITZ, C. et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, SP: EPU, 1974.

SILVA, D. A. M. da [et al.]. A importância da recreação e do lazer. IN: MARCELLINO, N. C. (org.). *Cadernos interativos – elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersetoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo*. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2005 (p. 19), v. 4.

SILVA, E. B. do N e; NERI, A. L. Questões geradas pela convivência com idosos: indicações para programas de suporte familiar. IN: NERI, A. L. (org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papirus, 1993 (Coleção Vivacidade).

SILVA, E. R. A. Efeitos da previdência social rural sobre a questão de gênero. In: DELGADO, G.; CARDOSO JÚNIOR, J. C. (orgs.). *A universalização de direitos sociais no Brasil: a Previdência Rural nos anos 90*. Brasília: IPEA, 2000

SILVA, J. G. da; GROSSI, M. D.; CAMPANHOLA, Clayton. O que há de realmente novo no rural brasileiro. *Cadernos de Ciência e Tecnologia*. Brasília, v 19, n 1, p. 37 – 67, jan/abr 2002.

SILVA, J. Graziano da; CAMPANHOLA, C. O lazer e o novo rural. IN: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (orgs.). *Enfoques contemporâneos do lúdico – III Ciclo de Debates Lazer e Motricidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SILVA, J. L. A. da. *O idoso no município de Arambaré, RS: um contexto rural de envelhecimento*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005.

SILVA, M. R. da. *O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar: onde está o lazer/lúdico? O gato comeu?* Campinas, SP: Unicamp, 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de campinas, Faculdade de Educação.

SILVA, M. R. da. *Trama doce-amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica*. Ijuí: Ed. Unijuí; São Paulo: Hucitec, 2003 (Coleção Paidéia).

SILVA, T. M. *Dinâmicas demográficas e ocupacionais e a reprodução social da agricultura familiar: um estudo de caso no município de Praia Grande – SC*. Porto Alegre, 2011.

SILVERMAN, D. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. 3 ed. São Paulo, SP: Artmed/Bookman, 2009.

SIMMEL, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993. (in: MORAES FILHO - Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. IN: VELHO, O. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SOARES, C.; SABÓIA, A. L. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005*. - Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007.

SOUZA, J.; ÖLZE, B.. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UNB, 2005.

SUE, R. De la sociologie du loisir à la sociologie des temps sociaux. *Revue des Sciences Humaines et Sociales*. Paris: Dunod, 1991, n° 32 (p. 176).

- SUE, R. *Temps et ordre social*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1995.
- TALAVERA, A. S. O rural como produto turístico: algo de novo brilha sob o sol? IN: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- TASSO, J. P. F. *Turismo na encruzilhada: estudo sobre os fatores de inserção socioeconômica em destinos turísticos emergentes* (Barreirinhas, MA). Brasília, DF: UNB, 2010. Dissertação (Mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (UNB).
- TAVARES, V. O. *A aposentadoria do idoso no meio rural: implicações na admissão dos recursos familiares e na qualidade de vida*. Porto Alegre, RS: UFV, 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa (UFV).
- TEIXEIRA, I. A. de C.; ALVARENGA, C. F. Fios e tramas do tempo na vida dos/as professores/as: narrativas de mestras de escolas rurais e urbanas. *Revista Educação em Foco*. UFJF, v. 12, março/agosto 2007 (p. 3).
- TEIXEIRA, S. M. *Lazer e tempo livre na “terceira idade”*: potencialidades e limites no trabalho social com idoso. *Revista Kairós*, São Paulo, 10(2), dez 2007.
- THIES, V. G. *A escrita no cotidiano da zona rural: os diários de dois agricultores*. Roteiro, Joaçaba, v. 33, n. 1, p. 101-126, jan./jun. 2008.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TONEZER, C. *Idosos rurais de Santana da Boa Vista – Rio Grande do Sul: efeitos da cobertura previdenciária*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas - Dissertação (Mestrado), 2009.
- VEIGA, J. E. *A dimensão rural do Brasil*. São Paulo: FEA-USP, 2004. Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/artigos>> Acesso em mar de 2012.
- VEIGA, J. E. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- VERDEJO, M. E. *Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP*. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.
- VON SIMSON, O. R. de M.; GIGLIO Z. G. *A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida*. IN: NERI, A. (org). *Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas, sociológicas*. Campinas, SP: Papirus, 2001 - (Coleção Vivacidade).
- WANDERLEY, M. de N. B. O “lugar” dos rurais: o meio rural no Brasil moderno In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 35., *Anais* Brasília: SOBER, 1997, p. 90-113.

WANDRELEY, M. de N. B. *Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural*; Estudo preliminar sobre os pequenos Municípios em Pernambuco. Recife, 2001. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obedoo1f.doc>> Acesso em fev 2013.

WANDRELEY, M. de N. B. *A ruralidade no Brasil moderno: por un pacto social pelo desenvolvimento rural*. En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. Disponível em <http://biblioteca.planejamento.gov.br/biblioteca-tematica-1/textos/desenvolvimento-agrario/texto-29-a-ruralidade-no-brasil-moderno.pdf> Acesso em mar 2013.

WILLEMS, E. *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. São Paulo, 1947. Disponível em <http://ia600301.us.archive.org/26/items/cunhatradioe00willuoft/cunhatradioe00willuoft.pdf> Acesso em fev 2013.

WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. Velhos camponeses. *Revista Humanidades*, n. 46, p. 132 – 140. UNB, 1999.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Modelo de roteiro de entrevista



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA⁴⁹

Data:

Local:

Início:

Término:

1. Dados socioeconômicos e hábitos de vida e saúde:

- ✓ Qual o seu nome completo?
- ✓ Tem apelido? Qual?
- ✓ Sexo: () F () M
- ✓ Qual a sua idade?
- ✓ Onde nasceu?
- ✓ Qual seu status conjugal? () Casado(a); () Solteiro(a); () Viúvo(a); () Outro/qual?
- ✓ Até onde estudou?
- ✓ Qual a sua religião?

- ✓ Qual a sua profissão? No que trabalha ou trabalhou?
- ✓ Qual a sua ocupação atual?
- ✓ Qual a sua renda individual e familiar?
- ✓ Quais os gastos principais? (remédios, roupa, alimentação, etc.)
- ✓ Ajuda financeiramente a família? Recebe alguma ajuda financeira?
- ✓ Tipo de moradia (casa, apartamento, sítio, chácara, fazenda, etc.)
- ✓ Condição do imóvel (próprio; alugado; cedido, outro/qual)
- ✓ Condição de moradia (chefe da casa; agregado; mora de favor; outro/qual).
- ✓ O que é o trabalho para o/a senhor/a?

- ✓ Tem algum problema de saúde? Qual/quais?
- ✓ Como cuida da saúde? (consultas médicas periódicas; se trata só em casa; se trata em outro local/cidade; outro/qual; alimentação; atividades física);
- ✓ Como avalia sua saúde? (ótima/muito boa; boa; regular; ruim; péssima)

2. Relações sociais (familiares e extrafamiliares)

- ✓ Tem filhos? Quantos?
- ✓ Com quem mora?

⁴⁹ Roteiro de orientação da pesquisadora.

- ✓ Vocês se dão bem? Há conflitos em casa? Por quê?
- ✓ Seus filhos lhe ajudam em que? O(a) senhor(a) ajuda seus filhos em que?
- ✓ E com relação a seus outros parentes, visita e/ou é visitado por eles?
- ✓ E os vizinhos? Como é a convivência? Tem mais amigos? Como é a relação entre vocês?
- ✓ Participa de alguma associações/grupos? Qual? Desde quando e com que frequência? Como avalia sua participação? Se não participa, gostaria de participar? Por quê?
- ✓ Conhece ou já ouviu falar do Estatuto do Idoso?

3. Velhice e trajetória no espaço rural

- ✓ Sempre morou nesta localidade? Se sim, alguma vez teve oportunidade para sair? Quais os principais motivos para não ter decidido partir? Se não, onde também já morou? Durante quanto tempo? Quais os principais motivos que o(a) levaram a sair? Porque é que decidiu voltar? Quando esteve fora, de que é que sentia mais falta?
- ✓ Gosta de viver aqui/por quê.
- ✓ O que é a velhice, ser velho? Se sente velho(a)?
- ✓ O que é ser velho aqui no interior (no rural)?
- ✓ Faça uma comparação entre o que acha que é a velhice no interior e o que é a velhice na cidade;
- ✓ Se eu lhe desse uma máquina fotográfica, o/a que senhor/a registraria como mais significativo/importante daqui da comunidade? (uma paisagem; um lugar; uma tradição; uma pessoa; outro/qual);
- ✓ Costuma ir à cidade? Sente vontade de ir para a cidade (espaço urbano)? Pra morar? Pra passear?
- ✓ Se tivesse de ir viver em outro lugar, o que daqui da comunidade lhe faria mais falta? Por quê?

4. Rotinas de tempo livre e lazer

- ✓ Como é o seu dia (*Descreva como é geralmente o seu dia, do acordar ao dormir*)?
- ✓ Como é o dia da casa/da família?
- ✓ Realiza algum trabalho particular voluntário? Exemplos: atividades de caridade da igreja; nas eleições; em alguma questão importante para a comunidade; etc.
- ✓ Realiza algum trabalho particular para si próprio: Exemplos: algum estudo (existem idosos que se ocupam de escrever sobre a história da comunidade); algum passatempo técnico sem valor profissional (conserto e montagem de alguma coisa tipo rádio, televisão, etc.);
- ✓ Tem algum hobby? Exemplos: passatempos como fotografia amadora; trabalho em madeira; coleção de selos; artesanato; escrever poemas; pintura, etc.
- ✓ Participa de atividades religiosas? Exemplo: ir à missa, procissões.
- ✓ Realiza alguma atividade de formação de caráter mais voluntária? Exemplo: leitura de jornais e de revistas; assiste e/ou ouve debates políticos/horário eleitoral; palestras sobre saúde, direitos, violência, etc.; assiste programas de televisão informativos, etc.
- ✓ Participa de atividades sociáveis? Exemplo: se vai a reuniões mais formais, como casamentos, funerais ou banquetes; se participa de jantares; se participa de lazer comunitário; se costuma frequentar bar; se frequenta festas da comunidade; se participa de encontros

- familiares; se encontra com vizinhos/amigos para conversas corriqueiras/banais; se encontra com amigos; se pesca; se gosta de jogos de salão (bilhar; dama; gamão, etc.); etc.
- ✓ Participa/gosta de atividades de jogos? Exemplo: jogos de futebol; teatro amador; dança; etc.
 - ✓ Costuma viajar? Já viajou? Para qual localidade? Quando? (feriados; natal; final de semana; etc.). Faz passeios a pé? Costuma sair para tomar banhos de sol?

5. Velhice e vivência no espaço rural: percepções do lazer/diversão

- ✓ Qual a sua idéia do que seja lazer? O que é lazer/diversão?
- ✓ O (a) senhor (a) acha que existe diferença entre o lazer que se tem aqui no interior (no meio rural) e o lazer que se tem na cidade? Por quê? Conte/descreva.
- ✓ O (a) senhor (a) acha que existe diferença entre lazer dos idosos e o lazer dos mais jovens? Por quê? Conte/descreva;
- ✓ Quando é seu tempo mais livre? Exemplo: o dia todo; final do dia; final de semana; férias; não tem tempo livre; outro/qual.
- ✓ Quando considera que tem tempo para o seu lazer? Exemplo: o dia todo; final do dia; final de semana; férias; final do ano; não tem tempo para lazer; outro/qual.
- ✓ O que lhe motivaria a realizar atividades de lazer?
- ✓ O/a senhor/a tinha lazer quando era jovem? Como era? Conte as suas lembranças/memórias.
- ✓ Qual a diferença do que se praticava como lazer quando o/a senhor/a era jovem para o que se tem hoje? Mudou alguma coisa? Relate.
- ✓ Por que o/a senhor/a acha que as pessoas vêm a Barreirinhas?
- ✓ O município mudou com o turismo (que é uma atividade de lazer)? Como? Relate sua opinião.
- ✓ A sua comunidade mudou com o turismo? Como? Relate a sua opinião.
- ✓ Como observa essas transformações com o turismo em relação a si mesmo(a)? Como observa o envelhecer (sua velhice) em relação a essas mudanças/transformações⁵⁰
- ✓ O que gostaria de vivenciar/experimentar como lazer hoje?

Observações

⁵⁰ Turismo na região: de que forma vê a transformação do espaço em que vive e de si próprio ao envelhecer no contexto dessa transformação.

Apêndice 2 – Modelo de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido⁵¹



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO

ROTINAS DE TEMPO LIVRE E LAZER DA VELHICE RURAL EM CENÁRIOS BRASILEIROS

AUTORA: Terezinha de Jesus Campos de Lima (aluna de doutorado do programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp).

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Neusa Maria Mendes de Gusmão (Professora Titular do Departamento de Educação da Unicamp).

SUMÁRIO DO PROJETO: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com vistas à obtenção do título de doutora, cujo objetivo é: analisar como o tempo livre e o lazer vêm configurando-se no cotidiano de idosos que residem no espaço rural. A participação é voluntária. O(a) sr(a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda de recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, retirando seu consentimento. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o(a) pesquisador(a) e o(a) orientador(a) terão conhecimento dos dados, que serão, assim, tratados de forma anônima e sigilosa. Ao participar desta pesquisa o(a) sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. O benefício relacionado à sua participação será o de contribuir com a geração de conhecimento científico onde os dados coletados serão utilizados apenas para fins acadêmicos para o doutorado e os resultados divulgados em eventos e/ou publicações científicas.

CONSENTIMENTO: Com base no exposto acima, dou meu consentimento para participar da pesquisa – na qualidade de colaborador concedendo entrevista(s) e imagem (fotos) – e também para a divulgação dos dados por mim fornecidos.

Local e Data: _____, ____/____/____.

Assinatura do participante

Discuti este projeto com o participante, usando linguagem compreensível e adequada. Avalio ter propiciados as informações necessárias para os depoentes, de acordo com os princípios éticos da pesquisa, e também acredito que eles tenham compreendido os meus esclarecimentos.

Local e Data: _____, ____/____/____.

Assinatura do responsável

⁵¹ Embora com o uso das imagens autorizadas pelos entrevistados e as mesmas integrem o texto da tese, visando um relativo anonimato para o exterior da comunidade, optamos por nomes alternativos aos nomes reais dos interlocutores, dada a finalidade acadêmica do trabalho e o direito da pessoa.